



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES-CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA -UAG
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE
NACIONAL- PROFGEO



Luiz Gustavo Bizerra de Lima Morais

**AS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VERSOS E AS RIMAS DO
MOVIMENTO: o poema *Morte e Vida Severina* como linguagem no ensino
de Geografia**

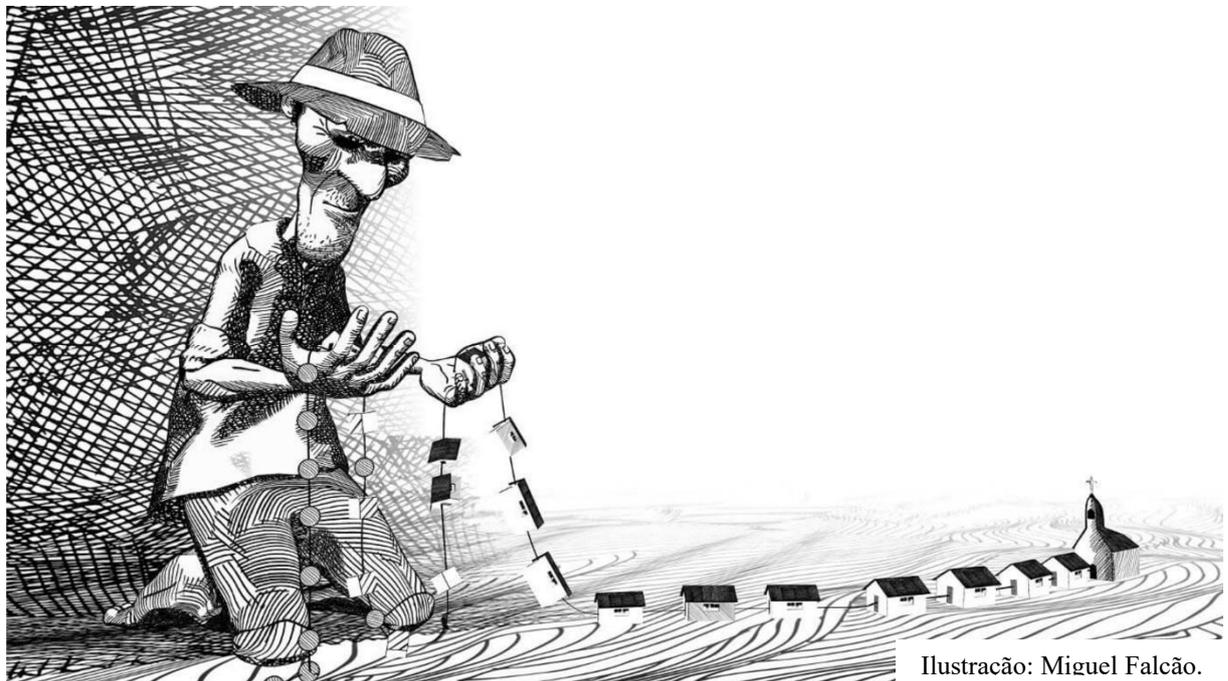


Ilustração: Miguel Falcão.

CAMPINA GRANDE/PB

2025

LUIZ GUSTAVO BIZERRA DE LIMA MORAIS

**AS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VERSOS E AS RIMAS DO
MOVIMENTO: o poema *Morte e Vida Severina* como linguagem no ensino
de Geografia**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para o título de mestre em Geografia. Linha de pesquisa: As linguagens no ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias

CAMPINA GRANDE/PB

Abril/ 2025

M827c

Morais, Luiz Gustavo Bizerra de Lima.

As contradições socioespaciais em versos e as rimas do movimento: o poema *Morte e Vida Severina* como linguagem no ensino de Geografia / Luiz Gustavo Bizerra de Lima Moraes. - Campina Grande, 2025.

200 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias."

Referências.

1. Ensino de Geografia. 2. Literatura. 3. *Morte e Vida Severina*. 4. Contradições Socioespaciais. 5. Migrações. I. Farias, Paulo Sérgio Cunha. II. Título.

CDU 37:911(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA
Rua Aprígio Veloso, 882, Setor B - Bloco BC2 – Sala 03 - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP
58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

LUIZ GUSTAVO BIZERRA DE LIMA MORAIS

AS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAS EM VERSOS E AS RIMAS DO MOVIMENTO: O POEMA MORTE E VIDA SEVERINA COMO LINGUAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em MESTRADO PROFISSIONAL como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em ENSINO DE GEOGRAFIA.

Aprovada em: 17/04/2025

Prof. Dr. **Paulo Sérgio Cunha Farias**
Orientador PPG -PROFGEO- UFCG

Prof. Dr. **Luiz Eugênio Pereira Carvalho**
Examinador Interno PPG -PROFGEO- UFCG

Prof. Dr. **Fabiana Ramos**
Examinador Externo (PPGED/UFCG)

João Manoel de V. Filho
Prof. Dr. **João Manoel de Vasconcelos Filho**
Examinador Externo - (CERES/ UFRN)

Dedico este trabalho a todos que tornaram possível esta conquista:

À minha família, pelo apoio essencial e pela compreensão nos momentos em que a dedicação ao mestrado me afastou de nossos convívios. Ao meu irmão José Ricardo (in memoriam), a quem devo a escolha de ter trilhado para a Geografia. Ao professor Paulo Sérgio Cunha Farias, orientador incansável, cuja experiência acadêmica e incentivo pessoal foram fundamentais para o resultado desta pesquisa. Aos colegas do PROFGEO – pelo companheirismo e pelos momentos de descontração que aliviaram as pressões desta jornada. A vocês, minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

À fundação que garantiu o fomento financeiro a esta pesquisa em virtude de que “o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”. O apoio financeiro recebido foi de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, permitindo o acesso a materiais bibliográficos e demais despesas ao longo da pós-graduação.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, em especial a Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, Josandra Araujo Barreto de Melo, Luiz Eugênio Pereira Carvalho, Paulo Sérgio Cunha Farias e Sérgio Luiz Malta de Azevedo, pelos ensinamentos que recebi ao longo dessa jornada, e, ao coordenador do programa, professor Sergio Murilo Santos de Araújo, aquém agradeço a disponibilidade quando precisei.

Aos colegas de mestrado Anizabel Costa Duarte do Rego, Anselmo de Araújo Barbosa, Eduardo da Silva Gomes, Helena Maria da Conceição de Araújo, Jamires Monteiro de Andrade, João Ricardo Joventino de Sousa, Joel Antônio dos Santos Neto, José Junior Pinheiro Bandeira, Júlio César Alexandre de Lima, Mayra Gomes Alves, Rabá Sousa da Silva, Rodrigo da Silva, Severino Tiago da Silva, Tiago Silva Cavalcante, Uelton de Sousa Porfírio e Wander Moreira da Silva, pela troca de ideias, pelo companheirismo e cumplicidade que tornaram esta caminhada mais leve.

Ao meu orientador, Paulo Sérgio Cunha Farias, agradeço profundamente pelo apoio constante, pelo incentivo pessoal e pelas orientações e conversas valiosas que tornaram possível à realização desta dissertação. Os conhecimentos compartilhados ao longo desses dois anos e os trabalhos realizados em conjunto foram fundamentais não apenas para este trabalho, mas para minha formação como pesquisador e docente.

À minha esposa, Patrícia de Farias Sousa Morais, agradeço não apenas pela revisão linguística deste trabalho, mas por ter sido a inspiração para a temática que desenvolvi nesta pesquisa. Há dez anos, nosso trabalho conjunto plantou a semente que, hoje, floresce nesta dissertação. Essa jornada acadêmica também é sua.

RESUMO

O uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia tem sido cada vez mais reconhecido como um recurso essencial para potencializar a aprendizagem, tornando-a mais envolvente e significativa para os estudantes. Esta pesquisa considera a importância e a necessidade de um ensino de Geografia crítico, reflexivo e interdisciplinar, sustentado pela aproximação entre Literatura e Geografia. Essa articulação entre esses dois campos do saber enriquece a formação intelectual dos discentes, possibilitando-lhes a leitura de mundo mais consistente. Trilhando esse percurso da relevância da literatura nas práticas pedagógicas da Geografia Escolar, elegemos o poema *Morte e Vida Severina* para estudo e análise das possibilidades da sua utilização como linguagem para o ensino dessa matéria. Para isso, levantamos as seguintes questões de pesquisa: Como o poema *Morte e Vida Severina* pode contribuir para o ensino-aprendizagem de Geografia no tocante à leitura e compreensão das contradições socioespaciais e do movimento populacional? Como a Literatura pode se constituir em uma linguagem capaz de subsidiar o ensino-aprendizagem de Geografia? Que aprendizagens podem ser construídas a partir do uso da literatura na prática docente de Geografia? Que estratégias metodológicas podem ser utilizadas para articular a Literatura com a Geografia em sala de aula? Consoante às questões levantadas, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como o poema *Morte e Vida Severina* subsidia e possibilita uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais. Já como objetivos específicos pretendeu enfatizar a relevância da Literatura enquanto linguagem capaz de apoiar o ensino e a pesquisa em Geografia; discutir a relação entre a Geografia e a Literatura para a abordagem de conteúdos geográficos em salas de aulas do Ensino Médio; e elaborar sequências didáticas envolvendo o poema *Morte e Vida Severina* para auxiliar a compreensão das contradições socioespaciais e dos movimentos populacionais para a Geografia em uma turma da 2ª série do Ensino Médio. Em virtude das questões levantadas e dos objetivos pretendidos, a metodologia do estudo ancora-se na abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica e na análise documental, associada à análise de conteúdo e a elaboração de sequências didáticas. O poema sob análise conta a história do personagem Severino que, submetido à exploração do trabalho e à miséria no Sertão e almejando uma vida melhor, migra para a cidade do Recife. A análise do conteúdo do texto poético nos revela a luta de classes entre diferentes atores sociais, as contradições socioespaciais e as relações sociais de produção intrínsecas ao campo e à cidade. Tratadas à luz da concepção de espaço, da reprodução socioespacial enquanto interação espaço-classe, da dialética socioespacial e do espaço como um conjunto indissolúvel e contraditório de objetos e ações, as reflexões nos oferecem suporte para entender como as condições de produção/reprodução do espaço reafirmam as desigualdades socioeconômicas que impulsionam os movimentos migratórios. Assim, fundamentados na teoria histórico-cultural, foram montadas sequências didáticas para abordar os fenômenos geográficos revelados pelo poema nas escalas local, regional/nacional e global.

Palavras-chave: Literatura; *Morte e Vida Severina*; Contradições socioespaciais; Migrações; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The use of different languages in Geography teaching has been increasingly recognized as an essential resource to enhance learning, making it more engaging and meaningful for students. This research considers the importance and necessity of a critical, reflective, and interdisciplinary Geography education, supported by the intersection between Literature and Geography. This articulation between these two fields of knowledge enriches students' intellectual formation, enabling a more consistent reading of the world. Following this path of the relevance of literature in School Geography teaching practices, we selected the poem *Morte e Vida Severina* for study and analysis of the possibilities of its use as a language for teaching Geography. Thus, we raised the following research questions: How can the poem *Morte e Vida Severina* contribute to Geography teaching/learning regarding the comprehension of socio-spatial contradictions and population movements? How can Literature constitute itself as a language capable of supporting Geography teaching/learning? What learning outcomes can be constructed by literature in Geography teaching practice? What methodological strategies can be used to articulate Literature with Geography in the classroom? In line with these questions, the general objective of this research is to analyze how the poem *Morte e Vida Severina* supports and enables a geographical interpretation of socio-spatial contradictions as a factor that drives population movements. The specific objectives aim to emphasize the relevance of Literature as a language capable of supporting Geography teaching and research; to discuss the relationship between Geography and Literature for the approach of geographic content in Brazilian high school classrooms; and to develop didactic sequences involving the poem *Morte e Vida Severina* to aid in the comprehension of socio-spatial contradictions and population movements in Geography classes for a 2nd-year high school group. Considering the research questions and objectives, the study adopts a qualitative approach, based on bibliographic research and document analysis, associated with content analysis and the elaboration of didactic sequences. The poem under analysis narrates Severino's story: subjected to labor exploitation and misery in the *Sertão* – the semi-arid region of Brazil – and longing for a better life, he migrates to the city of Recife. The content analysis of the poetic text reveals the class struggle among different social actors, socio-spatial contradictions, and social production relations intrinsic to both rural and urban spaces. Addressed in the light of the conception of space, socio-spatial reproduction as space-class interaction, socio-spatial dialectics, and space as an indissoluble and contradictory unit of objects and actions, the reflections provide support for understanding how conditions of space production/reproduction reaffirm the socio-economic inequalities that drive migratory movements. Thus, based on historical-cultural theory, didactic sequences were developed to address geographic phenomena revealed by the poem at the local, regional/national, and global scales.

Keywords: Literature; *Morte e Vida Severina*; Socio-spatial contradictions; Migrations; Geography teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ROMANCE E NO VERSO: as relações entre Geografia e Literatura.....	24
1.1 GEOGRAFIA E LITERATURA: dos estudos dos clássicos aos contemporâneos.....	25
1.2 GEOGRAFIA E LITERATURA NO BRASIL.....	33
1.3 LITERATURA E ENSINO DE GEOGRAFIA.....	45
2 A GEOGRAFIA NO POEMA <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i>: as contradições socioespaciais e o movimento migratório dos “Severinos”.....	55
2.1 CONTEXTUALIZANDO O AUTOR E A OBRA.....	57
2.2 A PRIMEIRA AVE MARIA DO ROSÁRIO: a serra da Costela e seus “Severinos”.....	64
2.3 O RIO CAPIBARIBE COMO A LINHA DO ROSÁRIO QUE ORIENTA O PERCURSO DE SEVERINO: a vida que arde com a mesma chama mortífera.....	80
2.4 A ÚLTIMA AVE MARIA DO ROSÁRIO: a cidade do Recife e a segregação socioespacial dos “Severinos”.....	96
3. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DAS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS A PARTIR DO POEMA <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i>.....	122
3.1 A FORMAÇÃO DE CONCEITOS COMO FUNDAMENTO PARA O USO DO POEMA <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i> NA MEDIAÇÃO DIDÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	123
3.2 OS SEVERINOS DAQUI: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB.....	127
3.3 OS SEVERINOS DE ACOLÁ: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil.....	157
3.4 OS SEVERINOS DO MUNDO: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	189
REFERÊNCIAS.....	193

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

ECIT – Escola Cidadã Integral Técnica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU – Organização das Nações Unidas

PB – Paraíba

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFGEO – Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de Geografia

TUCA – Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Procedimentos da análise de conteúdo do poema <i>Morte e Vida Severina</i>	19
FIGURA 2 – Localização da serra do Jacarará (Serra da Costela) no estado de Pernambuco.....	65
FIGURA 3 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira parte do poema.....	68
FIGURA 4 – Pintura <i>Retirantes</i> , de Candido Portinari.....	78
FIGURA 5 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira e segunda partes do poema.....	84
FIGURA 6 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira, segunda e terceira partes do poema.....	102
FIGURA 7 – Representação de mocambo no Recife, feita a bico de pena por Percy Lau..	107
FIGURA 8 – Mocambo no Bairro de Santo Amaro, Recife, 1940.....	108
FIGURA 9 – Mocambos no bairro de Afogados, Recife, 1960 105.....	108
FIGURA 10 – Grupo de 300 imigrantes africanos durante resgate na costa da Sicília, Itália.....	116
FIGURA 11 – Imigrantes formam filas em um centro remoto de processamento da Patrulha de Fronteira dos EUA.....	116
FIGURA 12 – <i>Retirantes</i> (1944).....	139
FIGURA 13 – Localização do município de São João do Cariri no recorte do sertão nordestino.....	144
FIGURA 14 – Carta de doação de sesmarias no território onde é hoje o município de São João do Cariri.....	145
FIGURA 15 (A e B) – Moradias típicas dos “Severinos”, localizadas nos sítios Jurema e Arara, município de São João do Cariri.....	147
FIGURA 15 (C e D) – Moradias típicas dos senhores de terra, localizadas nos sítios Poço das Pedras e Arara, município de São João do Cariri.....	147
FIGURA 16 – Migrantes nordestinos se deslocando a pé. Cena do filme <i>Vidas Secas</i> , de Néelson Pereira dos Santo, 1963.....	148
FIGURA 17 – Migrantes nordestinos embarcam no veículo “pau de arara”, em maio de 1958.....	150
FIGURA 18 – Migrantes sendo transportados em ônibus da empresa Itapemirim, anos 1970.....	150
FIGURA 19 – Passageiros desembarcando no Aeroporto de Campina Grande, PB.....	151
FIGURA 20 – Evolução da rede rodoviária brasileira (1960-2021).....	151
FIGURA 21 – Fluxo aéreo de passageiros no Brasil, 2001.....	151
FIGURA 22 – Mocambos da cidade de Recife na primeira metade do século XX.....	152
FIGURA 23 – Favela de Paraisópolis, São Paulo.....	154
FIGURA 24 – Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.....	154
FIGURA 25 – Modelo do Mapa dos percursos migratórios familiares.....	156
FIGURA 26 - Modelo para abordagem dos “Mapas dos percursos migratórios familiar” dos alunos.....	160
FIGURA 27 - Representação dos principais fluxos migratórios internos entre os anos de 1950 e 2015.....	161
FIGURA 28 – Expansão da fronteira agrícola no Brasil entre as décadas de 1970 e 2000..	163
FIGURA 29 – Brasil: distribuição da população, 2020.....	165
FIGURA 30 – Municípios com favelas e comunidades urbanas.....	165
FIGURA 31 – Vista panorâmica de Manaus, Amazonas.....	165

FIGURA 32 – Casas de palafitas em comunidade de Manaus.....	165
FIGURA 33 – Estoque de migrantes internacionais por continente (2020).....	171
FIGURA 34 – Regiões de origem e de destino dos estoques globais de migrantes, 2020...	174
FIGURA 35 – Principais países de origem e de destino dos migrantes internacionais.....	173
FIGURA 36 – Representação dos espaços luminosos e opacos do espaço global.....	174
FIGURA 37 – Rotas migratórias para a Europa.....	175
FIGURA 38 – Rotas migratórias para os Estados Unidos da América.....	176
FIGURA 39 – Imigrantes da América Central percorrem rodovia próximo da fronteira do México com a Guatemala em tentativa de chegarem aos EUA, 2018.....	176
FIGURA 40 – Brasileiros cruzam região desértica no Arizona na tentativa de entrar ilegalmente aos EUA, 2021.....	176
FIGURA 41 – Imigrantes se aglomeram perto da fronteira entre Turquia e Grécia em Pazarkule, 2020.....	177
FIGURA 42 – Embarcação à deriva com mais de 500 imigrantes no mar Mediterrâneo. Itália, 2021.....	177
FIGURA 43 – As fortalezas do mundo rico.....	178
FIGURA 44 – Muros e cercas fronteiriças.....	178
FIGURA 45 – Cercas para pedestres e veículos e trechos sem proteção - Extensão: 421,6 km - Agentes: 4.200 - Apreensões: 64.891 (71,65% mexicanos), Tucson (Arizona).....	179
FIGURA 46 – Africanos pulam barreira em Ceuta: enclave espanhol no Marrocos é ponto de passagem para a Europa.....	179
FIGURA 47 – Criança síria é encontrada morta em praia da ilha de Kos, na Grécia, 2015, após os botes em que seus familiares estavam naufragar no Mar Mediterrâneo.....	179
FIGURA 48 – Caminhão que partiu da Bulgária é encontrado com 39 corpos em seu baú em Essex, arredores de Londres, 2019.....	179
FIGURA 49 – 53 imigrantes de origem mexicana, guatemalteca, e hondurenha morrem após caminhão refrigerado ser abandonado com eles dentro, Texas, 2022.....	180
FIGURA 50 – Migrante salvadorenho e sua filha morrem ao tentar atravessar o Rio Grande, fronteira entre o México e os EUA, 2019.....	180
FIGURA 51 – No centro de detenção informal de Camp Willow imigrantes esperam a céu aberto a Patrulha da Fronteira para leva-los a julgamento, deserto da Califórnia, EUA, 2023.....	180
FIGURA 52 – Famílias trancadas em estrutura semelhante a uma jaula em um centro de detenção de imigrantes em McAllen, no Texas, 2019.....	180
FIGURA 53 – 360 migrantes de países da África Subsaariana foram abandonados sem água e abrigo no deserto por autoridades tunisianas, Al-Assah, Líbia, 2023.....	181
FIGURA 54 – Itália envia imigrantes irregulares para aguardar asilo em edifícios pré-fabricados, cercados por muros e vigiados por policiais, em Gjader, na Albânia, 2024.....	181
FIGURA 55 – A favela de Ney, nos arredores de Paris, França, 2017.....	182
FIGURA 56 – Campo para migrantes em Lesbos, Grécia, 2020.....	182
FIGURA 57 – Cartaz xenófobo e racista colocado pelo Partido Nacional Renovador na cidade de Lisboa, Portugal, 2008.....	183
FIGURA 58 – Manifestantes expõem cartazes anti-imigração no Reino Unido, 2024.....	183
FIGURA 59 – Manifestação anti-imigração organizada pelo partido de extrema direita CHEGA, cidade do Porto, Portugal, 2024.....	184
FIGURA 60 – Manifestantes protestam contra a intenção do governo britânico de deportar refugiados para Ruanda, Londres, Reino Unido, 2022.....	184

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Brasil Meridional).....	36
QUADRO 2 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Sertões brasileiros I).....	36
QUADRO 3 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Sertões brasileiros II).....	37
QUADRO 4 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Costa Brasileira).....	38
QUADRO 5 – Artigos, dissertações e teses, publicados entre 2006 e 2020, voltadas a discussão da interface Geografia-Literatura como perspectiva de pesquisa.....	40
QUADRO 6 – Artigos, dissertações e teses, publicados entre 2012 e 2022, voltados a discussão da interface Geografia-Literatura como perspectiva de ensino-aprendizagem.	49
QUADRO 7 – Primeira parte do poema: o espaço de origem e o início do fluxo migratório de Severino.....	66
QUADRO 8 – Segundo parte do poema: a migração de Severino pelo Capibaribe até a Zona da Mata.....	81
QUADRO 9 – Terceira parte do poema: o deslocamento de Severino na cidade do Recife.....	98
QUADRO 10 – Mediação para a formação dos sistemas conceituais a partir do poema <i>Morte e Vida Severina</i>	130
QUADRO 11 – Sequência didática “Os Severinos daqui: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB”	136
QUADRO 12 – Poema Triste partida, de Patativa do Assaré.....	138
QUADRO 13 – Exploração dos conceitos segundo a análise do texto literário.....	141
QUADRO 14 – Sugestão de roteiro de entrevista para a pesquisa.....	142
QUADRO 15 – Proposta de atividade para o terceiro encontro.....	147
QUADRO 16 – Sequência didática os Severinos de acolá: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil.....	159
QUADRO 17– Síntese dos mapas dos fluxos migratórios internos do Brasil.....	161
QUADRO 18 – Evolução da população Urbana e rural no Brasil.....	163
QUADRO 19 – Proposta de atividade para encerramento da segunda sequência didática.....	165
QUADRO 20 – Sequência didática os Severinos do mundo: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual.....	169

INTRODUÇÃO

O atual cenário do ensino de Geografia nos coloca diante de diversas situações-problemas para uma prática pedagógica significativa capaz de possibilitar aos discentes uma leitura crítica do mundo. Isso torna o papel do professor ainda mais decisivo no tocante à escolha das temáticas de estudo, linguagens e metodologias a serem utilizados no processo de mediação da sua prática pedagógica para a construção do conhecimento geográfico em sala de aula.

Desse modo, é muito importante que o professor de Geografia amplie seus horizontes de possibilidades para além dos limites que o livro didático oferece. Ter esse material pedagógico como exclusivo limita a possibilidade de compreensão geográfica da realidade, ainda mais no contexto atual em que este recurso, para se adequar às exigências das políticas educacionais, foca sua abordagem no desenvolvimento de habilidades e competências práticas, deixando num plano distante as questões atinentes às contradições socioespaciais, que precisam ser abordadas pelo professor a partir do uso de outros materiais pedagógicos.

Nesse sentido, o uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia tem sido cada vez mais valorizado, sendo colocado como uma forma essencial de potencializar a aprendizagem, tornando-a mais envolvente e significativa para os estudantes. Diante disso, músicas, filmes e textos literários vêm ganhando espaço nas práticas pedagógicas dos professores de Geografia devido à sua capacidade de potencializar a assimilação dos conceitos, conteúdos e temáticas geográficas de forma mais contextualizada, possibilitando estabelecer conexões com diferentes realidades, incluindo o cotidiano e as experiências dos alunos.

Entre essas linguagens, os textos literários têm se destacado com especial relevância, pois, para além da dimensão da sensibilidade, incorporam elementos geográficos que podem ser trabalhados pelo professor de Geografia de modo que o aluno, ao vivenciar/experienciar tais textos, consiga transpor a espacialidade destes para alcançar a realidade concreta em que vive os estudantes, enriquecendo, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Indo ao encontro dessa relação, autores de perspectivas distintas têm buscado explorar as espacialidades em inúmeras obras literárias. Monteiro (2002), Portugal (2012; 2020), Souza (2021), Marandola Jr. e Gratão (2019), entre outros, desenvolveram trabalhos de Geografia a partir da Literatura e dão exemplos, em suas pesquisas, de que os textos literários vêm ganhando a atenção dos geógrafos pela dimensão geográfica que suscitam. Acompanhando essa crescente, conforme estudo realizado por Chaves e Carneiro (2022), teses, dissertações e artigos vêm

sendo produzidos com o intuito de apresentar a literatura como possibilidade para o ensino de Geografia, bem como sugerir conteúdos e estratégias metodológicas para a sala de aula.

A pesquisa ora apresentada segue essa linha investigativa que procura, na Literatura, subsídios para a análise geográfica, focalizando o uso dessa linguagem no ensino da Geografia. Para isso, toma o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, como linguagem possível de mediar a compreensão do processo de produção/reprodução do espaço geográfico e dos movimentos migratórios que dele resulta. Desse modo, levanta as seguintes questões: Como o poema *Morte e Vida Severina* pode contribuir para o ensino-aprendizagem de Geografia no tocante à leitura e compreensão das contradições socioespaciais e do movimento populacional? Como a Literatura pode se constituir em uma linguagem capaz de subsidiar o ensino-aprendizagem de Geografia? Que aprendizagens podem ser construídas a partir do uso da literatura na prática docente de Geografia? Que estratégias metodológicas podem ser utilizadas para articular a Literatura com a Geografia em sala de aula?

Para isso, utilizou o poema *Morte e Vida Severina*, obra-prima do escritor João Cabral de Melo Neto, para examinar elementos do espaço geográfico, propondo e analisando a sua utilização como linguagem. O objetivo é estimular o interesse dos discentes pela leitura e a compreensão dos processos de produção do espaço e dos movimentos migratórios deles resultantes em diversas escalas: local, regional/nacional e global.

Refletir sobre o papel que os textos literários podem ocupar no processo ensino-aprendizagem de Geografia é importante e necessita ser discutido, tanto em termos teóricos quanto práticos, considerando a existência de uma vasta gama de aspectos que relacionam a Literatura com a Geografia, mas ainda pouco explorada enquanto linguagem mediadora da prática docente.

Outra questão imprescindível ao ensino-aprendizagem em Geografia tem sido a abordagem interdisciplinar que, apesar de constituir-se como um assunto mais complexo do que aparece nas práticas cotidianas da sala de aula, é importante e pode colaborar com a melhoria da aprendizagem. Nesse sentido, a perspectiva aqui apontada abre possibilidades para uma abordagem que aproxima os campos da ciência e o da Literatura, já que a última comporta informações contextualizadas que podem subsidiar a abordagem geográfica de conteúdos em sala de aula.

Tendo em vista os diversos desafios enfrentados enquanto professor de Escola Cidadã Integral Técnica, sendo os mais perceptivos: a falta de estrutura adequada para os alunos permanecerem em tempo integral, a redução da carga horária das disciplinas da BNCC nas turmas do Ensino Médio, o déficit de aprendizagem, inclusive de domínio de leitura e escrita e,

ainda, o profundo desestímulo frente às condições postas, esta pesquisa poderá contribuir, a partir da abordagem proposta, para abrir novas perspectivas de leitura e interpretação do mundo por parte dos discentes, colaborando, inclusive, para sua competência leitora, uma vez que, ao se trabalhar com a leitura de textos literários, pode contribuir para que eles/elas se tornem leitores/leitoras mais aptos.

Esta proposta de pesquisa explora, de maneira direta, a relação entre Literatura e Ensino de Geografia, utilizando o poema *Morte e Vida Severina* como instrumento para a leitura e compreensão das contradições socioespaciais. A partir disso, busca-se criar condições para que os alunos reflitam sobre a produção e reprodução desigual e contraditória do espaço, reconhecendo as causas que levaram à sua própria exclusão social.

A partir dessa visão, propõe-se o estudo do poema *Morte e Vida Severina* na segunda série do Ensino Médio. Considerando que a obra aborda as contradições socioespaciais do sertão pernambucano, que impulsionam movimentos migratórios, pode ser um ponto de partida para discutir essa questão no âmbito da realidade vivida pelos discentes e nas demais escalas, possibilitando contextualizar questões contemporâneas que são objetos de estudo propostos na matriz curricular do Estado da Paraíba para a referida série.

Partindo desse pressuposto, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como o poema *Morte e Vida Severina* subsidia e possibilita uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais. Já como objetivos específicos, pretende-se: enfatizar a relevância da Literatura enquanto linguagem capaz de apoiar o ensino e a pesquisa em Geografia; discutir a relação entre a Geografia e a Literatura para a abordagem de conteúdos geográficos em salas de aula do Ensino Médio; e, elaborar sequências didáticas envolvendo o poema *Morte e Vida Severina* para auxiliar a compreensão das contradições socioespaciais e dos movimentos populacionais no ensino de Geografia em uma turma da 2ª série do Ensino Médio.

Pela natureza do seu objeto, a presente pesquisa pode ser definida como um estudo que se ancora na abordagem qualitativa, dado que esta modalidade de investigação procura “alcançar a essência da realidade social”, por meio de sua compreensão (Rapimán, 2015, p. 214). Esse propósito encontra-se delineado desde o início dessa proposta de investigação científica, ao propormos a interpretação e compreensão dos conteúdos geográficos existentes no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e, a partir deste texto literário, elaborar estratégias para a sua utilização como linguagem no ensino da Geografia Escolar em uma turma da segunda série do Ensino Médio da ECIT Jornalista José Leal Ramos, no

município de São João do Cariri/PB, considerando que a obra revela aspectos da sociedade, cultura e condição humanas que podem vir a ser estruturados pedagogicamente.

Ao tratar de alguns dos princípios fundamentais da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51) oferecem diretrizes sobre como se alcançar tais propósitos. De acordo com esses autores, ao imergir-se no campo de pesquisa, o pesquisador busca os dados de forma descritiva e no contexto que são produzidos, interessando-lhe mais o processo do que os resultados ou produto, a elaboração de conclusões de forma exploratória do que a confirmação de hipóteses previamente estabelecidas, concentrando-se em representar com fidelidade a perspectiva dos participantes. Esses elementos, quando combinados, contribuem para uma definição abrangente da pesquisa qualitativa como uma abordagem que busca compreender fenômenos em sua complexidade, valorizando o contexto, o processo e a flexibilidade na interpretação dos dados.

Indo ao encontro do nosso enfoque, reconhece-se ainda que este estudo apresenta uma complexidade de ordem metodológica e prática cuja análise de natureza quantitativa não é capaz de abarcar. Por isso, adota uma postura que não aceita a neutralidade, tanto por parte do pesquisador, como sujeito ativo da produção do conhecimento, quanto em relação aos instrumentos de pesquisa a serem empregados.

Essa suposta neutralidade, conforme destaca Gatti (2012), é questionada à luz das perspectivas de abordagens qualitativas. De acordo com a autora, as abordagens qualitativas emergem como novas opções para lidar com questões e procedimentos educacionais, trazendo uma revisão salutar dos critérios frequentemente empregados para definir o que significa fazer a pesquisa científica (Gatti, 2012, p. 33). Assim, de acordo com Paiva e Nascimento (2015, p. 355), “a utilização dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa permite a ampliação do campo de análise e as possibilidades de compreensão da realidade social a ser estudada”.

Neste estudo, a compreensão da realidade social, a qual a pesquisa qualitativa envolve, é um dos aspectos principais a ser observado, sendo necessário seu alcance tanto durante a análise da obra literária *Morte e Vida Severina*, quanto durante a sua operacionalização para propor a intervenção junto à turma do ensino médio.

Buscar compreender o contexto de produção e a verossimilhança da obra em relação a ele é visto aqui como indispensável, já que é a partir desta compreensão que se abre a possibilidade de teorizá-la à luz do conhecimento geográfico e, a partir disso, voltar-se à sistematização das atividades destinadas aos estudantes, em razão dos “conteúdos” geográficos encontrados no poema. Esse procedimento se faz necessário durante a intervenção, uma vez

que a compreensão dos contextos sociais onde escola e alunos estão inseridos nos permite vislumbrar a possibilidade de fazer com que conteúdos geográficos e realidade dialoguem, tornando a aprendizagem significativa.

Definida a abordagem, partimos para a delimitação do procedimento metodológico tomado para a investigação do nosso objeto de estudo. Para tanto, Gatti (2012, p. 84) ressalta que a perspectiva de abordagem qualitativa se reveste de “um universo heterogêneo de métodos e técnicas”. O primeiro deles trata-se da pesquisa bibliográfica em literaturas que versam sobre a temática proposta.

De acordo com Prestes (2008, p. 26), este tipo de pesquisa procura levantar temas e tipos de abordagens já suscitados em outros estudos com vista a absorver conceitos e explorar aspectos já publicados. Dessa forma, por meio da pesquisa bibliográfica, realizamos a revisão de literatura deste estudo, consultando livros impressos e digitais, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis em periódicos, no Google Acadêmico e no banco de dados da CAPES. Para isso, utilizaremos palavras-chave como “Geografia e Literatura” e “Ensino de Geografia e Literatura”.

É importante destacar que a pesquisa, ao propor um trabalho pedagógico com o poema *Morte e Vida Severina* e utilizá-lo como linguagem para uma experiência de ensino, exigiu um conjunto mais extenso de procedimentos. Isso se deve ao fato de que, conforme Gatti (2012) a análise documental foi combinada com a análise de conteúdo para inferir sobre o conteúdo e a expressão do texto literário em questão, além da criação de sequências didáticas para sua mediação no ensino de Geografia.

A relevância da fonte documental para os pesquisadores nas ciências sociais é destacada, visto que proporciona a capacidade de realizar variadas formas de reconstituição (Cellard, 2008, p. 195). Na década de 1980, Frémont antecipava a crescente inserção da fonte documental no âmbito da pesquisa geográfica. Ele enfatizava que, mediante uma interpretação precisa, os geógrafos tinham a capacidade de revelar “a transcrição de uma situação ou de um movimento objetivo” (Frémont, 1980, p. 97).

Considerando o escopo desta pesquisa, que visa identificar as contradições socioespaciais e sua interligação com os movimentos populacionais, por meio do poema *Morte e Vida Severina*, é pertinente observar que, segundo a abordagem de Frémont (1980), o texto literário em análise pode ser legitimamente reconhecido como um documento. Essa atribuição decorre da identificação de elementos presentes na obra que o qualificam como tal.

Para o autor, o documento pode assumir a forma narrativa, como um texto, destacando ainda a literatura como uma área de pesquisa de elevada qualidade para desvendar as

subjetividades regionais. Nessa visão, o documento é percebido como um valioso intermediário entre o pesquisador e uma determinada realidade a ser explorada. Contudo, é importante salientar que o documento não é a própria realidade, mesmo que “nenhum documento é perfeitamente neutro”, mas sim uma transcrição ou reflexão desta, sendo necessária uma interpretação nestes termos (Frémont, 1980, p. 97).

Em face do exposto, o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, foi analisado à luz desses princípios metodológicos. Logo, tomamos o mesmo como um documento literário que transcreve e revela a estrutura do espaço como elemento ativo que condiciona as condições de vida na origem, no deslocamento e na situação de existência material no espaço de chegada do personagem principal. Nessa perspectiva, o poema foi analisado enquanto fonte histórica, por ser um vestígio capaz de possibilitar a compreensão da sociedade no tempo e no espaço da sua elaboração.

Diante disso, seguimos os passos para a análise documental dispostos em Cellard (2008), o que nos exigiu primeiramente o exame e análise crítica do texto poético, observando, para tanto, as seguintes dimensões: o contexto, o autor, a autenticidade, a natureza, os conceitos-chave e a lógica interna do texto. Na etapa seguinte, ocorreu a análise propriamente dita, momento em que realizamos o que Cellard (2008, p. 303) define como “uma interpretação coerente, tendo em conta a temática ou o questionamento inicial” do nosso estudo. Seguindo este roteiro, como observa o referido autor (Cellard, 2008, p. 305), a qualidade e validade da pesquisa vão depender da “qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise”.

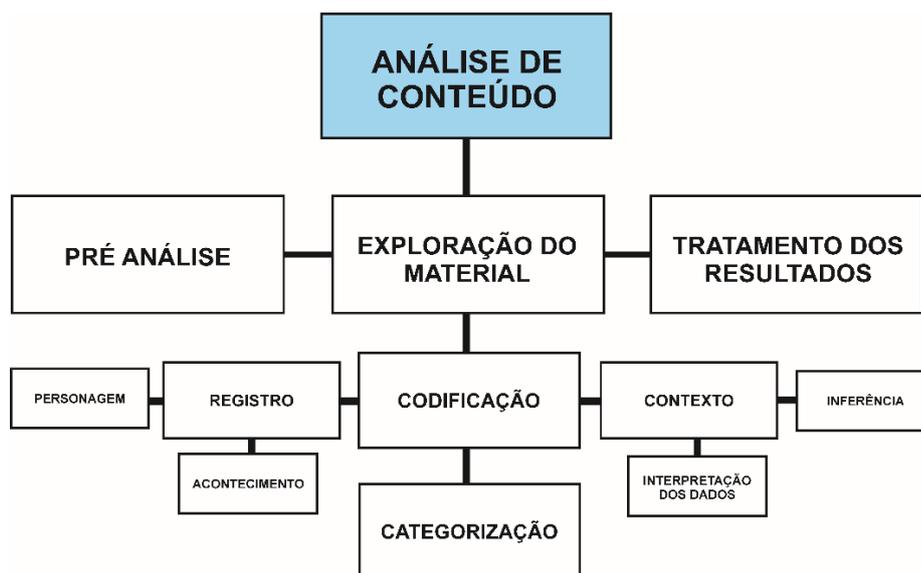
Assim, para consubstanciar a análise documental, recorreremos complementarmente à metodologia da análise de conteúdo. Definida por Bardin (1977), como um conjunto de técnicas aplicadas à comunicação, com o objetivo de obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, uma descrição detalhada do conteúdo das mensagens. Esta, conforme Bardin (1977, p. 28), busca construir caminhos metodológicos e emprego de técnicas mais seguras, que possibilitam distanciar-se dos “perigos da compreensão espontânea”, da “evidência do saber subjetivo”, que acabam por fazer “à leitura simples do real, sempre sedutora”.

Nesse contexto, procuramos delinear as fases e perspectivas propostas por Bardin (1977), começando pela pré-análise, que, segundo Franco (2003, p. 43), corresponde “à fase de organização propriamente dita”. Nesta etapa da pesquisa, definimos a escolha da própria obra *Morte e Vida Severina* como documento a ser analisado e, em função deste, delineamos os objetivos da pesquisa. A leitura flutuante da obra foi um dos passos importantes nesta primeira

aproximação, tendo em vista, conforme Bardin (1977, p. 90), “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações”.

Transcorrido esse primeiro momento, seguimos para a segunda etapa: a exploração do material, que consiste fundamentalmente de operações de codificação e categorização, conforme exposto na Figura 1 abaixo:

FIGURA 1 – Procedimentos da análise de conteúdo do poema *Morte e Vida Severina*



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Seguindo essa metodologia, no tocante à etapa de codificação, vislumbramos, a priori, o levantamento das unidades de registro para proceder à análise do poema. Entre as unidades descritas por Bardin (1977), os personagens e os acontecimentos foram escolhidos nesta pesquisa, após a leitura flutuante, como os elementos capazes de estruturar e interpretar o texto poético. Conforme discute Bardin (1977, p. 104), enquanto unidade de significação a codificar, a unidade de registro “corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”.

As unidades de registro possuem tanto natureza quanto dimensões muito variáveis. Os critérios de definição delas, assim como os elementos que as compõem, são bastante diversos, podendo incluir uma ou mais palavras, temas, referentes, documentos, personagens, acontecimentos, entre outros. Além disso, diferentes tipos de unidades podem ser combinados, dependendo dos objetivos da análise.

Conforme Bardin (1977, p. 106), obras de ficção, por exemplo, “podem ser analisadas segundo os seus personagens, do mesmo modo que os artigos de imprensa, manuais escolares

etc.". Nesse contexto, a escolha da unidade de análise deve considerar o papel e as situações que envolvem esses personagens. No caso de relatos e narrativas, Bardin (1977) observa que "é possível que a unidade de registro pertinente seja o acontecimento. Neste caso, os relatos [...] serão recortados em unidades de ação".

Dessa forma, no poema *Morte e Vida Severina*, as unidades de registro foram delimitadas a partir da epopeia do personagem Severino. Após a pré-análise, dividimos o poema em três unidades: origem, percurso e chegada. Na origem, os registros consideraram os personagens e acontecimentos ocorridos na Serra da Costela, ou seja, o migrante, suas condições de vida e os motivos que os levaram a migrar. No percurso, que acompanha sua trajetória ao longo do rio Capibaribe, foram destacados os diversos "Severinos" que o personagem principal do poema encontrou pelo caminho e os episódios que marcaram suas vidas/mortes. Por fim, na chegada à cidade do Recife, a análise foca os habitantes, os espaços dos mocambos e os acontecimentos que os envolvem.

Após delinear as unidades de registro, definiu-se a unidade de contexto, que funciona como referência para interpretar a unidade de registro, possibilitando a compreensão precisa de seu significado (Bardin, 1977, p. 107). No poema, a unidade de contexto corresponde ao tempo/espaço que a narrativa tomou como ambientação, ou seja, as conjunturas socioespaciais do sertão e litoral nordestinos da primeira metade do século XX. A categorização, por sua vez, pode ser entendida como "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos" (Bardin, 1977, p.117).

Quanto à obra literária aqui enfocada, a estruturação da categorização foi orientada pelos elementos presentes no texto poético, estabelecendo um diálogo com o objetivo geral deste estudo. Dessa forma, optamos por não definir previamente as categorias de análise, permitindo que elas emergissem, como sugere Franco (2007, p. 61), da própria "fala", do discurso e do conteúdo expressos no poema. Assim, após a fase de codificação, emergiram as categorias de análise desta pesquisa que são: as contradições socioespaciais e os movimentos migratórios delas decorrentes.

A última fase que foi desenvolvida versou sobre o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados. Nesse aspecto, após a categorização dos dados, em vista das principais categorias e temas encontrados no poema, foi possível realizar inferências para se extrair as conclusões ou generalizações possíveis, de modo que, como assevera Bardin (1977, p. 101), tornem-se significativos e válidos.

Portanto, a análise de conteúdo alinhou-se à proposta aqui delineada, ao permitir a sistematização das dimensões da comunicação que, de outra forma, não poderiam ser exploradas, possibilitando as inferências e revelando aspectos essenciais sobre as condições de produção e recepção da mensagem, conforme ressaltara Bardin (1977).

Com a análise do conteúdo do poema realizada, o passo seguinte foi a construção da abordagem metodológica que visou organizar e estruturar o processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido na turma para a qual se destina a proposta (segunda série do Ensino Médio). Para tanto, elegemos a sequência didática como estratégia pedagógica para a mediação do processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

A sequência didática corresponde a um conjunto de atividades que são elaboradas de forma articulada para se chegar a um determinado propósito educacional (Zabala, 1998). Em nossa pesquisa, estas atividades foram organizadas em torno do poema *Morte e Vida Severina* e tiveram como propósito a análise e compreensão das contradições socioespaciais enquanto fator de impulsão dos movimentos migratórios em diversas escalas.

Cada uma das Sequências Didáticas propostas tomou como pressuposto a contribuição da obra de João Cabral de Melo Neto enquanto linguagem capaz de subsidiar a leitura dos processos socioespaciais e dos movimentos populacionais fundamentadas a partir da teoria histórico-cultural vigotskiana, o que as estruturou em torno da metodologia de formação dos conceitos para a compreensão sistemática dos fenômenos geográficos dos quais tratam o poema.

Por fim, os resultados do estudo encontram-se estruturados da seguinte forma: além desta introdução, que descreve o percurso metodológico para realizar a análise geográfica e elaborar estratégias pedagógicas para a utilização do poema no ensino de Geografia, o estudo apresenta-se dividido em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado “O espaço geográfico no romance e no verso: as relações entre Geografia e Literatura”, realizamos uma revisão bibliográfica em livros, dissertações, teses e artigos científicos para discutir de que forma a Literatura tem contribuído para as análises geográficas na pesquisa e no ensino, desde os atores clássicos aos contemporâneos.

No segundo, nomeado “A Geografia no poema *Morte e Vida Severina*: as contradições socioespaciais e o movimento migratório dos “Severinos”, analisamos o poema foco de nossa abordagem, visando compreender como ele subsidia e possibilita uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais. Para tanto, dividimos a análise em três partes. A primeira aborda o espaço de

origem de Severino, intitulado “A primeira Ave Maria do rosário: a serra da Costela e seus “Severinos”, no qual são exploradas as contradições iniciais que levam o personagem a migrar.

A segunda trata do percurso de Severino atravessando o Agreste e a Zona da Mata, denominada “O rio Capibaribe como a linha do rosário que orienta o caminho de Severino: a vida que arde com a mesma chama mortífera”, abordando as contradições socioespaciais dessas áreas e como elas delineiam o cenário social de outros “Severinos” encontrados pelo personagem principal ao longo do seu deslocamento. Na terceira parte, analisamos a chegada de Severino ao Recife, a qual denominamos de “A última ave maria do rosário: a cidade do Recife e a segregação socioespacial dos “Severinos”, explorando as questões socioespaciais presentes no espaço urbano da capital pernambucana com as quais o personagem do poema se depara.

No terceiro e último capítulo, com base na interpretação geográfica do poema, apresentamos três propostas de sequências didáticas voltadas ao ensino de Geografia, visando auxiliar a compreensão de como as contradições socioespaciais funcionam como um fator dos movimentos populacionais em diferentes escalas. Na primeira delas, **Os Severinos daqui: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB**, propomos a análise e interpretação do poema com foco no processo de produção e reprodução desigual e contraditória que estimula os movimentos migratórios no espaço vivido pelos estudantes.

Na segunda sequência didática, **Os Severinos de acolá: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil**, o poema cabralino serve de base para o estudo da dinâmica dos movimentos migratórios inter-regionais, permitindo aos alunos compreenderem esse fenômeno como uma consequência do desenvolvimento geográfico desigual e combinado no processo de produção/reprodução do espaço geográfico brasileiro. Por fim, a terceira sequência, **Os Severinos do mundo: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual**, utiliza o texto poético como suporte para a análise das migrações socioespaciais globais contemporâneas. Nessa abordagem, os alunos examinam os principais fluxos migratórios internacionais, compreendendo-os como parte das contradições socioespaciais geradas pelo processo de produção do espaço geográfico no mundo globalizado.

Nas considerações finais, evidenciamos que diversos autores têm apontado que a abordagem interdisciplinar, que visa interrelacionar Geografia e Literatura em sala de aula, pode contribuir para a contextualização de questões de interesse dessa disciplina. Nesse sentido, o conteúdo do poema *Morte e Vida Severina*, ambientado no semiárido do Nordeste brasileiro da primeira metade do século XX, evidencia profundas desigualdades que se manifestam de forma evidente ao longo da narrativa poética.

Tais desigualdades, que demarcam as condições de vida e morte dos “Severinos”, são explicitadas pela instância geográfica, marcadamente pelas contradições socioespaciais e os processos delas decorrentes, o que subsidia a sua apropriação geográfica para tomá-lo como linguagem mediadora do processo de ensino-aprendizagem nessa disciplina através de sequências didáticas, fundamentadas na teoria histórico-cultural, para tratar os fenômenos geográficos extraídos na análise de conteúdo do texto cabralino em suas diversas escalas.

1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ROMANCE E NO VERSO: as relações entre Geografia e Literatura

A aproximação entre a Geografia e a Literatura, a qual objetivamos como ponto de partida neste estudo, surgiu no século XIX, com o advento da Geografia Moderna. Nesse contexto, os precursores dessa aproximação foram geógrafos clássicos, como Alexander von Humboldt e Paul Vidal de La Blache.

Contudo, pelo contexto científico da época, as primeiras abordagens que relacionavam esses dois campos do saber não encontraram o respaldo necessário para se afirmarem enquanto forma de conhecimento válida. Nos albores da afirmação sistemática e acadêmica da Geografia como ciência no século XIX, a base filosófica que dava sustentação à ciência em geral era o positivismo, que se opunha a qualquer perspectiva teórica que não se fundamentasse na racionalização, na experimentação, na observação e nas evidências empíricas da realidade investigada. A Ciência Geográfica Moderna incorporou esses princípios científicos como base de sustentação das suas pesquisas e do seu ensino como disciplina escolar.

Tal aspecto inibiu maiores avanços na relação entre a Geografia e a Literatura, dado o caráter subjetivista dos textos literários. A aproximação e articulação entre esses dois campos do saber só viria a se concretizar, de fato, na segunda metade do século XX, com a emergência de novos paradigmas teóricos, notadamente por meio da incorporação do materialismo histórico e dialético e da fenomenologia nos estudos geográficos. Essas abordagens, como veremos, promoveram grandes mudanças na forma de produzir e utilizar os conhecimentos geográficos, tendo forte influência sob pesquisadores em diferentes países, inclusive no Brasil.

Sob estes novos enfoques, a relação entre Geografia e Literatura vai ser ampliada, aprofundada e enriquecida, passando a constituir não apenas um novo campo de pesquisa acadêmica, mas também um campo a ser explorado no ensino da Geografia Escolar, o que torna os textos literários uma das múltiplas possibilidades de linguagem a ser incorporada nas práticas cotidianas dos/das docentes dessa disciplina nas escolas.

Ao traçarmos o percurso analítico que tem por objetivo analisar como o poema *Morte e Vida Severina* pode subsidiar uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais através de sequências didáticas neste estudo, não podemos prescindir das discussões que o situa no campo da pesquisa e do ensino que toma as articulações entre a Geografia e a Literatura como objeto.

Para tanto, nosso percurso começa a ser traçado e aborda, inicialmente, os principais aspectos que demarcaram a emergência e o desenrolar da relação entre a Geografia e a Literatura. Com vistas a destacar nesse processo as principais contribuições teóricas que embasaram/embasam esta interrelação nas escalas internacional e nacional, bem como as pesquisas empíricas realizadas no contexto brasileiro.

Por outro lado, é crescente a importância que os textos literários vêm recebendo na construção das abordagens geográficas no ensino. Nesse aspecto, apontamos que esta relação pode ser estabelecida como forma da Geografia alcançar uma compreensão mais ampla do mundo, contribuindo para sua leitura de forma subjetiva e/ou objetiva.

Em virtude disso, consultamos uma vasta produção sobre o tema que vai desde livros, dissertações, teses e artigos científicos, que demonstram ser possível a utilização de textos literários como suporte das análises geográficas, facilitando a compreensão e a intervenção na realidade socioespacial na pesquisa e no ensino, cujas análises se seguem ao longo deste texto.

1. 1 GEOGRAFIA E LITERATURA: dos estudos dos clássicos aos contemporâneos

A Geografia e a Literatura apresentam muito mais vínculos do que aparentam. Trata-se de uma longa e envolvente história cujas aproximações, as quais se pretendem aqui discorrer, precisam ser trazidas à baila, para que possamos ter as bases epistemológicas para a construção de uma abordagem didática que venha a consubstanciar o ensino-aprendizagem de Geografia.

Parte do que se busca na atualidade, quando se trata da possibilidade de aproximação entre arte e ciência, entre linguagem literária e Geografia, já estava enunciada durante o nascimento da Geografia Moderna. Coube a Alexander von Humboldt a primazia de fazê-la nas análises científicas de sua época. O referido autor buscava uma forma de interpretação da natureza que lhe possibilitasse a compreensão do mundo natural em sua interação holística de fenômenos, e, conforme Capel (2007, p. 15), “A gênese desse projeto intelectual humboldtiano deriva certamente da convergência de três correntes de pensamento: duas delas científicas – a botânica e a geognosia – e uma terceira de caráter filosófico e literário – o idealismo e o romantismo alemão”.

Na biografia de Humboldt, Wulf (2016) salienta que, ao longo de sua vida, ele não apenas transitou por diversos espaços, mas também cultivou um círculo de amigos que mantinha profundas conexões com os movimentos em questão. Em seu entorno, Humboldt manteve vínculos com notáveis intelectuais como Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich

Wilhelm Joseph Schelling, que deixaram marcas permanentes nos campos literário e filosófico alemães como expoentes do romantismo e do idealismo, respectivamente.

Sobre Schelling, é importante frisar que Humboldt comungava de algumas de suas ideias. Ele chegou a referenciar uma das mais influentes obras de Schelling, a *Naturphilosophie, ou Filosofia da natureza*, em seu *Ensaio sobre a geografia das plantas*, assumindo ali um dos seus pressupostos, o que tratava acerca da necessidade de apreender a natureza em sua unidade “entre o mundo subjetivo do eu e o objetivo da natureza”. Desse modo, o pensamento de Schelling, sobretudo a interligação entre homem e natureza que demarcava sua visão, foi importante para que Humboldt se abrisse, mesmo que de forma discreta, para a subjetividade (Wulf, 2016, p. 259-260).

Ainda de acordo com Wulf (2016), foi a amizade com Goethe, uma das mais importantes figuras da literatura alemã, que levou Humboldt a abandonar a pesquisa puramente empírica e vislumbrar uma nova maneira de pensar o mundo. Para a referida autora, “ele jamais se esqueceria de que Goethe o instigou a combinar natureza e arte, fatos e imaginação. E foi essa nova ênfase na subjetividade que permitiu a Humboldt vincular a prévia visão mecanicista da natureza [...] à poesia dos românticos” (Wulf, 2016, p. 85).

Tal abordagem faz-se presente a partir de *Quadros da natureza*, embora isso já aparecesse no segundo volume de *Cosmos*, retratado por Wulf (2016, p. 114), como “descrições poéticas da natureza”. Mas é na primeira obra citada em que Humboldt inaugura, segundo Wulf (2016, p.266), “um gênero completamente novo – um livro que combinava prosa vigorosa e abundantes descrições de paisagens com observações científicas”. Isso fica bem claro já no primeiro parágrafo do capítulo inicial da referida obra, no qual Humboldt faz a seguinte descrição da costa caribenha e das terras venezuelanas:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiam a erupção das águas, ao formar-se na mocidade da Terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se reflectem os plátanos que lhe assombriam as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre estepes as quais parecem ir-se levando gradualmente e desvanecer-se no horizonte (Humboldt, 1950, p. 5).

Com base no fragmento acima, percebe-se que a descrição da paisagem realizada por Humboldt, além de grande nível de detalhamento, apresenta um rebuscado estilo de linguagem digno dos utilizados pelos romancistas na descrição de seus cenários romanescos, reunindo, em um mesmo texto, conhecimento científico e linguagem poética, em outras palavras, ciência e arte.

Outro marco importante na construção da relação entre a Geografia e a Literatura foi firmado com a publicação de “*la géographie de l’Odyssée*”, por Paul Vidal de La Blache, em 1904, nos *Annales de Géographie* (Ferreirinha e Fernandes, 2021). Se Humboldt inaugura a possibilidade da descrição geográfica a partir da linguagem literária, pode-se afirmar que La Blache é o primeiro a identificar a importância que a produção literária tem na contextualização geográfica. Mas, não ficando apenas nesse aspecto, avançando numa particularidade, a qual compartilhamos e que foi experienciada por Humboldt, de que “mesmo utilizando da imaginação, o fundo real das paisagens anima, personifica, nutre a imaginação do poeta, ligando de alguma forma, o texto literário” à realidade concreta (Ferreirinha e Fernandes, 2021, p.247).

Evidenciando essa ligação, La Blache (1904, p.25) afirma: não somente é permitido supor que as viagens forneceram a Homero um tema sobre o qual se desenvolveu sua imaginação; mas é bem possível que até outros poetas o tivessem feito antes dele, como outros fizeram desde então. Tal análise deixa evidente que, para o referido geógrafo, algumas obras literárias não são meras criações da imaginação, mas constituídas de uma base geográfica material, cuja experiência concreta de seu autor com o espaço foi transformada em enredo que deu verossimilhança à produção artística.

Apesar de haver aproximações entre a Geografia e a Literatura desde os clássicos, como visto, Brosseau (2007, p. 17) nos alerta para o fato de que isto “não se tratava tanto de uma promoção da literatura como um novo campo de pesquisa para a Geografia, mas de testemunhos que conseguiram despertar esse tipo de interesse”, ou seja, a possibilidade de utilização dos textos literários na abordagem geográfica ainda estava por vir, só sendo vislumbrada a medida que novos postulados teóricos foram incorporados aos estudos geográficos.

Fundamentado sob uma base positivista, o pensamento científico do século XIX e início do século XX rejeitava as questões que estavam além da observação empírica e que, por conseguinte, não poderiam ser comprovadas, não considerando os testemunhos literários “susceptíveis de construir bases sólidas para uma geografia científica rigorosa” (Brosseau (2007, p. 19). Sendo poucos, portanto, os que fizeram da Literatura um campo de análise anteriormente a este período.

Esses poucos trabalhos remontam aos idos de 1902, quando Herbertson e Keating, em seus estudos, propuseram que os geógrafos deveriam considerar a poesia e a literatura de ficção, ao analisar lugares. Isso marcou o início de uma série de contribuições subsequentes, incluindo o manual de livros de Geografia de H. R. Mill, em 1910, que recomendava a leitura de ‘romances geográficos’, e alguns artigos publicados entre as décadas de 1930 e 1970, que

discutiam a possibilidade de usar romances complementarmente às análises regionais (Brosseau, 2007, p. 17-18).

É somente a partir de 1970 que surge maior interesse pela temática da literatura nos estudos geográficos, cabendo aos geógrafos anglo-saxões e franceses a vanguarda da abordagem literária como campo de estudo para a Geografia (Corrêa e Rosendhal, 2007, p. 11; Claval, 2007, p. 55).

Como enfatiza Monteiro (2002), essa nova tendência é fruto direto da reação ao cientificismo promovido pela abordagem quantitativa que dominou os debates geográficos nas décadas anteriores, dando origem a duas tendências divergentes, as quais se vinculam, de um lado, com o pensamento marxista, arraigado na valorização do processo histórico, e do outro, dos próprios “geógrafos rebelados contra o empobrecimento do ‘discurso’”. É desta última tendência que advém a Geografia Humanista.

Portanto, esse novo contexto abre possibilidade para que novas abordagens se tornem possíveis, convertendo, em certas ocasiões, o romance em documento, como ressalta Claval (2007), afirmando ainda que a perspicácia dos romancistas ajuda a perceber a região sob a ótica de seus personagens e por meio de suas emoções.

É nesse contexto, a partir do surgimento da concepção humanista na Geografia, que os estudos geográficos voltam as suas atenções para outro aspecto da realidade humana: a compreensão das dimensões sociais e culturais do espaço. Face a isto, a Geografia vai se aproximar de vez da Literatura, em virtude de os geógrafos humanistas focarem, conforme Cook (2014, p. 79, tradução nossa), na “experiência de vida do indivíduo, seus valores, atitudes e crenças, os significados atribuídos aos fenômenos e outros fatores “subjetivos” e o estudo da consciência por esta perspectiva”¹, aspectos estes que, como assevera Pocock (2014, p.7, tradução nossa), “para a qual a postura positivista ‘dura’ é inadequada”².

A literatura, a partir de então, passa a se constituir num campo de análise geográfica, particularmente sob a influência da fenomenologia, que a deixa mais sensível às nuances da experiência humana, tornando-se uma ponte importante entre a disciplina geográfica e a literatura.

Uma das publicações mais influentes entre os geógrafos que buscaram empreender uma abordagem fenomenológica do espaço é, sem dúvidas, “A poética do espaço”, do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, publicada originalmente em 1958. Como enfatiza Souza

¹ “[...] experience of life, his or her values, attitudes and beliefs, the meanings attached to phenomena, and other subjective’ factors, and studies consciousness via this route”.

² “[...] for which the ‘hard’ positivistic stance is inappropriate”.

(2021, p. 37), a referida obra “veio a se tornar uma referência para qualquer estudioso que deseja levar a cabo uma investigação sobre o espaço dentro da episteme fenomenológica, quer se trate de análise de textos literários, quer não”.

Esse livro, como o próprio autor sugere, trata-se de um estudo topofilico, tendo em vista “*determinar o valor humano dos espaços de posse*”. Nesse contexto, Bachelard seleciona a casa como o *locus* de sua análise, destacando que sua intenção não é simplesmente descrevê-la, mas, através da fenomenologia, compreender o elemento essencial do espaço: a poética do espaço (Bachelard, 1978, p. 196).

O autor nos convida a apreciar a beleza e a primitividade intrínsecas aos ambientes topofilicos, exemplificados pela casa, gavetas, cofres e armários, elementos que são analisados ao longo dos capítulos de “*A Poética do Espaço*”. Recebe ênfase neste estudo o papel desempenhado pela imaginação em relação ao espaço habitado, capaz de gerar diversas sensações, entre as quais: proteção, dúvida, ansiedade e medo.

Para fundamentar suas análises, Bachelard recorre a numerosos “documentos literários”, tais como poemas, romances e cartas, cujo conteúdo poético é hábil em evocar lembranças, sentimentos, sensações e espaços íntimos que nutrem a imaginação de quem os ler. Para o referido autor, “a palavra de um poeta, já que ele toca o ponto exato, sacode as camadas profundas de nosso ser” (Bachelard, 1978, p. 205).

Desse modo, o diálogo estabelecido entre Bachelard e inúmeros autores serve, em essência, para evidenciar como a linguagem poética, mediante sua rica oferta de imagens, desperta nosso onirismo, fazendo, conforme o próprio autor destaca, “irradiar ondas de imaginação” (Bachelard, 1978, p. 220).

Essas e outras reflexões empreendidas pelo citado autor (1978) vão ser fonte de inspiração para alguns geógrafos que, diante delas, passam a enxergar na literatura uma possibilidade de integração com a Geografia à medida que se reconhece a capacidade da linguagem poética em capturar e transmitir as experiências humanas relacionadas aos lugares.

Outra contribuição importante no tocante a considerar a literatura como parte do campo de estudo dos geógrafos é trazida por Armand Frémont, na França, a partir da sua obra “*A região, espaço vivido*”. Ao sugerir uma abordagem geográfica que incorpore elementos criativos e artísticos, a qual chama de “uma arte do espaço”, o autor argumenta que a literatura desempenha um papel significativo para tanto, podendo ela contribuir para a melhor compreensão dos espaços vividos. Nesse sentido, afirma que: “O despertar para uma arte do espaço só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens” (Frémont, 1980, p. 261).

Dessa maneira, ao conceber a Literatura enquanto portadora dessa capacidade única de evocar as experiências humanas em relação ao espaço, Frémont ajudou a jogar luzes sobre a importância da literatura nos estudos da Geografia humanista, definindo-a como uma ferramenta valiosa, por permitir capturar a experiência e a subjetividade das pessoas em relação ao espaço e às regiões.

Por outro lado, ao colocar ênfase na experiência pessoal e na subjetividade, os geógrafos humanistas, conforme enfatiza Brosseau (2007, p. 44), muitas vezes, adotaram uma celebração exagerada do papel do sujeito nas abordagens geográficas. Ainda nessa perspectiva, para Marinho (2016, p.279), situando-se num “terreno exclusivo da consciência e na autonomia quase plena do imaginário em face da realidade”, em detrimento do contexto social, o qual os geógrafos de inclinação Marxista iriam tomar para si.

Em suma, conforme aponta Brosseau (2007), os geógrafos que buscaram na Literatura um campo de abordagem das questões geográficas, os fizeram sob a perspectiva de ao menos quatro linhas temáticas, a saber: *como complemento de uma Geografia regional*, fazendo uma leitura literal de paisagens geográficas; *como transcrição da experiência dos lugares*, focando suas análises nos aspectos não quantificáveis, promovendo uma apreciação subjetiva da obra; *como histórias paralelas da Geografia e da Literatura*, procurando estabelecer paralelos entre suas respectivas histórias; e, *como crítica da realidade ou da ideologia dominante*, ressaltando que, além de descrever e explicar o mundo, a Geografia deveria usar a literatura para criticar a realidade atual. Esta última perspectiva é a que assumimos neste trabalho.

Assim, conforme ressalta o supracitado autor (1996), mesmo de forma incipiente, os geógrafos de inclinação marxista também levaram em consideração os textos literários em seus estudos. Ao discutir esta perspectiva, ele destaca que essas análises tinham como intuito mostrar o que a realidade poderia ou deveria ser, oferecendo, para tanto, uma interpretação crítica dessa realidade³, e combater a ideologia burguesa, ao emergir no contexto social e histórico da produção literária⁴.

Por este viés, conforme aponta Cook (2014), torna-se importante nas análises geográficas, que envolvam a Literatura, descobrir que sistemas de valores a mesma comporta, como forma de se saber que tipo de consciência é capaz de suscitar. Por sua vez, Silk (1984, p. 151) vai mais além e proclama que o objetivo central de uma análise materialista não se limita à superação da simples celebração do experiencial, visando, por meio disso, alcançar o nível da

³ Abordagem sugerida por COOK (2014).

⁴ Abordagem sugerida por SILK (1984).

explicação e compreensão. Assim, ela deve “fornecer uma base para a intervenção no processo de ‘apropriação mental do mundo’, combatendo a ideologia burguesa⁵”.

Antes de nos aprofundarmos nesta seara, cabe enfatizar que essa perspectiva de análise nos leva inevitavelmente à discussão acerca de como a literatura tem sido tratada nas abordagens marxistas, com vistas a chegarmos numa questão mais particular que é a literatura como campo de estudo da Geografia. Nesse aspecto, Raymond Williams, a partir de sua obra *Marxismo e literatura*, oferece um suporte analítico que nos permite compreender quais têm sido as tendências teóricas da literatura nesta abordagem.

Em sua análise, enfatiza-se que a teoria tradicional marxista abordou a literatura de forma incidental, integrando-a, posteriormente, a suas questões mais centrais. Essa inclusão envolveu enfoques principais, como a assimilação da literatura à ideologia, a inclusão da discussão acerca da literatura popular e a relação da literatura com a história social e econômica em que foi produzida. Somam-se a estas contribuições significativas que incluem a revisão, o reexame, a reavaliação e a redefinição radical, respectivamente, dos conceitos de estético, mediação, sujeito criativo e dos “processos de escrita, com novos usos de conceitos como ‘signos’ e ‘textos’⁶” (Williams, 2019, p. 72/73, tradução nossa).

De modo geral, Williams (2019) destaca que a grande novidade teórica a qual essas reformulações conduziram foi “o reconhecimento da ‘literatura’ como uma categoria social e histórica especializada⁷”. Nesse aspecto, a Literatura passa a ser reconhecida em sua relação com os contextos sociais, históricos, econômicos e políticos específicos e não tão somente como manifestação artística. Concebendo-se de tal forma, a literatura assume o caráter de prática social inter-reativa, pois tanto pode influenciar, como também ser influenciada, a depender dos sujeitos e dos contextos em que sejam produzidas e/ou lidas.

Entre as muitas proposições marxistas que Raymond Williams analisa em seu estudo, a questão do alinhamento e do compromisso nos é aqui significativa, pois trata-se de reconhecer, conforme o autor enfatiza, que existe uma “conexão radical e inevitável entre as verdadeiras relações sociais de um escritor” e o conteúdo de sua obra⁸ (Williams, 2019, p. 267/268, tradução nossa). Assim sendo, numa abordagem marxista, o conteúdo da produção literária jamais pode ser compreendido como simples imaginação ou criação, uma vez que o processo do qual se origina é sempre um processo consciente. A análise desse conteúdo no paradigma marxista da

⁵ “[...] provide a basis for intervention in the process of the 'mental appropriation of the world' which combats bourgeois ideology”.

⁶ “[...] proceso de escritura, con nuevos usos de conceptos como ‘signo’ y ‘texto’”.

⁷ “[...] reconocimiento de la ‘literatura’ como una categoría social e histórica especializada”.

⁸ “[...] de la radical e inevitable conexión existente entre las verdaderas relaciones sociales de un escritor”.

Geografia prescindem, portanto, considerar, conforme destaca Cook (2014, p.78), que a consciência resulta, em grande medida, da posição que o indivíduo ocupa em determinado contexto social, “fluindo da sociedade para o indivíduo⁹”.

Partindo do pressuposto de que a Literatura é uma categoria social e histórica especializada, cabe àqueles que se propõem a analisá-la sob o viés geográfico adotado aqui, levar em consideração o alinhamento social da autoria como elemento importante para que possamos descobrir a quais interesses os textos literários atendem.

A partir do que expõem Silk (1984) e Cook (2014), vemos que a produção literária pode refletir diferentes sistemas de valores, dependendo da visão de mundo do autor. Esses sistemas variam desde a sustentação e acomodação da ordem dominante, promovendo, assim, uma falsa consciência, até a contestação dessa ordem, oferecendo-nos um conteúdo que desafia as estruturas, “através de sua capacidade de incorporar contradições”¹⁰ (Silk, 1984, p. 162). Conforme Cook (2014, p. 80), tais textos são capazes de promover uma “contraconsciência” ou uma consciência radical das desigualdades sociais e das razões que as sustentam.

Dessa maneira, ao adotar a literatura como instrumento para compreensão e análise das complexas relações presentes no espaço, os geógrafos marxistas buscaram, em seus estudos, não só desvendar as estruturas de poder e as desigualdades que permeiam a realidade retratada na literatura, mas foram além, ao desafiar as ideias e os valores que sustentam essas estruturas de classe e poder capitalistas. Assim sendo, utilizam a Literatura como uma ferramenta para expor e criticar as representações ideológicas presentes na sociedade e, desse modo, colocaram ênfase nas dimensões sociais, políticas e econômicas que motivaram ou que estavam representadas nas obras literárias.

Como discutido anteriormente, os estudos que utilizam a Literatura como suporte para análises geográficas remontam ao início do século XX. No entanto, foi apenas na segunda metade desse século que houve maior impulso nesta abordagem, sobretudo entre geógrafos anglo-saxões e franceses. Estes estudos transitam por diferentes perspectivas teóricas, que vão desde as fenomenológicas, centradas na experiência humana, às críticas, que põem ênfase nas dimensões política e econômica da sociedade.

Nesse campo de estudos, voltaremos nossa atenção, a partir de agora, à crescente importância que os textos literários têm recebido na construção das abordagens geográficas no Brasil. Para isso, destacaremos as principais contribuições teóricas associadas à relação entre

⁹ “[...] flowing from society inward to the individual”.

¹⁰ “[...] through its ability to embody contradictions”.

Geografia e Literatura e as pesquisas realizadas que articulam esses dois campos do saber no contexto brasileiro.

1. 2 GEOGRAFIA E LITERATURA NO BRASIL

Se tomarmos como ponto de partida as primeiras aproximações entre Geografia e Literatura, é incontestável que a afirmação de Corrêa e Rosendahl (2007) sobre o atraso dos geógrafos brasileiros nesta abordagem tem fundamento, pois estas aproximações, como visto, estão desde o nascimento da Geografia enquanto ciência e, no Brasil, ela só vai ser trazida à luz no último quartel do século XX.

Por outro lado, se partirmos do nascimento do movimento que se contrapôs à Geografia hegemônica, produzida na segunda metade do século XX, no qual as concepções humanistas e materialista histórica emergiram, perceberemos que suas influências não demoraram a se manifestar entre os autores brasileiros. Segundo Monteiro (2002), esse movimento, iniciado na Europa na década de 1970, teria repercussão aqui no Brasil ainda nos anos 1980, colocando-se ele próprio como um dos precursores dessa abordagem no campo geográfico.

No entanto, torna-se necessário destacar que alguns estudos geográficos a partir da Literatura foram realizados antes desse período. Em 1976, Osman Lins, escritor e crítico literário, em seu livro intitulado “*Lima Barreto e o Espaço Romanesco*”, ofereceu uma análise sobre a relação entre o espaço romanesco (que vem a ser objeto de estudo geográfico com a Geografia humanística) e a narrativa literária. Para ele, o espaço é fundamental à produção literária, abrindo possibilidades para se estabelecer aproximações entre Geografia e Literatura, mesmo que isso não esteja literalmente posto em seus objetivos.

Lins (1976), ao afirmar que “o espaço atua com seu peso” na narrativa literária, enfatiza a importância que os elementos espaciais, tais como os cenários, ambientes e lugares, desempenham na construção da trama e no desenvolvimento dos personagens. Indo além, ele oferece subsídio ao entendimento do que viria a ser o espaço na trama. Por isso, afirma que:

Ora, como deveremos entender, numa narrativa, O espaço? Onde, por exemplo, acaba a personagem e começa o seu espaço? A separação começa a apresentar dificuldades quando nos ocorre que mesmo a personagem é espaço, e que também suas recordações e até as visões de um futuro feliz, a vitória, a fortuna, flutuam em algo que, simetricamente ao tempo psicológico, designaríamos como espaço psicológico, não fosse a advertência de Hugh M. Lacey de que aos “denominados eventos mentais (percepções, lembranças, desejos, sensações, experiências) não podemos, em nenhum sentido habitual, atribuir localização espacial”. Excetuando-se os casos, hoje pouco habituais, de intromissão do narrador pessoal mediante o discurso abstrato, tudo na ficção sugere a existência do espaço — e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença

sem nome, evoca o espaço onde a proferem (*sic*) e exige **um** mundo no qual cobra sentido. Temos, pois, para entender o espaço na obra de ficção, que desfigurá-lo um pouco, isolando-o dentro de limites arbitrários (Lins, 1976, p. 69).

Como visto, ao levantar questões acerca de como entender o espaço em uma narrativa, Osman Lins destaca a importância da representação do espaço em obras literárias, chamando a atenção para o fato de que o espaço romanescos, esteja ele ou não nomeado, seja ou não estruturado, ocupa posição central nas narrativas. Desse modo, o conceito de espaço romanescos tratado na referida obra vem a ser um dos elementos de análise da Geografia humanística, estando diretamente atrelado à forma como as pessoas percebem, experienciam e atribuem significados, logo estabelecendo uma interconexão entre espaço e experiência humana.

Em face do exposto, é bem verdade que no domínio da Geografia, Monteiro é um dos primeiros geógrafos a buscar nos textos literários elementos para construção de uma abordagem geográfica. Inspirado pelo crescente debate e publicações em torno da temática em âmbito internacional, entre elas “*Humanistic Geography and Literature: Essays on the Experience of Place*”, editado por Douglas C. D. Pocock, Monteiro abstrai de algumas obras e seus autores *insights* que o levam a buscar o conteúdo geográfico em produções literárias de alguns romancistas brasileiros, a exemplo de *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto e *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Apesar dessas análises terem sido desenvolvidas desde o final da década de 1980, como conta em seu livro, foi só a partir do momento em que foram reunidas em um conjunto de ensaios, publicado em 2002, intitulado “*O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*”, que elas se tornaram amplamente conhecidas por parte dos geógrafos interessados nessa temática, tornando-se, assim, uma das principais referências a ser consultada.

Ao todo, Monteiro, em “*O mapa e a trama*”, analisa, ao longo de sete ensaios, seis obras literárias de renomados escritores brasileiros, sob as quais lança seu olhar para diversas questões socioespaciais que serviram às tramas romanescas e que possuem total interesse geográfico. Temáticas como migração, questões urbanas, relações de produção, desigualdades sociais, entre outras, são contextualizadas e expostas de modo a revelar como ocorre a interface da Geografia com a Literatura.

Além das obras mencionadas anteriormente, também são submetidas à análise em “*O Mapa e a Trama*”, “*Corpo de Baile*”, de Guimarães Rosa, “*Canaã*”, de Graça Aranha, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Especialmente no que diz respeito à análise empreendida acerca

desta última obra, em “*Materialismo histórico e o espaço geográfico em Vidas Secas, de Graciliano Ramos*”, Monteiro nos dá uma excepcional contribuição acerca da leitura geográfica de obra literária com viés materialista.

Ao analisar a referida obra, Monteiro traz à luz as condições materiais e as relações sociais de produção como definidoras da sequência de eventos e ações que compõem a trama. De acordo com o referido autor (2002, p. 70), é possível ver em *Vidas Secas* “um quadro perfeito das ‘relações de produção’ entre patrão e vaqueiro e o sistema econômico vigente no sertão”. Partindo-se desse contexto, ressalta o autor que os grandes conflitos que impulsionam a trama são advindos da condição social dos personagens e não das condições naturais como alguns poderiam imaginar.

Face à análise realizada por Monteiro, é factível que algumas obras literárias transcendem a mera ficção, possuindo a capacidade de explorar a realidade socioespacial de maneira tangível, possibilitando recompor, com muitos detalhes, questões que dificilmente poderiam ser compreendidas com tamanha riqueza de detalhes de outra maneira.

Está na forma como concebe e implementa a interface entre a Literatura e a Geografia, uma das maiores contribuições do “*Mapa e a trama*”. Segundo Monteiro (2002, p. 25), isso se evidencia quando a “trama” é desenvolvida dentro de um contexto espaço-temporal específico, um cenário concreto em que qualquer narrativa “humana” está envolta numa rede de diversos espaços interligados, abrangendo o âmbito social, político, econômico, cultural, entre outros. Cabendo, aos que, com formação em Geografia, buscam explorar o que a obra oferece, “sintonizar” as representações dos locais e espaços reais ou fictícios com os componentes da narrativa, os personagens, os enredos e os temas (Monteiro, 2002, p. 233).

Apesar da inestimável contribuição oferecida por Monteiro, desde a década de 1980, as pesquisas geográficas desenvolvidas no Brasil nesse domínio específico do conhecimento não experimentaram mudanças significativas em seu cenário até os anos 1990, quando, de acordo Corrêa e Rosendahl (2007, p.14), a interpretação de textos literários por parte dos geógrafos passou a despertar um interesse crescente, citando estudos realizados por Bastos, em 1993 e 1998 (*Geografia e os romances nordestinos nas décadas de 1930 e 1950* e *Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas*), Haesbaert, em 1996 (*Território, poesia e identidade*) e o próprio Monteiro (2002).

No âmbito desse novo cenário, o interesse em articular os dois campos do saber chegou até o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que, a partir de 2006, deu início a uma coleção com o intuito de cobrir todo o território nacional, intitulada “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras”.

O primeiro volume dessa coleção, lançado em 2006, tratou do **Brasil Meridional**, contemplando as regiões geográficas da Campanha Gaúcha, Colônias, Vale do Itajaí e Norte do Paraná (IBGE, 2006), conforme exposto no Quadro 1.

QUADRO 1 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Brasil Meridional)

Região	Obra	Autor
Campanha Gaúcha	<i>Contos Gauchescos</i>	Simões Lopes Neto
	<i>O tempo e o Vento</i>	Erico Verissimo
	<i>Um quarto de légua em Quadro</i>	Luiz Antônio Brasil
	<i>Os verões assinalados</i>	Tabajara Ruas
	<i>A Ferro e Fogo</i>	Josué Guimarães
	<i>Porteira Fechada</i>	Cyro Martins
	<i>A superfície das águas</i>	Hilda Simões Lopes
Colônias	<i>O quatrilho</i>	José Clemente Pozenato
	<i>A cocanha</i>	
	<i>A Ferro e Fogo</i>	Josué Guimarães
	<i>O pêndulo do relógio</i>	Charles Kiefer
	<i>Videiras de cristal</i>	Luiz Antônio de Assis Brasil
Vale do Itajaí	<i>Verde vale</i>	Urda Alice Klueger
	<i>No tempo das tangerinas</i>	
Norte do Paraná	<i>Terra Vermelha</i>	Domingos Pellegrini

Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE (2006).

No segundo volume, **Sertões brasileiros I**, lançado em 2009, foram contempladas as regiões do vale do Paraíba, da Zona da Mata mineira, do vale do Rio Doce, das Minas, dos Currais da Bahia e do Curral d'El Rei e entorno, da Chapada Diamantina, do Cariri Paraibano, do vale do Pajeú e do Cariri Cearense (IBGE, 2009), conforme descrito no Quadro 2.

QUADRO 2 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Sertões brasileiros I)

Região	Obra	Autor
Sertões do Leste: Vale do Paraíba do Sul, da Zona da Mata mineira e do vale do rio Doce	<i>O coronel: o poder falível de um semideus</i>	Rita Amélia Serrão Piccinini
	<i>Água funda</i>	Ruth Guimarães
	<i>Canaã</i>	Graça Aranha
	<i>Fome em Canaã</i>	Agripa Vasconcelos
	<i>Inferno Provisório,</i>	Luiz Ruffato
Sertão do Ouro: Das Minas Gerais	<i>Josefa do Furquim</i>	Vera Telles
	<i>O retrato do rei</i>	Ana Miranda
	<i>Gongo sóco</i>	Agripa Vasconcelos
	<i>A muralha</i>	Dinah Silveira de Queiroz
Sertões dos Currais: Currais da Bahia	<i>Grande sertão: veredas</i>	João Guimarães Rosa
	<i>O padre e um sujeitinho metido a rabequista,</i>	Bernardo Élis
	<i>Serrano de Pilão Arcado: a saga de Antônio Dó</i>	Petrônio Braz
Sertões dos Currais: Curral d'El Rei	<i>Sinhá braba</i>	Agripa Vasconcelos
Sertões de Cima: Chapada Diamantina	<i>Cascalho</i>	Herberto Sales
	<i>Além dos marimbus</i>	
	<i>Bugrinha</i>	Afrânio Peixoto
	<i>Caldeirão</i>	Cláudio Aguiar

Sertões Nordestinos: <i>Cariri Cearense, Sertão do Pajeú e Cariri Paraibano</i>	<i>A pedra do reino</i>	Ariano Suassuna
--	-------------------------	-----------------

Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE (2009)

O terceiro, por sua vez, foi organizado em duas partes. A primeira tratando acerca dos **Sertões do Oeste**, contemplando as regiões de Minas de Cuiabá e de Mato Grosso, de Minas dos Goyazes, do Pantanal e dos Ervais Mato-Grossenses. E a segunda, dos **Sertões de Passagem**, contempla as regiões do Sertão da Farinha Podre (região do atual Triângulo Mineiro), do Sertão dos Garcias, da Região da Alta Sorocabana e o Pontal do Paranapanema e do Jalapão (IBGE, 2016). Ver Quadro 3.

QUADRO 3 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras” (Sertões brasileiros II)

Região	Obra	Autor
Sertões do Leste: <i>Minas de Cuiabá e de Mato Grosso</i>	<i>O conde e a freira</i>	Israel de Faria Figueiredo
Sertões do Leste: Minas dos Goyazes	<i>Guerra no coração do cerrado</i>	Maria José Silveira
	<i>Chegou o governador</i>	Bernardo Élis
	<i>O ermitão do Muquém</i>	Bernardo Guimarães
Pantanal	<i>...Aquele mar seco = o pantanal</i>	Rogério de Camargo
	<i>Águas atávicas</i>	Marcos Faustino
Ervais Mato-Grossenses	<i>Selva trágica</i>	Hernani Donato
	<i>Silvino Jacques: o último dos bandoleiros</i>	Brígido Ibanhes
Sertões de Passagem: <i>Sertão da Farinha Podre</i>	<i>Vila dos Confins</i>	Mário Palmério
	<i>Chapadão do Bugre</i>	Mário Palmério
	<i>A vida em flor de Dona Beja</i>	Agripa Vasconcelos
	<i>Caiapônia: romance da terra e do homem do Brasil central,</i>	Camilo Chaves
	<i>O garimpeiro</i>	Bernardo Guimarães
	<i>Caçadas de vida e de morte</i>	João Gilberto Rodrigues da Cunha
Sertões de Passagem: <i>Sertão dos Garcias</i>	<i>Águas atávicas</i>	Marcos Faustino
	<i>Inocência</i>	Visconde de Taunay
Sertões de Passagem: <i>Alta Sorocabana e o Pontal do Paranapanema</i>	<i>Chão bruto</i>	Hernani Donato
Sertões de Passagem: <i>Jalapão</i>	<i>O tronco</i>	Bernardo Élis
	<i>Uma sombra no fundo do rio</i>	Eli Brasiliense
	<i>Serra dos Pilões</i>	Moura Lima
	<i>Chão das carabinas</i>	

Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE (2016).

No último volume, lançado em 2021, a **Costa brasileira**, como mostrado no Quadro 4, contempla a região cacauieira do Sul da Bahia; Santos e o Litoral Paulista; a hinterlândia açucareira em Olinda, Recife e a Costa dos Engenhos; as áreas de recôncavo de Salvador, do Recôncavo Baiano, do Rio de Janeiro da Baía da Guanabara; as reentrâncias de São Luís, de São Marcos, de Belém e da Foz do Rio Amazonas; o Norte Fluminense; Rio Grande de São Pedro e Costa Sul; e a Ilha de Santa Catarina (IBGE, 2021).

QUADRO 4 – Primeiro volume da coleção “Atlas das representações literárias de regiões brasileiras”
(Costa Brasileira)

Região	Obra	Autor
O Sul da Bahia	<i>Cacau</i>	Jorge Amado
	<i>Terras do sem fim</i>	
	<i>Corpo vivo</i>	Adonias Filho
	<i>Os magros</i>	Euclides Neto
Santos e o Litoral Paulista	<i>Terra Papagalli</i>	José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta
	<i>Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil</i>	Luiz Antônio Aguiar
	<i>O planalto: o romance de São Paulo</i>	Renato Castelo Branco
	<i>A muralha: romance</i>	Dinah Silveira de Queiroz
	<i>Navios iluminados</i>	Ranulpho Prata
	<i>Os vira-latas da madrugada</i>	Adelto Gonçalves
Olinda, Recife e a Costa dos Engenhos	<i>A Rainha Ginga</i>	José Eduardo Agualusa
	<i>A guerra dos hereges</i>	Aydano Roriz
	<i>No tempo frágil das horas</i>	Luzilá Gonçalves Ferreira
	<i>A emparedada da Rua Nova</i>	Carneiro Vilela
	<i>Fogo morto</i>	José Lins do Rego
	<i>Menino de engenho</i>	
Salvador e Recôncavo Baiano	<i>Senhora de engenho</i>	Mario Sette
	<i>Viva o povo brasileiro</i>	João Ubaldo Ribeiro
	<i>Jubiabá</i>	Jorge Amado
	<i>Capitães da areia</i>	
	<i>Tenda dos milagres</i>	
	<i>Água de barrela</i>	Eliana Alves Cruz
<i>Boca do inferno</i>	Ana Miranda	
Rio de Janeiro e Baía de Guanabara	<i>Quincas Borba</i>	Machado de Assis
	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	
	<i>Esau e Jacó</i>	
	<i>Memorial de Aires</i>	
	<i>As mulheres de mantilha</i>	Joaquim Manuel de Macedo
	<i>Triste m de Policarpo Quaresma</i>	Lima Barreto
São Luís e Baía de São Marcos	<i>Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá</i>	
	<i>Os tambores de São Luís: romance</i>	Josué Montello
	<i>Úrsula: romance</i>	Maria Firmina dos Reis
	<i>O mulato</i>	Aluísio de Azevedo
Belém e Foz do Rio Amazonas	<i>Noites sobre Alcântara: romance</i>	Josué Montello
	<i>Ajuricaba: o caudilho das selvas</i>	Márcio Souza
	<i>Lealdade</i>	
	<i>Voluntário em Contos amazônicos</i>	Inglês de Sousa
	<i>A Feiticeira em Contos amazônicos</i>	
	<i>Amor de Maria em Contos amazônicos</i>	
<i>Belém do Grão-Pará</i>	Dalcídio Jurandir	
Norte Fluminense	<i>Olha para o céu, Frederico</i>	José Cândido de Carvalho
	<i>O coronel e o lobisomem</i>	
Rio Grande de São Pedro e Costa Sul	<i>Um quarto de légua em quadro: diário do Doutor Gaspar de Fróis, médico: romance</i>	Luiz Antônio de Assis Brasil
	<i>A ferro e fogo: tempo de solidão</i>	Josué Guimarães
A Ilha de Santa Catarina	<i>Rocamaranha: novela</i>	Almiro Caldeira
	<i>Arca açoriana: rocamaranha II</i>	

Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE (2021).

Esses volumes apresentam um estudo aprofundado acerca desses recortes regionais, que ostentam identidades distintas e que ficaram profundamente enraizados no imaginário nacional. Sua abordagem consiste em atrelar o conhecimento geográfico à percepção espacial que serve de enredo as tramas de inúmeras obras literárias.

Com esse propósito, são enfatizados os processos e elementos que desempenharam um papel crucial na caracterização de cada região, desde os estágios iniciais da ocupação colonial desses espaços regionais. Simultaneamente a isto, busca-se ilustrar como a ficção retratou de maneira perspicaz esses processos socioespaciais, tornando-se claro, assim, o significativo papel desempenhado pelas obras literárias na percepção e identificação das diversas regiões abordadas.

O conjunto dessas obras citadas acima busca associar conhecimentos próprios da Geografia à percepção espacial contidos nas tramas de relevantes produções literárias que tomam as diferentes regiões brasileiras como elemento estruturante de seus enredos (IBGE, 2006, p. 5).

Ainda neste novo contexto que caracteriza a produção geoliterária dos anos 1990 em diante, podemos incluir o livro “*Literatura, música e espaço*”, organizado por Corrêa e Rosendahl. Calcada na abordagem cultural da Geografia, essa produção, apresenta valiosas contribuições para o estudo da temática aqui em análise, sobretudo por três textos, em especial, um dos próprios organizadores da obra e dois de Marc Brosseau. Estes escritos versam sobre a trajetória dos estudos geográficos nesse campo e propõem mudanças na forma como se deve conduzir a interpretação de textos literários por partes dos geógrafos.

No intuito de estabelecer, entre outros aspectos, uma diferenciação clara entre a crítica literária e a perspectiva geográfica na análise da criação literária, Corrêa e Rosendahl (2007, p. 8) destacam que é relevante notar que o geógrafo se interessa especialmente por obras em que o espaço e o tempo não desempenham apenas um papel secundário, mas se tornam componentes essenciais da narrativa, sem os quais a história não poderia ser construída, compreendida e reconhecida.

Do período que demarca o lançamento de “*O mapa e a trama*”, em 2002, até os dias atuais, é perceptível o aumento da realização de estudos de Geografia em obras de Literatura, o que têm resultado em diversos livros, teses, dissertações e artigos científicos.

Fazem parte desse novo ciclo os livros *Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções* (2016), organizado por Suzuki, Lima e Chaveiro; *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação* (2019), organizado por Marandola Jr. e Gratão; *Geografias literárias* (2020), organizado por Portugal; *Literafia: O*

diálogo entre a Literatura e a Geografia (2021), de autoria de Souza, e *Língua, literatura e geografia: uma experiência de leitura da Geografia de Dona Benta (1935)*, de Monteiro Lobato, e do *Le tour de la France par Deux enfants (1877)*, de G. Bruno (2022), de autoria de Gracioli e Pezzato.

Tais obras versam sobre os mais variados aspectos das abordagens dessas temáticas na contemporaneidade, perpassando as forças que os lugares exercem sobre a Literatura, sua interface com a Geografia e a busca desta última pela geograficidade, poética e a imaginação nos escritos literários, havendo ainda pretensões mais específicas de fornecer um guia e uma visão geral sobre a relação entre espaço romanesco e conhecimento geográfico.

Vários trabalhos acadêmicos, incluindo dissertações, teses e numerosos artigos publicados em periódicos e eventos científicos, como mostra o Quadro 5, seguem os mesmos rumos traçados anteriormente, evidenciando o crescente interesse dos geógrafos pelos textos literários com vistas à compreensão das relações existentes entre ambos os campos e a abordagem de temas e/ou conceitos geográficos presentes em obras literárias.

QUADRO 5 – Artigos, dissertações e teses, publicados que abordam voltadas a interface Geografia-Literatura como perspectiva de pesquisa (2006-2020)

ARTIGOS		
Autor(es)	Título (Revista, ano)	Sobre o que escrevem
MARANDOLA, Janaina A. M. Silva	<i>O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade!</i> (Geografia, 2006)	O estudo da cidade a partir da narrativa ficcional romanesca.
OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de	<i>A geografia e a literatura: uma reflexão</i> (Geosul, 2008)	Reflexão sobre os elementos convergentes entre a Geografia e a Literatura, sugerindo a possibilidade da Literatura ser utilizada como uma fonte de investigação geográfica.
PINHEIRO NETO, José Elias	<i>Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto</i> (Boletim Campineiro de Geografia, 2012)	Descrição de alguns aspectos da percepção da paisagem no poema <i>Morte e Vida Severina</i> .
PINHEIRO, Robinson Santos	<i>O espaço literário: apontamentos para o diálogo entre geografia e literatura</i> (Geografares, 2013)	Discussão sobre como o ato de criação literária está relacionado ao ato de criar e recriar espaço.
HOHLFELDT, Antonio Carlos; MUNARI, Ana Cláudia	<i>Geografia-geografias: a literatura (felizmente) se ocupa do que a historiografia parece menosprezar</i> (Letras de Hoje, 2014)	Análise historiográfica da narrativa histórica “Noite de reis”, escrita por Manoel Estevão Fernandes Bastos.

SUZUKI, Júlio César	<i>Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos</i> (Revista do centro de pesquisa e formação, 2017)	Análise dos enfoques e abordagens dos debates realizados, principalmente por geógrafos, no estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura no Brasil, com ênfase nos últimos dez anos.
ANJOS, Melissa	<i>Breves apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura</i> (Ateliê Geográfico, 2016)	Discussão teórica acerca da relação entre ciência (Geografia) e arte (Literatura), com o objetivo de proporcionar um melhor entendimento de ambas as disciplinas.
CHAVEIRO, Eguimar Felício; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes; BORGES, Ronan Eustáquio	<i>Geografia e literatura, migração e existência: o transmundo de Monsalim</i> (Geografar, 2019)	Abordagem acerca da relação entre Geografia e Literatura, utilizando como elemento desencadeador o romance “Minha querida Beirute”, escrito por Miguel Jorge.
Vania Kele PINTO, Evangelista; TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset	<i>Geografia, paisagem, literatura e geopatrimônio nas obras de Guimarães Rosa</i> (Ateliê Geográfico, 2019)	Identificação dos elementos notáveis do geopatrimônio do sertão mineiro, especialmente aqueles associados à obra de João Guimarães Rosa.
MARANDOLA JR., Eduardo; CHAVEIRO, Eguimar Felício; GRATÃO, Lúcia Helena Batista	<i>Geografia e literatura: Diálogos e desafios contemporâneos</i> (ANPEGE, 2020)	Um pequeno balanço sobre a produção acadêmica relacionada aos estudos integrativos entre Geografia e Literatura no Brasil.
FEITOSA, Márcia Manir Miguel	<i>Literatura e geografia: Relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência</i> (ANPEGE, 2020)	Estabelece um diálogo entre a Literatura e a Geografia por meio de uma abordagem interdisciplinar, destacando a jornada da autora como pesquisadora na interseção entre Geografia e Literatura, a partir dos estudos literários.
CHAVEIRO, Eguimar Felício	<i>A dimensão literária da geografia e a dimensão política da literatura: A mesma face de uma reflexão múltipla</i> (ANPEGE, 2020)	Busca evidenciar a vertente literária da geografia e a dimensão política da Literatura, a partir de investigações, intercâmbios, eventos acadêmicos e formação de redes de pesquisa.
FERNANDES, Felipe Moura	<i>Uma imagem da produção em geografia e literatura no Brasil</i> (ANPEGE, 2020)	Examina o campo de pesquisa que se dedica a elaborar trabalhos sobre Geografia e Literatura no Brasil.
CAVALCANTE, Tiago Vieira	<i>Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura</i> (ANPEGE, 2020)	Aborda as potencialidades da Geografia literária, destacando que tanto pesquisadores da Geografia quanto da Literatura exploram as diversas conexões entre o espaço e a expressão escrita.
PAULINO, Sibebe	<i>A geografia literária e a voz que vem dos trópicos</i> (ANPEGE, 2020)	Explora o texto literário presente no romance “Tróp(ic)os” e, a partir deste, apresenta uma abordagem para o diálogo entre Geografia e Literatura.
PINHEIRO NETO, José Elias; SUZUKI, Brasil Júlio César; LIMA, André Luiz Martins de	<i>Paisagem e literatura: análises geoliterárias no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto</i> (Geografia, Literatura e Arte, 2020)	Busca apresentar análises, sob o ponto de vista geográfico, derivadas da leitura do poema <i>Morte e Vida Severina</i> , elaborado por João Cabral de Melo Neto.

MORAIS, Jéferson Soares	<i>Diálogos entre geografia e literatura: permanências e transformações na paisagem urbana de Porto Alegre reveladas pelo romance “Os ratos”, de Dyonelio Machado.</i> (RIHGRGS, 2020)	Analisa a paisagem urbana de Porto Alegre do início do século XX utilizando as descrições contidas na obra “Os Ratos” de Dyonelio Machado.
DISSERTAÇÕES		
Autor(es)	Título	Sobre o que escrevem
MARANDOLA, Janaina de Alencar Mota e Silva	<i>Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto</i> (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2007)	Faz uma análise geográfica do poema <i>Morte e Vida Severina</i> de João Cabral de Melo Neto, destacando os elementos que caracterizam sua obra como uma celebração da matéria, da espacialidade e da geograficidade.
SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de	<i>Geografia e literatura: a representação de Goiânia em fragmentos de “Viver é devagar” de Brasigóis Felício</i> (Universidade Federal de Goiás, 2008)	Trata da interseção entre a Geografia e a Literatura por meio da análise da obra “ <i>Viver é devagar</i> ”, do escritor Brasigóis Felício.
PINHEIRO NETO, Jose Elias	<i>Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto</i> (Universidade Federal de Goiás, 2011)	Aborda, a partir de uma perspectiva geográfica, elementos relacionados à percepção da paisagem no poema <i>Morte e Vida Severina</i> , elaborado por João Cabral de Melo Neto.
VELASCO, Patrícia	<i>“Terra seca, homem seco”: as relações entre a Literatura e o Ensino da Geografia</i> (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012)	Analisa a interação entre o ser humano e a natureza por meio da obra <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos, destacando a influência do espaço de vida e da força da paisagem nordestina sobre o estado de espírito, atitude e comportamento das personagens.
FERNANDES, Felipe Moura	<i>Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão / litoral</i> (Universidade de São Paulo, 2017)	Trata acerca da relação entre Geografia e Literatura a partir da obra <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> , de Lima Barreto.
ROSA, Luciano Martins da	<i>Literatura de ficção e Educação Geográfica: Tradição inventada, modelação social e discurso na obra O Continente, de Érico Veríssimo</i> (Universidade Federal de Pelotas, 2019)	Promove, por intermédio da análise do discurso, uma apreciação do primeiro tomo de <i>O Continente</i> , de Érico Veríssimo, em razão de ressaltar as temáticas ligadas à construção do território e do povo gaúcho presentes na referida obra.
GARCIA, Gustavo Gabriel	<i>A Terra Prometida: Geografia E Literatura Enquanto Representação Do Espaço Vivido</i> (Universidade Estadual de Maringá, 2020)	Busca problematizar as relações entre Geografia e Literatura, por meio das obras “ <i>Os Sertões</i> ”, de Euclides da Cunha, e “ <i>Geração do Deserto</i> ”, de Guido Wilmar Sassi, tendo em vista explorar os movimentos messiânicos e a luta pela terra em diferentes regiões do Brasil.

TESES		
Autor(es)	Título	Sobre o que escrevem
DUARTE, Cláudio Roberto	<i>Literatura, geografia e modernização social - Espaço, alienação e morte na literatura moderna</i> (Universidade de São Paulo, 2010)	Analisa as relações entre Literatura moderna, Geografia e Sociedade no processo de modernização social, através do estudo de seis escritores: Charles Baudelaire, Machado de Assis, Joseph Conrad, Franz Kafka, Carlos Drummond de Andrade e João Antônio.
BELO, Evelyn Monari	<i>Imagem: geografia da realidade ou realidade geográfica? Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir da leitura dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade</i> (Universidade Estadual Paulista, 2009)	Compreende uma análise das imagens constituídas a partir da integração de diferentes e múltiplos elementos, que vão desde recursos naturais observados nas paisagens até sentimentos e emoções inerentes à natureza humana, que se constitui com o ato da leitura e, conseqüentemente, da interpretação de textos de caráter didático, literário e científico.
MORAES, Maristela Maria de	<i>Identidade territorial na obra o Continente I de Érico Veríssimo</i> (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2016)	Faz uma análise acerca da identidade territorial, presente na obra <i>O Continente I</i> , de Erico Veríssimo, como elemento importante no processo de formação cidadã do aluno, considerando, para tanto, os conceitos geográficos de espaço, território, lugar e paisagem que serviram de base para analisar a obra.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do Google Acadêmico (2023).

Das obras aqui elencadas, duas delas tratam sobre a “geograficidade”¹¹ do poema *Morte e Vida Severina*, são elas: *Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*, de Janaina Marandola (2006), e *Uma Viagem Paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*, de Pinheiro Neto (2011). Essas pesquisas versam sobre a possibilidade de diálogo entre a Geografia e a Literatura no campo acadêmico e são balizadas na abordagem cultural da Geografia.

Com objetivo de uma leitura geográfica da supracitada obra cabralina, Janaina Marandola, em sua dissertação, *Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*, mergulha sobre o universo das metáforas e imagens geográficas da obra de João Cabral de Melo Neto, considerando, para tanto, os elementos telúricos que o autor guardava em sua memória.

Esta dimensão é trabalhada já no primeiro capítulo, em que a autora procura remontar a trajetória de Melo Neto, passando por sua infância e primeiros passos na Literatura na cidade do Recife, sua atuação como diplomata e os elementos que caracterizam sua poesia (Poética e Estética Cabralina), os quais têm sua origem nas experiências pessoais do autor.

¹¹ O termo geograficidade é usado aqui para dar ênfase a perspectiva que esses estudos expressam, estando todos eles na vertente humanista da Geografia.

No segundo capítulo, os elementos do espaço telúrico do autor são destacados para analisar a composição do poema *Morte e Vida Severina*. Para tanto, são considerados os elementos da narrativa bíblica, do folclore nordestino e da Geografia de Pernambuco como inspirações para a feitura da obra.

O terceiro e último capítulo estão voltados à análise das metáforas e imagens geográficas contidas em três poemas de João Cabral de Melo Neto, a saber: *Morte e vida Severina*, *O cão sem plumas* e *O rio*. Tais poemas guardam uma relação/antropomorfização do rio/homem, todos eles estruturados com base no rio Capibaribe.

A dissertação de José Elias Pinheiro Neto (2011), intitulada *Uma Viagem Paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*, trata-se de um estudo de revisão bibliográfica que objetivou descrever, a partir de um viés geográfico, os aspectos da paisagem presentes no poema *Morte e Vida Severina*.

A pesquisa está dividida em três capítulos, os quais abordam aspectos específicos da relação entre Geografia e Literatura. No primeiro capítulo, discute-se a importância da Literatura como objeto de estudo geográfico, com um enfoque particular na conceituação da paisagem. O segundo capítulo é dedicado à análise da produção literária de João Cabral de Melo Neto, destacando a relevância de sua obra para a Geografia, especialmente à construção poética dos espaços em *Morte e Vida Severina*.

Já no último capítulo, Pinheiro Neto (2011) estabelece um diálogo entre o poema e as categorias geográficas espaço e paisagem, promovendo uma descrição detalhada do espaço e a percepção da paisagem retratada no poema. Além disso, este último capítulo explora as zonas geográficas pernambucanas, contextualizando as mortes e o comportamento humano em relação a elas, e traça um paralelo entre os processos migratórios do período em que a obra foi escrita e àqueles da época em que o trabalho acadêmico foi realizado, aspecto este que interessa diretamente a nossa pesquisa.

Como evidenciado, tanto o estudo de Marandola (2006) quanto o de Pinheiro Neto (2011) analisam o poema *Morte e Vida Severina* a partir da abordagem cultural da Geografia. Já a presente pesquisa, ao buscar analisar como o referido poema subsidia e possibilita a interpretação geográfica das contradições socioespaciais como fator que impulsiona os movimentos migratório, diferencia-se desses estudos ao adotar como fundamento teórico-metodológico a perspectiva do materialismo histórico e dialético.

De acordo com Marandola Jr. (2020, p. 9), tem sido significativa a amplitude que esta interface Geografia e Literatura alcançou nos últimos tempos, expandindo-se além das limitações iniciais dos estudos humanistas e culturais, abrangendo “diversas correntes da

ciência geográfica, ao mesmo tempo em que se estabelece como um domínio distinto tanto na disciplina geográfica quanto na literária”. Na pesquisa acadêmica, a linguagem literária passou também a despertar o interesse da pesquisa na Geografia Escolar, sobretudo, a partir da incorporação de possibilidades teórico-metodológicas para além do positivismo no seu ensino, como veremos a seguir.

1. 3 LITERATURA E ENSINO DE GEOGRAFIA

O aumento do interesse pela Literatura, enquanto linguagem no ensino da Geografia Escolar, deu-se, entre outros aspectos, pela capacidade intrínseca que o campo literário possui de enriquecer as abordagens geográficas no âmbito das temáticas de seu interesse, bem como as possibilidades que se abrem para a compreensão e interpretação do espaço geográfico nas obras literárias no ensino dessa disciplina.

Contudo, para além das formulações teóricas recentes acerca desse interesse pela linguagem literária no ensino de Geografia, é possível dizer que, em alguns casos, isso foi experienciado muito antes. No Brasil, por exemplo, no período colonial, quando os Jesuítas detinham o monopólio da educação, os conhecimentos relativos à Literatura e à Geografia chegaram a estar integrados.

Essa integração é evidenciada por Rocha (2000, p. 130), segundo o qual, nesse período, o ensino ofertado no Brasil pelos Jesuítas possibilitava aproximações entre a Geografia e a Literatura, pois, apesar da primeira não se constituir ainda como uma disciplina escolar específica, os estudos ofertados à época possibilitavam que os alunos tivessem acesso a informações de caráter geográfico por meio da leitura de obras literárias, ao estilo da Geografia Clássica, especialmente em sua abordagem descritiva predominante. Desse modo, os professores costumavam empregar a descrição detalhada de um determinado território e do seu povo como um recurso para melhor elucidar um trecho de uma obra estudada.

O debate em torno da utilização dos textos literários no ensino de Geografia é algo que começa a ganhar forma na segunda metade do século XX. Conforme Brosseau (2007, p. 20), um encontro promovido pela União Geográfica Internacional, em 1972, e alguns artigos publicados durante essa década, deixa claro o interesse pela temática.

Esta questão já estava presente nos escritos de Frémont (1980, p. 260) no limiar da década de 1970, na França, quando ele tece algumas considerações acerca do potencial apresentado pelas produções artísticas, dentre elas, a Literatura, para contribuir não só para as pesquisas acadêmicas, mas também para a mudança da realidade do ensino francês na época.

Ao criticar a Geografia escolar, qualificando-a como fastidiosa, enumerativa e monótona, o referido autor defendeu que, por meio das produções de poetas e romancistas, seria possível torná-la mais “humana”. Então, diante dos dados objetivos e análises quantitativas que caracterizavam essa disciplina na época, a literatura poderia conectar, de forma mais profunda, as pessoas com seus espaços vividos.

Frémont foi ainda mais longe nesta questão, ao apontar o caráter interdisciplinar dessa abordagem. Afirmar ele: “é uma nova Geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à Literatura e à arte e homens de letras a par da geografia” (Frémont, 1980, p. 262).

Tal dimensão interdisciplinar levantada por Frémont dá a tônica do que vem a aproximar a Geografia escolar da Literatura, proporcionando um diálogo enriquecedor entre essas duas disciplinas, tendo em vista que esta última é uma fonte rica de narrativas que capturam a essência do espaço geográfico, configurando a “complementação enriquecedora” a que Monteiro (2002, p. 234) se referiu, ao propor a associação entre ambas como veículo de educação no Ensino Médio.

Cabe ressaltar que, apesar do interesse dos geógrafos pelas produções literárias ser algo que está posto desde os primórdios dessa ciência, como já demonstrado, o seu uso enquanto linguagem no ensino trata-se de uma questão ainda não consolidada e que merece ser refletida.

No contexto da Geografia tradicional ministrada no Brasil, conforme analisado por Farias (2020, p. 19), a abordagem predominante era descritiva e embasada no método positivista. Nesse paradigma, incumbia aos alunos a mera memorização e reprodução de conceitos por meio de exercícios e avaliações. Assim, diante desta constatação, é de se imaginar que a Literatura, segundo essa perspectiva, não se configurava como uma linguagem útil aos fins pedagógicos da época. Por se tratar de uma linguagem subjetiva, não era coerente com uma perspectiva que abraçava a objetividade, a neutralidade e a descrição.

Com a emergência de novos paradigmas para a educação geográfica, esta concepção começa a ser revista, abrindo-se a possibilidade para que os textos literários sejam integrados às práticas pedagógicas dos docentes de Geografia. Esta incorporação assume diferentes abordagens, entre as quais a crítica da realidade socioespacial presente nos textos literários, resultado de reflexões promovidas pelos geógrafos adeptos do materialismo histórico-dialético.

Essa abordagem possui, entre outros aportes, as análises promovidas por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, em especial o texto *Materialismo histórico e o espaço geográfico em Vidas Secas*, que compõe o livro — um marco nesta temática — *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Esta publicação foi e continua sendo de

suma importância para despertar as questões socioespaciais presentes nos textos literários, servindo de embasamento para aqueles que, por meio da leitura e discussão de obras literárias em sala de aula, intentam uma linguagem capaz de representar a realidade de forma verossímil.

Ainda no contexto das abordagens críticas que buscam aproximar a Geografia e a Literatura na sala de aula, vemos que algumas produções literárias, como dito anteriormente, enaltecem a materialidade das relações sociais, trazendo representações muito próximas da realidade as quais lhes servem de ambientação. Isto a torna uma linguagem valiosa, através da qual é possível visualizar, de forma mais ampla, como se dá a apropriação do espaço por parte do ser humano e, assim, compreender a dialética socioespacial.

Neste grupo de textos literários, destacam-se algumas produções de romancistas como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Oswald de Andrade e o próprio autor da obra aqui em análise, João Cabral de Melo Neto. Devido ao alinhamento com os postulados marxistas, inclusive tendo os quatro primeiros integrado os quadros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (Vieira, 2010; Barbosa, 2010), a produção literária destes autores é rica em conteúdo socioespacial. Seus leitores são levados a conhecerem lugares e pessoas que estão imersos em relações sociais de produção, cuja essência não é ocultada, sendo possível abstrair desses textos elementos que lhes servem de suporte para expressar a realidade social concreta.

Tudo isso, sem dúvidas, tem contribuído para que professora(e)s de Geografia venham, cada vez mais, fazendo uso, em suas práticas pedagógicas, dessas produções literárias que explicitam condições sociais concretas dos personagens, como forma de despertar a consciência crítica dos estudantes.

Mais recentemente, à luz dos paradigmas pós-modernos, pós-estruturalistas e pós-críticos, vemos a Literatura assumir um espaço maior nas práticas pedagógicas dos professores de Geografia. Esses paradigmas, conforme nos ressalta Farias (2020, p. 28), orientaram as Ciências Humanas em direção a “análises mais refinadas e de pequenos recortes espaço-temporais, dando destaque às questões mais relacionadas às subjetividades, identidades e diversidades humanas”.

Frente a esses modelos teóricos, algumas abordagens foram feitas pela ciência geográfica, sobretudo pela perspectiva humanista. A ênfase dada, por esta corrente geográfica, às experiências humanas, às relações culturais e à forma como as pessoas percebem e interagem com o espaço, contribui, do mesmo modo, para que a Literatura não apenas se firme como um campo de estudo, mas a potencializa enquanto linguagem a ser incorporada ao ensino de Geografia. Contudo, é necessário dizer que estas abordagens estão pouco preocupadas com a

formação crítica do aluno. Ao lançarem seu olhar sob questões subjetivas como a imaginação e a percepção, omitem o conteúdo social presente nos textos literários.

Ao galgar espaço importante nas práticas dos professores de Geografia, a Literatura passou a ser incorporada nos currículos oficiais do Brasil, com o lançamento dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). O referido documento trouxe apontamentos importantes no sentido de propor a Literatura enquanto linguagem enriquecedora da aprendizagem geográfica. As seções voltadas aos terceiros e quarto ciclos do Ensino Fundamental deixa isso bem claro, ao sugerir que “o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões”, pode ser feito de forma interdisciplinar, sendo a Literatura redescoberta para tanto, tornando-se “possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do Ensino Fundamental, mediante à leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros)” (Brasil, 1998, p. 33).

Como observado, no contexto da Geografia Humanista, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) representam o impulso inicial que possibilita a inclusão da Literatura nas práticas pedagógicas de Geografia no Ensino Fundamental. No entanto, apesar de existirem evidências que ressaltam sua relevância e adequação também para o Ensino Médio, os documentos parametrizadores oficiais do currículo referentes a este nível de ensino não abordam especificamente essa questão.

Diante do limbo normativo que caracteriza a união entre Geografia e Literatura no Ensino Médio, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelecida pela resolução CNE/CP nº 2, de 22, de dezembro de 2017, não apresentou nenhum avanço. Pelo contrário, a BNCC acabou por tornar ainda menos definido o papel que essa linguagem deve desempenhar no ensino de Geografia.

Considerando o contexto em que se deu essa implementação, de acordo com Giroto (2017), os mesmos princípios neoliberais que deram origem aos PCN, não era de se esperar que a referida reforma pudesse trazer tal avanço. Esse documento orientador limitou-se a tratar a Literatura como um elemento contributivo para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, integrando-a aos conhecimentos associados ao pensamento espacial.

Contudo, a forma como o aluno deve operacionalizar para a consolidação desse pensamento é apresentada pela habilidade de “criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras” (Brasil, 2018, p. 370), o que não contempla, nem de perto, o potencial educativo inerente a essa linguagem no ensino de Geografia, independentemente das perspectivas que se deseje adotar.

Como enfatiza Oliveira (2013, p. 82), na contemporaneidade tem sido exigido cada vez mais uma diversificação dos recursos didáticos para o exercício docente em Geografia, exigência esta que assinala a necessidade do uso de uma linguagem contextualizada e reflexiva. Nesse cenário, a Literatura tem se estabelecido como uma importante linguagem para o ensino-aprendizagem nesta disciplina, não configurando-se apenas como uma fonte de prazer, mas como uma forma de conhecer o mundo, de se conhecer toda a grandeza existente nos homens e se reconhecer nela (Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2009).

Tal realidade encontra-se refletida no Quadro 6, o qual demonstra que a articulação entre Literatura e Geografia não se restringe apenas ao ambiente acadêmico, estendendo-se também ao campo do ensino. As pesquisas resultantes desta interrelação abrangem ainda uma ampla variedade de enfoques que procuram significar o conhecimento geográfico ensinado nas escolas por meio das possibilidades abertas pela linguagem literária.

QUADRO 6 – Artigos, dissertações e teses publicados que abordam a interface Geografia-Literatura como perspectiva de ensino-aprendizagem (2012-2022)

ARTIGOS		
Autor(es)	Título (Revista, ano)	Sobre o que escrevem
THEVES, Denise Wildner	<i>Caminhos e passagens que podem ser abertos pelos livros: diálogos entre a geografia e a literatura no ensino fundamental</i> (Percurso, 2012)	Reflexão sobre as práticas de interação pedagógica da Geografia, com o objetivo de buscar uma ação docente que integre o cotidiano dos alunos na sala de aula.
FERREIRA, Cássia de Castro Martins	<i>Ensino de geografia: uma proposta metodológica para o uso da literatura infanto-juvenil na sala de aula, por professores de geografia</i> (Boletim Gaúcho de Geografia, 1999)	Utilização da Literatura juvenil como um recurso complementar ao livro didático no ensino de Geografia.
BERALDI, Francielle Bonfim; FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira	<i>Diálogo necessário entre a geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental</i> (Para Onde!?, 2012)	A relação entre Geografia e Literatura infantil nas séries iniciais do Ensino Fundamental.
SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio	<i>O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética</i> (Caminhos de Geografia, 2014)	Realização de uma discussão teórica com o objetivo de ampliar a discussão e práticas didática e pedagógica no cotidiano da geografia escolar no Ensino Fundamental e Médio.
BRAGA, Helaine da Costa	<i>Diálogos entre Geografia e Literatura nas salas de aula da Educação Básica</i> (Polyphonia, 2016)	Discussão sobre as aproximações entre Geografia e Literatura, com a proposta de inter-relacionar essas duas linguagens como uma maneira de enriquecer as leituras do espaço geográfico nas salas de aula da Educação Básica.
DIAS, Gabriela Klering; DIAS, Liz Cristiane	<i>A literatura como ferramenta para o ensino de geografia física</i>	Discussão da relação entre Geografia Física e a linguagem literária, utilizando como proposta

	(Geosaberes, 2019)	uma prática pedagógica para o Ensino Fundamental.
MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti	<i>A educação geográfica numa perspectiva de interdisciplinaridade: literatura e geografia</i> (Geosaberes, 2020)	Discussão das questões que envolvem as práticas de sala de aula, explorando o viés interdisciplinar da interface entre Geografia e Literatura.
FREITAS, Rafael Alves de; PADILHA, Marcela do Nascimento	<i>Geografia e literatura: um elo possível por meio da obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz</i> (Geofronter, 2020)	Discussão das possibilidades de aplicação de obras literárias no contexto do ensino de Geografia.
MOURA, Aparecido Roberto de; LUDKA, Vanessa Maria	<i>Ensino de geografia por meio da literatura: uma análise da obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos</i> (Pesquisar, 2021)	Analisa o uso da Literatura como ferramenta metodológica para o ensino da Geografia.
CHAVES, Francisca Linara da Silva; CARNEIRO, Rosalvo Nobre	<i>Ensino de geografia e literatura: perspectivas possíveis</i> (Ensino de Geografia, 2022)	Discussão das contribuições da Literatura para o ensino de Geografia na Educação Básica.
DISSERTAÇÕES		
Autor(es)	Título	Sobre o que escrevem
CAMARGO, Aparecida Ramazotti de	<i>Aproximações metodológicas entre a geografia e a literatura</i> (Universidade Estadual de Londrina, 2012)	Aborda as potenciais conexões entre o ensino de Geografia e a análise de obras artísticas e literárias, sugerindo a exploração do romance “ <i>O caso da chácara Chão</i> ”, de Domingos Pelegrini, como parte integrante de uma proposta didática voltada a estudantes de uma escola profissional.
SILVA, Joseilton José de Araujo	<i>A utilização da literatura de cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de geografia</i> (Universidade Federal da Paraíba, 2012)	Analisa as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia.
OLIVEIRA, Maria Francisca Silva de	<i>Geografia e poesia: diálogo possível no ensino da geografia escolar</i> (Universidade Federal do Piauí, 2013)	Analisa as práticas pedagógicas mediadas pelo uso da poesia como um recurso didático não convencional aplicado à Geografia escolar no Ensino Médio, abordando a interação interdisciplinar entre a ciência geográfica e a Literatura, com foco especial no gênero poético.
RAMOS, Ana Carolina Robles de Cara	<i>Caminhos do sertão em Morte e Vida Severina: diálogo entre a geografia e a literatura</i> (Universidade Nove de Julho, 2016)	Aborda a compreensão do espaço geográfico ao examinar a interação entre o discurso literário e o geográfico, adotando uma abordagem cultural da Geografia e focalizando o espaço delineado por João Cabral de Melo Neto em <i>Morte e Vida Severina</i> .
ALMEIDA, Alexandre Dalla Barba de	<i>(Re)leituras geográficas: possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar</i> (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018)	Analisa como a Literatura pode contribuir na construção do conhecimento geográfico enquanto recurso auxiliar no ensino de Geografia, a partir de uma investigação da vida e das obras do autor literário Júlio Verne.

SANTOS, Evyllaine Matias Veloso Ferreira	<i>O ensino da geografia mediado por folhetos de cordel: identidade e memoria cultural</i> (Universidade Estadual da Paraíba, 2018)	Aborda a viabilidade de diálogo entre Geografia e Literatura utilizando a literatura de cordel, sugerindo-a como uma proposta didática interdisciplinar destinada ao ensino das categorias geográficas “Lugar” e “Paisagem”.
CALADO, Felipe Almeida	<i>O ensino de geografia em diálogo com a literatura fantástica/absurda</i> (Faculdade de Formação de Professores – UERJ/FFP, 2018)	Desenvolve um diálogo entre a Geografia e a Literatura considerando a reflexão teórico-metodológica sobre os desafios de promoção da leitura da produção social do espaço no ensino de Geografia.
NASCIMENTO, Daiana Freitas	<i>Análise da paisagem por meio do poema: diálogo para a construção de uma educação geográfica</i> (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019)	Analisa como a construção do conhecimento pode ser realizado no contexto escolar por meio do diálogo entre a Geografia e a Literatura, propondo-se, para tanto, analisar como esse processo dialógico pode permitir ao aluno a ampliação dos modos de ver a paisagem geográfica.
SÁ, Mônica Sebastiana Brito de	<i>Projeto interdisciplinar entre a geografia do Piauí e a literatura piauiense: pela implementação da lei 5.359 de 2003</i> (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2020)	Analisa algumas produções literárias de escritores piauienses, com vistas a abstração de informações geográficas, sociais, econômicas, políticas e culturais nelas contida, como o intuito de propô-las enquanto recurso didático no processo de ensino-aprendizagem em Geografia.
BISCOLA, Talita Gabriela Alda	<i>A literatura infantil de Monteiro Lobato como proposta de recurso didático para o ensino de Geografia</i> (Universidade Estadual do Paraná, 2020)	Considerando o papel que a Literatura exerce na construção do conhecimento geográfico, o texto visa propor o uso da Literatura Infantil como um recurso didático para o Ensino de Geografia.
TESE		
Autor(es)	Título	Sobre o que escrevem
MORAGAS, Rosana Alves Ribas	<i>O (re) significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina</i> (Universidade de São Paulo, 2017)	Busca entender de que forma os poemas de Cora Coralina, poetisa goiana, especificamente os que caracterizam o entendimento do lugar, podem contribuir metodologicamente com os conteúdos da Geografia no Estado de Goiás na Educação Básica.

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; Google Acadêmico (2023).

Entre essas pesquisas, uma, em particular, aborda a produção de João Cabral de Melo Neto sob uma perspectiva educacional. Trata-se de *Caminhos do sertão em Morte e Vida Severina: diálogo entre a geografia e a Literatura*, de Ana Carolina Ramos (2016). Utilizando a abordagem cultural da Geografia, a autora realiza uma revisão bibliográfica com o objetivo de investigar como a Literatura pode contribuir para a aprendizagem do espaço geográfico, tomando como base a obra *Morte e Vida Severina*.

No primeiro capítulo, a autora procura reconstruir a trajetória histórica da abordagem, a qual denomina “Geografia humanista e cultural”. Nesse percurso histórico, ela demonstra como

a Literatura foi incorporada como objeto de estudo geográfico, destacando a preocupação dessa abordagem com o espaço vivido e os princípios fenomenológico-existencialistas que possibilitaram essa aproximação.

No segundo capítulo, fundamentada no conceito de espaço, a autora passa a discutir as convergências entre Geografia e Literatura no contexto da Geografia humanista cultural. No capítulo subsequente, a autora destaca as principais contribuições para a temática no âmbito da referida perspectiva, exemplificadas por autores como Marandola Jr. e Livia de Oliveira. Em uma última abordagem nesta seção, a autora enfatiza a relação entre Literatura, Geografia e ensino, apontando a possibilidade de construir um aprendizado significativo do espaço geográfico a partir dessa confluência.

No quarto e último capítulo, são traçadas as análises geográficas possíveis na obra *Morte e Vida Severina*. Para isso, Ramos (2016, p. 57) parte do entendimento de que, no poema, João Cabal de Melo Neto “faz de sua poesia uma geografia”, ao retratar tanto as características físicas existentes no recorte regional que lhe serve de ambientação como, por meio da subjetividade, expressar “o espaço do homem e sua luta pela vida”. Desse modo, a autora procura evidenciar os benefícios que a Literatura pode trazer para as discussões geográficas, inclusive em sala de aula, como linguagem para o ensino de Geografia.

A nossa pesquisa, além de está ancorada na perspectiva teórico-metodológico do materialismo histórico e dialético, busca algo a mais do que mostrar como a Literatura pode contribuir para o ensino de Geografia. Ao propormos sequências didáticas pautadas nesta interrelação, tendo como linguagem mediadora o poema *Morte e Vida Severina*, vislumbramos potencializar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, apontando possibilidades de aportes teóricos e princípios norteadores com os quais possamos viabilizar uma proposta crítica de ensino-aprendizagem.

Essa integração entre Geografia e Literatura vislumbrada no ensino, como já apontamos, não apenas enriquece a compreensão da disciplina, mas também oferece oportunidades valiosas para tornar o ensino da Geografia mais envolvente e acessível, promovendo uma apreciação mais profunda do mundo ao nosso redor, tanto para estudantes quanto para a comunidade acadêmica.

Quanto a este propósito de se integrar Geografia e Literatura no ensino, há, por parte de alguns teóricos e especialistas, sobretudo do campo literário, o entendimento de que, ao se levar as produções literárias para a sala de aula, com a finalidade que aqui nos propomos de possibilitar a interpretação geográfica de fenômenos espaciais, reduziremos a complexidade e a profundidade do texto, comprometendo suas nuances artísticas e estéticas.

Cabe ressaltar quanto a isso que, ao ser apropriada pela escola, é inevitável que a Literatura se escolarize, ou seja, que haja a didatização ou pedagogização desta no ambiente escolar. Isso porque, conforme ressalta Soares (2006, p. 21), “a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino”, tais como, o “tratamento peculiar dos saberes pela seleção”, ordenação, sequenciação e modo de ensinar e fazer aprender os conteúdos. Tudo isso torna-se inevitável, pois “é da essência da escola, é o processo que a institui e que a constitui”.

Portanto, como explicita a referida autora, não é a escolarização da Literatura que deve ser criticada, pois, ao se tornar um saber escolar, é inevitável que esta não se escolarize. O que deve, de fato, constituir preocupação é a escolarização da Literatura realizada de forma inadequada, “como resultado de uma pedagogização ou didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o” (Soares, 2006, p. 22).

Desse modo, ao sugerirmos o poema *Morte e Vida Severina* como linguagem para o ensino de geografia em uma turma de Ensino Médio da Escola Jornalista José Leal Ramos, localizada na cidade de São João do Cariri/PB, que corresponde ao nosso objeto de estudo, temos ciência de que a didatização será um aspecto intrínseco ao processo de ensino-aprendizagem. Por isso, buscamos, conforme preconiza Soares (2006, p. 25), realizar sua escolarização de forma adequada, ou seja, de modo “que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar”.

Diante do exposto, precisamos salientar que a sugestão de intervenção que nos conduzirá na mediação desta proposta, que é a elaboração e aplicação de sequências didáticas, visa, por meio do uso do conteúdo geográfico contido no poema *Morte e Vida Severina*, promover uma ampla reflexão acerca das contradições socioespaciais que demarcam o espaço geográfico, incluído aí, os espaços de vivências dos alunos. Tais contradições socioespaciais, entre outros aspectos, são capazes de impulsionar os movimentos populacionais, conforme exporemos ao longo desta pesquisa.

É sob esta perspectiva de leitura crítica da realidade, a qual o referido texto literário nos serve de suporte, que acreditamos ser capaz de serem estabelecidas vivências em sala de aula, por meio da articulação entre a Geografia e a Literatura, que promovam uma compreensão mais ampla das relações socioespaciais. Isso, ao nosso ver, é uma oportunidade para que os discentes se engajem com a leitura literária e com a justiça social de forma significativa, crítica e reflexiva. Aspectos estes que consideramos de suma importância aos propósitos de uma formação integral, universal e omnilateral, conforme preconiza Farias (2020).

Portanto, é com a intenção de explorar e fortalecer essa sinergia entre Geografia e Literatura que nos dedicamos a articular esses campos no âmbito desta pesquisa, entendendo que a Literatura, a partir do que até aqui já foi discorrido, pode constituir-se enquanto estratégia pedagógica capaz de potencializar o ensino de Geografia, na busca por uma compreensão mais ampla acerca do mundo que nos cerca.

Tomaremos, enquanto forma de abordagem, em vista da intenção anteriormente descrita, a perspectiva preconizada por Cook (2014) e Silk (1984), a qual Brosseau (2007) trouxe à tona em seus escritos: a Literatura como crítica à realidade ou à ideologia dominante.

Nessa perspectiva, podemos situar o texto de Monteiro (2002), *Materialismo histórico e o espaço geográfico em Vidas Secas*, publicado na obra *O mapa e a trama*, conforme já esboçado anteriormente, no qual o autor reflete sobre as condições materiais de vida e as relações de produção contraditórias que convergem para a marginalização e a falta de cidadania de Fabiano e sua família, personagens centrais na referida obra. Portanto, a fundamentação teórica desse estudo segue o enfoque da leitura crítica da realidade socioespacial que essa trama literária possibilita. Desse modo, alinha-se de maneira precisa com o objeto de estudo dessa pesquisa: o poema *Morte e Vida Severina*.

Ancorada na metodologia da análise de conteúdo, nossa abordagem seguirá tais pressupostos para analisar o referido poema, tendo em vista compreender como ele subsidia e possibilita uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais. Servindo-nos ainda de norte para propor sequências didáticas para auxiliar a compreensão das contradições socioespaciais e dos movimentos populacionais, em diferentes escalas, no ensino de Geografia em uma turma da 2ª Série do Ensino Médio.

Nesse âmbito, cabe ressaltar de partida que há em *Morte e Vida Severina* uma intrínseca materialidade histórica da vida, e até mesmo da morte, que permeia todo o texto poético desta obra, o que nos conduz a concluir que esta é a forma mais apropriada para examiná-la sob o olhar geográfico.

2 A GEOGRAFIA NO POEMA *MORTE E VIDA SEVERINA*: as contradições socioespaciais e o movimento migratório dos Severinos

Seguindo os propósitos deste estudo, objetivamos agora analisar o poema *Morte e Vida Severina*. Para tanto, adotamos a análise de conteúdo como procedimento de pesquisa, uma vez que, por meio desta metodologia, intentamos categorizar e interpretar esta importante obra literária à luz do conhecimento geográfico. Para se chegar aos resultados que serão expostos ao longo do presente estudo, percorremos algumas etapas da proposta de Bardin (1977), a saber: a pré-análise, a exploração do material, a categorização e a análise “propriamente dita” da obra, como sugere essa metodologia de pesquisa.

Durante a pré-análise, realizamos a escolha e a leitura flutuante do texto poético, com objetivo de captar algumas impressões preliminares. Logo após, na fase de exploração do documento, codificamos e categorizamos o seu conteúdo. Nesse procedimento, chegamos até as unidades de registro e de contexto, das quais extraímos as unidades personagem e acontecimento, bem como identificamos os contextos socioeconômico, cultural e geográfico de criação do poema em análise. Durante a categorização, especificamos as categorias geográficas que adotaremos para analisá-lo. São elas: as contradições socioespaciais da produção do espaço e as migrações.

Esse percurso metodológico compreenderá as inferências e interpretações do texto poético à luz da Geografia, que corresponde a etapa final do seu estudo interpretativo. Este movimento tem como objetivo, em última instância, desvendar e compreender as contradições socioespaciais que impulsionam o movimento migratório no poema *Morte e Vida Severina*.

Mediados pelos caminhos metodológicos descritos, analisaremos desde os aspectos que envolvem a feitura do referido poema, com ênfase nos seus elementos contextuais e de autoria, aos que designam a nossa abordagem geográfica da obra, com vistas à compreensão das dinâmicas socioespaciais que ela revela. A abordagem dessas questões no poema *Morte e Vida Severina* encontra-se estruturada ao longo das discussões dessa unidade de forma a permitir ao leitor um mergulho no texto literário através do acompanhamento do fluxo migratório do seu protagonista, o personagem Severino.

Nosso ponto de partida será a contextualização da obra e a visão de mundo do autor, procedimento no qual se buscou mostrar que o poema *Morte e Vida Severina* não pode ser reduzido à pura e simples imaginação, conforme nos advogam autores como Williams (2019) e Cook (2014), pois esta obra revela uma profunda interligação entre a visão de mundo do poeta, suas experiências concretas e a realidade socioespacial nordestina do tempo em que ela foi

produzido, sendo todos esses aspectos revelados ao longo do texto, constituindo, aqui, elementos essenciais para compreendê-lo dentro da abordagem materialista histórica e dialética que nos guia.

Ao nos aprofundarmos no texto poético, iremos examinar, do ponto de vista geográfico, no processo migratório do personagem Severino à luz das contradições socioespaciais presentes em seu local de origem, a “Serra da Costela”, as quais são fatores desencadeadores do seu movimento. Este será o ponto de partida para analisar o êxodo do protagonista do poema, cujo conteúdo descreve o seu percurso orientado pelo rio Capibaribe, que o conduz do Agreste à Zona da Mata pernambucana.

Ao longo dessa trajetória, poremos em evidência os sistemas de objetos e ações que são tornados conhecidos a partir da análise do conteúdo de *Morte e Vida Severina*. Tais sistemas, como disposto em Santos (2013 e 2014), são indissociáveis e constituídos, respectivamente, pelo trabalho humano materializado historicamente nas formas geográficas dos meios de produção e pelas práticas sociais que animam e lhes atribuem dinamismo e funcionalidade.

Nesse aspecto, a estrutura agrária do Agreste e da Zona da Mata e os elementos da organização espacial da cidade do Recife constituem os sistemas de objetos principais que serão aqui analisados. No tocante às ações, enfatizaremos as relações sociais de produção existentes nos referidos espaços, bem como as relações solidárias mantidas entre os habitantes dos mocambos, que também são descritas no texto poético. Estas análises serão embasadas em autores como Furtado (2004), Andrade (2005), Soja (1993), Santos (1993 e 2014), Singer (2022) e Peet (1985).

Para concluir a análise do conteúdo do poema, interpretaremos a chegada de seu personagem principal até o seu destino, a cidade do Recife, considerada, por ele, como sendo a “última Ave Maria do rosário”. Buscamos, também, desvendar as contradições socioespaciais do espaço urbano recifense, o qual Severino se depara e passa a ser sujeito dele. O foco neste momento estará voltado à segregação socioespacial, aspecto marcante da realidade dessa cidade, cuja obra nos ajuda a compreender.

As interpretações, que a partir de agora nos propomos a fazer, constituem, ao nosso ver, uma etapa de extrema importância para a construção final de nossa pesquisa, pois é a partir delas que parte das questões inicialmente levantadas poderão ser respondidas, principalmente de “como o poema *Morte e Vida Severina* pode contribuir para o ensino-aprendizagem de Geografia no tocante à leitura e à compreensão das contradições socioespaciais como desencadeadoras do movimento populacional?”.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O AUTOR E A OBRA

Para compreender o conteúdo geográfico de *Morte e Vida Severina*, torna-se fundamental analisarmos a visão de mundo do seu autor, etapa esta indispensável ao emprego da metodologia de análise aqui empregada. Conforme Cellard (2008, p. 300), este é um dos passos essenciais quando nos pomos a interpretar um texto, pois, ao elucidarmos a identidade do autor, abre-se a possibilidade de se “ler as entrelinhas”, ou seja, compreender o que o levou a escrever desta ou daquela maneira.

No contexto desta pesquisa, esta questão não pode ser negligenciada. Pelo conteúdo socioespacial presente, o poema *Morte e Vida Severina* não pode ser visto exclusivamente como criação ou invenção da mente de um brilhante poeta, mas sim como uma leitura objetiva de um determinado momento da produção espacial, feita por alguém com grande capacidade de leitura do mundo. Dessa forma, acreditamos que uma obra com uma visão materialista dialética tão clara do mundo não pode ser entendida sem considerar o olhar do seu autor para o contexto socioespacial que serve como cenário para a sua escrita poética.

João Cabral de Melo Neto era descendente de famílias de senhores de engenho do Pernambuco¹², tendo, inclusive, passado a infância em parte das terras de propriedade de sua família¹³, onde conheceu amplamente a história de seus antepassados. A partir desse ambiente, conheceu a dura realidade dos retirantes nordestinos que, diante da seca no sertão, desciam o Capibaribe (rio que passava na frente da casa de seu avô, onde ele nasceu) até a Zona da Mata, em busca de emprego nas usinas (Marques, 2021).

Pelos relatos trazidos pelo supracitado autor, a partir de sua biografia, a qual está repleta de relatos sobre a vida de João Cabral de Melo Neto, é possível identificar que foi convivendo entre os engenhos e a casa de seu avô, no Recife, que ele começou a conhecer as contradições que demarcavam aqueles espaços, buscando compreender a existência dos diferentes sujeitos, os quais reaparecem reproduzidos no poema *Morte e Vida Severina*.

Entre esses sujeitos, como relata Marques (2021), intrigou-lhe o primeiro operário de fábrica que conhecera, pois, como podia um homem que vestia “paletó, gravata, chapéu e sapatos”, andar a pé, não possuindo cavalo para lhe conduzir de Moreno ao engenho de seu pai?

¹² Tanto o pai, Antônio Cabral de Melo, quanto a mãe, Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo, descendiam de latifundiários da Zona da Mata pernambucana. Contudo, como ressalta Marques (2021, p. 32), o menino João Cabral de Melo Neto não recebeu uma educação rígida e autoritária típica do patriarcado rural de sua época. Ao contrário, foi formado de forma aberta e democrática.

¹³ Semanas após nascer no bairro da Jaqueira, em 1920, João Cabral de Melo Neto foi levado do Recife para o engenho Poço do Aleixo, de propriedade de seu pai.

Até então só havia conhecido “duas classes de pessoas: a dos senhores de engenho, à qual pertencia, e a dos trabalhadores descalços” (Marques, 2021, p.35). Por meio dessas experiências vividas, marcadas pelos contrastes e contradições socioespaciais, como visto, o menino João Cabral de Melo Neto foi formando sua consciência crítica, algo que, mais tarde, o conduziria a elaboração do poema foco desta pesquisa.

Com 10 anos de idade, o menino João Cabral de Melo Neto expandiria sua perspectiva de leitura do contexto socioespacial. Segundo Marques (2021), em decorrência da perseguição política sofrida pelo pai, na ocasião da revolução de 1930, sua família vai morar de vez em Recife. Foi nesta cidade que João Cabral de Melo Neto recebeu uma das melhores formações educacionais possíveis para a época. Contudo, apesar de ter recebido boa formação científica e se tornado fluente em inglês e francês, a rigidez que recebera da formação cristã oferecida pelo Colégio Marista o fez ter aversão aos religiosos, tornando-se declaradamente ateu e materialista (Marques, 2021).

Tal concepção das coisas o levaria, no campo literário, a produzir uma escrita marcadamente objetiva que contemplava a realidade tangível e rejeitava a subjetividade. Neste aspecto, Albuquerque Jr. (2011, p. 284) destaca que a obra de João Cabral de Melo Neto “nasce do trabalho de construção e não da simples inspiração”.

Ainda de acordo com o referido pesquisador (Albuquerque Jr., 2011, p. 282), a linguagem, para João Cabral de Melo Neto, deveria ser usada de modo a imitar e não encobrir a realidade. Isso fica muito evidente a partir do que traz Secchin (2020), no prefácio de *João Cabral de Melo Neto: poesia completa*. Segundo este crítico literário, o autor “declarava que, quando pronunciava a palavra ‘mesa’ ou a palavra ‘microfone’, todos sabiam do que se tratava”. Contudo, o mesmo não pode ser visto com a palavra “‘beleza’, ‘amor’ ou ‘saudade’”, pois, “cada um iria entendê-las de um modo particular, impedindo, pela polissemia, a dimensão univocamente compartilhável a que ele aspirava”. Ainda segundo o autor, além da classe dos substantivos, havia, também, “adjetivos concretos: ‘torto’ e ‘áspero’ seriam concretos; ‘belo’ e ‘inteligente’, abstratos” (Secchin, 2020, p. 10).

Como destaca Albuquerque Jr. (2011, p. 289), João Cabral de Melo Neto se diferenciava ao renegar a tradição familiar de senhores de engenho. Por isso, ele explicitava, em sua produção literária, a alienação do trabalhador do engenho. Como veremos ao longo deste estudo, essa visão de mundo do autor é um dos traços marcantes presente no poema em estudo.

Ao analisarmos a biografia de João Cabral de Melo Neto, vemos que sua consciência política, que demarca sua produção literária, foi profundamente ampliada a partir das vivências

como vice-cônsul, função que exerceu em Barcelona, a partir de 1947. Na Espanha, João Cabral de Melo Neto conheceu um ambiente político-social que lhe deixou marcas profundas.

Conforme Marques (2021), sua condição de membro da embaixada brasileira lhe deu a imunidade necessária para ter acesso a alguns artistas, bem como obras literárias, que passavam por um processo de silenciamento imposto pela ditadura franquista. Destaca-se nesse rol o pintor e escultor Roan Miró e o poeta Joan Brossa, que haviam sido cerceados pela ditadura de Franco. Com ambos manteve um vínculo de amizade que lhe rendeu ainda mais inspiração para a arte engajada. Sua amizade com Joan Brossa, por exemplo, o levou a estreitar vínculos com um grupo de vanguardista catalão, o “*Dual al Set*”. Este grupo lançaria uma revista clandestina de mesmo nome, chegando João Cabral de Melo Neto a publicar parte de seus poemas neste veículo.

Ainda de acordo com Marques (2021), já nos últimos anos em que viveu no Rio de Janeiro, era crescente o interesse por parte do poeta pela teoria Marxista, entusiasmando-se em “defender o compromisso social e a arte engajada”, fazendo, assim, a conexão da arte com a política. Na Espanha, Cabral buscava converter jovens artistas à linha do materialismo histórico e dialético, estes incomodados, como ele, com o atraso cultural imposto pela ditadura do General Franco. Segundo o que conta o seu biógrafo, para tentar engajar esses jovens, indicava-lhes obras de viés marxista, a exemplo dos discursos de Stálin (Marques, 2021, p. 173).

Diante do exposto, observa-se que a conexão intrínseca, destacada por Williams (2019), entre as relações sociais e o conteúdo literário expresso por um autor, manifesta-se na obra *Morte e Vida Severina*. Essa produção literária, evidencia, portanto, a sua visão de mundo. Aspecto este que, pelo que até agora mostramos, vincula-se ao materialismo histórico e dialético. Assim, não é possível sustentar que o verdadeiro sentido da obra do referido autor esteja dado ao subjetivismo, a interpretação pessoal de quem ler. Portanto, para se compreender a produção literária cabralina, é preciso partir da dimensão da realidade concreta, sendo as sub-regiões da região Nordeste os cenários (as unidades socioespaciais) para a sua obra.

Ao abordar essa realidade, como denota Albuquerque Jr. (2011), João Cabral de Melo Neto procura revelar o Nordeste real. Diríamos mais, trazendo em sua produção os principais elementos que o caracterizam enquanto espaço demarcado pelas contradições. Para o referido autor (2011), na literatura cabralina, o sertão é exposto com suas privações, violência e pela vida difícil, conquistada a duras penas. A Zona da Mata aparece como força diluidora, em que

os engenhos simbolizam o atraso, o arcaísmo e a miséria; a usina, a força devoradora de tudo (terras, canas, engenhos, homens e vidas); e a cidade, surge com seus espaços escorregadios¹⁴.

Assim sendo, fica claro que o poeta apresentou em sua produção literária uma leitura regional compatível com sua visão de mundo. Ao lançar seu olhar sobre a pobreza material, abundante em todos os recortes espaciais mencionados anteriormente, contribui para que sejam reveladas as contradições neles existentes, sendo as mesmas imprescindíveis para a interpretação da realidade socioespacial à luz da dialética materialista. Essa visão de mundo do autor está estampada com muita clareza no poema *Morte e Vida Severina*.

O poema, cuja primeira publicação ocorreu em 1955, trata-se, ao mesmo tempo, de um auto de Natal (auto de Natal pernambucano) e um poema dramático. De acordo com Albuquerque Jr. (2011, p. 285), o poeta incorporou, em seu texto poético, alguns elementos da cultura popular nordestina, como a poesia de cordel e o próprio estilo auto de Natal, ao qual pertence. Como destaca Marques (2021, p.54-55), acrescenta-se a estes elementos os cantos de “incelências¹⁵”, típicos dos cantadores locais. Contudo, subverte-os na forma histórica em que eles foram utilizados na Literatura, para dar-lhes um tom crítico com a contemplação das questões sociais e políticas que afligiam o Nordeste na primeira metade do século XX.

De forma semelhante, aproveitou as fontes literárias ibéricas com as quais teve contato na ocasião em que viveu nessa região, incluindo-as como transposições e referências no poema *Morte e Vida Severina*. Exemplos disso são: os monólogos do retirante Severino, extraídos do romance castelhano; a cena do enterro na rede, inspirada na tradição catalã; a mulher da janela, provinda do folclore português; a reiteração dos nomes do diálogo com Mestre Carpina, seguindo o modelo de “tenção galega”; anedotas, que ouvira na Espanha, como a que trata “mais sorte tem o defunto, pois não fará de volta a caminhada”, sendo aludida aos mandados de execução dos inimigos do General Franco na cidade de Sória, entre outras (Marques, 2021).

Além disso, acreditamos que a ironia fina, como destaca Albuquerque Jr. (2011, p. 286), ou o humor ácido, presente em alguns versos do poema, estão atrelados, segundo a característica

¹⁴ A produção poética de João Cabral de Melo Neto põe em evidência os elementos marcantes da realidade socioespacial da Zona da Mata, o mangue, a lama podre e a classe trabalhadora que afunda cada vez mais nesse espaço. Assim, a sua poesia pretende ressecar o atoleiro o qual o mangue simboliza, “fazer aflorar, da lama enganadora das cidades, das suas relações sociais e de sua produção discursiva, o verdadeiro Nordeste” (Albuquerque Jr., 2011, p.287).

¹⁵ As “Incelências” são cânticos fúnebres que têm sua origem no Catolicismo popular. Estes são entoados ao lado de defuntos, ao longo da noite, em vigílias. Essas canções que têm o propósito de incitar os moribundos ao arrependimento de seus pecados ou de guiar a alma do falecido ao cuidado dos Anjos e Santos, conduzindo-a até a entrada no céu (Santana, 2011, p. 87).

descrita por Marques (2021, p. 316), ao Surrealismo, movimento este muito em voga no período em que o autor morou na Espanha.

Escrito para ser uma peça teatral, gênero que o tornou bastante conhecido, sobretudo por meio da montagem feita pelo Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA), o texto poético gira em torno de um personagem principal, Severino, que, diante das condições de exploração, miséria e violência em que se encontrava em seu lugar de origem, o sertão, resolve migrar para a cidade, com a intenção de melhorar suas condições de vida.

O referido poema encontra-se estruturado em 18 quadros e 1215 versos, com monólogos e diálogos (Muzart, 1981, p. 34), nos quais é conhecida a história do processo migratório de Severino, desde seu espaço de origem, na Serra da Costela, onde cresceu, passando pelos campos e vilas por onde se dá o seu deslocamento, até, finalmente, chegar a Recife, cidade em que conhece a dura realidade dos mocambos, onde o personagem passa a residir.

Neste poema, João Cabral de Melo Neto realiza uma transmutação da história bíblica para a realidade socioespacial do Nordeste brasileiro da primeira metade do século XX. A análise do texto revela as marcas do gênero auto de Natal no poema, sendo possível identificar que a história, sobretudo, a partir da chegada do retirante Severino ao mangue, ganha o enredo da narrativa bíblica que conta o nascimento do menino Jesus numa simples manjedoura. Além disso, podemos encontrar numerosos referenciais da fé católica ao longo do texto. A recorrência de termos como ladainha, rosário, Maria (mãe de Jesus), novena, Jordão (rio Jordão) e contos reforça essa interpretação.

Frisamos, contudo, que o texto vai muito além dessas referências religiosas. Diferentemente das concepções trazidas pelos textos bíblicos, nessa adaptação, os processos socioespaciais e seus atores são reinterpretados em novos contextos. Como destaca Albuquerque Jr. (2011, p. 289), em *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto “toma a forma do auto de Natal para, em vez de afirmar a esperança na vida eterna, na vida após a morte, no nascimento do Salvador”, como o alude o texto bíblico, “afirmar a esperança na vida terrena, mesmo que esta seja severina”.

Dessa forma, bem mais do que evocar reflexões sobre fé e esperança, o texto se distancia das narrativas transcendentais típicas da crença religiosa, aproximando-se das determinações histórico-espaciais que definem a sociedade. A morte e a vida severina, neste contexto, trata-se da materialidade da vida dos inúmeros grupos sociais que não detêm o controle dos meios de produção e que, diante dessa condição histórica, encontram-se excluídos social e espacialmente nas diversas áreas dos espaços rurais e urbanos.

O poema, portanto, expõe a realidade vivenciada nos dois espaços que lhe servem de ambientação, iluminando os atores sociais excluídos tanto no campo quanto na grande cidade, bem como revelando as contradições socioespaciais marcadas pela concentração fundiária rural, pelos conflitos pela posse da terra e pela exclusão socioespacial urbana. Essas dimensões da trama evidenciam o contexto socioespacial da época em que o poema foi escrito, permitindo conhecer as relações sociais de produção, as configurações e os conteúdos espaciais marcados pelas injustiças, desigualdades e violência, o que permite uma interpretação geográfica crítica da realidade na obra.

Tal realidade socioespacial foi vivenciada de perto pelo autor, enquanto residia em Pernambuco. De acordo com Marques (2021, p. 254), o período em que Cabral esteve no estado foi marcado por intensos conflitos entre latifundiários e trabalhadores, culminando, posteriormente, na formação da primeira Liga Camponesa do Nordeste¹⁶, movimento este que se tornou um símbolo da luta pela reforma agrária no Brasil.

Considerando a visão de mundo do autor, sua posição ideológica era declaradamente marxista, podendo-se afirmar, portanto, que o poema *Morte e Vida Severina* expressa essa sua vinculação a essa matriz teórica. Isso foi observado por Marques (2021, p. 174), ao declarar que “o interesse pelo comunismo o levou a submeter sua própria poesia a uma crítica radical”.

A partir da análise da obra, é possível notar as marcas da visão de mundo de João Cabral de Melo Neto em seu texto poético. Ao olhar perspicaz do autor, a situação vivenciada pela população pobre do Nordeste é apresentada em suas múltiplas formas de exploração e opressão, contribuindo para desnudar as dinâmicas e injustiças socioespaciais. A ironia que muitas vezes seus versos assumem, potencializam a sua crítica às estruturas socioespaciais, enquanto elementos contraditórios que perpetuam a miséria e segrega os mais pobres, tirando-lhes as condições de uma vida mais digna.

Outra marca da visão materialista do autor que podemos ressaltar é a presença de lutas de classes que permeia diversas passagens do poema, marcadamente entre latifundiários e trabalhadores rurais que disputam a posse da terra ou, ainda, no espaço urbano, em vista da

¹⁶ As Ligas Camponesas consistiram em associações de trabalhadores rurais (foreiros, meeiros, arrendatários e pequenos proprietários), que, desde 1945 buscavam reconhecimento legal enquanto organização da sociedade civil. Contudo, foi somente em 1955 que tomaram impulso, a partir de um movimento iniciado, no engenho Galileia, no município de Vitória de Santo Antão, nos limites entre o Agreste e a Zona da Mata de Pernambuco. Sob influência das ideias difundidas pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), a organização popular propunha em seu estatuto desde a arrecadação de recursos para enterrar os mortos, que eram enterrados em vala comum, a aquisição de insumos agrícolas e aberturas de escolas primárias, algo que também era negado aos moradores do referido engenho. As Ligas se difundiriam posteriormente para a Paraíba, Rio de Janeiro e Goiás, sendo debeladas após o fim do governo de João Goulart em 1964, com o golpe civil/militar que implantou a ditadura no Brasil até 1985(CPDOC/FGV, 2024).

conquista de melhores condições de trabalho, renda e moradia. Todas essas questões são suscitadas pelo autor, em consonância com a realidade vivenciada por ele quando ainda residia em Pernambuco, tirando deste contexto socioespacial conteúdo substancial para compor o poema.

Contudo, a partir da análise do poema, percebemos que *Morte e Vida Severina* vai além de expressar essa dinâmica como resultado único e específico do conflito de classe entre latifundiários, trabalhadores rurais sem terra e minifundiários, representados pelos “Severinos” que se tornam conhecidos ao longo da obra. Todo o enredo desenvolvido em seus versos provoca reflexões geográficas acerca de como as contradições existentes no espaço e nas relações sociais de produção intrínsecas, são condições de produção/reprodução desse espaço, reafirmando as desigualdades socioeconômicas.

Nessa senda, a interpretação das contradições socioespaciais que o poema revela pode ser norteadora para a compreensão da dinâmica espacial, por se tratar de variáveis importantes das forças motrizes da produção/reprodução do espaço, principalmente nas sociedades divididas em classes. Essa perspectiva pode ser compreendida geograficamente a partir da concepção de espaço delineada por Santos (2014, p. 63), para o qual, consiste em “um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Nesse sentido, o espaço é composto pelos objetos artificiais criados pelo trabalho humano e os objetos naturais, e as ações/relações sociais, ou seja, a vida que os anima.

Sendo o espaço o resultado das relações sociais de produção, conforme assevera Silva (2001, p-18-19), as contradições estão intrínsecas ao próprio devir espacial, pois o próprio processo produtivo é por natureza contraditório. Contradição esta que se dá ante o fato de que é o homem genérico que produz, mas como o faz mediante a própria transformação de sua força de trabalho em mercadoria, não é ele, enquanto produtor direto, o proprietário do que foi produzido, mas sim, o seu produtor indireto, o patrão, que comprou a sua força de trabalho (Silva, 2001). Está dada, a partir do exposto, a contradição originária do processo de produção espacial.

Temos em vista que as contradições não se encerram no nível das relações sociais de produção, mas elas são parte integrante da própria estrutura do espaço organizado, entendida aqui como sistemas indissociáveis de objetos e ações. Segundo Soja (1993, p. 99), a estrutura espacial constitui “um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas que são simultaneamente sociais e espaciais”. Portanto, há “uma homologia espacial correspondente com as relações de classe tradicionalmente definidas, e, por

consequente, com as contingências do conflito de classes e da transformação estrutural” (Soja, 1993, p. 99). A análise do conteúdo do poema procura evidenciar essa dialética socioespacial.

2. 2 A PRIMEIRA AVE MARIA DO ROSÁRIO: a Serra da Costela e seus “Severinos”

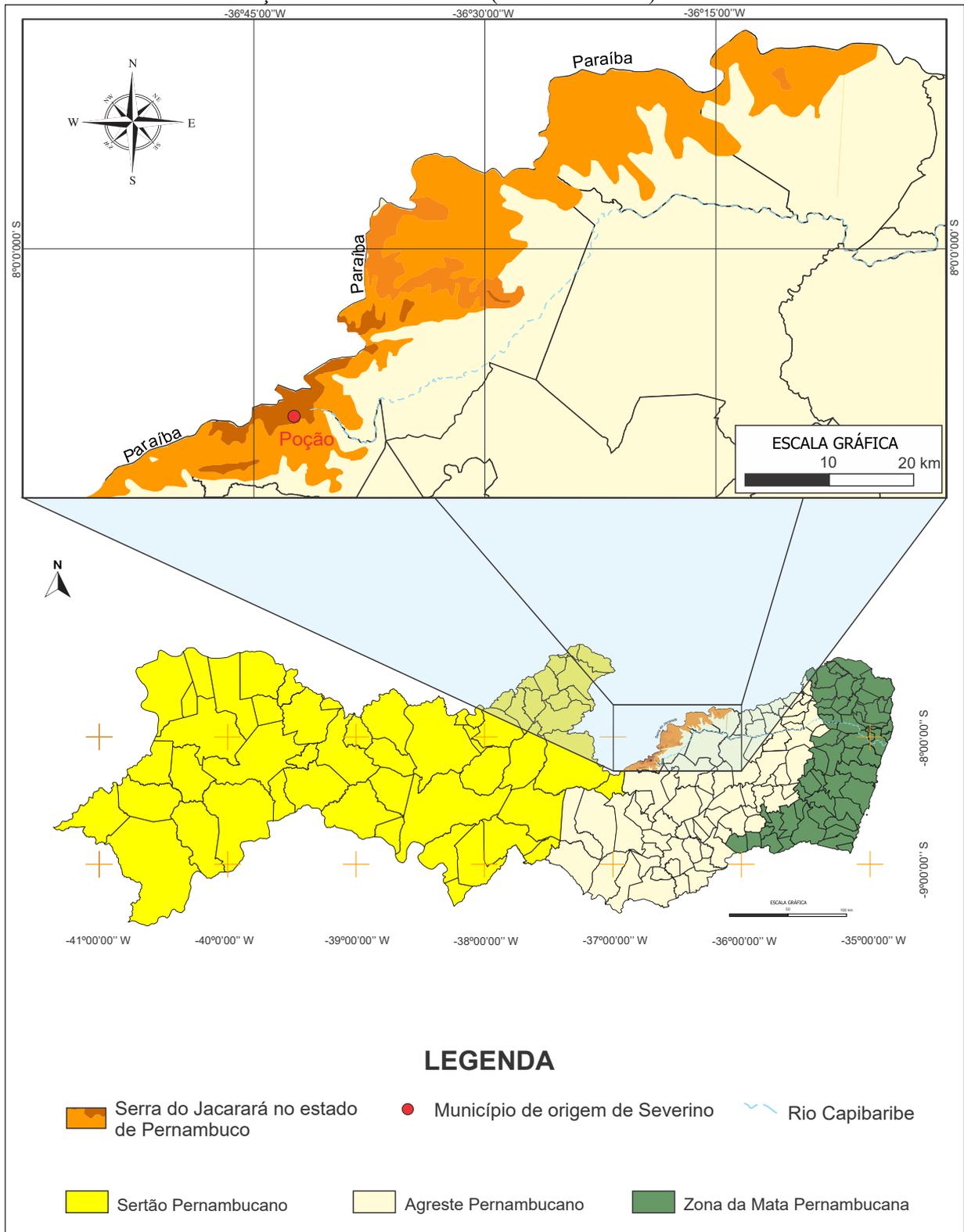
A origem do processo migratório do personagem Severino no poema em análise, dá-se na “serra da Costela”, situada, segundo o próprio personagem, nos “limites da Paraíba”. A referida serra trata-se de uma elevação do relevo localizada entre o estado da Paraíba e o de Pernambuco. Em “*Viagem às terras que inspiraram a obra Morte e Vida Severina*”, Sakamoto (2002, p. 277) afirma existir poucas referências acerca dos locais por onde Severino tenha passado em seu processo de migração até a cidade do Recife. O referido autor afirma ainda que o topônimo “serra da Costela,” utilizado por João Cabral de Melo Neto, trata-se de um local fictício, contudo, nos oferece importantes referências literária e geográfica que nos permitem uma localização aproximada do espaço que inspirou o referido poeta.

Como referência literária é citada no referido estudo, o poema “*O Rio*”, no qual João Cabral de Melo Neto descreve a viagem do rio Capibaribe, da sua nascente até a cidade do Recife, percurso este também seguido pelo retirante. Logo na primeira estrofe de “*O Rio*” podemos encontrar a seguinte referência geográfica:

<i>Sempre pensara em ir caminho do mar. Para os bichos e rios nascer já é caminhar. Eu não sei o que os rios têm de homem do mar; sei que se sente o mesmo e exigente chamar. Eu já nasci descendo</i>	<i>a serra que se diz do Jacarará, entre caraibeiras de que só sei por ouvir contar (pois, também como gente, não consigo me lembrar dessas primeiras léguas de meu caminhar). (Melo Neto, 2007, p. 19)</i>
--	--

Como aponta Sakamoto, é na Serra do Jacarará (Figura 2) que ambas as histórias começam. Portanto, este é o ponto de partida do rio Capibaribe e do personagem Severino. A utilização do topônimo fictício “serra da Costela” para essa localidade, contudo, pode estar relacionado, sobretudo, ao conjunto dos aspectos socioespaciais que caracterizavam este espaço na época em que João Cabral de Melo Neto escreveu as obras mencionadas, sendo usado de forma metafórica para designar as dificuldades e condições adversas que caracterizava o contexto dos habitantes que ali residiam na primeira metade do século XX.

FIGURA 2 – Localização da Serra do Jacarará (Serra da Costela) no Estado de Pernambuco



Fonte: Elaboração própria, 2024.

A “Serra da Costela”, nesse sentido, assume uma conotação social que está associada à magreza resultante da escassez de insumos básicos, de condições mínimas de subsistência para os “Severinos” que ali moravam. Assim sendo, a carência econômica que caracteriza o espaço

de origem de Severino designa a existência na “serra da Costela” de causas estruturais que, conforme os teóricos que estudam a mobilidade populacional, a exemplo de Singer (2022), atuam de forma decisiva como forças de repulsão populacional.

Para compreender tais fatores, como veremos, torna-se indispensável analisar as contradições socioespaciais que são reveladas no poema. Estas são vistas em *Morte e Vida Severina* desde o espaço de origem de Severino, projetando-se ao longo do seu trajeto até o seu destino: a cidade do Recife. A análise dessas contradições se inicia a partir dos dois primeiros quadros do poema, os quais denominamos de *Primeira parte do poema: o espaço de origem e o início do fluxo migratório de Severino*, apresentada no Quadro 7.

QUADRO 7 – Primeira parte do poema: o espaço de origem e o início do fluxo migratório de Severino

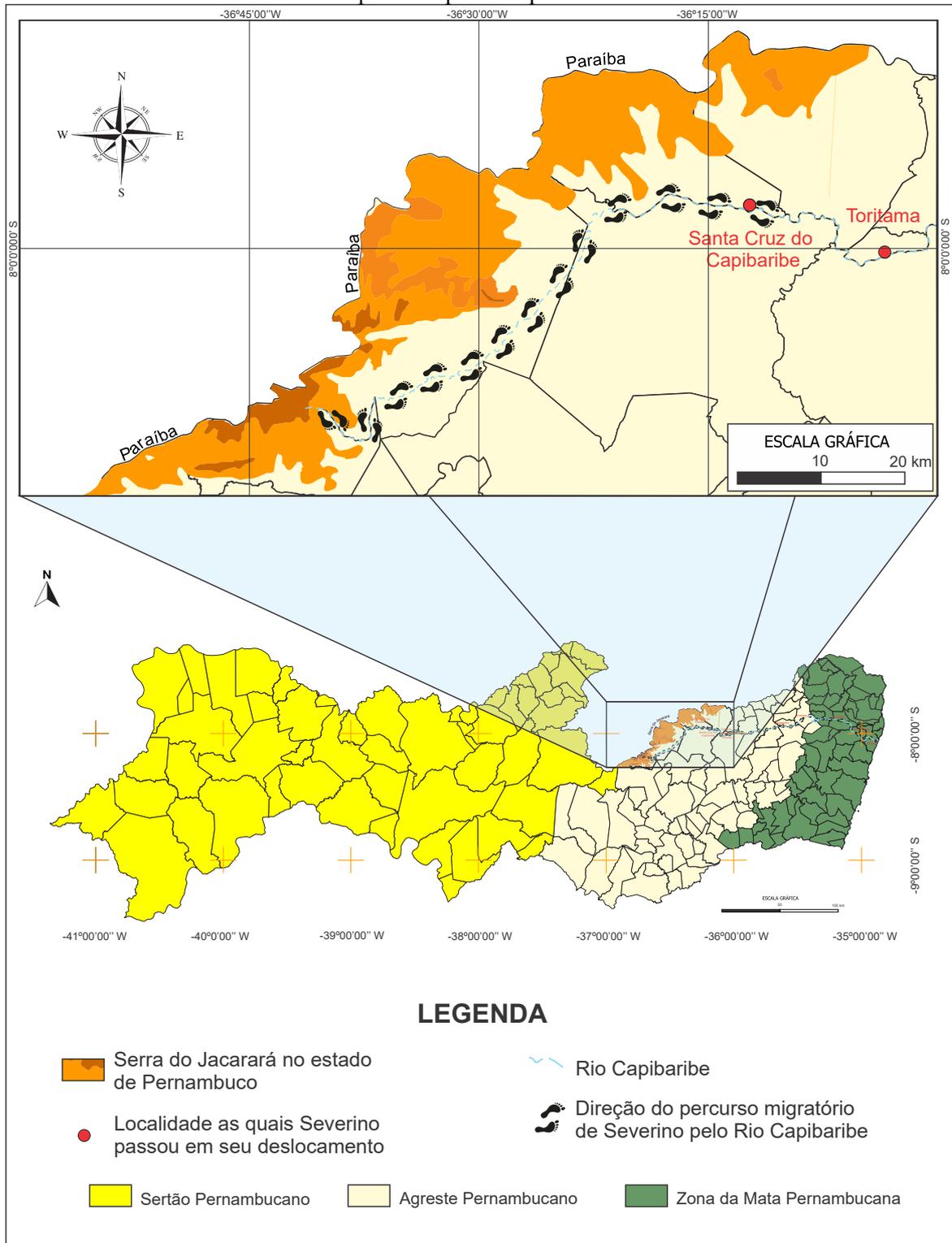
<p>O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI</p> <p>— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mais isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem falo ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos</p>	<p>iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar alguns roçado da cinza. Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra.</p> <p>ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE, AOS GRITOS DE “Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUEM MATEI NÃO!”</p> <p>A quem estais carregando, irmãos das almas, embrulhado nessa rede? dizei que eu saiba. A um defunto de nada, irmão das almas, que há muitas horas viaja à sua morada. E sabeis quem era ele,</p>	<p>irmãos das almas, sabeis como ele se chama ou se chamava? Severino Lavrador, irmão das almas, Severino Lavrador, mas já não lavra. — E de onde que o estais trazendo, irmãos das almas, onde foi que começou vossa jornada? — Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, onde uma terra que não dá nem planta brava. — E foi morrida essa morte, irmãos das almas, essa foi morte morrida ou foi matada? — Até que não foi morrida, irmão das almas, esta foi morte matada, numa emboscada. — E o que guardava a emboscada, irmão das almas e com que foi que o mataram, com faca ou bala? — Este foi morto de bala, irmão das almas, mas garantido é de bala, mais longe vara. — E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele soltou essa ave-bala? — Ali é difícil dizer, irmão das almas, sempre há uma bala voando desocupada. — E o que havia ele feito irmãos das almas, e o que havia ele feito</p>
--	--	--

<p>contra a tal pássara? — Ter um hectare de terra, irmão das almas, de pedra e areia lavada que cultivava. — Mas que roças que ele tinha, irmãos das almas que podia ele plantar na pedra avara? — Nos magros lábios de areia, irmão das almas, os intervalos das pedras, plantava palha. — E era grande sua lavoura, irmãos das almas, lavoura de muitas covas, tão cobiçada? — Tinha somente dez quadras, irmão das almas, todas nos ombros da serra, nenhuma várzea. — Mas então por que o mataram, irmãos das almas, mas então por que o mataram com espingarda? — Queria mais espalhar-se,</p>	<p>irmão das almas, queria voar mais livre essa ave-bala. — E agora o que passará, irmãos das almas, o que é que acontecerá contra a espingarda? — Mais campo tem para soltar, irmão das almas, tem mais onde fazer voar as filhas-bala. — E onde o levais a enterrar, irmãos das almas, com a semente do chumbo que tem guardada? — Ao cemitério de Torres, irmão das almas, que hoje se diz Toritama, de madrugada. — E poderei ajudar, irmãos das almas? vou passar por Toritama, é minha estrada. — Bem que poderá ajudar, irmão das almas, é irmão das almas quem ouve</p>	<p>nossa chamada. — E um de nós pode voltar, irmão das almas, pode voltar daqui mesmo para sua casa. — Vou eu que a viagem é longa, irmãos das almas, é muito longa a viagem e a serra é alta. — Mais sorte tem o defunto irmãos das almas, pois já não fará na volta a caminhada. — Toritama não cai longe, irmãos das almas, seremos no campo santo de madrugada. — Partamos enquanto é noite irmãos das almas, que é o melhor lençol dos mortos noite fechada.</p>
---	--	---

Fonte: Melo Neto (2007, p. 91-97).

Como recorte analítico inicial do texto poético, delimitamos espacialmente o trecho do trajeto percorrido pelo personagem Severino, conforme descrito no Quadro 7. Tal segmento, estende-se do espaço de origem do fluxo migratório do protagonista do poema até o ponto em que ele se aproxima de Toritama, conforme ilustrado na Figura 3.

FIGURA 3 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira parte do poema¹⁷



Fonte: Elaboração própria, 2024.

¹⁷ Os pontos representativos das sedes municipais dispostos no mapa estão nomeados de acordo com a nomenclatura e condição político-administrativa utilizada atualmente. Os municípios atuais de Poção, Santa Cruz do Capibaribe permaneceram até 1953 como distritos, respectivamente, dos municípios de Pesqueira e Taquaritinga. Já o município de Toritama, tem sua instalação em 1954, desvinculando-se de Taquaritinga do Norte, de quem era distrito. Ainda sobre o município de Toritama, é importante frisar que, até 1943, ele era conhecido como Torres,

O mapa acima representa o espaço geográfico descrito na primeira parte do poema *Morte e Vida Severina*. Por meio dele, podemos localizar o ponto de partida do personagem principal, Severino, e acompanhar o seu deslocamento até Toritama, uma das poucas referências geográficas que João Cabral de Melo Neto nos deixou nessa obra. O ponto de partida de Severino, como já afirmamos, é a Serra da Costela (Serra do Jacarará), localizada nos “limites da Paraíba”. É a partir deste lugar do Agreste Pernambucano que a história do personagem começa a ser contada. História esta que se inicia com a apresentação dos elementos socioespaciais que configuram grande parte do Agreste nordestino. É a partir deste ponto, ainda, que passamos a conhecer as contradições socioespaciais existentes neste subespaço à época em que o texto literário sob análise foi escrito.

Nesse aspecto, um dos primeiros traços marcantes que evidencia as contradições socioespaciais é a estrutura agrária, enquanto sistema de objetos, apresentada pelo autor ao longo de todo o poema, revelando a profunda concentração da propriedade da terra, conforme vemos nos versos a seguir:

<i>[...] Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem falo ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias,</i>	<i>lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia.</i>
---	--

(Melo Neto, 2007, p. 91-92)

Como visto, a presença marcante do latifúndio aparece pela primeira vez no poema pela alusão que o autor faz aos “coronéis” e “sesmarias”, elementos estes que demonstram que a concentração de terras está na origem do processo de organização espacial do sertão nordestino, em particular do Agreste pernambucano, cujas relações sociais de produção são trazidas à tona pelo conteúdo do poema.

Por outro lado, compondo o sistema contraditório e indissolúvel de objetos e ações, aparece a pequena propriedade atrelada a condições pouco satisfatórias de produção e reprodução social, a qual se encontra relacionada a “serra/ magra e ossuda” (Melo Neto, 2007, p. 92), revelando as condições desiguais dos minifúndios em relação aos latifúndios.

Como observado no trecho do poema, as pequenas propriedades apresentam condições mínimas para garantir a reprodução material de seus moradores. Ao contrário das grandes

propriedades, que possuem vastas áreas para cultivo e criação de gado e, por conseguinte, garantem a reprodução material de seus mandatários. Nesse contexto, conforme atesta Furtado (2004, p. 126), os desprovidos da terra e os pequenos proprietários encontravam-se limitados em suas possibilidades econômicas, restando-lhes apenas a garantia de sua subsistência. Dessa forma, diante das condições que caracterizam o espaço retratado no poema, Severino é a representação mais fiel da população vulnerável, que se via obrigada a oferecer sua força de trabalho em troca de uma alimentação escassa.

Para além desse aspecto, outras passagens vão ao encontro dessa compreensão, a exemplo da citada a seguir:

*“Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza”.*

(Melo Neto, 2007, p. 92-93)

Nos trechos do poema transcritos acima, João Cabral de Melo Neto adentra na raiz da problemática econômica, social e política do espaço agrário em questão. A forma como se deu historicamente a organização do espaço agrário nordestino teve profundas implicações nos processos que viriam a ser vivenciados durante a primeira metade do século XX no campo, sendo seus reflexos sentidos posteriormente na cidade, como ainda discutiremos nesta pesquisa.

Para iniciar esta discussão, é importante destacar que o processo de ocupação do interior nordestino, ocorrido durante a segunda metade do século XVII, esteve profundamente associado à atividade açucareira desenvolvida na Zona da Mata. Conforme Furtado (2004, p. 63), este processo se inicia com a separação das atividades agrícolas (plantio do açúcar) e a criatória (criação de gado no interior dos engenhos). Em razão da forte expansão da atividade açucareira, durante toda a primeira metade do século XVII, e da necessidade crescente de animais de tiro no interior das unidades produtivas, o governo português proibiu o desenvolvimento da criação de gado na faixa litorânea.

Diante desta proibição, a atividade criatória, essencial ao funcionamento dos engenhos, precisou ser deslocada para as áreas semiáridas do Nordeste. Ainda segundo Furtado (2004), tal processo é, no início, demarcado muito mais pela incorporação de terra do que pela ocupação de pessoas na referida atividade. Contudo, com a crise da atividade açucareira, ocorrida na

segunda metade do século XVII, em decorrência da concorrência imposta pelo açúcar produzido nas Antilhas, novos fluxos migratórios foram registrados em direção ao Agreste e ao Sertão e, com isso, à medida que a economia litorânea entrava em colapso, o interior nordestino tornava-se um espaço por excelência para o desenvolvimento de uma economia de subsistência, principalmente, através da atividade de gado.

Desde o início, dominou nessas áreas, nas quais, como dito, o espaço agrestino se insere e de onde o retirante Severino inicia sua migração, o regime das grandes propriedades, as “sesmarias¹⁸” que, como o poema deixa margem para a interpretação, consistiam, no início da colonização, em grandes porções territoriais distribuídas pela coroa portuguesa aos senhores de terra que se aventuravam em desbravar os sertões em busca de espalhar seus gados.

Segundo Andrade (2005), nelas, o gado era criado solto, ocupando grandes extensões territoriais e sem grandes necessidades de mão de obra, conferindo, tanto ao Agreste quanto ao Sertão, o caráter de atividade econômica ligada essencialmente ao latifúndio, sendo apenas subsidiariamente utilizadas para a agricultura. Com a efetivação dessa atividade, como mostra Furtado (2004, p. 68), esse domínio passou a atrair um número crescente de indivíduos oriundos do setor açucareiro em crise, tornando o acesso à terra progressivamente mais precário à medida que mais pessoas eram incorporadas.

Mais tarde, no século XVIII, como aponta Andrade (2005), em razão de uma nova perspectiva econômica aberta em decorrência da Guerra de Secessão, que retirou momentaneamente os EUA do mercado mundial de fibras algodoeiras, novas dinâmicas populacionais foram registradas no sertão nordestino. Conhecido como surto algodoeiro, o desenvolvimento da cotonicultura por pequenos, médios e grandes produtores e, principalmente, pelas possibilidades do cultivo do algodão em consórcio com a pecuária, levaria a um grande incremento populacional desse espaço.

Passado o referido surto, com o reestabelecimento do mercado estadunidense, a problemática social se aprofundaria ainda mais e traria sérios desafios para as camadas sociais menos favorecidas, as quais os “Severinos” integram, tornando-os ainda mais precarizados em suas condições de produção e de subsistência.

Esse agravamento nas condições de vida da população trabalhadora do campo culmina no quadro socioeconômico que é registrado nos versos do poema *Morte e Vida Severina*, e,

¹⁸ De acordo com Andrade (2005, p. 153), as primeiras sesmarias doadas nas ribeiras do rio Capibaribe “tinha quase sempre três léguas de comprimento por uma de largura, ou seja, uma extensão superior a 10.000 hectares”.

como visto, apresenta essa relação direta com a forma como historicamente as terras foram apropriadas e usadas pelos que ali viviam.

Essa realidade agrária permaneceu intocada, mesmo durante o surto algodoeiro. Embora tenha aberto oportunidades de renda para aqueles que não possuíam terras, o monopólio fundiário, concentrado nas mãos de poucos, continuava a manter a maioria subjugada ao controle das grandes propriedades e da sua principal atividade, a pecuária. Daí em diante, como dito, as condições de vida das camadas populares que viviam nestes espaços e se encontravam expropriados total ou parcialmente dos meios de produção, ficaram ainda mais precarizadas.

Para entendermos melhor sobre esta condição, Silva (2001, p. 82) destaca que, quanto mais concentrada for a posse da terra, mais renda capitalizada e potencial de capital serão direcionados para as mãos de poucos, concentrando o poder e retirando da maioria “o direito de ter o meio fundamental para exercer uma atividade agrícola que garanta sua reprodução”. Tal condição se dá pelo fato de a renda fundiária está limitada em suas possibilidades.

Segundo o exposto, a grande maioria dos que ali vivia estava limitada, ou mesmo expropriada, de suas possibilidades de usufruir da renda fundiária. Sem a propriedade da terra, tornar impossível obtê-la, pois não havia renda fundiária absoluta. Conforme alude Kautsky (1986), apenas os proprietários de terra têm acesso a essa renda, que surge do controle que exercem sobre os preços de uso dessas terras e dos produtos agrícolas nelas produzidos. Sem a propriedade da terra e tendo que arrendá-la de terceiros, o trabalhador podia ser privado da renda diferencial. Como veremos adiante, as melhores terras nem sempre estavam disponíveis para arrendamento e, assim, a renda diferencial, a qual depende da fertilidade da terra e de onde ela esteja situada geograficamente (Kautsky, 1986, p. 71), estaria comprometida.

Sem uma ou as duas rendas, e com o monopólio da terra concentrado nas mãos de poucos, restaria quase nada de renda a apoderar-se nesse contexto agrário. As condições das pessoas residentes nessas áreas seriam ínfimas, impossibilitando a reprodução socioespacial fora dos moldes já estabelecidos.

Tais condições socioespaciais demarcaram parte do contexto que serviu de referência para que João Cabral de Melo Neto desenvolvesse o poema *Morte e Vida Severina*, condições estas em que o sistema pecuário sertanejo sempre relegou a grande maioria dos que ali se estabeleceu a viver de favor ou em terras cujas condições de produção não lhes permitiam desfrutar de melhores situações de produtividade e, conseqüentemente, de renda. Diante do exposto, as contradições socioespaciais existentes no espaço agrário em questão são frutos da forma que historicamente se deu a ocupação e usufruto desigual da terra por parte dos seus proprietários, agregados e assalariados.

O poema, como veremos mais adiante, põe-se a revelar todos esses aspectos, materializados a partir da condição precária em que se encontram os “Severinos” da Serra da Costela. Para melhor compreensão dessa condição, bem como a interpretação das contradições socioespaciais que a obra literária supracitada revela, consideramos indispensável distinguir a posição ocupada por cada um desses atores no interior do arranjo do sistema de objetos e ações.

Com base nos escritos de Prado Jr. (2004, p. 159), percebemos que a posição específica do agregado, seja ele meeiro, foreiro, morador, rendeiro ou minifundiário, colocava-o em uma situação de dependência em relação ao proprietário, pois mantinha com este uma relação de “vassalagem e prestação de pequenos serviços” em troca do “direito de se estabelecer e explorar uma parte inaproveitada” da terra. Parte dos elementos que caracteriza esta relação de produção é evidenciada no texto literário analisado no trecho a seguir:

— *Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas
que podia ele plantar
na pedra avara?*
— *Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.*

(Melo Neto, 2007, p. 95)

Como o recorte textual revela, está implícita a condição em que um dos sujeitos mantinha uma relação de “troca” com um grande proprietário. Considerando a realidade das relações de produção no sertão nordestino, que exploraremos mais adiante, é possível inferir que a situação representada no fragmento ilustra a prática de seção da terra pela palha, os restolhos dos cultivos, inclusive, o do algodão, uma relação econômica muito comum no passado e que permitia o uso da terra pelos lavradores pobres.

Em *Morte e Vida Severina*, seu personagem principal é a representação dessas classes expropriadas dos meios de produção. Tanto o protagonista da história quanto os demais “Severinos” que são conhecidos ao longo da narrativa, como no caso citado anteriormente, personificam esses sujeitos os quais trazem à tona as relações sociais de produção existentes e, conseqüentemente, as contradições desse espaço que o poema revela.

Para compreendermos melhor essa realidade contraditória, é crucial destacar que, ao longo do tempo, surgiram e coexistiram no espaço agrário do sertão nordestino diversas formas de relações de produção. Assim, desenvolveram-se inúmeras “parcerias” entre proprietários de terras e seus agregados, além de relações assalariadas entre eles. Em todas elas encontramos as

marcas das desigualdades de condições para a reprodução social dos sujeitos destituídos da posse ou propriedade da terra. Foi se apropriando delas que João Cabral de Melo Neto compôs a obra aqui em análise.

Sobre essa questão, Andrade (2005) enfatiza que, ainda no início, quando havia grandes extensões de terras e poucos braços para lidar com elas, os vaqueiros correspondiam à força produtiva que garantia o manejo da atividade pecuária. Recebia seu pagamento, não em dinheiro, mas pela transferência de parte dos animais que prosperara na fazenda. Assim, a meação, quarteação, dentre outras formas, possibilitava que o pobre vaqueiro ascendesse socialmente à medida que poderia vislumbrar um dia se tornar também fazendeiro.

Com o passar do tempo, à proporção que a incorporação de novas terras foram se esgotando e novas dinâmicas socioeconômicas foram acontecendo, as relações foram se tornando cada vez mais injustas. Esses novos contextos fizeram surgir novas formas de relação, agora capitalizadas¹⁹, que levaram os agregados e assalariados a uma maior exploração, resultando na formação de uma massa humana que empobrecia cada vez mais.

Destaca-se, nesse processo, conforme aponta Andrade (2005), a proletarização do vaqueiro, que o impede de ascender socialmente; a sujeição dos moradores, tendo que trabalhar com salários baixíssimos e prestar dias de trabalho gratuitos para o patrão; as relações econômicas mantidas entre o fazendeiro e os rendeiros, que pagavam ou forneciam o restolho da produção agrícola ao dono da terra em troca de um chão para lavrar; e, a sujeição dos foreiros que, para cultivarem as lavouras de subsistência, pagavam o aluguel da terra ou servia ao fazendeiro alguns dias gratuitos, relação essa também conhecida por “condição” ou “cambão”.

Os sistemas de objetos existentes, em conjunto com os sistemas de ações deles resultado e resultante, constituem o espaço geográfico onde uma parcela significativa da população nordestina vivia com condições mínimas de subsistência e sujeita às mais variadas formas de exploração, sendo esta realidade tratada por João Cabral de Melo Neto em seu poema, conforme exposto a seguir:

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas*

*e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:*

¹⁹ Como faz suscitar Andrade (2005), a expansão de relações assalariadas de trabalho no campo se deu ainda na primeira metade do século XX, tendo como um dos fatores, no sertão nordestino, a escassez das terras para expansão e o arraçoamento do rebanho bovino que levaram os grandes produtores rurais a reverem as práticas pré-capitalistas como a meação, quarteação e a sorte.

*que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçados da cinza.*

(Melo Neto, 2007, p. 92-93)

Como visto no trecho do poema acima, o personagem “Severino” representa a coletividade dos atores sociais que descrevemos anteriormente. Desse modo, o uso do nome Severino no plural, (“Severinos”), é uma forma do autor relacioná-lo a tantos outros grupos de pessoas que compartilham das mesmas condições difíceis de vida, mediante as condições socioespaciais encontradas no interior nordestino da época. Essas dificuldades se acentuavam devido à “terra sempre mais extinta”, como afirmado no texto, referindo-se às pequenas propriedades que se tornam cada vez mais escassas em virtude dos crescentes processos de concentração fundiária ou, até mesmo, ao fato de que, como demonstra Andrade (2005), com o tempo, os piores espaços passaram a ser cedidos para que os agregados pudessem produzir as suas lavouras.

Esses aspectos, conforme trata Singer (2022, p. 37-38), constituem fatores de expulsão populacional, característico do Agreste nordestino, os quais são classificados pelo referido autor como fatores de estagnação²⁰. Diante desses fatores ocorre a “estagnação ou mesmo deterioração das condições de vida, funcionando, às vezes, como “viveiros de mão de obra” para os latifundiários e grandes explorações agrícolas capitalistas” (Singer, 2022, p. 39).

Em *Morte e Vida Severina*, a forma como seu autor representa as camadas sociais rurais desprovidas dos meios de produção e as relações sociais de produção a que estavam sujeitas, sugerem que tais fatores culminam para que os “Severinos” compartilhem entre si as marcas da miséria em que estão submetidos nas propriedades rurais. Nos termos descritos pelo autor, os “Severinos” são todos iguais, mas não se trata de uma igualdade jurídica ou econômica, mas sim a igualdade de carência, o que pode ser tomado como uma crítica ácida do autor à situação posta.

A condição miserável dessa gente é bem caracterizada na obra, conforme vemos no trecho do poema destacado anteriormente. Devido a essa condição, as pessoas apresentam

²⁰ Os fatores de estagnação manifestam-se, segundo Singer (2022, p. 37-38), “sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável como pela monopolização de grande parte da mesma pelos grandes proprietários”.

cabeças desproporcionais em relação aos corpos franzinos, ventres crescidos, pernas finas e sangue com pouca tinta, metáfora feita em relação à anemia causada pela desnutrição decorrente da carência alimentar que, juntamente com as moléstias, ceifavam inúmeras vidas, independentemente da idade das pessoas.

Outro aspecto que chama a atenção no poema é a referência aos tipos de morte a que os “Severinos” estavam propensos. Além da questão da pauperização econômica, a “morte severina” abrange aspectos relacionados à violência decorrente de conflitos pela posse da terra. Essa situação denota a extrema vulnerabilidade e falta de proteção das camadas sociais desprovidas, que não podiam sequer defender a própria vida com autonomia.

No segundo quadro do poema, que narra o encontro de Severino com dois homens que carregam um defunto numa rede, o autor ilustra a questão da “morte severina” com o exemplo de um lavrador morto em um desses conflitos. Na referida passagem, o diálogo de Severino com estes homens aponta que a morte, em decorrência de conflitos por terra, era algo comum no espaço agrário do sertão, visto isto a partir do verso “— Ali é difícil dizer, / irmão das almas, / sempre há uma bala voando/ desocupada”.

O diálogo que segue ilustra bem a questão acerca da valorização da terra e, por conseguinte, da disputa pela sua posse. Nesse contexto, os personagens especulam sobre as razões que levaram o lavrador a ser assassinado. A resposta que recebe é que ele dispunha de “um hectare de terra [...] de pedra e areia lavada/ que cultivava” a qual despertou a cobiça do latifundiário que queria ter mais campos para poder expandir seu domínio.

Ao analisar o processo de expansão fundiária, Silva (2001) destaca outros meios utilizados pelos grandes proprietários para expropriar o pequeno produtor de suas terras, tais como empecilhos ao crédito subsidiado, interferência direta na produção e barreiras à comercialização. A autora acrescenta que, diante dessas práticas, o pequeno proprietário “é forçado a vender sua terra”, criando as condições necessárias para que o grande produtor, ao concentrar mais terras, também concentre mais renda. Essa dinâmica é um aspecto importante do êxodo rural (Silva, 2001, p. 80).

Como visto, a estrutura agrária e o seu uso como forma de reprodução das classes sociais rurais é, em *Morte e Vida Severina*, habilmente utilizada pelo autor como uma lente para explorar as disparidades socioespaciais presentes na realidade retratada, destacando as condições desfavoráveis enfrentadas pelos menos favorecidos. Destaca-se entre estes atores sociais, os pequenos proprietários, os trabalhadores de eito e demais formas de parcerias, como a meação, a terça e a quarta, assim compreendidos, conforme Oliveira (2007, p. 60), os camponeses que “dividem o produto de seu trabalho com os proprietários da terra”.

O movimento dialético que emerge da coexistência entre latifundiários/latifúndio e grandes /pequenos produtores, além dos atores sociais destituídos da posse da terra (meeiros, posseiros, moradores, foreiros, rendeiros e moradores de condição), conforme retratado no poema, revela as contradições socioespaciais que desencadeiam fenômenos conducentes à reprodução socioespacial caracterizada pela desigualdade entre os sujeitos sociais. Essa dinâmica desigual e combinada, lida na perspectiva da contraditoriedade e indissociabilidade dos sistemas de objetos e ações, tem impactos significativos nas classes desfavorecidas, das quais os “Severinos” fazem parte. Nesses termos, as contradições socioespaciais evidenciadas no poema, revelam-se no acesso desigual aos recursos disponíveis distribuídos, notadamente a terra e sua renda, o que gera e recrudesce a miséria dos menos favorecidos.

Peet (1985) enriquece nossa interpretação geográfica do poema, quando afirma que a maneira como o homem interage com o espaço e, por conseguinte, com seus recursos, desempenha um papel crucial na definição das oportunidades ao longo da vida. Segundo ele (Peet, 1985, p. 265), da mesma maneira “que o sistema capitalista de produção origina uma estrutura de classes social hierárquica, assim também proporciona meios ambientes diferenciados de recursos sociais, nos quais cada classe se reproduz a si mesma”.

Essa perspectiva é central no poema, sendo os vários “Severinos” apresentados fortemente impactados pelas desigualdades históricas de acesso aos recursos socioespaciais, resultando em uma existência marcada por condições mínimas de reprodução material. Portanto, a condição social vivenciada por Severino não pode estar dissociada do contexto geográfico ao qual pertence.

Nestes termos, a descrição dos “Severinos” no poema de João Cabral de Melo Neto oferece uma representação precisa da condição histórica e social prevalente no espaço agrário do interior nordestino na primeira metade do século XX. Esta realidade foi abundantemente explorada por inúmeros estudiosos e artistas, entre os quais, Cândido Portinari que, por meio da pintura “Os Retirantes”, retratou, ainda na primeira metade da década de 1940 (Figura 4), a situação miserável em que migravam as famílias em busca de melhores condições de vida.

FIGURA 4 – Pintura Retirantes, de Candido Portinari



PORTINARI (1944). Pintura em óleo sobre tela.

Dessa forma, os sistemas de objetos aqui descritos, em sua relação contraditória com os sistemas de ações, constituem o espaço geográfico de onde uma parcela significativa da população nordestina, durante o período em que João Cabral de Melo Neto escreveu o poema, migrou em busca de melhores condições de vida que julgava ser possível encontrar nos grandes centros urbanos.

O fenômeno migratório registrado nas porções interioranas do Nordeste no período acima mencionado pode, portanto, ser caracterizado como de motivo econômico²¹, ou seja, está relacionada, conforme nos aponta Martins e Vanalli (2021, p. 9), a busca por melhores condições de vida em decorrência da expropriação de seus meios de produção em seu espaço de origem. Além da expropriação, como parte da concentração da propriedade da terra, Damiani (2022, p. 41) acrescenta a exploração do trabalhador, como aspectos principais que justificam a ocorrência das migrações.

²¹ Além dos motivos econômicos, Martins e Vanalli (2021, p. 35), citam como fatores que levam as pessoas a saírem de seus lugares de origem, perseguições (religiosa, étnica e políticas) e desastres naturais (terremotos, vulcões, maremotos, secas, chuvas). Podemos destacar ainda, conforme afirma Becker (2012, p. 322), os movimentos pendulares para trabalho e/ou estudo.

Diante do exposto, o fenômeno migratório descrito configura-se como um processo decorrente de questões de ordem social, econômica e política existentes no espaço de origem dos migrantes. Assim, de acordo com Singer (2022), o que demanda a busca por melhores condições de vida não é a pura e simples vontade individual do migrante, mas os condicionantes macrossociais. Esse fator de migração é bem ilustrado no poema *Morte e Vida Severina*.

Como visto até aqui, essas condições históricas citadas acima estavam postas no contexto socioespacial do interior nordestino à época em que o poema *Morte e Vida Severina* foi escrito, sendo elas largamente explorados pelo autor para compô-lo. Assim sendo, mediante a impossibilidade de reprodução material da vida, em vista das contingências de um espaço geográfico desigual, Severino busca novas formas de garantir a sua existência. É nesse contexto que ele resolve migrar, conforme observamos no trecho a seguir:

*O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.*

(Melo Neto, 2007, p. 111-112)

É importante frisar, diante as muitas questões geográficas que a obra de João Cabral de Melo Neto suscita, que a migração de “Severino” não pode ser enxergada de forma dissociada ao processo migratório em direção aos grandes centros urbanos em decorrência do desenvolvimento industrial brasileiro que se intensificou no começo da segunda metade do século XX. Tal aspecto não escapou ao olhar do autor.

Esse processo teve como consequência uma acentuação ainda maior das desigualdades socioespaciais existentes no Brasil, especialmente entre os espaços regionais, e entre o campo e a cidade. Valendo-se do que Santos (2008, p. 301) afirma acerca do fenômeno da mobilidade humana, entendemos que a chave para a sua compreensão está justamente na situação de desigualdade espacial, a qual foi aprofundada com o desenvolvimento industrial.

Nesse sentido, conforme enfatiza Santos (2014, p. 106), a transformação da “organização do espaço cria novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento”, passando, assim, a desenvolver um papel ativo, participando dialeticamente com a sociedade dos processos evolutivos do espaço.

Essa dialética socioespacial, no entendimento de Soja (1993, p. 99), dar-se ante a existência de uma correspondente homologia espaço-classe, que “pode ser verificada na divisão regionalizada do espaço organizado em centros dominantes e periferias subordinadas, de desenvolvimento geograficamente desigual”.

A ideia central contida na homologia espaço-classe descrita pelo autor, interpretado aqui como o sistema indissolúvel, solidário e contraditório de objetos e ações (Santos, 2014), está no fato de que, sendo o espaço socialmente construído, este participa na continuação das desigualdades de classe existentes no interior da sociedade. Dessa forma, as condições de vida, o acesso a recursos e oportunidades vão variar significativamente de acordo com os níveis de desigualdade existentes no sistema de ações (as relações sociais) e o sistema de objetos funciona como suporte ativo nesse processo.

2.3 O RIO CAPIBARIBE COMO A LINHA DO ROSÁRIO QUE ORIENTA O PERCURSO DE SEVERINO: a vida que arde com a mesma chama mortífera

Conforme já afirmado, o poema em análise trata-se de um auto de Natal ambientado no contexto socioespacial do estado de Pernambuco da época em que seu autor o escreveu. Seguindo essa composição, João Cabral de Melo Neto faz diversas associações entre elementos da fé católica ao longo do texto literário. Em uma delas, surge a metáfora do rio Capibaribe como “linha do rosário”, formando, junto com as contas (arruados, cidades e vilas), o rosário de que trata o autor.

Dessa forma, o rio Capibaribe é um elemento importante no contexto do poema em questão. Ele serve como “linha” ou caminho pelo qual Severino procura se guiar em seu deslocamento. Esse percurso, seguido pelo personagem, foi o mesmo utilizado pelos conquistadores das terras semiáridas pernambucanas no início de seu processo de ocupação. É certo, no entanto, que na época em que o poema foi escrito já existiam outras rotas que possibilitavam a mesma viagem com o uso de veículos motorizados, diferentemente dos primeiros ocupantes que o fizeram em lombos de animais ou a pé, como fez Severino. Contudo, para percorrê-las, seria necessário que o migrante possuísse algum recurso monetário, o que, como mostram as análises até aqui realizadas, não era a realidade para a maioria dessas pessoas.

Considerando tal aspecto, o Capibaribe representa para Severino a linha do rosário que liga seu ponto de partida ao de chegada, “o caminho mais certo”, como ele coloca. Embora por naturezas distintas (o Capibaribe, pelo declive natural entre a sua nascente e foz, e o retirante,

pelo desnivelamento social), ambos são levados a realizar a mesma jornada, chegando no final desta, ao mesmo destino, o mangue da cidade do Recife.

Isso posto, trataremos de analisar geograficamente essa longa caminhada de Severino seguindo o curso do Capibaribe até a Zona da Mata. Neste trajeto continuaremos a expor as contradições socioespaciais que o poema revela, refletindo como elas corroboram para o quadro social dos demais “Severinos” que a análise do conteúdo do poema sugere. Para que possamos conduzir tal perspectiva de abordagem do texto poético, apresentamos o trecho a seguir (Quadro 8).

QUADRO 8 – Segundo parte do poema: a migração de Severino pelo Capibaribe até a Zona da Mata

<p>O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR POR SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO</p> <p>- Antes de sair de casa aprendi a ladainha das vilas que vou passar na minha longa descida. Sei que há muitas vilas grandes, cidades que elas são ditas; sei que há simples arruados, sei que há vilas pequeninas, todas formando um rosário cujas contas fossem vilas, de que a estrada fosse a linha. Devo rezar tal rosário até o mar onde termina, saltando de conta em conta, passando de vila em vila. Vejo agora: não é fácil seguir essa ladainha; entre uma conta e outra conta, entre uma e outra ave-maria, há certas paragens brancas, de planta e bicho vazias, vazias até de donos, e onde o pé se descaminha. Não desejo emaranhar o fio de minha linha nem que se enrede no pêlo hirsuto desta caatinga. Pensei que seguindo o rio eu jamais me perderia: ele é o caminho mais certo, de todos o melhor guia. Mas como segui-lo agora que interrompeu a descida? Vejo que o Capibaribe, como os rios lá de cima, é tão pobre que nem sempre pode cumprir sua sina e no verão também corta, com pernas que não caminham.</p>	<p>Tenho que saber agora qual a verdadeira via entre essas que escancaradas frente a mim se multiplicam. Mas não vejo almas aqui, nem almas mortas nem vivas; ouço somente à distância o que parece cantoria. Será novena de santo, será algum mês-de-Maria; quem sabe até se uma festa ou uma dança não seria?</p> <p>NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI PARODIANDO A PALAVRAS DOS CANTADORES</p> <p>- Finado Severino, quando passares em Jordão e o demônios te atalharem perguntando o que é que levas... - Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição. - Finado Severino, etc... - Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação. - Finado Severino, etc... - Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves. - Uma excelência dizendo que a hora é hora. - Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora. - Duas excelências... -...dizendo é a hora da plantação. - Ajunta os carregadores... -...que a terra vai colher a mão.</p>	<p>CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA.</p> <p>- Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira). Penso agora: mas por que parar aqui eu não podia e como Capibaribe interromper minha linha? ao menos até que as águas de uma próxima invernia me levem direto ao mar ao refazer sua rotina? Na verdade, por uns tempos, parar aqui eu bem podia e retomar a viagem quando vencesse a fadiga. Ou será que aqui cortando agora minha descida já não poderei seguir nunca mais em minha vida? (será que a água destes poços é toda aqui consumida pelas roças, pelos bichos, pelo sol com suas línguas? será que quando chegar o rio da nova invernia um resto de água no antigo sobrarão nos poços ainda?)</p>
---	---	---

Mas isso depois verei:
tempo há para que decida;
primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva.
Vejo uma mulher na janela,
ali, que se não é rica,
parece remediada
ou dona de sua vida:
vou saber se de trabalho
poderá me dar notícia.

DIRIGE-SE À MULHER NA
JANELA QUE DEPOIS,
DESCOBRE TRATAR-SE DE
QUEM SE SABERÁ

- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.
- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazias por lá?
- Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar;
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.
- Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém
sei combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;
diga-me ainda, compadre
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavras
pela seca faça solar.

- Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá;
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear;
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.
- Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas
de um bangüê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.
- Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?
- Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá;
mas o sol, de sol a sol,
bem se aprende a suportar.
- Mas isso então será tudo
em que sabe trabalhar?
vamos, diga, retirante,
outras coisas saberá.
- Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
- Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
- E ainda se me permite
que volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?

- É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.
- E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?
- De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.
- E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim nesse lugar?
- Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazemos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear

O RETIRANTE CHEGA À ZONA
DA MATA, QUE O FAZ PENSAR,
OUTRA VEZ, EM INTERROMPER
A VIAGEM.

- Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quando mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira

Quem sabe se nesta terra
 não plantarei minha sina?
 Não tenho medo de terra
 (cavei pedra toda a vida),
 e para quem lutou a braço
 contra a piçarra da Caatinga
 será fácil amansar
 esta aqui, tão feminina.
 Mas não avisto ninguém,
 só folhas de cana fina;
 somente ali à distância
 aquele bueiro de usina;
 somente naquela várzea
 um bangüê velho em ruína.
 Por onde andar a gente
 que tantas canas cultiva?
 Feriando: que nesta terra
 tão fácil, tão doce e rica,
 não é preciso trabalhar
 todas as horas do dia,
 os dias todos do mês,
 os meses todos da vida.
 Decerto a gente daqui
 jamais envelhece aos trinta
 nem sabe da morte em vida,
 vida em morte, severina;
 e aquele cemitério ali,
 branco de verde colina,
 decerto pouco funciona
 e poucas covas aninha.

**ASSISTE AO ENTERRO DE UM
 TRABALHADOR DE EITO E
 OUVES O QUE DIZEM DO
 MORTO OS AMIGOS QUE
 O LEVARAM AO CEMITÉRIO**

- Essa cova em que estás,
 com palmos medida,
 é a cota menor
 que tiraste em vida.
 - É de bom tamanho,
 nem largo nem fundo,
 é a parte que te cabe
 neste latifúndio.
 - Não é cova grande.
 é cova medida,
 é a terra que querias
 ver dividida.
 - É uma cova grande
 para teu pouco defunto,
 mas estarás mais ancho
 que estavas no mundo.
 - É uma cova grande
 para teu defunto parco,
 porém mais que no mundo
 te sentirás largo.
 - É uma cova grande
 para tua carne pouca,
 mas a terra dada

não se abre a boca.
 - Viverás, e para sempre
 na terra que aqui aforas:
 e terás enfim tua roça.
 - Aí ficarás para sempre,
 livre do sol e da chuva,
 criando tuas saúvas.
 - Agora trabalharás
 só para ti, não a meias,
 como antes em terra alheia.
 - Trabalharás uma terra
 da qual, além de senhor,
 serás homem de eito e trator.
 - Trabalhando nessa terra,
 tu sozinho tudo empreitas:
 serás semente, adubo, colheita.
 - Trabalharás numa terra
 que também te abriga e te veste:
 embora com o brim do Nordeste.
 - Será de terra
 tua derradeira camisa:
 te veste, como nunca em vida.
 - Será de terra
 a tua melhor camisa:
 te veste e ninguém cobiça.
 - Terás de terra
 completo agora o teu fato:
 e pela primeira vez, sapato.
 - Como és homem,
 a terra te dará chapéu:
 fosses mulher, xale ou véu.
 - Tua roupa melhor
 será de terra e não de fazenda:
 não se rasga nem se remenda.
 - Tua roupa melhor
 e te ficará bem cingida:
 como roupa feita à medida.
 - Esse chão te é bem conhecido
 (bebeu teu suor vendido).
 - Esse chão te é bem conhecido
 (bebeu o moço antigo)
 - Esse chão te é bem conhecido
 (bebeu tua força de marido).
 - Desse chão és bem conhecido
 (através de parentes e amigos).
 - Desse chão és bem conhecido
 (vive com tua mulher, teus filhos)
 - Desse chão és bem conhecido
 (te espera de recém-nascido).
 - Não tens mais força contigo:
 deixa-te semear ao comprido.
 - Já não levas semente viva:
 teu corpo é a própria maniva.
 - Não levas rebolo de cana:
 és o rebolo, e não de caiana.
 - Não levas semente na mão:
 és agora o próprio grão.
 - Já não tens força na perna:
 deixa-te semear na coveta.
 - Já não tens força na mão:

deixa-te semear no leirão.
 - Dentro da rede não vinha nada,
 só tua espiga debulhada.
 - Dentro da rede vinha tudo,
 só tua espiga no sabugo.
 - Dentro da rede coisa vasqueira,
 só a maçaroca banguela.
 - Dentro da rede coisa pouca,
 tua vida que deu sem soca.
 - Na mão direita um rosário,
 milho negro e ressecado.
 - Na mão direita somente
 o rosário, seca semente.
 - Na mão direita, de cinza,
 o rosário, semente maninha,
 - Na mão direita o rosário,
 semente inerte e sem salto.
 - Despido vieste no caixão,
 despido também se enterra o grão.
 - De tanto te despiu a privação
 que escapou de teu peito à viração.
 - Tanta coisa despiste em vida
 que fugiu de teu peito a brisa.
 - E agora, se abre o chão e te abriga,
 lençol que não tiveste em vida.
 - Se abre o chão e te fecha,
 dando-te agora cama e coberta.
 - Se abre o chão e te envolve,
 como mulher com que se dorme.

**O RETIRANTE RESOLVE
 APRESSAR OS PASSOS PARA
 CHEGAR LOGO AO RECIFE**

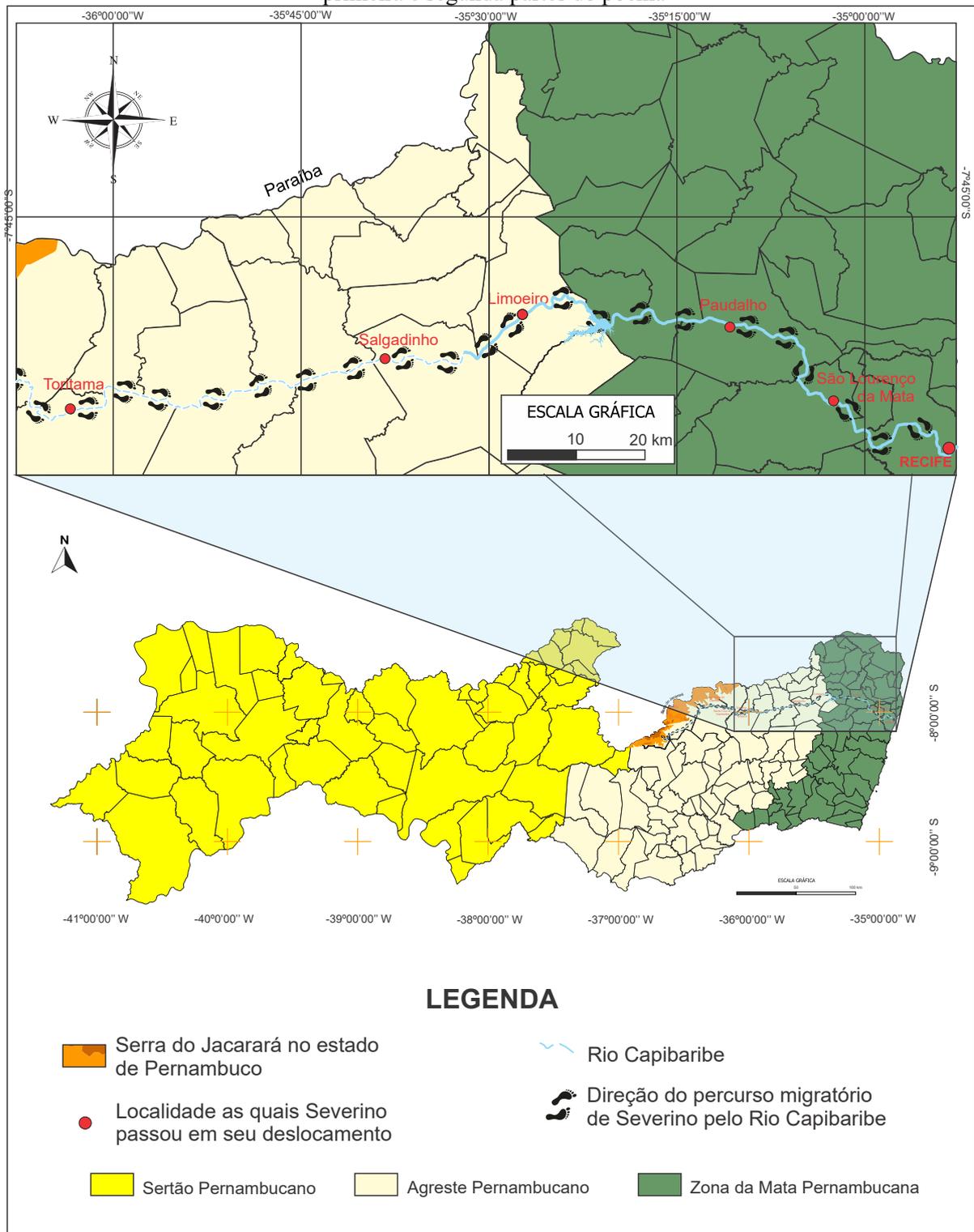
- Nunca esperei muita coisa,
 digo a Vossas Senhorias.
 O que me fez retirar
 não foi a grande cobiça;
 o que apenas busquei
 foi defender minha vida
 de tal velhice que chega
 antes de se inteirar trinta;
 se na serra vivi vinte,
 se alcancei lá tal medida,
 o que pensei, retirando,
 foi estendê-la um pouco ainda.
 Mas não senti diferença
 entre o Agreste e a Caatinga,
 e entre a Caatinga e aqui a Mata
 a diferença é a mais mínima.
 Está apenas em que a terra
 é por aqui mais macia;
 está apenas no pavio,
 ou melhor, na lamparina:
 pois é igual o querosene
 que em toda parte ilumina,
 e quer nesta terra gorda
 quer na serra, de caliça,
 a vida arde sempre com
 a mesma chama mortíca.

Agora é que compreendo por que em paragens tão ricas o rio não corta em poços como ele faz na Caatinga: vive a fugir dos remansos a que a paisagem o convida, com medo de se deter,	grande que seja a fadiga. Sim, o melhor é apressar o fim desta ladainha, o fim do rosário de nomes que a linha do rio enfia; é chegar logo ao Recife, derradeira ave-maria	do rosário, derradeira invocação da ladainha, Recife, onde o rio some e esta minha viagem se finda.
---	--	--

Fonte: Melo Neto (2007, p. 97-113)

A parte do poema que trata do movimento migratório de Severino evidencia as questões socioespaciais encontradas por ele em seu percurso entre o Agreste e a Zona da Mata. Tomando essa parte e a partir das referências geográficas de análise, a Figura 5 ilustra o percurso do personagem por essas sub-regiões pernambucanas.

FIGURA 5 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira e segunda partes do poema



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Como já afirmamos anteriormente, a continuidade da migração de Severino está marcada pela permanência das contradições socioespaciais, essencialmente as relacionadas à desigualdade de condições de acesso à terra e, conseqüentemente, da sua renda, que o

personagem vai testemunhando ao longo do seu deslocamento. Esses aspectos reaparecem no poema, como pode ser observado no fragmento abaixo:

<i>Vejo agora: não é fácil seguir essa ladainha; entre uma conta e outra conta, entre uma e outra ave-maria, há certas paragens brancas, de planta e bicho vazias, vazias até de donos, e onde o pé se descaminha. Não desejo emaranhar o fio de minha linha nem que se enrede no pêlo hirsuto desta caatinga. Pensei que seguindo o rio eu jamais me perderia: ele é o caminho mais certo, de todos o melhor guia Mas como segui-lo agora.</i>	<i>que interrompeu a descida? Vejo que o Capibaribe, como os rios lá de cima, é tão pobre que nem sempre pode cumprir sua sina e no verão também corta, com pernas que não caminham. Tenho que saber agora qual a verdadeira via entre essas que escancaradas frente a mim se multiplicam. Mas não vejo almas aqui, nem almas mortas nem vivas; ouço somente à distância o que parece cantoria.</i>
---	---

(Melo Neto, 2007, p. 98-99)

Como revelam os versos acima, a caminhada de Severino é marcada por percalços que fazem reaparecer a questão fundiária na composição poética do autor. Nos fragmentos: “há certas paragens brancas, / de planta e bicho vazias, / vazias até de donos, / e onde o pé se descaminha” (Melo Neto, 2007, p. 98), é possível fazer associação ao fato da configuração fundiária por onde Severino passa está marcada pela presença do latifúndio.

O texto nos fornece ainda uma importante contextualização acerca da configuração espacial que demarca esse domínio. Trata-se de uma área caracterizada pelo clima semiárido com predominância da vegetação xerófila. No período mais seco do ano, o rio Capibaribe assume a forma mais severa de sua intermitência, “corta”, “com pernas que não caminham”, como diz o personagem, ou seja, suas águas cessam diante das condições mais severas de estiagem.

Como parte dos fatores de produção que se impõem nessa área geográfica, a menor umidade em relação à Serra da Costela, faz dela ainda mais restritiva à produtividade. Com isso, o domínio territorial se torna ainda mais extensivo e a presença humana diminui. A reunião desses fatores converte-se nas condições de vida muito restritivas para os pobres e, como diz o verso do poema, “*a vida arde com a mesma chama mortiça*”.

Essas condições de vida da população pobre dessa área são ilustradas nos versos contidos no quarto quadro, os quais descrevem a situação de pobreza de mais um “Severino” encontrado ao longo do percurso. Mais uma vez se trata de um evento de falecimento com o qual se depara o retirante. Ao chegar próximo à casa de onde ele ouviu uma cantoria, depara-se

com o corpo sendo velado por cantadores, enquanto um homem parodiava suas palavras, expressas nos versos a seguir:

— *Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...*
— *Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.*
— *Finado Severino,
etc...*

— *Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.*
— *Finado Severino,
etc...*
— *Dize que coisas de não,
ocas, leves:
como o caixão, que ainda debes*

(Melo Neto, 2007, p. 99)

As precárias condições de vida são explicitadas nessa parte do poema a partir do contexto do defunto. Os artigos simples de que dispôs em vida, as privações alimentares e a condição de dívida adquirida, mesmo após a morte, são aspectos marcantes de uma existência marcada pela pobreza. A expressão “coisas de não”, vinculada à “fome, sede e privação”, evidencia de maneira muito forte a miséria social do personagem. Tais aspectos não podem ser vistos à margem da conjuntura socioespacial a qual o autor revela na obra.

Na sequência, conforme o trecho do poema mostrado a seguir, Severino encontra uma rezadeira com a qual procura saber se há algum trabalho que possa lhe empregar. O diálogo que ambos estabelecem é revelador de inúmeras questões relacionadas ao manejo das atividades e a condição daqueles que, assim como Severino, vendiam sua força de trabalho nas fazendas do Agreste pernambucano na época em que se deu a escrita da ode cabralina.

- *Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?*
- *Pois fui sempre lavrador;
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.*
- *Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?*
[..]
- *Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar;
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o carolé.*
- *Esses roçados o banco
já não quer financiar;*

[..]
- *Melhor do que eu ninguém
sei combater; quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.*
- *Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;*
[..]
- *Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavras
pela seca faça solar.*
[..]
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
- *Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear;
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.*

<p>[...] - Em qualquer das cinco tachas de um banguê sei cozinhar; sei cuidar de uma moenda, de uma casa de purgar. - Com a vinda das usinas há poucos engenhos já; nada mais o retirante aprendeu a fazer lá? - Ali ninguém aprendeu</p>	<p>outro ofício, ou aprenderá; mas o sol, de sol a sol, bem se aprende a suportar. - Deseja mesmo saber o que eu fazia por lá? comer quando havia o quê e, havendo ou não, trabalhar. - Essa vida por aqui é coisa familiar; [...]</p>
--	---

(Melo Neto, 2007, p. 102-104)

Conforme evidenciam os versos do quadro, o trabalho dos “Severinos” envolvia atividades de prática da agricultura e da pecuária nas propriedades do Agreste, seguindo os moldes já discutidos nesta pesquisa. Esse diálogo revela ainda o caráter multifacetado da força de trabalho componente da dinâmica socioespacial analisada. Ao longo de sua vida, o trabalhador precisava desenvolver uma série de manejos essenciais para sua subsistência.

O poema cita diversas variedades de cultivo que foram imprescindíveis para os pequenos produtores e agregados na região em tela, como o algodão, a mandioca, a pita (sisal) e o milho. Contudo, conforme lembra a rezadeira, parte dessas culturas já estava em crise na época e necessitava de apoio governamental para se desenvolver. Isso fica muito explícito no fragmento: “Esses roçados o banco / já não quer financiar”.

Além disso, os “Severinos” eram responsáveis ainda pelo manejo da atividade pecuária, que incluía, entre outras práticas, o pastoreio do gado. Isto ocorria devido à atividade criatória ser, para grande parte dos donos de terra, a principal forma de produção econômica, demandando, por parte proprietários fundiários, a necessidade de manter uma força de trabalho compatível às exigências das tarefas a serem realizadas.

Nesse sentido, o texto evidencia as condições em que se davam as relações de trabalho do agreste nordestino. Nestas, os trabalhadores, sejam na condição de agricultores, lavrando em pequenos lotes ou em terras alheias, ou como vaqueiros “tratando” do gado do patrão, garantiam a sua subsistência a níveis muito baixos.

O texto também destaca outro elemento importante da economia da sub-região do Agreste: a presença do engenho-banguê²². A referência a esse engenho no poema é carregada de significado para a compreensão dos processos que ocorrem no espaço agrário em questão.

²² Os engenhos banguês foram as primeiras unidades produtivas voltadas ao processamento da cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro. Equipados com moendas movidas a tração animal ou força hidráulica, esses engenhos apresentavam uma produtividade reduzida em comparação com os engenhos reais e, posteriormente, com as usinas, motivo pelo qual, gradualmente, foram substituídos.

Sobre estes aspectos, Prado Jr. (2004, p.148) nos ajuda a compreender a existência de banguês no interior nordestino como parte de um setor marginal açucareiro que se desenvolveu nas serras úmidas nordestinas. Segundo o autor, os banguês existentes nessas áreas de exceção²³ estavam muito mais voltados à produção de rapadura, importante fonte de suplemento alimentar da classe trabalhadora. Contudo, pelo relato de Severino, esta unidade produtiva detinha a técnica de produção do açúcar. Fato é que, a partir do surto industrial, como observa a rezadeira, em conversa com Severino (“*Com a vinda das usinas/ há poucos engenhos já*”), os banguês ali existentes estavam em vias de se tornarem de “fogo morto”.

Nesse trecho do poema, os aspectos levantados pela rezadeira deixam claro que as oportunidades de renda naquele lugar encontravam-se reduzidas. Assim, mesmo as habilidades que Severino acumulou, não lhes eram úteis para ali poder conseguir trabalho remunerado.

Na continuidade desse diálogo, Severino descobre que, naquele lugar, a morte ocorre de tal maneira que se transforma em uma atividade que ocupa uma série de profissionais, sendo a única rentável a se desenvolver. Isso é ilustrado pelo fragmento do poema abaixo.

<p>[...] <i>mas diga-me retirante, sabe benditos rezar? sabe cantar excelências, defuntos encomendar? sabe tirar ladainhas, sabe mortos enterrar?</i> [...] <i>como aqui a morte é tanta, vivo de a morte ajudar.</i> [...] <i>Só os roçados da morte compensam aqui cultivar;</i></p>	<p><i>não existe outro trabalho para mim nesse lugar? - Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar. Imagine que outra gente de profissão similar, farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular, [...]</i> <i>(Melo Neto, 2007, p. 111-112)</i></p>
--	---

Os versos acima citados fazem, com certo tom de ironia, uma crítica contundente ao abandono social vivenciado na região. É no contexto desse abandono, diante das precárias condições de vida dominantes, como aponta Andrade (2005, p. 176), que o Agreste nordestino se tornou um núcleo de emigração em direção aos grandes centros urbanos, desde aqueles

²³ Segundo Melo (1988), as áreas de exceção compreendem os segmentos espaciais do Nordeste semiárido “onde as condições e recursos naturais, nos planos climático, edáfico e hídrico, permitem a ocorrência de melhorias das formas de uso da terra e, conseqüentemente, da estrutura econômica e do povoamento, em relação aos espaços em que se encontram inseridas”. Assim, no contexto posto, as áreas de exceção são os brejos de altitude, serras localizadas no semiárido nordestino em que, devido a elevação da altitude, oferecem melhores condições de solo e de umidade para desenvolvimento de algumas atividades agrícolas, como o plantio da cana de açúcar, conforme o poema e nossa bibliografia apontam. Essas áreas também correspondem os brejos de pé de serra e de vales de rios.

localizados na própria região Nordeste, a exemplo de Recife e Salvador, até as mais distantes, localizadas fora da região, como Brasília e São Paulo. É com esse mesmo propósito que Severino, sem vislumbrar esperança em meio ao cenário desesperador, decide seguir sua jornada rio abaixo.

Ao chegar à Zona da Mata, o retirante se depara com uma configuração espacial cuja paisagem se diferencia do seu lugar de partida, o semiárido nordestino, conforme exposto a seguir:

<i>— Bem me diziam que a terra se faz mais branda e macia quando mais do litoral a viagem se aproxima. Agora afinal cheguei nesta terra que diziam. Como ela é uma terra doce para os pés e para a vista.</i>	<i>Os rios que correm aqui têm água vitalícia. Cacimbas por todo lado; cavando o chão, água mina. Vejo agora que é verdade o que pensei ser mentira Quem sabe se nesta terra não plantarei minha sina?</i>
---	--

(Melo Neto, 2007, p. 106-107)

Como se pode interpretar, a primeira impressão de Severino diante da abundância dos elementos naturais da Zona da Mata, sobretudo a água e a terra “macia”, as quais o retirante não encontrara em seu espaço de origem, foi de encantamento. Logo não demora a pensar que, diante da paisagem verde e fresca encontrada ali, tão “doce e rica”, poderá plantar a sua sina.

Contudo, como nos diz Santos (2014, p.105), “o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos”. E enfatiza o autor, “não existe dialética possível entre formas enquanto formas. Nem, a rigor, entre paisagem e sociedade”, pois “quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo” (Santos, 2014, p.109).

As contradições que nos revelam os versos que vêm logo a seguir são elucidativas acerca do que trata Santos, de que a paisagem não define o espaço:

*Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?
(Melo Neto, 2007, p. 107)*

Nos versos acima, ao relacionarmos a paisagem com a sociedade da zona açucareira, as formas-conteúdo, revela para Severino um espaço no qual as relações sociais se desenvolvem de maneira semelhante às existentes em seu local de origem. Um espaço que é produzido e reproduzido com a predominância do latifúndio, no caso o latifúndio monocultor açucareiro, e as relações sociais de produção que lhes são características.

O olhar lançado por João Cabral de Melo Neto neste trecho tem como horizonte os processos em curso na Zona da Mata pernambucana no período em que ele escreveu o poema. Trata-se, mais uma vez, de trazer à tona o monopólio do uso da terra, agora sob a égide das usinas, e as implicações disso para as camadas sociais desprovidas desse meio de produção, mas que necessitavam dele para se reproduzirem materialmente. Inicialmente, essas camadas eram constituídas, principalmente, pelos foreiros e, com a chegada das usinas, pelos assalariados (proletários).

Ao levantar o questionamento “Por onde andar^á a gente/ que tantas canas cultiva?”, Melo Neto (2007, p. 107) expõe não só a estrutura fundiária concentrada, mas abre margem para interpretarmos os demais processos socioespaciais ocorridos neste espaço ao longo da primeira metade do século XX e que serviram de ambientação para o poema. Outros objetos apresentados nos versos, a exemplo de “bueiro de usina” e “banguê velho em ruína”, são importantes na interpretação desses processos que promoveram novas dinâmicas na Zona da Mata.

Trata-se do surto usineiro ocorrido na passagem do século XIX ao XX, cujos reflexos foram evidenciados em outra importante obra literária brasileira, *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Sobre este contexto, Andrade (2005, p. 113) destaca que os banguês apresentaram grande resistência às investidas das usinas na Zona da Mata, permanecendo em funcionamento por mais de 70 anos. O período em que João Cabral de Melo Neto escreveu o poema coincide com a época em que essas unidades produtivas quase chegaram à extinção.

O processo de substituição dos banguês pelas usinas teve forte impacto sobre o espaço litorâneo nordestino produtor de açúcar, notadamente o pernambucano do qual trata o poema. A mecanização da produção açucareira elevou a capacidade de processar mais cana, o que contribuiu para a sua expansão e, conseqüentemente, para o aprofundamento da concentração fundiária e a expulsão de foreiros. Estes também se viram desalojados pela proletarização dos trabalhadores. Assim, nas extensas paisagens canavieiras a presença do contingente laboral se tornou rarefeita, o que explica o questionamento do personagem sobre por onde andam a gente que tanta cana cultiva.

Por outro lado, essa população expelida pela expansão territorial da cana de açúcar gerou a mobilidade populacional, sobretudo, na primeira metade do século XX, conforme constatou Dabat (2014). Nesse sentido, para a autora, o surto usineiro teria como uma de suas consequências a “saída dos moradores dos engenhos para morar nas pontas de rua²⁴” (Dabat, 2014, p. 192). Ao mesmo tempo o referido processo aguçou os conflitos pela posse da terra na sub-região sob enfoque.

Sobre essa questão, a continuidade do poema nos apresenta um novo evento que é esclarecedor quanto ao entendimento do real conteúdo espacial que Severino descobriu na Zona da Mata. Trata-se de um enterro de um trabalhador de oito, cuja fala de seus amigos diz muito sobre as relações socioespaciais mantidas naquele espaço, como podemos ver a seguir:

<i>— Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida. — É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe</i>	<i>neste latifúndio. — Não é cova grande. é cova medida, é a terra que querias ver dividida. (Melo Neto, 2007, p. 108)</i>
--	---

Essa primeira parte, de muitos outros versos que compõem o oitavo quadro do poema, evidencia as relações conflituosas no espaço agrário em questão, a Zona da Mata pernambucana, conforme já havíamos tratado. A condição vivenciada por um trabalhador de oito posta nos versos, alude as tensões sociais que passaram a existir nesta faixa territorial durante a primeira metade do século XX.

Conforme Andrade (2005), o surto usineiro, tratado anteriormente, foi precedido por uma grave crise decorrente do aumento no custo da mão de obra escrava, o que levou muitos proprietários de engenhos a estabelecerem relações de produção singulares. Nesse contexto, os proprietários de terras, buscando suprir a escassez de trabalhadores, passaram a incorporar moradores em suas propriedades.

Esses moradores, em troca de uma pequena porção de terra concedida pelo senhor de engenho para o cultivo de uma roça de subsistência, eram obrigados a realizar alguns dias de trabalho gratuito por semana para o proprietário, entregando-lhes, ainda, quando combinado, uma pequena quantia pelo aluguel da terra. Davam-se, desse modo, o surgimento dos *foreiros*

²⁴ Segundo Grabois (1999, p. 100), as pontas de rua são bairros residenciais ocupados “maciçamente por população proletária, com a particularidade de que na sua maioria esmagadora é constituída por trabalhadores rurais assalariados e sazonais”.

e de uma relação de trabalho que passou a ser conhecida como “moradores de condição”, ambas as formas comuns até a primeira metade do século XX.

Diante desse quadro de crise, pode-se afirmar que, apesar das formas precárias de subsistência às quais os trabalhadores estavam submetidos, foram criadas, naquele espaço, maiores possibilidades para que os destituídos da propriedade da terra tivessem acesso a ela, permitindo, assim, sua reprodução material. Contudo, após a Primeira Guerra Mundial, com a recuperação do setor e, conseqüentemente, dos seus rendimentos, os proprietários buscaram reaver as áreas que estavam entregues aos foreiros, buscando expulsá-los, em muitos casos, sem pagar nenhuma indenização.

Tal fato os levou a lutar contra o desalojamento dos sítios que ocupavam, dando origem as Primeiras Ligas Camponesas. De acordo com Andrade (2005, p.117) a “fome” por terra, desencadeada pelo surto usineiro nesta sub-região, “iria dar origem ao agravamento do problema do latifúndio”, disto decorrendo fortes tensões sociais e conflitos entre proprietários e moradores, questões estas que se perpetuaram por décadas, cujas conseqüências são reveladas no fragmento do texto acima.

Ao discutir as questões mencionadas, Andrade (2005) destaca que os trabalhadores de eito representam a imensa maioria da força de trabalho empregada nesse setor produtivo no período analisado. Essa massa proletária possui origem diversa, sendo composta, majoritariamente, por indivíduos provenientes de áreas urbanas próximas, exatamente aqueles que, como salienta Dabat (2014), foram levados a condição de moradores de pontas de rua. No entanto, também havia trabalhadores que migravam sazonalmente do Agreste e do Sertão, além daqueles que, como parece ser o caso do trabalhador de eito descrito no poema, residiam na própria unidade produtiva.

Esses últimos, conforme enfatiza o autor, estão em uma condição de maior dependência em relação ao proprietário da terra. Essa situação decorre da perpetuação das relações sociais de produção características dessa região. Por residirem nos engenhos ou fazendas, recebiam uma moradia simples (de alvenaria ou taipa) e uma pequena parcela de terra para cultivo (sítio). Em contrapartida a essa condição “diferenciada”, assumiam a obrigação de prestação de alguns dias de trabalho como forma de retribuição ao proprietário. Nos dias restantes ficava livre para lavrar sua roça, com qualquer lavoura temporária, nunca permanente, para não pleitearem, em caso de mudança, direito de indenização (Andrade, 2005).

À medida que o processo usineiro avançou e a cana passou a ocupar mais espaço no interior das propriedades, as obrigações foram se asseverando, sendo exigidos até seis dias de

trabalhos gratuitos em troca de áreas cada vez menos produtivas. Ou até mesmo foram totalmente impedidos de lavrarem à terra, proletarizando-se por completo o trabalho na usina. Desse modo, em substituição às formas aqui descritas, fixaram-se salários baixos, insuficientes para as necessidades básicas, fato que levou muitos trabalhadores à insatisfação e reivindicação de seus direitos (Andrade, 2005).

A partir das reflexões de Andrade (2005), é possível compreender as questões socioespaciais que demarcam o trecho que aborda o funeral de um lavrador, contido no poema *Morte e Vida Severina*. Nesse momento, a visão de mundo do autor deixa mais uma marca de seu compromisso social através do seu poema, pois traz à luz mais uma vez a questão da concentração de terras, agora na faixa litorânea do Brasil. As frases “— É de bom tamanho, / nem largo nem fundo”, “a terra que querias/ ver dividida” e “é a parte que te cabe/ neste latifúndio” – dão o tom crítico do autor acerca do processo de reprodução socioespacial da Zona da Mata e, ainda, de como a questão da reforma agrária é tratada pelas oligarquias, sendo a única terra reservada à classe trabalhadora rural, a terra do cemitério, a qual, para se ganhar, é preciso morrer, não sendo possível desfrutá-la em vida.

Assim, este trecho do poema revela-se bastante significativo, pois expõe os sistemas de valores presentes na obra, evidenciando explicitamente a posição ideológica do autor. Esse aspecto nos permite, em conformidade com Cook (2014), alcançar um dos preceitos fundamentais que orientam uma abordagem marxista da Literatura sob a perspectiva da geografia, que é desvendar o tipo de consciência despertado pelo texto literário, fornecendo elementos essenciais para uma interpretação crítica da realidade.

Os versos seguintes comportam também o mesmo teor crítico e procuram estabelecer uma relação dialética entre a vida e a morte do trabalhador de eito:

— *É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo*
— *Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.*
[...]
— *Será de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.*
[...]

— *Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.*
— *Como és homem,
a terra te dará chapéu:
fosses mulher, xale ou véu*
[...]
— *E agora, se abre o chão e te abriga,
lençol que não tiveste em vida.*
— *Se abre o chão e te fecha,
dando-te agora cama e coberta.*

(Melo Neto, 2007, p. 108-111)

Tais versos mostram que a terra da sepultura acaba por desempenhar o papel que deveria ter sido assumido, em vida, pela propriedade rural. Com isso, o autor expõe que as condições mais básicas de existência, como a roça, a vestimenta, o calçado, o chapéu ou véu, a cama e a coberta, não foram totalmente satisfeitas durante a vida do pobre trabalhador, sendo conseguidas tão somente após sua morte, quando já não pode mais satisfazer-se destas condições materiais, o que representa uma crítica aguda à desigualdade social e à negligência aos direitos básicos dos trabalhadores e dos que lutam por uma melhor distribuição da terra, visando a sua função social.

Esse trecho do poema nos remete à reflexão de Silva (2001) sobre as queixas do pequeno produtor em relação às baixas condições de vida a que está submetido. Segundo a autora, está intrínseca, sempre que ouvimos do pequeno produtor essa queixa, a pretensão de “ficar com maior fração do que produz”, sendo parte desse trabalho corresponde à renda fundiária (Silva, 2001, p. 92). Ao produzir esses versos, expondo a dura realidade do trabalhador de eito, entendemos que o autor acaba por revelar essa problemática.

Para além dos aspectos ora expostos, como veremos nos fragmentos a seguir, o referido quadro também expõe, com muito detalhes, os subsistemas de ações/relações sociais de produção nas quais se inserem o trabalhador ao longo de sua vida:

— *Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.*
[...]
— *Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).*
[...]
— *Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).*
[...]

— *Dentro da rede coisa vasqueira,
só a maçaroca banguela.*
— *Dentro da rede coisa pouca,
tua vida que deu sem soca.*
[...]
— *De tanto te despiu a privação
que escapou de teu peito à viração.*
(Melo Neto, 2007, p. 109-111)

Como se pode interpretar, o senhor de engenho extrai a renda da terra em produto, por meio da exploração do trabalho na forma da meação, ou seja, ficando com a metade do que o trabalhador produziu. Este aspecto caracteriza uma relação de produção na qual o trabalhador, além de não deter a propriedade dos meios de produção e não ser totalmente dono do resultado do seu trabalho, fica dependente da parte do que produz para conseguir manter a si e a sua família.

Assim sendo, esse trabalho acabou por “beber” a força do trabalhador, ilustrando que, de tanto ser explorado, perdeu a sua vitalidade. Isso acabou, diante das relações sociais exploratórias vivenciadas pelo camponês, a relegá-lo à condição de privação econômica e,

consequentemente, à fome. Desse modo, o poema sugere que ele não suporta tantas privações e, como consequência, escapa do “peito à viração”, ou seja, morre.

Castro (1984, p. 260), ao analisar a questão da fome na região Nordeste, afirma ser ela uma causa muito mais em decorrência do “pauperismo generalizado” e da “proletarização progressiva de suas populações” do que propriamente da seca, sendo tais aspectos o cerne da discussão aqui posta, tendo em vista a região da Zona da Mata não apresentar a problemática da escassez de precipitação pluviométrica. Constitui-se, desse modo, a condição de privação alimentar do trabalhador, retratada no poema, uma questão endêmica, ou seja, resultante da insuficiência alimentar contínua, ao contrário da fome epidêmica que assola o sertão nordestino nas ocasiões de seca.

Cabe ressaltar que a forma como o personagem é descrita em seu leito de morte, reforça a ideia de carência alimentar. O uso de termos e expressões como “vasqueira”, “maçaroca banguela”, “vida que deu sem soca”, caracterizam muito bem não apenas suas condições físicas, fragilizadas pelo trabalho exaustivo sem que lhe desse condições alimentares suficientes, mas, também, a forma como se dão as condições de reprodução das pessoas as quais Severino representa. Tudo isso reforça o que afirmamos anteriormente acerca da posição ideológica do autor e da consciência que o texto literário é capaz de despertar.

O percurso trilhado por Severino, o qual tem o rio Capibaribe como via e guia, nos leva, como visto, a ampliação de nossa visão acerca das questões socioespaciais do Nordeste do período em que o poema foi escrito. A jornada do personagem do Agreste à Zona da Mata evidencia a organização do espaço agrário e as contradições dela resultantes. Fica claro, frente ao exposto, que, como o próprio poeta expressa, tanto no Agreste quanto na Zona da Mata, a vida “arde com a mesma chama mortífera”. Isto revela que a presença da morte, em decorrência de fatores socioespaciais diversos, é o traço marcante que persiste desde as terras “magras e ossudas” da Serra da Costela, no Agreste, até às “brandas e macias” próximas do litoral.

Dessa forma, ao expor as desigualdades de acesso à terra e à renda no espaço agrário nordestino, jogando luz nos mecanismos de exploração e seus impactos para a população desvalida, João Cabral de Melo Neto mergulha, nesta segunda parte do poema, no cerne da problemática socioespacial desse recorte regional. Essas questões, por sua vez, repercutem no espaço urbano e não passaram despercebidas ao olhar astuto do poeta que as aborda na parte final do poema.

A chegada dos migrantes às cidades, nas condições já abordadas, conforme ilustrado pela trajetória de Severino até a cidade do Recife, suscita reflexões sobre a segregação e as

contradições socioespaciais que se intensificam com o aumento dos fluxos migratórios, aspectos estes que passamos a analisar a partir de agora.

2. 4 A ÚLTIMA AVE MARIA DO ROSÁRIO: a cidade do Recife e a segregação socioespacial dos “Severinos”

Nesta última parte da análise, abordaremos a chegada de Severino ao Recife. Após percorrer um longo caminho marcado por contradições socioespaciais, resultantes de diversas formas de exploração e expropriação, o retirante, finalmente, alcança seu destino, que ele trata como sendo a sua última Ave Maria do rosário. Com o uso desta metáfora, o autor expressa como os centros urbanos se apresentavam como a última esperança para a maioria dos trabalhadores rurais que, assim como Severino, foram expropriados das condições de produção/reprodução que lhes permitia continuar vivos.

Conforme nos aponta Damiani (2022, p. 42), a cidade acabou por exercer grande expectativa sobre aqueles que nela se fixaram. Quando essas migrações assumiram um caráter permanente, ou seja, quando o imigrante se estabeleceu definitivamente no local de destino (como é o caso do migrante Severino), havia a expectativa de que, no espaço citadino, ele teria um emprego que lhe assegurasse as condições de reprodução social e as da sua família.

De acordo com Singer (2022, p. 39), essa expectativa é alimentada pela demanda por força de trabalho dos espaços urbanos grandes e médios que não se dá apenas pelas oportunidades criadas pelas empresas industriais, mas, soma-se a esta a “expansão do setor de serviços, tanto dos que são executados por empresas capitalistas quanto os que são prestados por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos”.

No poema *Morte e Vida Severina*, entendemos que a cidade do Recife materializa essa capacidade que as grandes cidades apresentavam, a época que o texto literário foi escrito, de ofertar, aos grupos sociais rurais, uma oportunidade de emprego que lhes permitissem a reprodução das condições materiais de existência. Conforme a análise de conteúdo revelou, essa perspectiva está presente na poesia analisada.

Como parte do conjunto indissociável de objetos e ações, o espaço urbano apresenta, assim como o espaço rural, suas contradições. Nesse sentido, Severino passa a vivenciá-las e conhecê-las na cidade do Recife, conforme mostra o Quadro 9, exposto abaixo. Nesse contexto, o poema explora as questões socioespaciais presentes na cidade mencionada, com ênfase nas áreas periféricas, reveladas pelas experiências vividas pelo personagem. Pelo texto, podemos conhecer as desigualdades e fragmentações socioespaciais, as precárias condições estruturais,

a exclusão e carência social em que viviam os habitantes desta cidade, especialmente os dos mocambos.

QUADRO 9 – Terceira parte do poema: o deslocamento de Severino na cidade do Recife

<p>CHEGANDO AO RECIFE O RETIRANTE SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ DE UM MURO ALTO E CAIADO E OUVI, SEM SER NOTADO, A CONVERSA DE DOIS COVEIROS</p> <p>- O dia hoje está difícil; não sei onde vamos parar. Deviam dar um aumento, ao menos aos deste setor de cá. As avenidas do centro são melhores, mas são para os protegidos: há sempre menos trabalho e gorjetas pelo serviço; e é mais numeroso o pessoal (toma mais tempo enterrar os ricos). - pois eu me daria por contente se me mandassem para cá. Se trabalhasse no de Casa Amarela não estaria a reclamar. De trabalhar no de Santo Amaro deve alegrar-se o colega porque parece que a gente que se enterra no de Casa Amarela está decidida a mudar-se toda para debaixo da terra. - É que o colega ainda não viu o movimento: não é o que se vê. Fique-se por aí um momento e não tardarão a aparecer os defuntos que ainda hoje vão chegar (ou partir, não sei). As avenidas do centro, onde se enterram os ricos, são como o porto do mar; não é muito ali o serviço: no máximo um transatlântico chega ali cada dia, com muita pompa, protocolo, e ainda mais cenografia. Mas este setor de cá é como a estação dos trens: diversas vezes por dia chega o comboio de alguém. - Mas se teu setor é comparado à estação central dos trens, o que dizer de Casa Amarela onde não para o vaivém? Pode ser uma estação mas não estação de trem: será parada de ônibus, com filas de mais de cem. - Então por que não pedes,</p>	<p>já que és de carreira, e antigo, que te mandem para Santo Amaro se achas mais leve o serviço? Não creio que te mandassem para as belas avenidas onde estão os endereços e o bairro da gente fina: isto é, para o bairro dos usineiros, dos políticos, dos banqueiros, e no tempo antigo, dos bangüezeiros (hoje estes se enterram em carneiros); bairro também dos industriais, dos membros das associações patronais e dos que foram mais horizontais nas profissões liberais. Difícil é que consigas aquele bairro, logo de saída. - Só pedi que me mandasse para as urbanizações discretas, com seus quarteirões apertados, com suas cômodas de pedra. - Esse é o bairro dos funcionários, inclusive extranumerários, contratados e mensalistas (menos os tarefeiros e diaristas). Para lá vão os jornalistas, os escritores, os artistas; ali vão também os bancários, as altas patentes dos comerciários, os lojistas, os boticários, os localizados aeroviários e os de profissões liberais que não se libertaram jamais. - Também um bairro dessa gente temos no de Casa Amarela: cada um em seu escaninho, cada um em sua gaveta, com o nome aberto na lousa quase sempre em letras pretas. Raras as letras douradas, raras também as gorjetas. - Gorjetas aqui, também, só dá mesmo a gente rica, em cujo bairro não se pode trabalhar em mangas de camisa; onde se exige quepe e farda engomada e limpa. - Mas não foi pelas gorjetas, não, que vim pedir remoção: é porque tem menos trabalho que quero vir para Santo Amaro; aqui ao menos há mais gente</p>	<p>para atender a freguesia, para botar a caixa cheia dentro da caixa vazia. - E que disse o Administrador, se é que te deu ouvido? - Que quando apareça a ocasião atenderá meu pedido. - E do senhor Administrador isso foi tudo que arrancaste? - No de Casa Amarela me deixou mas me mudou de arrabalde. - E onde vais trabalhar agora, qual o subúrbio que te cabe? - Passo para o dos industriários, que também é o dos ferroviários, de todos os rodoviários e praças-de-pré dos comerciários. - Passas para o dos operários, deixas o dos pobres vários; melhor: não são tão contagiosos e são muito menos numerosos. - É, deixo o subúrbio dos indigentes onde se enterra toda essa gente que o rio afoga na preamar e sufoca na baixa-mar. - É a gente sem instituto, gente de braços devolutos; são os que jamais usam luto e se enterram sem salvo-conduto. - É a gente dos enterros gratuitos e dos defuntos ininterruptos. - É a gente retirante que vem do Sertão de longe. - Desenrolam todo o barbante e chegam aqui na jante. - E que então, ao chegar, não tem mais o que esperar. - Não podem continuar pois têm pela frente o mar. - Não têm onde trabalhar e muito menos onde morar. - E da maneira em que está não vão ter onde se enterrar. - Eu também, antigamente, fui do subúrbio dos indigentes, e uma coisa notei que jamais entenderei: essa gente do Sertão que desce para o litoral, sem razão, fica vivendo no meio da lama, comendo os siris que apanha; pois bem: quando sua morte chega, temos que enterrá-los em terra seca. - Na verdade, seria mais rápido</p>
--	---	---

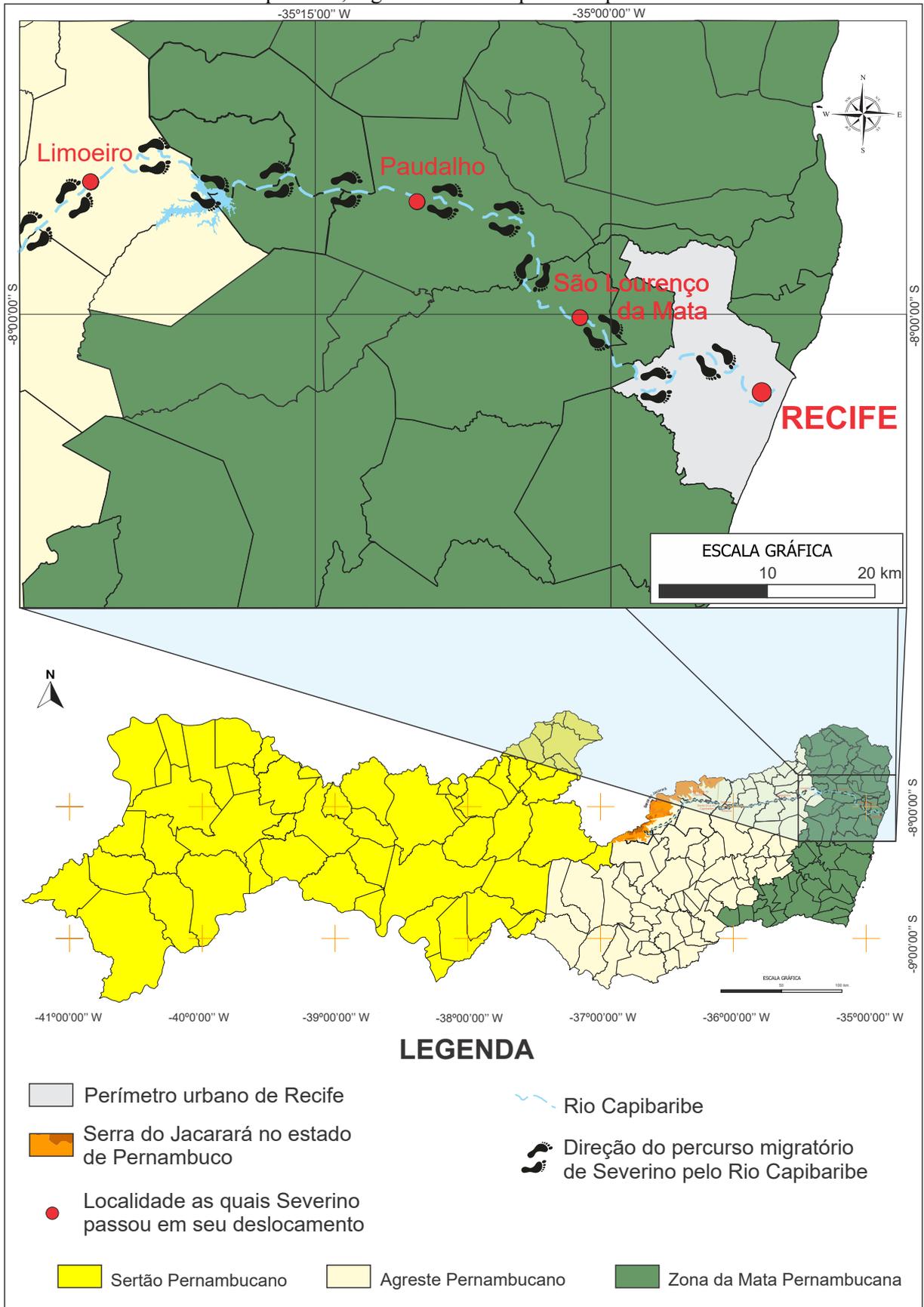
<p>UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ</p>	<p>- Minha pobreza tal é que não trago presente grande: trago para a mãe caranguejos pescados por esses mangues; mamando leite de lama conservará nosso sangue.</p> <p>- Minha pobreza tal é que coisa alguma posso ofertar: somente o leite que tenho para meu filho amamentar; aqui todos são irmãos, de leite, de lama, de ar.</p> <p>- Minha pobreza tal é que não tenho presente melhor: trago este papel de jornal para lhe servir de cobertor; cobrindo-se assim de letras vai um dia ser doutor.</p> <p>- Minha pobreza tal é que não tenho presente caro: como não posso trazer um olho d'água de Lagoa do Cerro, trago aqui água de Olinda, água da bica do Rosário.</p> <p>- Minha pobreza tal é que grande coisa não trago: trago este canário da terra que canta sorrindo e de estalo.</p> <p>- Minha pobreza tal é que minha oferta não é rica: trago daquela bolacha d'água que só em Paudalho se fabrica.</p> <p>- Minha pobreza tal é que melhor presente não tem: dou este boneco de barro de Severino de Tracunhaém.</p> <p>- Minha pobreza tal é que pouco tenho o que dar: dou da pitu que o pintor Monteiro fabricava em Gravatá.</p> <p>- Trago abacaxi de Goiana e de todo o Estado rolete de cana.</p> <p>- Eis ostras chegadas agora, apanhadas no cais da Aurora.</p> <p>- Eis tamarindos da Jaqueira e jaca da Tamarineira.</p> <p>- Mangabas do Cajueiro e cajus da Mangabeira.</p> <p>- Peixe pescado no Passarinho, carne de boi dos Peixinhos.</p> <p>- Siris apanhados no lamaçal que já no avesso da rua Imperial.</p> <p>- Mangas compradas nos quintais ricos do Espinheiro e dos Aflitos.</p> <p>- Goiamuns dados pela gente pobre da Avenida Sul e da Avenida Norte.</p>	<p>FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS</p>
<p>- Compadre José, compadre, que na relva estais deitado: conversais e não sabeis que vosso filho é chegado? Estais aí conversando em vossa prosa entretida: não sabeis que vosso filho saltou para dentro da vida? Saltou para dentro da vida ao dar o primeiro grito; e estais aí conversando; pois sabeis que ele é nascido.</p>		<p>- Atenção peço, senhores, para esta breve leitura: somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura. Vou dizer todas as coisas que desde já posso ver na vida desse menino acabado de nascer: aprenderá a engatinhar por aí, com aratus, aprenderá a caminhar na lama, como goiamuns, e a correr o ensinarão os anfíbios caranguejos, pelo que será anfíbio como a gente daqui mesmo. Cedo aprenderá a caçar: primeiro, com as galinhas, que é catando pelo chão tudo o que cheira a comida; depois, aprenderá com outras espécies de bichos: com os porcos nos monturos, com os cachorros no lixo. Vejo-o, uns anos mais tarde, na ilha do Maruim, vestido negro de lama, voltar de pescar siris; e vejo-o, ainda maior, pelo imenso lamarão fazendo dos dedos iscas para pescar camarão.</p> <p>- Atenção peço, senhores, também para minha leitura: também venho dos Egitos, vou completar a figura. Outras coisas que estou vendo é necessário que eu diga: não ficará a pescar de jereré toda a vida. Minha amiga se esqueceu de dizer todas as linhas; não pensem que a vida dele há de ser sempre daninha. Enxergo daqui a planura que é a vida do homem de ofício, bem mais sadia que os mangues, tenha embora precipícios. Não o vejo dentro dos mangues, vejo-o dentro de uma fábrica: se está negro não é lama, é graxa de sua máquina, coisa mais limpa que a lama do pescador de maré que vemos aqui vestido de lama da cara ao pé.</p>
<p>APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS CIGANAS, ETC</p>		
<p>- Todo o céu e a terra lhe cantam louvor. Foi por ele que a maré esta noite não baixou.</p> <p>- Foi por ele que a maré fez parar o seu motor: a lama ficou coberta e o mau-cheiro não voou.</p> <p>- E a alfazema do sargaço, ácida, desinfetante, veio varrer nossas ruas enviada do mar distante.</p> <p>- E a língua seca de esponja que tem o vento terral veio enxugar a umidade do encharcado lamaçal.</p> <p>- Todo o céu e a terra lhe cantam louvor e cada casa se torna num mocambo sedutor.</p> <p>- Cada casebre se torna no mocambo modelar que tanto celebram os sociólogos do lugar.</p> <p>- E a banda de maruins que toda noite se ouvia por causa dele, esta noite, creio que não irradia.</p> <p>- E este rio de água, cega, ou baça, de comer terra, que jamais espelha o céu, hoje enfeitou-se de estrelas.</p>		
<p>COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO</p>		

<p>E mais: para que não pensem que em sua vida tudo é triste, vejo coisa que o trabalho talvez até lhe conquiste: que é mudar-se destes mangues daqui do Capibaribe. para um mocambo melhor nos mangues do Beberibe.</p>	<p>é belo como o coqueiro que vence a areia marinha. - De sua formosura deixai-me que diga: belo como o avelós contra o Agreste de cinza. - De sua formosura deixai-me que diga: belo como a palmatória na caatinga sem saliva. - De sua formosura deixai-me que diga: é tão belo como um sim numa sala negativa. - É tão belo como a soca que o canavial multiplica. - Belo porque é uma porta abrindo-se em mais saídas. - Belo como a última onda que o fim do mar sempre adia. - É tão belo como as ondas em sua adição infinita. - Belo porque tem do novo a surpresa e a alegria. - Belo como a coisa nova na prateleira até então vazia. - Como qualquer coisa nova inaugurando o seu dia. - Ou como o caderno novo quando a gente o principia. - E belo porque o novo todo o velho contagia. - Belo porque corrompe com sangue novo a anemia. - Infecciona a miséria com vida nova e sadia. - Com oásis, o deserto, com ventos, a calmaria.</p>	<p>O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE DE NADA</p> <p>- Severino, retirante, deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, se não vale mais saltar fora da ponte e da vida; nem conheço essa resposta, se quer mesmo que lhe diga é difícil defender, só com palavras, a vida, ainda mais quando ela é esta que vê, severina mas se responder não pude à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu com sua presença viva. E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina.</p>
<p>FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES, ETC</p>	<p>- De sua formosura já venho dizer: é um menino magro, de muito peso não é, mas tem o peso de homem, de obra de ventre de mulher. - De sua formosura deixai-me que diga: é uma criança pálida, é uma criança franzina, mas tem a marca de homem, marca de humana oficina. - Sua formosura deixai-me que cante: é um menino guenzo como todos os desses mangues, mas a máquina de homem já bate nele, incessante. - Sua formosura eis aqui descrita: é uma criança pequena, enclenque e setemesinha, mas as mãos que criam coisas nas suas já se adivinha. - De sua formosura deixai-me que diga:</p>	

Fonte: Melo Neto (2007, p. 113-133).

Uma das partes mais significantes da obra, sob o ponto de vista da interpretação geográfica das contradições socioespaciais, valendo-se, para tanto, do conceito de espaço, dar-se-á a partir da chegada do retirante Severino à cidade do Recife, após uma longa jornada em seu movimento migratório seguindo o curso do rio Capibaribe, conforme ilustrado na Figura 6.

FIGURA 6 – Mapeamento do trajeto migratório de Severino, segundo as referências contidas na primeira, segunda e terceira partes do poema



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Conforme narrado no poema, Severino se depara com um diálogo entre dois coveiros, através do qual ele logo descobrirá que, assim como o lugar de onde partiu, Recife também se caracteriza pelas profundas desigualdades socioespaciais. A conversa dos referidos personagens começa girando em torno das suas condições de trabalho em dois cemitérios dessa cidade: o de Casa Amarela e o de Santo Amaro.

Assim sendo, João Cabral de Melo Neto utiliza a segregação social dos espaços dos mortos que se encontra materializada na organização espacial dos dois cemitérios, para expor, de maneira muito clara, as contradições socioespaciais, enquanto formas-conteúdo, existentes no espaço geográfico desigual da capital pernambucana. Isto suscita novamente a perspectiva da dialética existente entre a sociedade e o espaço, contida em Santos (2014), e as reflexões acerca da homologia espaço-classe, encontrada em Soja (1993).

Logo no início do quadro são percebidas as relações sociais de produção e as condições laborais intrínsecas aos espaços de trabalho dos coveiros, em função das diferentes classes sociais a quem os dois cemitérios atendem às demandas de serviços funerários:

<i>— O dia hoje está difícil; não sei onde vamos parar. Deviam dar um aumento, ao menos aos deste setor de cá. As avenidas do centro são melhores, mas são para os protegidos:</i>	<i>há sempre menos trabalho e gorjetas pelo serviço; e é mais numeroso o pessoal (toma mais tempo enterrar os ricos).</i>
--	---

(Melo Neto, 2007, p. 113)

Diante do diálogo, é visto que a divisão entre centro e periferia aparece como questão central nesta parte do poema, a menção às “avenidas do centro”, em antítese à localização dos cemitérios de Casa Amarela, sugere, como visto, uma divisão geográfica e socioeconômica do espaço ou, para adequarmos melhor a discussão, uma divisão espaço-classe. Em outras palavras, podemos afirmar que as contradições observadas no interior das classes sociais permanecem mesmo quando a vida cessa. A divisão de classe, neste aspecto, independe da vida ou da morte. Isto fica mais nítido à medida que o poema se desenvolve e que tomamos conhecimento do conteúdo socioespacial de cada um dos espaços, como no trecho a seguir:

<i>Não creio que te mandassem para as belas avenidas onde estão os endereços e o bairro da gente fina: isto é, para o bairro dos usineiros, dos políticos, dos banqueiros, e no tempo antigo, dos bangüezeiros</i>	<i>(hoje estes se enterram em carneiros); bairro também dos industriais, dos membros das associações patronais e dos que foram mais horizontais nas profissões liberais.</i>
--	--

(Melo Neto, 2007, p. 115)

A descrição oferecida pelo autor, através de seus personagens que caracterizam o centro da cidade do Recife e, em seguida, das áreas periféricas (as quais trataremos mais adiante), contribui para termos uma dimensão da segregação socioespacial dessa cidade a época que o poema foi escrito. Os espaços centrais, aos quais o cemitério de Santo Amaro atende à demanda de mortos, é apresentado como o lugar dos privilegiados. São assim os espaços dos usineiros, políticos, banqueiros, industriais e profissionais liberais, classes sociais estas que gozavam de amplos privilégios e condições de reprodução socioespacial.

A continuidade do diálogo entre os personagens no poema nos mostra outros extratos socioespaciais, os quais a segregação da cidade do Recife comporta. A busca por um local de trabalho menos pesado, leva um dos coveiros a comentar acerca de qual local lhe agradaria trabalhar:

<p>— <i>Só pedi que me mandasse para as urbanizações discretas, com seus quarteirões apertados, com suas cômodas de pedra.</i></p> <p>— <i>Esse é o bairro dos funcionários, inclusive extranumerários, contratados e mensalistas (menos os tarefeiros e diaristas). Para lá vão os jornalistas,</i></p>	<p><i>os escritores, os artistas; ali vão também os bancários, as altas patentes dos comerciários, os lojistas, os boticários, os localizados aeroviários e os de profissões liberais que não se libertaram jamais.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(Melo Neto, 2007, p. 115-116)</i></p>
--	--

Como visto, novamente o autor toma de empréstimo a estrutura espacial para estabelecer uma relação entre ela e as classes sociais, no caso, os mortos oriundos das classes médias. É nesse sentido que surge a associação do cemitério a “urbanizações discretas” com “quarteirões apertados” e “cômodas de pedra”. O autor, ao fazer esta leitura espacial do cemitério, a faz como se estivesse aludindo ao espaço urbano produzido por essas classes sociais, cujas estruturas compõem a organização socioespacial recifense.

O cemitério de Casa Amarela, por sua vez, é descrito sob essa mesma perspectiva. Ao contrário dos cemitérios das urbanizações centrais, Casa Amarela compreende maior nível de contrastes socioespaciais, como podemos ver nos versos que seguem:

<p>— <i>Também um bairro dessa gente temos no de Casa Amarela: cada um em seu escaninho, cada um em sua gaveta, com o nome aberto na lousa</i></p>	<p><i>quase sempre em letras pretas. Raras as letras douradas, raras também as gorjetas.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(Melo Neto, 2007, p. 116)</i></p>
--	---

Casa Amarela, nesse sentido, comporta vários extratos socioespaciais, representando as urbanizações periféricas, as quais moram as classes menos abastadas que vão desde os operários, como os versos seguintes revelam, aos indigentes, formados por retirantes, a exemplo

do protagonista do poema. No fragmento acima, vê-se que essa diferenciação social é representada, entre outros elementos, pela cor das letras colocadas nas lápides, sendo as douradas um indicativo de que o defunto, quando vivo, gozava de melhor *status* social.

De acordo com o poema, Casa Amarela também é o local onde se enterra os indigentes, classe social a qual os semelhantes de Severino pertencem, como visto nos versos abaixo:

<i>[...]</i>	<i>gente de braços devolutos;</i>
<i>deixas o dos pobres vários;</i>	<i>são os que jamais usam luto</i>
<i>melhor: não são tão contagiosos</i>	<i>e se enterram sem salvo-conduto.</i>
<i>e são muito menos numerosos.</i>	<i>— É a gente dos enterros gratuitos</i>
<i>— É, deixo o subúrbio dos</i>	<i>e dos defuntos ininterruptos.</i>
<i>indigentes</i>	<i>— É a gente retirante</i>
<i>onde se enterra toda essa gente</i>	<i>que vem do Sertão de longe.</i>
<i>que o rio afoga na preamar</i>	<i>— Desenrolam todo o barbante</i>
<i>e sufoca na baixa-mar.</i>	<i>e chegam aqui na jante</i>
<i>— É a gente sem instituto,</i>	<i>.</i>

(Melo Neto, 2007, p. 117)

O conteúdo aqui exposto revela-nos a segregação socioespacial de parte da população urbana da capital pernambucana. Segregação essa mantida até mesmo após a morte. Nesse aspecto, a partir do poema é possível interpretar que, à medida que seu autor vai descrevendo o cemitério, a fragmentação socioespacial da cidade do Recife vai sendo revelada. Essa condição fica bem explícita nos versos acima reproduzidos, a partir do uso de termos como: “subúrbio dos indigentes”, “gente sem instituto”, “braços devolutos” e “gente dos enterros gratuitos”, expondo a total exclusão social dos retirantes em relação aos outros extratos sociais.

Conforme está retratado na obra, é essa camada social a mais vulnerável às doenças contagiosas que, atreladas à situação de privação econômica, responde pelo grande número de morte e piora as condições de trabalho, as quais se queixam os coveiros. O trecho deixa claro, ainda, as péssimas condições em que chegam os retirantes sertanejos nos centros urbanos. Os versos “— Desenrolam todo o barbante/ e chegam aqui na jante”, são significativos neste aspecto, pois demonstram a situação de penúria social em que chegam esses grupos sociais à cidade supracitada.

Diante dessa análise do processo migratório dos “Severinos”, temos que ter em vista, no entanto, que não são apenas os migrantes que enfrentam os desafios desse processo. Como se trata de um sistema indissociável, o espaço urbano, receptor dessas levas populacionais, como um todo é afetado, sendo as consequências mais diretas desse processo as mudanças estruturais que nele passa a acontecer.

De acordo com Singer (2022, p. 58), o impacto da migração no lugar de destino se dá de diversas formas, afetando as suas esferas econômica, social e política. Essa camada social camponesa que migra para a cidade, ao proletarizar-se, expande sua classe operária, aumentando a oferta de mão de obra não qualificada no mercado de trabalho. Diante de tais processos, há a redução do nível de “organização e, portanto, do poder de barganha da classe, com repercussões sobre sua remuneração e condições de trabalho”. No poema, a condição de trabalho e renda de que tratam os coveiros são representativas dos impactos dos processos anteriormente descritos nas classes sociais urbanas em contexto de grandes fluxos migratórios.

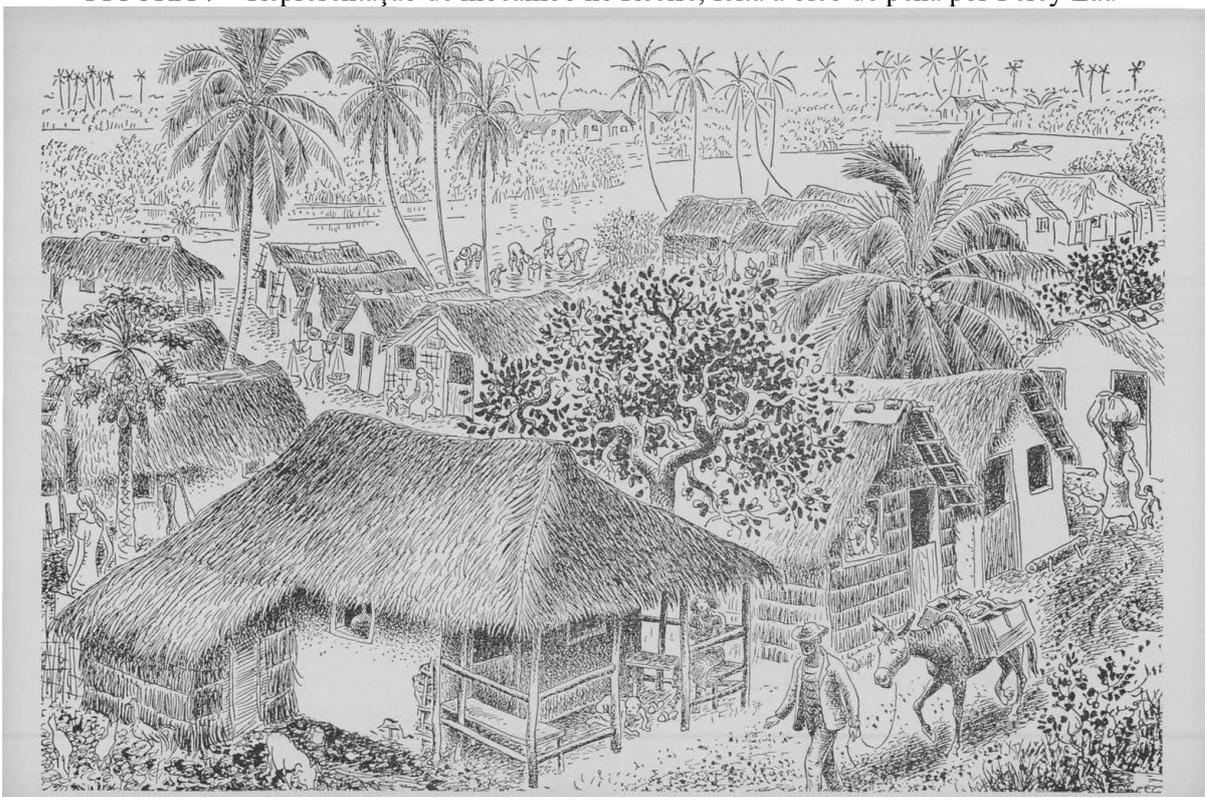
O processo de adaptação dos migrantes advindos do campo à realidade socioespacial urbana dos mocambos é outro aspecto marcante na obra de João Cabral de Melo Neto e, por isso, merece ser destacada. Em uma das partes do poema é possível verificar que a população miserável que chega aos grandes centros urbanos é segregada socioespacialmente, sendo levada a morar nos espaços que se caracterizam pelas péssimas condições estruturais, como ressalta os versos a seguir:

*E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar:
— Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
— Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
[...]
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;*

*pois bem: quando sua morte chega
temos que enterrá-los em terra seca.
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
- O rio daria a mortalha e até um
macio caixão de água;
[...]
(Melo Neto, 2007, p. 117-118)*

Como visto, diante da extrema carência e da impossibilidade econômica de acesso aos espaços com boas estruturas, essas populações são segregadas nas áreas periféricas, representadas no poema pelo mangue ou mocambo (Figura 7). Conforme aponta Lima (1970, p. 192), nas áreas pantanosas, entre os rios e o mar, que caracterizam a capital pernambucana, os mocambos se apresentavam em “sua forma mais chocante e típica”. Para o autor, apesar da diversidade de materiais aplicados na construção, como folhas de zinco, flandres ou madeira, seu tipo clássico era os construídos de “paredes formadas de terra ou massapê que reveste uma estrutura de madeira ou ripas (taipa) e de cobertura feita com palha de coqueiros, capim-açu etc.” (Lima, 1970, p. 191), conforme representação a seguir.

FIGURA 7 – Representação de mocambo no Recife, feita a bico de pena por Percy Lau²⁵



Fonte: Tipos e aspectos do Brasil, 1970.

Gilberto Freyre, em seu clássico *Sobrados e mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, afirma que a proliferação desse tipo de construção no Brasil está associada, entre outros aspectos, às condições de pobreza e ao deslocamento de grande número de pessoas ao longo do tempo. Este processo se inicia no período colonial em que “a população foi se definindo em senhor e escravo e o casario colonial foi se extremado em casa de pedra, ou adobe, e em casa de sapé ou palha; em “casa de branco” e em casa de negro ou caboclo; em sobrado e em mucambo” (Freyre, 2004, p. 347).

Como demonstra o referido autor, ao longo desse processo, os mocambos passaram a incorporar diferentes grupos sociais marginalizados, como negros fugidos, caboclos, negros livres e brancos pobres (Freyre, 2004, p. 350). Nesses espaços, especialmente no contexto descrito no poema *Morte e Vida Severina*, os recursos naturais locais, como siris e caranguejos, abundantes nos lamaçais dos mangues, ofereciam a fonte de alimentação frequentemente escassa em seus lugares de origem. No entanto, como evidencia o texto poético, a vida nos mocambos era marcada por condições mínimas de existência, com os moradores enfrentando situações de insalubridade e precariedade, conforme visto nas Figuras 8 e 9, a seguir.

²⁵ Percy Lau foi um desenhista e ilustrador nascido no Peru, mas radicado no Brasil. Várias de suas pinturas resultaram de viagens que realizou pelo Brasil a serviço do IBGE, a partir de 1939. Essas ilustrações ajudaram a criar uma imagem do Brasil nos livros de Geografia (Angosti-Salgueiro, 2005).

FIGURA 8 – Mocambo no Bairro de Santo Amaro, Recife, 1940



Fonte: Arquivo Diário de Pernambuco/D.A.Press. Acesso em: 22/07/2024.

FIGURA 9 – Mocambos no bairro de Afogados, Recife, 1960



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Acesso em: 22/07/2024.

A adaptação desses novos sujeitos no espaço urbano, segundo Singer (2022), assume uma conotação de classe e se dá pelo desenvolvimento de mecanismos de solidariedade, imprescindíveis na definição do lugar que ocupará o migrante nesta estrutura social, posição esta que é, em parte, predeterminada pelo seu relacionamento com os demais sujeitos que ali residem.

De acordo com o que expõe o referido autor, podemos afirmar que há entre os novos sujeitos que chegam e os que ali já residem a mais tempo, o compartilhamento de uma origem social em comum. Desse modo, “mesmo que tais migrantes não venham ao lugar de destino munidos de amplos recursos financeiros, mecanismos de solidariedade de classe lhes permitem” que se insiram de alguma forma na estrutura social do lugar de chegada (Singer, 2022, p. 57-58). Assim, de acordo com Santos (2014, p. 310), esses sujeitos são conduzidos “à descoberta de sua exclusão e à busca de formas alternativas de racionalidade, indispensáveis à sua sobrevivência”.

Como se pode depreender no trecho do poema anteriormente transcrito, ao chegar na cidade, os migrantes se inserem nas relações sociais que demarcam a existência dessas áreas periféricas. No caso em análise, a vida no mangue é reproduzida por meio do desenvolvimento de atividades alternativas que possibilitam a esses migrantes reproduzirem-se materialmente. Tal reprodução, contudo, é demarcada pelo aproveitamento dos precários recursos disponíveis, que faz com que a vida nesse espaço seja demarcada pela pobreza (a vida severina).

Como em outras passagens do texto, o autor utiliza nesses versos seu humor ácido e satírico para abordar a situação social desses sujeitos. Nesse sentido, ele descreve as condições insalubres em que vivem os moradores dos mocambos e mangues do Recife. O autor sugere que um simples funeral em uma cova comum no cemitério poderia, dependendo da classe social

que avaliasse essa situação, ser considerado um privilégio. Isso fica evidente quando um dos coveiros sugere que esses moradores poderiam ser lançados diretamente no mar. Assim, os fragmentos acima transcritos deixam claro a negação da essência humana dos trabalhadores periféricos.

A Recife retratada no poema, interpretado aqui sob o enfoque geográfico, explícita, desse modo, o seu conteúdo mais perverso. De acordo com Santos (1993, p. 10), “a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias pessoas ainda mais pobres”.

Nesse sentido, a grande cidade configura-se como “um polo da pobreza [...] o lugar com mais força e capacidade de atrair e manter gente pobre, ainda que muitas vezes em condições sub-humanas” (Santos, 1993, p. 11). Desse modo, ao “atrair” um considerável contingente de pessoas, a grande cidade se congestiona e seus efeitos, conforme analisa Singer (2022, p. 35), são expressos pela carência dos serviços sociais que “recai sobre as camadas mais pobres da população”, em detrimento das áreas bem servidas que, contraditoriamente, valorizam-se e ficam reservadas àqueles que são dotados de mais recursos.

Este processo de congestionamento do espaço urbano, como enfatiza Verrière (1991, p. 73), torna-se demasiadamente dispendioso pelos efeitos de escassez, pela acumulação de pessoas e pelo encarecimento que provoca”, atuando de forma direta na situação de elevação dos custos e precarização da vida. Assim, ao chegar na cidade, esses trabalhadores desprovidos das condições mínimas de existência, encontram tais entraves que os colocam em situação de exclusão. No poema, a vida no mangue é ilustrativa deste processo.

Diante disto, a perspectiva sugerida de que, na cidade, o migrante mudaria suas condições de existências para uma vida bem mais farta de recursos, é confrontada com a realidade descrita por Damiani (2022), para a qual, uma parte significativa dessas pessoas continuam, em grande medida, frustradas em seus objetivos.

Para Singer (2022, p. 61), no interior do processo capitalista de integração da população migrante à sociedade de classes, não existe “mecanismo deliberado de ajustamento da demanda de mão de obra à oferta da mesma”, mas apenas de “mecanismos de transferência do excedente”. Dessa forma, a parcela não aproveitada dessa mão de obra acaba assegurando sua sobrevivência sob condições miseráveis.

Percebe-se, portanto, que a situação do Recife retratada pelo autor no poema é um aspecto marcante da realidade socioespacial das cidades que passaram pelos processos já

citados, sobretudo, em países subdesenvolvidos. No caso brasileiro, tal realidade se origina das contradições socioespaciais que caracterizam o seu histórico de desenvolvimento espacial desigual.

A periferização dos pobres no espaço urbano recifense é narrada com mais acuidade no final do poema. Em seu nono quadro, o texto poético de João Cabral de Melo Neto nos leva até a um mocambo, localizado entre um dos cais e o rio Capibaribe, e a conhecer mais detalhadamente a vida e as relações dos que ali habitam. É nesse ambiente, demarcado pelas habitações precárias e recursos escassos, que o retirante reflete sobre sua condição de exclusão, como visto a seguir:

<i>— Nunca esperei muita coisa, [...] esperei, devo dizer, que ao menos aumentaria na quartinha, a água pouca, dentro da cuia, a farinha, o algodãozinho da camisa,</i>	<i>ao meu aluguel com a vida. E chegando, aprendo que, nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o Sertão, meu próprio enterro eu seguia.</i>
	<i>(Melo Neto, 2007, p. 119-120)</i>

Nesse sentido, nos versos aqui transcritos, Severino toma consciência de sua condição de exclusão, fato este que, conforme a continuidade do poema revela, leva-o a pensar em desistir de continuar sua vida e se jogar no rio Capibaribe, apressando, assim, sua morte. Contudo, conhece um dos habitantes do mocambo, “Seu José, Mestre Carpina”, que tenta dissuadi-lo de tal ato, como revela os versos a seguir:

<i>— Severino, retirante, o mar de nossa conversa precisa ser combatido, [...] — Severino, retirante, não sei bem o que lhe diga:</i>	<i>não é que espere comprar em grosso tais partidas, mas o que compro a retalho é, de qualquer forma, vida.</i>
	<i>(Melo Neto, 2007, p. 122-123)</i>

Para além desse universo psicológico que o poema adentra para expressar as angústias e incertezas enfrentadas pelas classes sociais desfavorecidas, a obra também promove uma reflexão crítica sobre as condições de vida nos mocambos e as complexas relações sociais que se desenvolvem nesses espaços. Esses aspectos são fundamentais para a abordagem histórico-dialética, enriquecendo a sua interpretação geográfica.

No décimo quarto quadro do poema, o autor anuncia, através dos versos, o nascimento do filho de Seu José, Mestre Carpina, abrindo possibilidades para a análise geográfica da vida e das dinâmicas socioespaciais no mocambo. O nascimento é recebido com celebração por muitos dos seus habitantes, que se reúnem para visitar a nova vida e oferecer presentes à sua

família. Como o poema em questão trata-se de um auto natalino ambientado na realidade pernambucana, o nascimento da criança é uma alusão ao de Cristo, sendo percebido pelos moradores como um evento capaz de, ao menos, por aquele instante, fazê-los esquecer as adversidades para a reprodução material da vida enfrentadas cotidianamente.

Nesse contexto, diversas insalubridades presentes no mocambo são elencadas, as quais, devido ao nascimento da criança, naquele dia, não se manifestaram. No poema, destaca-se que a maré permaneceu alta, possibilitando que o sargaço dispersasse odor desagradável da lama; o vento terral dissipou a umidade; a água turva, naquele dia, reluziu o brilho das estrelas; e, até os maruins, não incomodaram.

No décimo quinto quadro, em alusão à visita dos Reis Magos ao menino Jesus, os versos expressam a chegada de pessoas trazendo presentes para o recém-nascido. Essa passagem é bastante significativa na obra e é marcada pela adaptação à realidade social do evento bíblico original. Assim, enquanto os Reis Magos ofereceram presentes luxuosos como ouro, incenso e mirra, símbolos de riqueza e divindade, as pessoas que visitam o recém-nascido oferecem presentes modestos, mas carregados de significado cultural e, sobretudo, social, como podemos ver no trecho a seguir:

<i>— Minha pobreza tal é que não trago presente grande: trago para a mãe caranguejos pescados por esses mangues; mamando leite de lama conservará nosso sangue.</i>	<i>que coisa alguma posso ofertar: somente o leite que tenho para meu filho amamentar; aqui todos são irmãos, de leite, de lama, de ar.</i>
<i>— Minha pobreza tal é</i>	<i>(Melo Neto, 2007, p. 125-126)</i>

O trecho supracitado consegue expressar a essência da realidade socioespacial das áreas periféricas: o compartilhar, a solidariedade orgânica na copresença que acontecem nos lugares pobres, como alude Santos (2014). Para o referido autor, do ponto de vista geográfico, os lugares pobres são representativos de contra racionalidades, as quais, do ponto de vista social, são expressas por pobres, migrantes, excluídos e minorias, cuja convivência com a escassez, torna-os capazes de adaptar, de forma criativa, a realidade existente.

No caso em análise, essa contra racionalidade ocorre no mocambo, um espaço demarcado pelas condições precárias de vida, no qual é necessário, como já afirmado anteriormente, estabelecer relações solidárias e de ajuda mútuas para que seus habitantes consigam satisfazer suas necessidades básicas. No fragmento do poema, é possível interpretar que, apesar das carências materiais existentes, há neste espaço uma riqueza nas relações humanas. Nesse sentido, o suporte geográfico, cuja limitações são diversas, proporciona a

copresença, sendo a partilha, a comunicação e o apoio mútuo, aspectos necessários para a sobrevivência de seus habitantes, ficando bem ilustrado no fato de que, ao saber do nascimento de uma criança, uma das moradoras doa o seu próprio leite materno.

A solidariedade e a ajuda mútua assumem importância fundamental nesta questão, estas ações se enquadram, como já adiantamos, no que Singer (2022, p. 57) chama de mecanismos pelos quais ocorre a adaptação do migrante recém-chegado ao meio social de destino. Sem essas relações, que nascem do compartilhamento da origem social comum, a vida neste ambiente não seria possível, em vista das carências existentes.

Desse modo, os versos transcritos anteriormente, são de suma importância, não apenas ao entendimento do contexto socioespacial de que já tratamos, mas também ao próprio sentido da vida, a qual o personagem José, Mestre Carpina, tentara explicar a Severino que, por ainda estar em processo de inserção naquele contexto, desconhecia a sua essência.

Além dos elementos anteriormente citados, o autor descreve na sequência desses versos, outros presentes que são ofertados à criança, a exemplo de papel de jornal, água da bica, bolacha d'água, boneco de barro, entre outros que fazem parte do cotidiano simples das pessoas do mocambo. À luz da Geografia, isso evidencia, mais uma vez, a solidariedade orgânica entre os seus moradores que, na condição de pobreza e escassez, são capazes de compartilhar com os outros o pouco que possuem.

Partindo para o epílogo do poema, o poeta revela elementos que nos servem de arcabouço para entendermos a reprodução socioespacial dos mocambos. Isto se dá a partir da introdução de duas ciganas na narrativa poética. Elas vão trazer um olhar do autor sobre o futuro, delineado a partir das possibilidades de vida da criança recém-nascida. Esse olhar, embora suscite esperança, também reflete sobre as determinações às quais a classe social do personagem está submetida.

Nos versos, cujas falas são atribuídas às ciganas, são apresentadas projeções para o futuro da criança de forma prospectiva. Entende-se que, pelas previsões contidas no texto, há uma observância das forças socioespaciais que atuam no espaço, para serem projetadas as possíveis trajetórias de vida das pessoas que nascem no mocambo.

Nos versos, é possível compreender como as pessoas ali estabelecidas interagem com os recursos ambientais, criando suas condições de existência, como visto a seguir:

[...]
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar

na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio

*como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;*

*depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.*

(Melo Neto, 2007, p. 128)

Conforme o trecho do poema nos revela, desde cedo os habitantes do mangue aprendem a conviver com a escassez. Tal condição os forçam a desenvolver muito precocemente estratégias de sobrevivência que lhes proporcionam o mínimo para que possam se reproduzir socialmente, como caçar e apanhar comida no lixo.

Assim, evidencia-se que, quando adultos, os habitantes deste espaço vão reproduzir-se socialmente de acordo com as oportunidades que lhes foram oferecidas pelo conjunto das condições socioespaciais, como veremos a seguir:

*Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
[...]
não ficará a pescar
de jereré toda a vida.
[...]
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,*

*bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
[...]
vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.*

(Melo Neto, p. 2007, 128-129)

Como os versos mostram, temos aqui novamente a questão posta em Peet (1985) acerca das oportunidades de vida como consequência da maneira como o homem interage com o espaço. Dessa forma, por estar em um ambiente onde os recursos são limitados, o mocambo se notabiliza por ser um espaço que apresenta oportunidades escassas à reprodução material de seus habitantes. Nesse contexto, a capacidade de estruturas voltadas a melhoria das condições espaciais é mínima, levando a perpetuação da classe social que ali vive.

Embora o poema, nas previsões das ciganas, apresente distintas possibilidades de trabalho e moradia, o destino do filho de Seu José, Mestre Carpina, quer se torne pescador ou operário, estará intrinsecamente relacionado às condições de reprodução socioespacial encontradas no espaço no qual reside: o mocambo. Ao analisar a perspectiva de luta de classes a partir da questão espacial, Soja (1993, p. 115) enfatiza que, em espaços periféricos, como este

que aparece no poema, existe uma estrutura territorial de exploração e dominação em que as condições de reprodução se dão espacialmente controlada.

Desse modo, concluímos que, independentemente de estar num mocambo nas margens do Capibaribe, cujas oportunidades são mais escassas, ou Beberibe, onde as condições são melhores, conforme o texto literário nos sugere concluir, seus moradores continuarão vivendo em espaços segregados e se reproduzindo como força de trabalho. Em ambas as margens, as condições socioespaciais, tais como: a pobreza, as desigualdades de acesso a oportunidades de reprodução material, a segregação, a violência, o desemprego, a informalidade, as habitações precárias, entre outras carências, têm um peso para a continuidade desse papel social.

Com isso fica exposto, a partir da análise do conteúdo do poema *Morte e Vida Severina*, os sistemas de valores manifestados por seu autor no referido texto poético, não são de sustentação ou acomodação da ordem dominante, das quais Silk (1984) afirma sobressair a falsa consciência. Pelo contrário, o poema apresenta um conteúdo que desvela as contradições socioespaciais, dando-nos elementos para que possamos promover sua análise e reflexão e, a partir disto, compreendermos criticamente a realidade social dos seus personagens.

A existência desses aglomerados espaciais ilustra bem a dinâmica desigual e contraditória do espaço. São eles: a materialidade resultante de sistemas de objetos e ações mais gerais que atuam no/com o sistema capitalista de produção e que, ao se espacializar, conforme Santos (2014, p. 133), “passam a condicionar a própria divisão (social) do trabalho”, ou seja, criam suas próprias dinâmicas de relações, resultando, assim, num movimento “desigual e combinado”. Nos espaços cujas condições materiais de reprodução são escassas, fruto de uma divisão social do trabalho desigual e de um acréscimo populacional constante, como os mocambos do Recife do qual trata João Cabral de Melo Neto, teremos, como traço marcante, a precariedade das condições de vida de seus moradores, ficando estas explícitas nos objetos e ações constituintes desses espaços.

Ante o exposto, é imprescindível ratificar que a utilização do poema *Morte e Vida Severina* enquanto linguagem no ensino de Geografia, a partir dos objetivos e ações que foram aqui delineados, não remete apenas a possibilidade de uso do referido texto poético para análise dos processos socioespaciais que demarcaram o espaço brasileiro no período em que ele foi produzido, algo que viemos até agora realizando. O referido texto nos abre outras possibilidades que vão além do espaço-tempo que lhe serviu de contexto. À luz das teorias geográficas que foram aqui levantadas a partir das contradições socioespaciais que a análise do poema de João

Cabral de Melo Neto revelou, é possível interpretar e compreender tanto os processos migratórios quanto à formação de espaços segregados na contemporaneidade.

Afinal, o processo histórico de produção/reprodução do espaço geográfico no capitalismo sempre foi e continuará marcado por uma dinâmica desigual e combinada, mesmo que cada conjuntura apresente as suas formas (objetos produzidos pelo trabalho alienado e fixados ao território usado) e os seus conteúdos sociais específicos (relações sociais de produção). Os processos de diferenciação socioespacial mudam para manter as estruturas de classes próprias desse modo de produção e que tem como elemento fundante a apropriação privada dos meios de produção.

Diante desta constatação, vemos que as transformações socioespaciais resultantes de novas formas de acumulação do capital, ao longo do século XX e XXI, possibilitaram a ocorrência de novos fluxos migratórios que culminaram, na escala global, no crescimento e/ou surgimento de espaços que, assim como os mocambos do Recife, caracterizaram-se pela profunda segregação socioespacial de seus moradores.

Na contemporaneidade, os “Severinos” estão presentes tanto no interior dos países periféricos, cujos índices de desemprego e subemprego são elevados, e as relações de trabalhos são precarizadas, dificultando o acesso aos bens materiais, incluindo a terra, como na situação do personagem da obra, e as desigualdades socioespaciais são dadas às vistas, quanto nos países ditos desenvolvidos, em que as condições de reprodução material são melhores, devidas as maiores ofertas de emprego e renda, apesar de produzirem e atraírem também os seus “Severinos”.

Quanto à origem desses “Severinos”, é possível afirmar que advem de algumas “Serras da costela” espalhadas pelos espaços pobres do mundo. A maior parte desses migrantes tem sua origem associada a algumas regiões do espaço global em que as privações se excedem a média registrada fora dessas áreas. De acordo com a Organização das Nações Unidas, a partir do *Inventário de Migração Internacional 2019*, a África subsaariana, o Leste e Sudeste Asiático, América Latina e Caribe, e Centro e Sul Asiáticos são as regiões que apresentam maior fluxo de saída da população no mundo.

É importante ressaltar que essas grandes regiões apresentam, entre si e em seu interior, profundas disparidades econômicas, sociais e de renda, resultantes da concentração da riqueza, incluindo a terra, como a do personagem do poema cabralino, havendo, portanto, inúmeras “serras magras e ossudas” expelindo os “Severinos”, como o personagem principal do enredo poético de João Cabral de Melo Neto.

É do interior dessas regiões, que englobam países periféricos, que os “Severinos” partem em busca de melhores condições de vida. São migrantes forçados a deixar seus espaços de origem devido a conflitos armados, perseguições étnicas e/ou religiosas, desastres naturais ou ambientais, ou, como os “Severinos” do poema, pela carência de recursos materiais e pela ausência de condições estruturais para sua reprodução social (pobreza).

Na maioria das vezes, esses “Severinos” migram para áreas de maior densidade populacional, dentro de seus próprios territórios, como é o caso de milhares de brasileiros e nigerianos que, anualmente, vão em direção, principalmente, aos médios e grandes centros urbanos de seus países. No Brasil, historicamente estes centros urbanos têm exercido forte influência na orientação dos principais fluxos migratórios internos.

Conforme discute Santos (1993), entre as décadas de 1940 e 1960, este processo se deu, principalmente em direção às áreas metropolitanas, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. Após este período, em vista do processo de “expansão da metropolização”, percebeu-se a “diminuição da parte relativa das Regiões Metropolitanas no cômputo geral da população urbana brasileira” (Santos, 1993, p. 83), o que significa, no contexto aqui estudado, o aumento dos fluxos em direção, principalmente, às cidades médias, notadamente àquelas localizadas em áreas dinâmicas do desenvolvimento desigual e combinado do espaço geográfico brasileiro.

Noutros casos, assumem a condição de emigrantes, muitas vezes arriscando suas vidas em longas travessias na busca por oportunidades que lhes foram negadas nos seus países de origem. Esses fluxos têm sido, na contemporaneidade, cada vez mais intensos, demonstrando o quão precárias tem se tornado a vida em algumas áreas dos países periféricos. A chegada dessas pessoas em destinos, como a Europa e Estados Unidos da América, mostrada por veículos de imprensa em todo o mundo, como mostra as Figuras 10 e 11, evidencia bem as condições narradas por João Cabral de Melo Neto.

FIGURA 10 – Grupo de 300 imigrantes africanos durante resgate na costa da Sicília, Itália



Fonte: REUTERS/ Alessandro Bianchi, 2015.

FIGURA 11 – Imigrantes formam filas em um centro remoto de processamento da Patrulha de Fronteira dos EUA



Fonte: John Moore/Getty Images via AFP, 2023.

No poema *Morte e Vida Severina* é afirmado que os migrantes do interior pernambucano chegavam à cidade do Recife “só a Jante”, se referindo as precárias condições econômicas e físicas em que se encontravam, ao chegar ao seu destino. Podemos dizer que ocorre o mesmo em relação aos migrantes internacionais. Esses indivíduos são frequentemente vítimas de extorsão por parte dos traficantes de pessoas, conhecidos como coiotes²⁶. Eles entregam todas as suas economias a esses intermediários na esperança de atravessar fronteiras de forma clandestina, burlando o rigoroso patrulhamento realizado por países que não desejam recebê-los em seus territórios.

Esse processo inclui trajetos longos e perigosos, que podem durar vários dias, desde as regiões de origem dos migrantes até seus destinos. A viagem é frequentemente realizada em condições precárias, como em compartimentos secretos ou misturados a cargas comuns, transportados em carrocerias de caminhonetes e caminhões frigoríficos. Nessas situações, é comum que os migrantes não tenham acesso à alimentação ou ao descanso, enfrentando riscos extremos para sobreviver.

Ao chegarem aos países de destino, muitos desses migrantes enfrentam condições semelhantes às descritas no poema *Morte e Vida Severina*, sobre os sertanejos que chegavam ao Recife. Esses “Severinos”, em terras desconhecidas e sem qualquer salvo-conduto, são obrigados a continuar suas jornadas a pé. Diferentemente do Severino do poema, que seguiu pelo curso do rio, esses migrantes percorrem vias como estradas e trilhos ferroviários rumo aos principais centros dos países desenvolvidos.

Seja na condição de migrantes nacionais ou internacionais, os “Severinos” da contemporaneidade estão condicionados pelas mesmas contradições socioespaciais que são encontradas em *Morte e Vida Severina*. Migram pela imposição da pobreza e da miséria em seus espaços de origem, mas não encontram melhor sorte nos espaços de destino. Desse modo, se o mocambo é o espaço revelador, no poema, das condições sociais precarizadas enfrentadas pelo migrante em Recife, as novas formas espaciais que surgem ou se expandem ao longo dos séculos XX e XXI, que na atualidade são expressões das desigualdades existentes no interior dos territórios, acabam sendo os lugares de destino dos “Severinos” que se movimentam pelo mundo no período globalizado atual ou no interior dos territórios nacionais.

Assim, o componente migratório acaba originando ou expandindo, principalmente nos grandes e médios centros urbanos dos países periféricos e nos desenvolvidos, algumas áreas profundamente marcadas pela segregação socioespacial, nas quais a infraestrutura precária, o

²⁶ Pessoas especializadas em conduzir grupos de migrantes para tentar entrar ilegalmente em outro país.

acesso reduzido a serviços básicos, a pobreza etc. são privações comuns a seus habitantes, tornando-os pessoas que vivem tão pobre como quando partiram, ficando, assim, à margem da sociedade.

Nesse sentido, nessas condições, os mocambos de que trata o poema podem ser, analogamente, interpretados na atualidade pelas favelas brasileiras, pelos guetos estadunidenses e europeus, pelos slums indianos, pelas townships sul-africanos, pelos barrios latino-americanos, pelas bidonvilles francesas, pelas colônias mexicanas, entre outros espaços segregados pelo mundo²⁷, locais em que a escassez de oportunidade de reprodução material da vida é o traço comum e correspondem aos espaços receptores das levas de migrantes nacionais e internacionais .

Outro aspecto relevante que demonstra a atualidade no que diz respeito às questões socioespaciais levantadas em *Morte e Vida Severina* são as circunstâncias em que a morte se apresenta, como parte dos fatos imponderáveis aos quais os diversos “Severinos” atuais estão condenados em vida. Se no poema a morte decorre de circunstâncias como tocaia (morte matada) e fome (morte morrida), das quais Severino busca fugir, os “Severinos” do mundo, em seu processo de migração, também estão susceptíveis a elas.

Nas áreas de partida, a realidade marcada pela escassez e/ou pela violência obrigam muitos migrantes, assim como Severino, a terem que defender a sua vida e a da sua família. Assim como o poema sugere, lançar-se nessa jornada migratória não oferece a garantia de que o objetivo final será alcançado. Nesse sentido, as condições factuais que envolvem os fluxos migratórios em direção à Europa e aos Estados Unidos, tomados aqui como exemplos, revelam-se ainda mais severas e implacáveis do que a crítica sarcástica de João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*. As dificuldades enfrentadas pelos “Severinos” migrantes contemporâneos vão além da precariedade econômica, envolvendo riscos extremos, políticas rígidas e barreiras legais, violência e morte nas mãos dos coiotes etc., que tornam a busca por uma vida digna um percurso de sacrifício e incerteza.

O próprio deslocamento é uma experiência de morte ou vida severina, como as condições miseráveis de reprodução material e de defunção que o personagem Severino experiencia ao longo do seu percurso pelo rio Capibaribe. Todos os anos, milhares de migrantes, sobretudo africanos, após superar os perigos encontrados na travessia pelo deserto do Saara, ao

²⁷ Todas essas designações (guetos, slums, townships, barrios, bidonvilles e colônias) referem-se a áreas urbanas socioeconomicamente segregadas em cada país onde são conhecidas.

tentarem entrar na Europa em pequenas embarcações, naufragam no mar Mediterrâneo e, muitas vezes, morrem, materializando a situação de morte relatada no poema.

Por sua vez, muitos migrantes que se arriscam a tentar entrar nos Estados Unidos atravessando o mar do Caribe e o rio Grande, nas mesmas condições de deslocamento, têm suas vidas ceifadas na tentativa de romperem essas barreiras e adentrarem em solo estadunidense. Já outros, não conseguem resistir as longas travessias pelos desertos do Arizona e da Califórnia, e acabam perecendo no calor intenso dessas zonas desérticas. As próprias autoridades americanas, inclusive, mantêm acampamentos informais nessas áreas, onde os imigrantes detidos são mantidos em condições sub-humanas, no frio noturno e no calor causticante do dia, à espera de deportação.

Para esses migrantes, dependendo dos territórios que precisam atravessar, as covas ganham outra conotação, não são mais os sete palmos de terra que lhes cabem nessa vida, embora elas continuem existindo, mas as profundezas dos mares e do rio que lhes servem de “mortalha e de caixão macio de água”, como alude o poema analisado, assim como, seus últimos leitos podem ser os solos a céu aberto dos desertos que tentam atravessar.

Diante de todos estes aspectos, observa-se atualmente, como parte da agenda política, tanto nos Estados Unidos quanto em países europeus, a implementação de ações destinadas a desestimular os “destituídos globais” a migrarem para seus territórios. Nesse contexto, têm sido adotadas medidas como: maior rigor no controle de fronteiras, com a construção de barreiras físicas, patrulhamento marítimo intensificado e o uso de tecnologias avançadas de vigilância; acordos com países vizinhos, que incluem apoio financeiro em troca da contenção de migrantes nas rotas que atravessam seus territórios; colaboração com países de origem, facilitando a deportação e repatriação dos migrantes; aumento das restrições legais, com leis mais rígidas para a solicitação de asilo e penalidades severas contra quem facilita ou colabora com redes de tráfico humano.

O aumento desses fluxos e o desenvolvimento dessas políticas de endurecimento à imigração ilegal têm contribuído para o fortalecimento dos partidos de extrema-direita no âmbito dos países anteriormente mencionados. Estes procuram atrelar as crises que são próprias do sistema capitalista de produção, resultado da busca incessante por mais valia, à presença cada vez mais marcante da mão-de-obra imigrante em território nacional, fazendo ressoar, junto à sociedade, discursos de ódio contra essa massa desvalida que é resultado social do desenvolvimento geograficamente desigual.

Essa questão suscita novamente o conteúdo socioespacial existente em *Morte e vida Severina*. No poema, os personagens “coveiros”, ao reclamarem das condições de trabalho e renda aos quais são submetidos, culpam os imigrantes sertanejos por esta precarização, sobretudo, segundo eles, em razão do aumento do trabalho resultante do número crescente de migrantes sertanejos que vêm morrer na capital. Isso, conforme relatamos, é materializado no interior dos países e/ou regiões que são lócus dos principais fluxos migratórios. Diante do aumento do desemprego e da diminuição do poder aquisitivo, parcelas da sociedade culpabilizam os imigrantes, acusando-lhes de estarem ocupando seus postos de trabalho e contribuindo para a redução dos salários.

No texto poético, como forma de resolução do excesso de morte oriunda dos fluxos migratórios vindos do interior, os personagens sugerem que melhor seria enterrar os migrantes no mar, poupando-lhes o trabalho. No contexto socioespacial europeu e estadunidense, em razão da falta de garantias das condições vantajosas anteriores do Estado de bem-estar social, a expressão de crueldade é dada pelos ataques xenofóbicos e pelas políticas restritivas impostas pelos governos locais visando afugentar e devolver os “Severinos globais” a seus espaços de origem.

Isso tudo culmina para que fora dos seus países de origem, muitos migrantes enfrentem privações diversas que intensificam as dificuldades de sua jornada em busca de uma vida melhor. Ao ingressarem em territórios estrangeiros, frequentemente sem documentação regular, devido às restrições legais de cada país, veem-se limitados em seus direitos e excluídos de oportunidades formais de trabalho. Essa situação os deixa à margem das proteções trabalhistas e sociais, o que frequentemente resulta em condições de trabalho precarizadas e até análogas à escravidão, e impedidos de usufruir de serviços essenciais como saúde, habitação etc.

Como visto, a análise de conteúdo realizada, com vistas à compreensão de como o poema *Morte e Vida Severina* subsidia e possibilita uma interpretação geográfica das contradições socioespaciais enquanto um fator que impulsiona os movimentos populacionais, serve-nos como primeira aproximação para o uso da linguagem literária no ensino de Geografia. Contudo, entendemos que o seu conteúdo não se restringe à análise desses fenômenos geográficos no passado, ao qual seus versos se referem, mas serve, pelo seu teor, para analisá-los no tempo presente.

Acreditamos que essa forma de abordagem do poema analisado nos direciona de maneira mais segura para uma prática de ensino de Geografia fundamentada no uso da linguagem literária, orientada pela crítica da realidade. Desse modo vislumbraremos alcançar,

de fato, o objetivo que propôs Silk (1984) para a análise materialista histórica e dialética do texto literário, ou seja, de intervir “no processo de ‘apropriação mental do mundo’”, contrapondo-se à ideologia burguesa na prática de ensino da Geografia Escolar.

Para isso, o poema será utilizado para organizar sequências didáticas que tratem a temática de forma sequenciada e estruturada para turmas da segunda série do Ensino Médio, propondo partir do contexto dos discentes, passando pelas demais escalas (regional/nacional e mundial), como delineado na próxima parte desse estudo.

3 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DAS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS A PARTIR DO *POEMA MORTE E VIDA SEVERINA*

Diante das discussões apresentadas nos dois capítulos anteriores, torna-se evidente que determinados textos literários, ao retratarem contextos socioespaciais concretos, revelam-nos importantes aspectos da realidade socioespacial de determinado lugar, região ou país, abrindo-nos, dessa forma, ampla gama de possibilidades de analisá-los geograficamente.

Ao conduzirmos as análises e discussões nos capítulos anteriores tornou-se evidente que o conteúdo geográfico presente no poema *Morte e Vida Severina* o potencializa como linguagem capaz de subsidiar o ensino de Geografia, ao facilitar a interpretação das contradições socioespaciais e, a partir delas, a compreensão dos movimentos migratórios e das dinâmicas que os influenciam.

Tais aspectos nos guiarão, ao longo deste capítulo, na elaboração de propostas de sequências didáticas voltadas ao enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem de Geografia para a aplicação junto a uma turma da segunda série do Ensino Médio da ECIT Jornalista José Leal Ramos, localizada no município de São João do Cariri/PB²⁸.

Iniciaremos o percurso que nos conduzirá até este objetivo, discutindo sobre o papel das linguagens no ensino de Geografia, momento em que colocaremos a linguagem literária como mediação simbólica no centro de nossa discussão. No passo seguinte, definiremos nossos aportes teóricos, fundamentados nas linhas histórico-cultural vigotskiana, nas Pedagogias e Geografias Críticas, e princípios norteadores da proposta para, enfim, propor as sequências didáticas.

Iniciamos o desenvolvimento dessas propostas tratando da escala local, o município de São João do Cariri/PB, eixo central da primeira sequência didática. Com base nas interações com o espaço retratado na trama literária cabralina, a partir de sua leitura e interpretação realizadas na segunda parte desse estudo, propomos um conjunto de atividades que buscam relacionar o poema ao espaço imediato e às experiências concretas dos alunos. Buscamos, com

²⁸ São João do Cariri é um dos 198 municípios que integram o semiárido paraibano. Situado no sertão nordestino, o município integra a região denominada de cariri paraibano e está distante cerca de 230 km da capital João Pessoa. Faz divisa com os municípios de Boa Vista, Cabaceiras, Coxixola, Gurjão, Parari, São José dos Cordeiros e Serra Branca. De acordo com a divisão administrativa da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEEPB), o município pertence à 5ª Gerência Regional de Ensino (5ª GRE), sediada em Monteiro, PB. Sendo o 15º maior território da Paraíba, com uma área de 612,966 km², segundo os dados do último Censo (2022), o município contava com 4.226 pessoas, o que lhe confere uma densidade demográfica de 6,89 hab/km².

isso, promover a compreensão das contradições socioespaciais e dos movimentos migratórios, cuja origem se encontra na escala local, especificamente no município referido.

Na segunda sequência didática, as atividades elaboradas têm como foco os movimentos migratórios internos de caráter inter-regional na conjuntura de produção contraditória do espaço geográfico brasileiro. Nesta escala de análise, propomo-nos a discutir os principais fluxos migratórios internos ocorridos no Brasil, buscando compreender, por meio do auxílio do texto poético de João Cabral de Melo Neto, como essas migrações impactam, até os dias atuais, a dinâmica socioespacial tanto dos espaços de repulsão quanto dos de chegada do migrante. Além disso, buscamos compreender as principais mudanças na dinâmica desses fluxos.

A terceira sequência didática aborda as migrações internacionais contemporâneas e, nesse contexto, são desenvolvidas atividades que visam analisar e compreender tais fluxos em sua interrelação com os espaços, fenômenos, dinâmicas, condições socioespaciais e personagens apresentados na trama poética. Dessa forma, visamos trazer as questões geográficas contidas no poema de João Cabral de Melo Neto como suporte para a leitura das migrações socioespaciais globais atuais.

Por meio destas sequências didáticas, pretendemos construir uma proposta de ensino que busca, na articulação entre Literatura e Geografia, fomentar uma aprendizagem que considere o contexto e os saberes dos educandos como ponto de partida para a formação de conceitos científicos e a compreensão crítica da realidade em suas múltiplas escalas. Isso contribuirá para a formação da construção da consciência política sobre as desigualdades do processo de produção do espaço e da problemática migratória que dele deriva a partir desses sujeitos.

3. 1 A FORMAÇÃO DE CONCEITOS COMO FUNDAMENTO PARA O USO DO POEMA *MORTE E VIDA SEVERINA* NA MEDIAÇÃO DIDÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Diante dos desafios de se ensinar/aprender Geografia na Educação Básica, o uso de diferentes linguagens constitui uma forma de facilitar a ação pedagógica nessa disciplina, possibilitando, conforme Meireles e Portugal (2012, p. 19), “entender/aprender, de diferentes modos e a partir de diversos contextos, os temas tratados pela Geografia no cotidiano da sala de aula”.

Para Callai (2012, p. 74), “fazer a análise geográfica depende de ter acesso às informações e, assim, ter os conteúdos para interpretar a realidade em que vivemos”. Nesse

aspecto, o uso de linguagens no ensino de Geografia, enquanto forma de mediar o processo de ensino-aprendizagem, pode ser muito útil no desenvolvimento da capacidade de leitura da realidade socioespacial dos discentes, à medida que muitas delas foram construídas, conforme apontam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 342), tomando como base “o conhecimento e a reflexão sobre realidades locais ou regionais”. Assim, as possibilidades abertas a partir do uso de diversas linguagens no ensino da disciplina geográfica, entre outros aspectos, podem contribuir para a abordagem de temas e, sobretudo, de conceitos geográficos, o que as torna muito importantes para a compreensão da realidade, inclusive em suas contradições.

Em face de tais aspectos, a linguagem literária tem sido uma maneira encontrada pelos professores de Geografia para enriquecer as abordagens geográficas acerca de temas importantes que perpassam o ensino desta disciplina. Conforme ressalta Azevedo (2014), a tematização geográfica de algumas obras literárias em sala de aula enseja contribuições importantes acerca da contextualização de diversas questões de interesse desta disciplina. Algo que, como vimos, tem ganhado cada vez mais adeptos.

Neste aspecto, o uso da linguagem literária é visto como uma das formas pelas quais é possível se dar a contextualização das questões debatidas em sala de aula, aproximando os alunos da realidade espacial, levando-os à compreensão dos diferentes processos materializados em sua organização. De acordo com Figueiredo Monteiro (2002, p. 16), os textos literários constituem-se “extremamente úteis para retratar – de modo vívido, dinâmico e artístico – paisagens, modos de vida e demais problemas abordados como fatos ‘geográficos’”, o que os potencializa como linguagem no processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

Nesse contexto de valorização da sinergia entre Literatura e o ensino de Geografia, o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, surge como uma linguagem capaz de construir um elo significativo entre os fenômenos socioespaciais, que servem de escopo à análise geográfica, e a realidade concreta vivenciada pelos alunos.

Como vimos nesta pesquisa, com o suporte metodológico da análise de conteúdo, o poema *Morte e Vida Severina* nos revelou categorias de análise que orientaram a interpretação da realidade socioespacial presente nesta trama poética. Assim, as contradições socioespaciais e os movimentos migratórios emergem como aportes conceituais indispensáveis para a proposição de um processo de ensino-aprendizagem pautado na construção de conceitos e, por meio disso, interpretar a realidade como ela é de fato, contribuindo de forma efetiva para a compreensão do fenômeno migratório.

Por meio desses aportes, vislumbramos a possibilidade de promover, em sala de aula, experiências pedagógicas que propiciem uma compreensão suficientemente ampla da realidade socioespacial, de modo a capacitar os educandos a realizar a leitura crítica do espaço geográfico e, a partir desta, a contestação da ordem hegemônica, princípio pelo qual, conforme afirma Cook (2014), deve ser conduzido o processo de análise das obras literárias nas pesquisas geográficas.

Diante dessa perspectiva desafiadora, torna-se essencial reforçar o papel da intervenção pedagógica para o processo de desenvolvimento dos estudantes. Oliveira (2009), fundamentada nos conceitos de Vigotski, destaca que o aprendizado dos indivíduos se dá na interação com o ambiente sociocultural, envolvendo, assim, o suporte de outros indivíduos, sendo na zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que essa interação se torna mais transformadora. A ZDP, conforme afirma Oliveira (2009), refere-se à distância entre o que o indivíduo consegue realizar sozinho, definido por Vigotski como nível de desenvolvimento real, e o que ele é capaz de fazer sob orientação ou mediação de outra pessoa, ou seja, nível de desenvolvimento potencial.

Diante dessa constatação, é possível afirmar que a atuação do professor, como mediador do processo de aprendizagem, desempenha um papel essencial no desenvolvimento dos educandos, oferecendo o suporte necessário para que eles, ao longo do processo educacional, possam realizar, de forma autônoma, tarefas que, inicialmente, exigiram a mediação docente.

Em vista disso, esta pesquisa busca oferecer, por meio da proposição de sequências didáticas elaboradas a partir do poema *Morte e Vida Severina*, subsídios para a mediação da aprendizagem em turmas do segundo ano do Ensino Médio. Entendemos que, por meio dessas atividades ordenadas, podemos fomentar a compreensão das contradições socioespaciais como fatores impulsionadores dos movimentos migratórios, como o poema revela. Conscientizar-se da existência dessas contradições e compreender os mecanismos que as sustentam é um aspecto importante que deve nortear nossa prática docente.

O compromisso educacional com tais princípios, conforme nos faz saber Freire (2024a), exige rigorosidade metódica no sentido de aproximar os educandos dos objetos cognoscíveis. Desse modo, acreditamos que o cuidado e a forma como sistematizamos nossas atividades em sala de aula têm grande importância para o êxito dos objetivos traçados pelo docente em sua atuação pedagógica. Dito isso, um dos elementos centrais nesse processo educativo é, sem dúvidas, o planejamento e a elaboração da proposta de ensino.

Para Oliveira (2013, p. 80), o ensinar e o aprender implicam uma relação entre sujeitos, a qual, no âmbito da sala de aula, aquele que pretende construir novos conhecimentos e saberes

necessita planejar suas atividades de modo a tornar a aula mais envolvente e produtiva. Assim, a elaboração de sequências didáticas, pela forma integrada em que trabalha os conteúdos, é apontada pela autora como sendo um instrumento capaz de melhorar a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. As sequências didáticas são, segundo Zabala (1998, p. 18), “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Ao optarmos por esta estratégia, conforme indica Giordan (2014, p. 58), precisamos ter em vista o desenvolvimento intelectual dos educandos, algo que ocorre à medida em que são assegurados, por intermédio das atividades propostas, a construção dos conceitos enquanto “ferramentas culturais para o aluno agir no mundo e interatuar com o outro”. Aspectos estes que, conforme o autor defende, “não se estabelecem naturalmente, mas são constituídos em interações sociais segundo mediações culturais”. As sequências didáticas representam, no âmbito deste processo, um papel importante, podendo nascer da necessidade que o professor encontra em sua prática “de contextualizar ou estruturar suas aulas” (Giordan, 2014, p. 58).

Cabe ressaltar, diante do arcabouço apresentado, que o planejamento de uma sequência didática demanda uma reflexão abrangente sobre diversos fatores. Isso implica na necessidade de o professor ponderar sobre as escolhas a serem feitas em relação às atividades e procedimentos a serem conduzidos em sala de aula (Castellar, 2016, p. 29). Para que isso se torne possível, é importante atentar-se ao que nos alerta Cabral (2017), ao enfatizar que o docente precisa desenvolver a capacidade de selecionar o modelo mais apropriado de sequência didática, em conformidade com os objetivos estabelecidos e com as necessidades dos aprendizes.

Durante as fases de planejamento e elaboração das sequências didáticas, é imprescindível, ainda, que os conhecimentos dispostos estejam “relacionados com o plano experiencial dos alunos”, devendo o professor “se aproximar da realidade vivenciada pelo estudante e inseri-la no conteúdo que irá ensinar”, bem como propor “investigações pertinentes sobre a realidade” destes (Castellar, 2016, p. 25). Indubitavelmente, não podemos prescindir desta abordagem se temos em vista a perspectiva de ensino que adotamos, ou seja, a abordagem histórico-cultural de Vigotski, os princípios da Pedagogia e da Geografia Escolar críticas.

No contexto desta pesquisa, a elaboração de Sequências Didáticas toma, ainda, como pressuposto importante as análises da Literatura enquanto linguagem capaz de apoiar o ensino e a pesquisa em Geografia, bem como a interpretação geográfica do poema *Morte e Vida*

Severina, realizada a partir da análise de conteúdo na segunda parte deste estudo. As reflexões sobre o ensino de Geografia e a linguagem literária, bem como a categorização e compreensão da obra, forneceram o suporte necessário para a proposição de uma sequência de atividades fundamentada na interrelação entre Literatura e Geografia.

A partir dessas reflexões e análises, levamos em consideração, ao elaborar as referidas sequências ordenadas de atividades, os pressupostos que regem uma prática de ensino em Geografia fundamentada na construção do conhecimento de maneira contextualizada. Considerando o papel ativo e social dos educandos no processo de ensino-aprendizagem e a conjuntura geográfica que se apresenta tanto no poema em questão, quanto na realidade concreta dos alunos, as atividades planejadas nestas sequências buscam, por meio de múltiplas interações possíveis entre docentes e educandos, fomentar a construção de conhecimento no ensino de Geografia.

Nesse percurso, o ponto de partida será o contexto dos discentes, ou seja, a realidade local. A partir dessa escala inicial, as demais escalas espaciais são gradualmente incorporadas, permitindo uma compreensão aprofundada de como as contradições socioespaciais influenciam os movimentos migratórios no movimento dialético global-local. Dessa forma, é possível vislumbrar as inter-relações entre esses fenômenos, ampliando a percepção dos alunos sobre a complexidade e a interdependência dos processos geográficos.

Essa forma de abordagem nos conduzirá ao desenvolvimento da mediação pedagógica junto aos discentes. Neste itinerário, buscaremos a redefinição dos conceitos cotidianos dos alunos, em favor da construção de conceitos científicos. Pretendemos, na transposição da escala local para as demais escalas, ainda, por meio desses processos, promover a problematização e abstração/generalização dos conceitos trabalhados. Estas ideias fundamentarão as três propostas de sequências didáticas estruturadas a seguir, as quais pretendemos desenvolver nesta pesquisa tendo como fio condutor o poema *Morte e Vida Severina*.

3. 2 OS SEVERINOS DAQUI: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB

O princípio de método que conduz o ensino-aprendizagem deve considerar como ocorre o processo de construção do conhecimento pelo(a) discente, no nosso caso, em específico, o conhecimento geográfico. A maneira como o professor conduz este processo depende da perspectiva da abordagem assumida.

Assim, neste estudo, nossa proposta encontra-se ancorada no respeito à autonomia dos educandos, no diálogo professor-aluno e na construção do conhecimento de maneira contextualizada, considerando a realidade concreta dos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, mediada pela conjuntura socioespacial e do movimento populacional que é narrada no poema cabralino.

Para tanto, é necessário reconhecer, no âmbito dessa proposta, que a construção do conhecimento, como ressaltava Cavalcanti (2012), não é algo simples, dado de fora para dentro, ou seja, transmitido diretamente do mundo objetivo para o sujeito. Pelo contrário, neste processo, o papel ativo e social do educando é imprescindível. Ao recorrer à teoria sociointeracionista de Vigotski²⁹, a referida autora sustenta que tal construção resulta de operações complexas que ocorrem “no indivíduo ao internalizar elementos do pensamento objetivado na experiência social e cultural e, especificamente, do pensamento científico” (Cavalcanti, 2012, p. 158).

Assim, a perspectiva sócio-histórica, ao considerar as interações entre os indivíduos e seu ambiente sociocultural no aprendizado, bem como o papel da mediação no desenvolvimento do pensamento científico, é de fundamental importância neste estudo, tendo em vista que necessitaremos deste arcabouço teórico para orientar as ações a serem desenvolvidas no processo de construção do conhecimento geográfico gerado a partir da leitura e interpretação do poema *Morte e Vida Severina*.

Temos discernimento que, neste processo, o centro desta questão se encontra na necessidade de o trabalho docente ser orientado para o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Segundo Cavalcanti (2012, p. 158), efetuada por meio da mediação didática, esta ação busca “estabelecer, com a intervenção deliberada do professor, a relação do aluno com o mundo objetivo”, desenvolvendo-se, assim, sua “capacidade mental, sobretudo a de formar conceitos, para lidar” com o mundo³⁰.

Enquanto criações histórico-sociais, os conceitos constituem “artefatos culturais que medeiam a relação de pessoas com o mundo” (Cavalcanti, 2022, p. 18). Isso os torna ferramentas potenciais para o processo de ensino-aprendizagem, pois é por meio deles que, segundo Cavalcanti (2012, p. 164), o aluno adquire ferramentas intelectuais para compreender

²⁹A teoria sociointeracionista versa sobre a importância do contexto social e cultural no processo de desenvolvimento dos indivíduos, defendendo que o aprendizado requer um processo de mediação que envolve a linguagem, a interação entre os indivíduos e seu meio cultural.

³⁰Valendo-se do conhecimento de Vigotski, Cavalcanti (2022, p. 18), enfatiza que “toda relação do sujeito com o mundo é travada de forma mediada, porque entre eles estão instrumentos, práticas, símbolos já produzidos histórico e socialmente”

“a realidade espacial que o cerca na sua complexidade, nas suas contradições, com base na análise de sua forma/conteúdo e de sua historicidade”. Desse modo, assegurar que os alunos sejam orientados para o desenvolvimento do pensamento conceitual, constitui uma das principais tarefas do ensino de Geografia (Cavalcante, 2022).

Para a efetivação dessa proposta, conforme argumenta Cavalcanti (2012), é fundamental que o professor de Geografia confronte os conceitos espontâneos dos alunos, ou seja, aqueles que, segundo Vigotski, são construídos ao longo da vida do sujeito em interação com o mundo que o cerca, com os conceitos científicos próprios da ciência de referência, no caso, os geográficos.

Contudo, é importante frisar que o trabalho escolar orientado para a formação de conceitos exige a consciência de que se trata de uma tarefa complexa. Segundo Vigotski (2008), sendo a formação de conceitos o resultado de muitas funções intelectuais, tais como: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar, é improdutivo tentar ensiná-lo de forma direta. Os conceitos científicos, ao contrário dos conceitos espontâneos, pressupõem, no ambiente de ensino, um processo de desenvolvimento capaz de induzir percepções generalizantes que culminem na consciência reflexiva.

Este processo requer, como o próprio autor enfatiza, a construção de um sistema conceitual em vista de que, no processo de ensino-aprendizagem, a formação de conceitos científicos dá-se por meio de um sistema hierárquico de inter-relações, existindo, assim, uma série de conceitos subordinados os quais necessitam ser generalizados para a formação de um conceito de grau superior (Vigotski, 2008).

Em nossa pesquisa, para que os discentes alcancem a generalização conceitual, compreendendo o espaço geográfico enquanto produto/reprodução social desigual e contraditória e como esta produção/reprodução pode impulsionar movimentos migratórios, será necessário percorrer a operacionalização de uma série de conceitos subordinados. Esses conceitos deverão ser abstraídos a partir da interação entre a realidade socioespacial vivenciada pelos alunos e a realidade socioespacial apresentada no poema *Morte e Vida Severina*.

Por sua vez, isso requer que aspectos tratados em alguns trechos do poema sejam problematizados, a fim de favorecer a construção dos conceitos de grau superior por meio da movimentação dos conceitos subordinados, como mostrado no Quadro 10.

QUADRO 10 – Mediação para a formação dos sistemas conceituais a partir do poema *Morte e Vida Severina*

Questões norteadoras (conceitos)	Trechos do poema <i>Morte e Vida Severina</i> que remetem às respostas das questões e os conceitos a serem formados
<p>Onde viviam e o que faziam os “Severinos” que são conhecidos no poema? Como era a terra onde os “Severinos” praticavam a agricultura? Que tipo de agricultura praticavam? Essas terras eram próprias ou cedidas? Como eram as relações de trabalho? Que elementos do texto poético revelam a existência de conflitos pela posse da terra?</p> <p>(Concentração fundiária, segregação socioespacial no campo, relações sociais de produção no campo e conflitos agrários)</p>	<p>“há muitos na freguesia, / por causa de um coronel / que se chamou Zacarias / e que foi o mais antigo / senhor desta sesmaria”.</p> <p>“é o Severino / da Maria do Zacarias, / lá da serra da Costela, / limites da Paraíba”.</p> <p>“- Onde a Caatinga é mais seca, / irmão das almas, / onde uma terra que não dá/ nem planta brava”.</p> <p>“há certas paragens brancas, / de planta e bicho vazias, / vazias até de donos”.</p> <p>“- É de bom tamanho, / nem largo nem fundo, / é a parte que te cabe / neste latifúndio”.</p> <p>“iguais em tudo e na sina: / a de abrandar estas pedras / suando-se muito em cima, / a de tentar despertar/ terra sempre mais extinta, / a de querer arrancar / alguns roçados da cinza”.</p> <p>“- Nos magros lábios de areia, / irmão das almas, / os intervalos das pedras, / plantava palha”.</p> <p>“- Pois fui sempre lavrador / lavrador de terra má”.</p> <p>“- Agora trabalharás / só para ti, não a meias, / como antes em terra alheia”.</p> <p>“- Até que não foi morrida, / irmão das almas, / esta foi morte matada, / numa emboscada”.</p> <p>“sempre há uma bala voando / desocupada”.</p> <p>“- Ter um hectare de terra, / irmão das almas, / de pedra e areia lavada / que cultivava”.</p> <p>“- Queria mais espalhar-se, / irmão das almas, / queria voar mais livre / essa ave-bala”.</p> <p>“- Mais campo tem para soltar, / irmão das almas, tem mais onde fazer voar / as filhas-bala”.</p> <p>“- Não é cova grande. / é cova medida, / é a terra que querias / ver dividida” [...]</p>
<p>Quais eram as condições de morte e de vida severina?</p> <p>(Condições de morte e de vida severina)</p>	<p>“que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte / de fome um pouco por dia”</p> <p>“foi de vida severina / (aquela vida que é menos / vivida que defendida”</p> <p>“- Terás de terra / completo agora o teu fato: / e pela primeira vez, sapato”.</p> <p>“e terás enfim tua roça”.</p> <p>“- Despido vieste no caixão, / despido também se enterra o grão. / - De tanto te despiu a privação / que escapou de teu peito à viração”.</p> <p>“ou melhor, na lamparina: / pois é igual o querosene / que em toda parte ilumina”</p> <p>“na mesma cabeça grande / que a custo é que se equilibra, / no mesmo ventre crescido / sobre as mesmas pernas finas/ [...]</p> <p>“- Dize que levas somente/ coisas de não: / fome, sede, privação”.</p> <p>“- Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa”</p> <p>“- Ali ninguém aprendeu / outro ofício, ou aprenderá; / mas o sol, de sol a sol, / bem se aprende a suportar”.</p> <p>“- Já veleei muitos defuntos, / na serra é coisa vulgar”.</p>
<p>O que levou Severino a migrar? Ele foi pressionado a deixar seu lugar? Onde começou e onde terminou a migração de Severino? Como é chamado esse tipo de migração? Como fez esse trajeto?</p> <p>(Desenvolvimento geográfico desigual, fatores de repulsão, migração, migrações espontâneas e forçadas, emigração, êxodo rural, imigração e industrialização)</p>	<p>“O que me fez retirar / não foi a grande cobiça; / o que apenas busquei / foi defender minha vida”</p> <p>“se na serra vivi vinte, / se alcancei lá tal medida, / o que pensei, retirando, / foi estendê-la um pouco ainda”</p> <p>“- E esse povo de lá de riba / de Pernambuco, da Paraíba, / que vem buscar no Recife / poder morrer de velhice”</p> <p>“e onde o pé se descaminha. / Não desejo emaranhar / o fio de minha linha / nem que se enrede no pelo / hirsuto desta caatinga. / Pensei que seguindo o rio / eu jamais me perderia: / ele é o caminho mais certo, de todos o melhor guia”.</p> <p>“Devo rezar tal rosário / até o mar onde termina”.</p> <p>“é chegar logo ao Recife, / derradeira ave-maria / do rosário, derradeira / invocação da ladainha, / Recife, onde o rio some / e esta minha viagem se fina”.</p>
<p>O que buscam os migrantes nos grandes centros urbanos? Com as correntes migratórias, como fica a cidade?</p> <p>(Desenvolvimento geográfico desigual, fatores de atração, relações sociais de produção na cidade)</p>	<p>“Enxergo daqui a planura / que é a vida do homem de ofício, / bem mais sadia que os mangues, / tenha embora precipícios.”</p> <p>“- E onde vais trabalhar agora, / qual o subúrbio que te cabe? / - Passo para o dos industriários”</p> <p>“- Passas para o dos operários, / deixas o dos pobres vários”</p> <p>“diversas vezes por dia / chega o comboio de alguém”.</p> <p>“Pode ser uma estação / mas não estação de trem: / será parada de ônibus, / com filas de mais de cem”.</p> <p>“Deviam dar um aumento, / ao menos aos deste setor de cá. / As avenidas do centro são melhores, / mas são para os protegidos: / há sempre menos trabalho / e gorjetas pelo serviço”</p>

<p>Como os grupos sociais aparecem separados no espaço urbano revelado no poema?</p> <p>Como são as condições estruturais e de vida desses grupos?</p> <p>Onde vão morar os “Severinos” após chegarem à cidade?</p> <p>(Segregação socioespacial na cidade, espaços centrais e periféricos e solidariedade orgânica)</p>	<p><i>“As avenidas do centro são melhores, / mas são para os protegidos: / há sempre menos trabalho / e gorjetas pelo serviço; / e é mais numeroso o pessoal”</i></p> <p><i>“As avenidas do centro, / onde se enterram os ricos para as belas avenidas / onde estão os endereços / e o bairro da gente fina”</i></p> <p><i>“Também um bairro dessa gente / temos no de Casa Amarela: / cada um em seu escaninho, / cada um em sua gaveta”.</i></p> <p><i>“- É, deixo o subúrbio dos indigentes / onde se enterra toda essa gente / que o rio afoga na preamar / sufoca na baixa-mar”.</i></p> <p><i>“- Não têm onde trabalhar / e muito menos onde morar. / - E da maneira em que está / não vão ter onde se enterrar”.</i></p> <p><i>“fica vivendo no meio da lama, / comendo os siris que apanha”.</i></p> <p><i>“- Seu José, mestre carpina, / que lhe pergunte permita: / há muito no lamaçal / apodrece a sua vida?”</i></p> <p><i>“- Minha pobreza tal é / que não trago presente grande: / trago para a mãe caranguejos / pescados por esses mangues”</i></p> <p><i>“aquí todos são irmãos, / de leite, de lama, de ar”.</i></p>
<p>Como os “Severinos” se reproduzem socioespacialmente?</p> <p>(Reprodução social como classe trabalhadora)</p>	<p><i>“que sempre pás e enxadas/ foices de corte e capina,/ ferros de cova, estrovengas/ o meu braço esperariam”.</i></p> <p><i>“Vejo-o, uns anos mais tarde,/ na ilha do Maruim,/ vestido negro de lama,/ voltar de pescar siris;/ e vejo-o, ainda maior;/ pelo imenso lamarão/ fazendo dos dedos iscas/ para pescar camarão”.</i></p> <p><i>“Enxergo daqui a planura/ que é a vida do homem de ofício, / bem mais sadia que os mangues, / tenha embora precipícios. / Não o vejo dentro dos mangues, / vejo-o dentro de uma fábrica / se está negro não é lama,/ é graxa de sua máquina”.</i></p> <p><i>“vejo coisa que o trabalho / talvez até lhe conquiste: / que é mudar-se destes mangues / daqui do Capibaribe / para um mocambo melhor / nos mangues do Beberibe”.</i></p>

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nesta abordagem, tudo começa com o levantamento de questões norteadoras voltadas à problematização e à reflexão dos discentes acerca dos processos de produção/reprodução dos espaços agrário e urbano e dos movimentos migratórios revelados no poema, conforme mostrado no Quadro 10. À medida que eles forem encontrando, no texto poético, os aspectos que os conduzirão à compreensão de tais processos, iremos atuar na zona de desenvolvimento proximal para que possam promover abstrações e, a partir delas, operar com os conceitos científicos a serem internalizados.

Nesta etapa, a movimentação do sistema conceitual deve começar com os conceitos subordinados, a exemplo dos conceitos de concentração fundiária, segregação socioespacial, relações sociais de produção no campo e na cidade, êxodo rural, migrações espontâneas e forçadas, fatores de repulsão e fatores de atração populacional, desenvolvimento geográfico desigual, para, somente depois, explorar os conceitos de grau superior.

Enquanto mediadores do processo de aprendizagem, devemos problematizar, primeiramente, o espaço de origem dos “Severinos” para que possam identificar e compreender aspectos como: como era a vida no espaço agrário, o que faziam, que tipo de agricultura praticavam e onde praticavam, se em terras próprias ou cedidas e sob quais relações de trabalho. Feito isto, intentamos as seguintes questões: o que os levou a migrar para os centros urbanos, sob quais condições, atraídos por quais fatores, para quais lugares e vivendo sob quais condições?

A partir dessa análise, identificamos os referidos conceitos como concentração fundiária (domínio de grandes propriedades por poucos), segregação socioespacial (desigualdade no acesso à terra e aos recursos), relações sociais de produção no campo e na cidade (exploração, parceria, arrendamento etc.; trabalho assalariado, subemprego, informalidade etc.), migração (deslocamento populacional entre regiões), êxodo rural (migração em massa do campo para a cidade), migrações espontâneas e forçadas (movimentos voluntários em busca de melhores condições; deslocamento devido a condições extremamente adversas que tornam a permanência do migrante inviável nos lugares de origem), fatores de repulsão (pobreza, falta de oportunidades e conflitos agrários) e fatores de atração (indústria, emprego, expansão do setor de serviços nos centros urbanos etc.).

Na etapa seguinte, devemos buscar generalizar tais conceitos, questionando-os se a realidade de que trata o poema pode ser encontrada em outros lugares? A partir dessa inter-relação, é fundamental explorar tais conceitos em diferentes níveis de realidade e escalas, começando pelo lugar — a escala local — para, em seguida, transpor essa análise para as escalas nacional e global, permitindo, assim, uma compreensão ampla da realidade.

Assim, o trabalho orientado nessa concepção confere maior significado à aprendizagem, contribuindo para a problematização e abstração/generalização dos conceitos sem os quais a própria construção do conhecimento sistematizado não é possível. Outrossim, abrem-se possibilidades para ascensão dos saberes espontâneos do aluno para saberes científicos. Por outro lado, os saberes científicos aderem à realidade, explicando-a cientificamente. Nesse sentido, considera-se que a realidade é complexa e que a sua interpretação exige profundidade teórica, algo que o conhecimento cotidiano, por si só, não é capaz de realizar.

A intenção, como nos diz Callai (2013, p. 112), é que o senso comum, enquanto verdades das massas, seja “superado com as verdades científicas, quer dizer, com o conhecimento que a humanidade produziu ao longo de sua história”. Papel esse a ser desempenhado pelo professor.

Indo ao encontro desta visão, Freire (2024a) enfatiza que a atividade docente implica o aguçamento contínuo da curiosidade do educando, tornando-a cada vez mais metodicamente rigorosa. Assim, é papel indispensável do professor fazer com que o saber da pura experiência, o saber ingênuo, como coloca o autor, possa ser superado pelo saber metodicamente rigoroso, que resulta da curiosidade epistemológica.

Tudo isso torna evidente a importância do contexto socioespacial dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, em vista de que é na interação com o meio mediada pela cultura que se dá o desenvolvimento dos conceitos dos alunos, sendo, portanto, o ponto de partida pelo qual

os processos sistematizados de ensino devem buscar atuar. Sobre este contexto, Freire (2024a, p. 134) afirma que:

não há dúvida, que as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios. Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica.

Com base nesses apontamentos, no contexto da proposta de ensino-aprendizagem aqui apresentada, nosso intuito é partir da realidade vivenciada pelos educandos para compreender como as contradições socioespaciais impulsionam os movimentos migratórios, como definido na interpretação do poema. Essa abordagem não apenas enriquece o processo educativo, como já demonstrado, mas também é o ponto de partida para a generalização dos conceitos trabalhados para a compreensão desses fenômenos geográficos interpretados no texto literário cabralino em outras escalas.

Para Callai (2002), o professor deve atuar sobre a realidade empírica do aluno, de modo a considerar suas vivências e, a partir delas, desenvolver abstrações, por meio de conceitos científicos, desencadeando, dessa forma, generalizações dessas vivências, com o intuito do entendimento da realidade de forma mais ampla. No âmbito do ensino de Geografia proposto para este estudo, o ponto de partida para abordagem de que trata a autora é o estudo do lugar. Nesse estudo, essa categoria assume a definição coerente com o método de pesquisa elegido, ou seja, a sua concepção material, objetiva e singular.

Conforme define Santos (2023), o lugar³¹ deve ser concebido enquanto subespaço ou fração do sistema indissolúvel e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, cuja essência é definida pela singularidade. Segundo o referido autor (2014, p. 165), os recursos existentes no mundo – tais como capital, população, força de trabalho e excedentes – “dividem-se pelo movimento da totalidade, através da divisão do trabalho e na forma de eventos”. Diante disto, a cada momento histórico, estes recursos são distribuídos e combinados de maneiras distintas em cada localidade, resultando numa diferenciação no interior do espaço total, conferindo ao lugar as especificidades e definições particulares. Cabe acrescentar que, de acordo com Santos (2023, p. 159), “cada lugar se define tanto pela sua existência corpórea”, resultante dos sistemas de objetos, “quanto por sua existência relacional”, resultante das ações, garantindo, assim, que os lugares existam e se diferenciem uns dos outros.

³¹ Nos estudos geográficos, o lugar pode ser analisado ainda sob a perspectiva humanista, na qual essa categoria é compreendida na perspectiva da existência e pelas relações profundas com o espaço vivido, considerando elementos como afetividade, pertença, identidade, medo etc.

O estudo do lugar assume, na prática de ensino em Geografia, grande relevância, pois, conforme suscita Callai (2013), ao se compreender o lugar em que vive, o sujeito passa a conhecer a sua história e entender o que acontece no seu espaço. Indo além, Santos (2014; 2023) compreende que, por meio do lugar, é possível perceber o mundo de forma empírica, pois: “o lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este se esconde pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo [...]” (Santos, 2023, p. 172).

Para Santos (2014), no mundo atual, em que vemos a união entre técnica, ciência e informação em escala global, as densidades técnica, informacional e normativa, que caracterizam os lugares, são atributos que podem ser facilmente identificados em nossa realidade empírica, daí o fato de que, atualmente, a totalidade torna-se cada vez mais empírica.

Portanto, do ponto de vista educacional, inserir o lugar enquanto perspectiva de abordagem possibilita a compreensão não apenas dos aspectos presentes no entorno imediato do aluno, mas também das dinâmicas globais que influenciam e se manifestam no lugar. Conforme Santos (2014), em um mundo cada vez mais globalizado, muitas das ações que ocorrem em um espaço local têm sua origem fora dele, como produto de necessidades alheias.

Por isso, para Callai (2002, p. 88), ao se considerar o lugar enquanto categoria de análise, torna-se necessário levar em consideração também o espaço geográfico “em seus aspectos relativos e relacionais ao contexto em que se insere”. Dessa forma, pode-se dar a abrangência necessária para se entender os mecanismos e fenômenos que ocorrem no lugar e que, direta ou indiretamente, mantêm relação com a vida de todos. Esta capacidade de compreender o lugar e estabelecer sua conexão com o mundo é considerada, segundo Callai (2013), fundamental para tomar decisões, definir formas de ação e organização e, conseqüentemente, compreender o mundo. É justamente por meio desse elo entre o Universal e o Particular, ou seja, o global e o local, que são criadas as particularidades que definem os lugares, conforme aponta Santos (2014).

Ao trabalharmos os movimentos migratórios no ensino de Geografia na perspectiva da abordagem do lugar, vislumbramos o processo de integração dessas escalas à medida que são criadas imbricações entre os espaços de repulsão e os de atração populacional. O município de São João do Cariri está diretamente integrado a este contexto socioespacial, já que participa ativamente do processo de repulsão populacional que vem historicamente alimentando os fluxos migratórios regionais/nacionais. Cabe-nos, então, por meio do ensino de Geografia,

oferecer subsídio para que os nossos alunos, a partir do que vivenciam no lugar, tornem-se aptos a fazer a leitura desse processo em outras escalas de ocorrência.

Diante do que foi exposto, torna-se evidente a importância de considerar, nesta primeira sequência didática, a realidade imediata dos alunos, ou seja, o município de São João do Cariri, como ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico nesta pesquisa. A escolha do município de São João do Cariri para contextualizar as propostas de sequências didáticas que serão aqui expostas justifica-se pelo fato de ser ele o *locus* de minha prática docente, atuando como professor de Geografia na ECIT Jornalista José Leal Ramos. Dessa forma, é neste contexto que as referidas sequências, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos aqui apresentados e discutidos, serão aplicadas.

A construção do conhecimento geográfico envolve, como visto, a necessidade do desenvolvimento de processos importantes, os quais, por sua vez, precisam estar ancorados numa perspectiva de ensino que preze tanto pelo respeito dos saberes quanto pela autonomia do ser dos educandos. Assim, de acordo com Freire (2024b), “o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (Freire, 2024b, p. 89).

O que está em questão, no que diz respeito especificamente ao ensino de Geografia, conforme salienta Callai (2002), é o desenvolvimento, por parte do estudante, de sua consciência espacial. Trata-se de, a partir dos conteúdos da Geografia, fomentar a capacidade de aprender a pensar dos educandos, ou seja, “elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento” (Callai, 2002, p. 93).

Munido dessa consciência, almeja-se que o educando seja capaz de promover uma leitura ampla da realidade, seja ela local ou global. Neste aspecto, a proposta delineada neste trabalho, que se ancora no uso da linguagem literária como meio de intervir no processo de apropriação mental do mundo, a partir do fomento da leitura profunda das contradições socioespaciais e a consequente migração de pessoas que demarca a sociedade capitalista, exige uma prática de ensino alinhada a essa visão de mundo.

Entendemos que essa dimensão implica a assunção do que Freire (2024a) chama de compromisso docente com a consciência crítica do educando, pois, “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e se desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (Freire, 2024a, p. 26).

No contexto do ensino de Geografia, sob a perspectiva que temos defendido neste estudo, a prática educativa compromissada com a formação da consciência crítica do educando perpassa, como vimos, uma atuação mediadora que favoreça a construção de conceitos geográficos, tomando, para tanto, a realidade empírica dos educandos como ponto de partida para o desencadeamento de processos mentais abstratos, pressuposto básico para a interpretação crítica da realidade.

Ler a realidade, neste contexto, possibilita ao educando a apropriação mental do mundo e, a partir disso, uma transformação na maneira como ele percebe e interage com essa realidade. Trata-se de um processo pelo qual o sujeito, ao desvelar a realidade, desvela a si mesmo enquanto parte dessa realidade. Com isto, abre-se a possibilidade para aquilo que Freire (2024b, p. 237) chama de “adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta”.

Com base nesses pressupostos teóricos, apresentamos a seguir, no Quadro 11, uma sequência de atividades voltada para a compreensão de como as contradições socioespaciais impulsionam os movimentos migratórios, tomando o lugar, São João do Cariri/PB, como escala para a compreensão dessa correlação. Ao longo dos cinco encontros que compõem esta proposta, buscamos, por meio da leitura e análise do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, em sala de aula, contemplar os fundamentos teóricos discutidos anteriormente, que devem embasar as práticas de ensino em Geografia.

QUADRO 11 – Sequência didática “Os Severinos daqui: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB”

ANO/SÉRIE: 2ª série do Ensino Médio
TEMA: Os Severinos daqui: as migrações socioeconômicas de São João do Cariri-PB
DURAÇÃO: Cinco encontros
OBJETIVO GERAL: Compreender como as contradições socioespaciais manifestadas no lugar impulsionam os movimentos migratórios
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: <ul style="list-style-type: none"> • Analisar as características literárias do poema <i>Morte e Vida Severina</i>; • Formar, com base no poema, os conceitos de espaço geográfico enquanto produto/reprodução social desigual e contraditória, e de movimentos migratórios, bem como o sistema de conceitos a eles relacionados; • Analisar como a produção/reprodução social desigual e contraditória do espaço agrário do município de São João do Cariri impulsionou os movimentos migratórios dos seus “Severinos”;

- Compreender a realidade socioespacial e o processo de inserção dos migrantes nos espaços periféricos, a partir das relações intertextuais entre o poema *Morte e Vida Severina* e os fluxos migratórios dos “Severinos” do município de São João do Cariri.

RECURSOS UTILIZADOS: quadro branco, lápis de quadro, cópias do poema, impressões de atividades, TV, Cabo HDMI, notebook, material para impressão (folhas de ofício, impressora), Software de mapeamento QGIS.

AVALIACÃO: A avaliação dos discentes será conduzida com base na participação ativa nas discussões e nas atividades propostas durante cada encontro. Consideramos como critérios avaliativos o engajamento nos debates e reflexões sugeridos, demonstrando progressivo domínio dos conceitos geográficos trabalhados em sala, a realização das atividades de pesquisa, as análises de textos e imagens sugeridos e, ao final dos encontros, a elaboração de um mapa temático representativo da migração dos familiares dos estudantes.

PRIMEIRO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

Neste primeiro encontro, no trabalho pedagógico interdisciplinar com a disciplina de Língua Portuguesa, propomos a realização da leitura do poema *Morte e Vida Severina*, com o objetivo de engajamento, compreensão e apreciação do seu texto literário pelos alunos.

Para isso, sugerimos a distribuição da cópia impressa do texto para os alunos. Esse momento será mediado pelo(a) professor(a) de Língua Portuguesa³², no horário reservado à sua aula. Em seguida, propomos a apresentação do autor e da obra com o intuito de contextualizá-los, bem como a leitura e a interpretação do poema.

Em seguida, partiremos para a análise dos fundamentos literários do texto poético *Morte e Vida Severina*, explorando elementos como o gênero literário, características estilísticas e a escola literária.

Para a avaliação desse encontro, propomos uma atividade que articule o poema *Morte e Vida Severina* com outras produções artísticas que retratam o mesmo contexto espaço-temporal: o poema *Triste Partida*, de Patativa do Assaré (Quadro 12) e a pintura *Retirantes*, de Candido Portinari (Figura 12).

³² Na Rede Pública do Estado da Paraíba, o ensino da Literatura ocorre nas aulas reservadas ao componente curricular de Língua Portuguesa, por meio de profissionais com habilitação para lecionar esta disciplina.

QUADRO 12 – Poema *Triste partida*, de Patativa do Assaré

Triste Partida

Patativa do Assaré

Setembro passou	Agora pensando	No dia seguinte	Chegaram em São Paulo
Outubro e novembro	Ele segue outra trilha	Já tudo enfadado	Sem cobre quebrado
Já tamo em dezembro	Chamando a família	E o carro embalado	E o pobre acanhado
Meu Deus, que é de nós	Começa a dizer	Veloz a correr	Percura um patrão
(Meu Deus, meu Deus)	(Meu Deus, meu	(Meu Deus, meu	(Meu Deus, meu Deus)
Assim fala o pobre	Deus)	Deus)	Só vê cara estranha
Do seco nordeste	Eu vendo meu burro	Tão triste coitado	De estranha gente
Com medo da peste	Meu jegue e o cavalo	Falando saudoso	Tudo é diferente
Da fome feroz	Nós vamo' a São	Um seu filho choroso	Do caro torrão
(Ai, ai, ai, ai)	Paulo	Exclama a dizer	(Ai, ai, ai, ai)
A treze do mês	Viver ou morrer	(Ai, ai, ai, ai)	Trabaia dois ano
Ele fez experiência	(Ai, ai, ai, ai)	De pena e saudade	Três ano e mais ano
Perdeu sua crença	Nós vamo' a São	Papai sei que morro	E sempre nos prano
Nas pedra de sal	Paulo	Meu pobre cachorro	De um dia vorta
(Meu Deus, meu Deus)	Que a coisa 'tá feia	Quem dá de comer?	(Meu Deus, meu Deus)
Mas noutra esperança	Por terras alheias	(Meu Deus, meu	Mas nunca ele pode
Com gosto se agarra	Nós vamo' vagar	Deus)	Só vive devendo
Pensando na barra	(Meu Deus, meu	Já outro pergunta	E assim vai sofrendo
Do alegre Natal	Deus)	Mãezinha, e meu	É sofrer sem parar
(Ai, ai, ai, ai)	Se o nosso destino	gato?	(Ai, ai, ai, ai)
Rompeu-se o Natal	Não for tão	Com fome, sem trato	Se alguma notícia
Porém barra não veio	mesquinho	Mimi vai morrer	Das banda do norte
O Sol bem vermeio	Daí pro mesmo	(Ai, ai, ai, ai)	Tem ele por sorte
Nasceu muito além	cantinho	E a linda pequena	O gosto de ouvir
(Meu Deus, meu Deus)	Nós torna a voltar	Tremendo de medo	(Meu Deus, meu Deus)
Na copa da mata	(Ai, ai, ai, ai)	Mamãe, meus	Lhe bate no peito
Buzina a cigarra	E vende seu burro	brinquedo	Saudade de móio
Ninguém vê a barra	Jumento e o cavalo	Meu pé de fulô?	E as água nos zóio
Pois barra não tem	Inté mesmo o galo	(Meu Deus, meu	Começa a cair
(Ai, ai, ai, ai)	Venderam também	Deus)	(Ai, ai, ai, ai)
Sem chuva na terra	(Meu Deus, meu	Meu pé de roseira	Do mundo afastado
Descamba janeiro	Deus)	Coitado ele seca	Ali vive preso
Depois fevereiro	Pois logo aparece	E minha boneca	Sofrendo desprezo
E o mesmo verão	Feliz fazendeiro	Também lá ficou	Devendo ao patrão
(Meu Deus, meu Deus)	Por pouco dinheiro	(Ai, ai, ai, ai)	(Meu Deus, meu Deus)
Entonce o nortista	Lhe compra o que tem	E assim vão deixando	O tempo rolando
Pensando consigo	(Ai, ai, ai, ai)	Com choro e gemido	Vai dia e vem dia
Diz "isso é castigo"	Em um caminhão	Do berço querido	E aquela família
Não chove mais não	Ele joga a família	Céu lindo e azul	Não volta mais não
(Ai, ai, ai, ai)	Chegou o triste dia	(Meu Deus, meu	(Ai, ai, ai, ai)
Apela pra março	Já vai viajar	Deus)	Distante da terra
Que é o mês preferido	(Meu Deus, meu	O pai pesaroso	Tão seca, mas boa
Do santo querido	Deus)	Nos fio pensando	Exposto à garoa
Senhor São José	A seca terrível	E o carro rodando	A lama e o baú
(Meu Deus, meu Deus)	Que tudo devora	Na estrada do sul	(Meu Deus, meu Deus)
Mas nada de chuva	Ai, lhe bota pra fora	(Ai, ai, ai, ai)	Faz pena o nortista
'Tá tudo sem jeito	Da terra Natal		Tão forte, tão bravo
Lhe foge do peito	(Ai, ai, ai, ai)		Viver como escravo
O resto da fé	O carro já corre		No norte e no sul
(Ai, ai, ai, ai)	No topo da serra		(Ai, ai, ai, ai)
	Olhando pra terra		
	Seu berço, seu lar		
	(Meu Deus, meu		
	Deus)		
	Aquele nortista		
	Partido de pena		
	De longe da cena		
	Adeus meu lugar		
	(Ai, ai, ai, ai)		

Fonte: letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82378/>

FIGURA 12 – Retirantes (1944)



Fonte: PORTINARI (1944). Pintura em óleo sobre tela.

A turma deve ser dividida em dois grupos, que terão a tarefa de interpretar e identificar trechos do poema patativiano e elementos da pintura que estabeleçam diálogo com a obra *Morte e Vida Severina*. No próximo encontro, os grupos devem apresentar suas observações à turma, promovendo uma discussão coletiva.

Essa atividade visa estimular a reflexão crítica e a intertextualidade, ampliando a compreensão dos alunos sobre as diferentes formas de expressão artística, ao mesmo tempo que constrói as conexões com a realidade socioespacial, encaminhando para a utilização do poema como linguagem para o ensino de Geografia.

SEGUNDO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

O segundo encontro deve começar retomando a atividade proposta na aula anterior. Ela será o ponto de partida para análise e discussão do poema com os estudantes, objetivando a construção dos conceitos que foram definidos durante a etapa da análise de conteúdo, explicitados no capítulo anterior, a saber: o espaço geográfico enquanto produto/reprodução social desigual e contraditória, e os movimentos migratórios resultantes.

Para tanto, será necessário abordá-los dentro de um sistema de conceitos, conforme definimos na fundamentação teórica dessa sequência didática. Neste processo, a internalização dos conceitos de espaço geográfico enquanto produto/reprodução social desigual e contraditória e de movimentos migratórios perpassa outros conceitos correlatos. Para o primeiro, como pode se depreender da análise do poema, destacam-se os conceitos de concentração fundiária, relações sociais de produção no campo e na cidade, conflitos agrários, segregação socioespacial no campo e na cidade, industrialização, espaços centrais e periféricos, condições de morte e de vida “severina” e reprodução social da classe trabalhadora. Já no que se refere aos movimentos migratórios, são relevantes conceitos como migração, emigração, imigração, migrações espontâneas e forçadas, êxodo rural, fatores de repulsão e fatores de atração populacional, desenvolvimento geográfico desigual como fator de repulsão e de atração populacional.

Nesse sentido, ao retomar a atividade do primeiro encontro, os alunos devem proceder à exposição dos aspectos socioespaciais e do movimento populacional que relacionam o quadro *Retirantes* e o poema *Triste partida* com o texto poético *Morte e Vida Severina*. A partir das relações dos conteúdos sociais das obras apresentadas pelos alunos, devemos identificar o domínio dos conceitos dispostos no sistema conceitual acima para podermos atuar na zona de desenvolvimento proximal durante a próxima etapa do processo, em vista de facilitarmos a internalização dos conceitos ainda não consolidados.

Nesta nova etapa, para a mediação da aprendizagem, devemos levantar questões norteadoras para a construção dos supracitados sistemas conceituais e, em seguida, propor que os alunos identifiquem, no poema *Morte e Vida Severina*, versos ou estrofes que articulem a realidade socioespacial do personagem Severino com os conceitos a serem formados e internalizados. A internalização de que tratamos aqui se constitui como a preparação para a generalização necessária à compreensão sistemática do fenômeno

geográfico das contradições socioespaciais como fator de migração na realidade local e nas demais escalas (nacional e internacional).

Para proceder às ações pedagógicas voltadas para a formação dos conceitos, recomendamos que os alunos da turma sejam divididos em quatro grupos. A cada um dos grupos deve ser entregue uma cópia do Quadro 10, contendo apenas as questões norteadoras e os conceitos a serem abordados durante o encontro. Dessa forma, os discentes poderão preencher a segunda coluna com base no texto poético, identificando e transcrevendo os versos ou estrofes que respondam às indagações presentes na primeira coluna a partir dos conceitos a elas relacionados. Não recomendamos dispensar desse quadro os conceitos identificados como consolidados na atividade anterior, já que estamos trabalhando na perspectiva de sistemas conceituais. Assim, esses conceitos podem atuar facilitando a compreensão dos demais conceitos ainda não internalizados.

Após concluir o preenchimento do quadro, devemos pedir para que cada grupo comunique as perguntas e leia os versos e estrofes extraídos do texto referente a cada questionamento, evitando, ao longo da apresentação, repetir os que já foram identificados e lidos. Na sequência, devemos comunicar um conceito, de preferência na ordem que aparece no quadro, e pedir para que um aluno do grupo escolha um verso e/ou estrofe, dentre aqueles extraídos do texto, e explique como este/a se relaciona ao conceito comunicado, conforme mostra o Quadro 13:

QUADRO 13 – Exploração dos conceitos segundo a análise do texto literário

Conceito	Trechos do poema	Relação do trecho com o conceito
Concentração fundiária	<i>“há certas paragens brancas, / de planta e bicho vazias, / vazias até de donos”</i>	O trecho retrata a ideia de terras improdutivas e abandonadas, características da concentração fundiária, na qual grandes extensões de terra pertencem a poucos, mas não são utilizadas de forma eficiente.
	<i>“- É de bom tamanho, / nem largo nem fundo, / é a parte que te cabe / neste latifúndio”</i>	O verso ironiza a desigualdade na distribuição de terras, mostrando que, em um sistema de latifúndios, a “parte que te cabe” é mínima e insignificante, reforçando a crítica à concentração fundiária.

Fonte: elaboração própria, 2025.

Caso o aluno não consiga relacioná-lo, abrimos espaço para que todos possam interagir. A dinâmica deve ser repetida até que todos os alunos participem e todas as partes extraídas do poema sejam analisadas à luz dos conceitos comunicados.

Ao longo da ação pedagógica do professor junto com os alunos, devemos ficar atentos para mediar o processo de aprendizagem, interferindo sempre que necessário para colaborar com o processo de desenvolvimento cognitivo dos discentes, bem como cuidar para que

partes importantes do poema não passem despercebidas e sejam incorporadas na dinâmica da atividade.

Para finalizar o encontro, sugerimos uma proposta de atividade que visa ampliar os horizontes de análise do poema. Para seu desenvolvimento, os alunos da turma devem ser divididos em 4 grupos, para realização de uma pesquisa com familiares ou pessoas conhecidas que tenham mais de 70 anos e que viveram no espaço agrário de São João do Cariri e vivenciaram diretamente a ocorrência de fluxos migratórios desse lugar em direção aos centros urbanos maiores, principalmente para o Centro-Sul. Com essa atividade, induzimos os estudantes a encontrar relações entre os contextos socioespaciais da trama literária e o da sua realidade.

Para tanto, sugerimos que a pesquisa seja realizada em forma de entrevista com perguntas direcionadas aos aspectos da realidade de que tratam os conceitos internalizados ao longo do encontro, conforme o roteiro apresentado no Quadro 14 abaixo:

QUADRO 14 – Sugestão de roteiro de entrevista para a pesquisa

1. Introdução
<i>1.1 Apresentação do entrevistador e explicação do objetivo da entrevista.</i>
2. Dados do Entrevistado
<i>2.2 Qual é o seu nome e idade?</i>
<i>2.3 Onde o senhor mora atualmente?</i>
<i>2.4 Quantos anos o(a) senhor(a) vive/viveu na zona rural?</i>
<i>2.5 Quais atividades você já desenvolveu em sua vida?</i>
3. Sobre o contexto fundiário, relações sociais de produção, segregação socioespacial no campo e condições de morte e de vida “severina”
<i>3.1 Quais eram as maiores propriedades que existiam naquela época? Contavam com muitos trabalhadores?</i>
<i>3.2 Como se fazia para conseguir emprego numa propriedade dessas?</i>
<i>3.3 Como era a forma de pagamento naquele tempo?</i>
<i>3.4 Tinha muitos trabalhos a realizar? Quais eram esses trabalhos?</i>
<i>3.5 Os trabalhadores dessas propriedades tinham suas próprias terras? Como faziam para manter suas necessidades básicas como alimento, água, vestimenta e renda.</i>
<i>3.6 Como eram as condições de vida desses trabalhadores?</i>
4. Sobre a existência de conflitos agrários
<i>4.1 O(A) senhor(a) soube de alguma briga ou disputa por terras naquele período?</i>
5. Sobre industrialização, fatores de repulsão e atração populacional, desenvolvimento geográfico desigual e migração (emigração, imigração, migrações espontâneas e forçadas, êxodo rural)
<i>5.1 O(A) senhor(a) chegou a presenciar pessoas que deixaram o campo e se mudaram para a cidade naquela época?</i>
<i>5.2. Como se davam essas migrações? O que buscavam essas pessoas?</i>
<i>5.2 A cidade oferecia melhores condições de vida para essas pessoas?</i>
6. Segregação socioespacial na cidade, espaços centrais e periféricos, solidariedade orgânica e reprodução social como classe trabalhadora
<i>6.1 O senhor poderia nos dar um exemplo de alguém que migrou para fora de São João do Cariri?</i>
<i>6.1.1 Quem era essa pessoa?</i>
<i>6.1.2 Foi morar onde?</i>
<i>6.1.3 Como ele fez essa migração? Tinha alguém lá que ajudou?</i>
<i>6.1.4 Sabe informar onde essa pessoa morou nessa cidade? Como era a condição de vida dele lá?</i>
<i>6.1.5 Em que essa pessoa trabalhou? Teve ajuda para conseguir trabalho?</i>
<i>6.1.6 Sabe que fim levou essa pessoa? Sabe de algum parente ainda vivo? Mora onde? Trabalha em quê?</i>

Fonte: Elaboração própria, 2025.

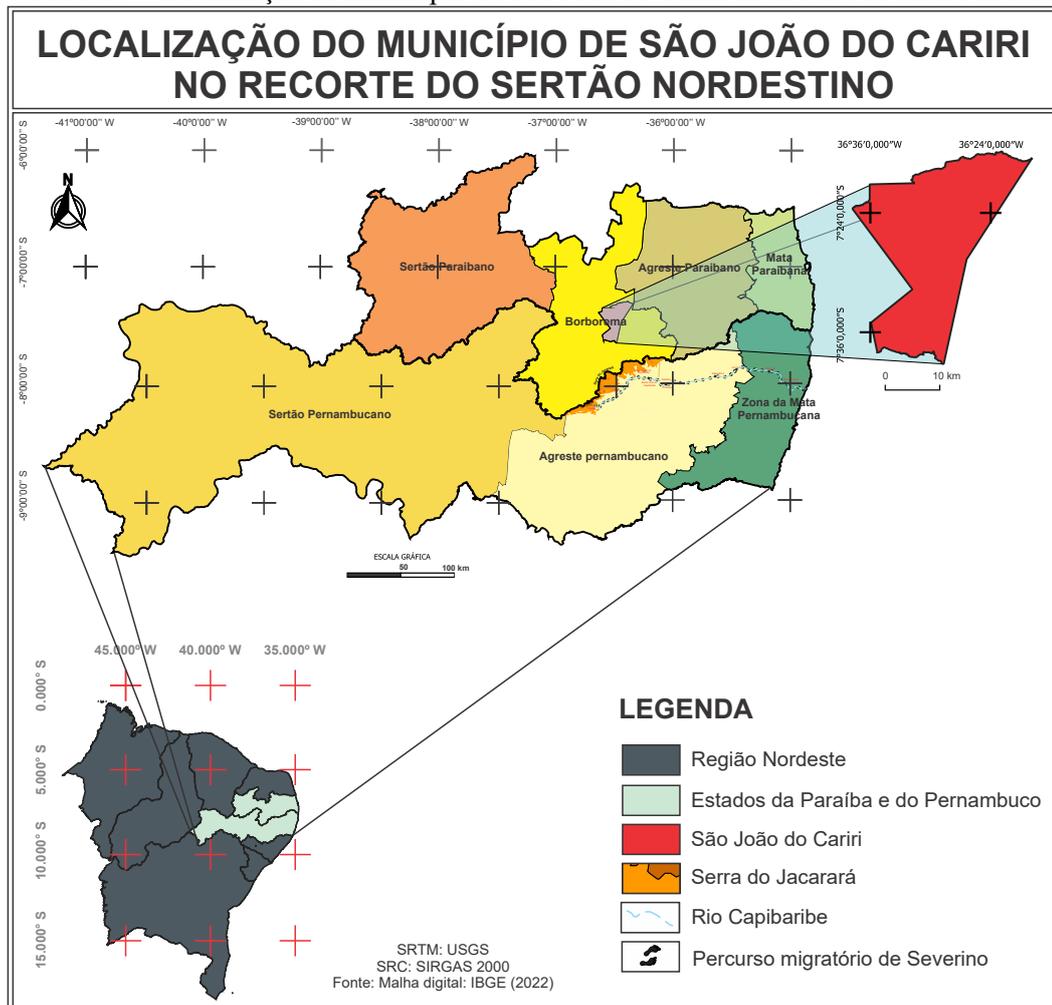
Para coletar os dados, é necessário que os alunos dos grupos se organizem para gravar as entrevistas usando o recurso dos aparelhos de celulares. Depois de gravados, os alunos devem usá-las para extrair as informações com vistas a apresentar o resultado da pesquisa no próximo encontro. Eles devem buscar caracterizar o perfil agrário e as relações de trabalho, as condições econômicas da população camponesa sem-terra, bem como a ocorrência de conflitos agrários e de processos migratórios no contexto do município de São João do Cariri.

TERCEIRO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

Sugerimos começar o encontro com a apresentação dos resultados da pesquisa proposta anteriormente. A apresentação da pesquisa pode ocorrer tanto de forma oral, com a exposição de slides e a participação de todos os componentes do grupo, como em formato de videodocumentário, em que o conteúdo gravado deve ser editado de modo que não ultrapasse 10 minutos. Após as apresentações, devemos pôr em evidência os aspectos que aproximam a realidade socioespacial do espaço agrário de São João do Cariri e a que serve de ambientação da origem do personagem Severino do poema *Morte e Vida Severina*.

Prosseguindo, devemos iniciar com a apresentação da Figura 13, que localiza o município de São João do Cariri no recorte do sertão nordestino que serve de ambientação para os acontecimentos que são narrados no poema.

FIGURA 13 – Localização do município de São João do Cariri no recorte do sertão nordestino



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Com o mapa exposto em um slide, devemos pedir que os alunos identifiquem a localização do município de São João do Cariri e da Serra do Jacarará (Serra da Costela) no mapa. Podemos atuar na zona de desenvolvimento proximal dos discentes, auxiliando-os a compreender que ambos os espaços fazem parte do sertão semiárido nordestino, apresentam continuidade e proximidade geográficas e passaram pelos mesmos processos de formação socioespacial.

Para ilustrar esse acontecimento compartilhado entre São João do Cariri e a Serra do Jacarará (Serra da Costela), propomos a distribuição da cópia da carta de doação da primeira sesmaria no município de São João do Cariri, mostrada na Figura 14 a seguir:

FIGURA 14 – Carta de doação de sesmarias no território onde é hoje o município de São João do Cariri

N.º 18 EM 17 DE NOVEMBRO DE 1699

Alferes Custodio Alves Martins, diz que morador na capitania de Pernambuco e dezejeando povoar algumas terras no sertão e tendo noticias de algumas que havia nas cabeceiras e nascentes do Parahyba, metteo com gente que levou em sua companhia pelo sertão com pessoa pratica, por serem partes aonde até então não tinha ido gente branca pelo receio de se toparem com o gentio bravo, com despesa e risco de vida, e com effeito descobrio alguma terra que o gentio deo o nome de *Cujajique*, em cuja terra elle supplicante situou-se e deo o nome de sitio – *S. João* – e logo lhe metteo gado, correndo pelo riacho acima duas legoas e pelo riacho abaixo outras duas, fazendo novo sitio, e com effeito está de posse da referida terra a mais de tres annos procurando dentro delles com toda deligencia saber a que juris-

dicção pertencia para as poder pedir de sesmaria, para que com legitimo titulo podesse revalidar a sua posse, e porque tem entendido assim por informação particular e como por resolução commum e geral dos moradores daquelle sertão que as ditas terras pertencem á jurisdicção deste governo requeria das ditas terras quatro legoas confrontadas na forma requerida, mandando passar carta de sesmaria na forma da Ord. L. 4.º til. 43 e conforme o capitulo do regim. deste governo.

Foi feita a concessão de uma legoa de comprido e trez de largo, deixando salvas pedreiras e alguma aldeia de indios, pelo capitão-mór Manoel Soares de Albergaria.

Esta concessão foi confirmada pelo Rei de Portugal em 22 de Março de 1702.

Fonte: TAVARES, J. de L. Apontamentos para a história territorial da Parahyba. Coleção Mossoroense. V. CCXLV, 1982.

Sugerimos pedir que os alunos procedam à leitura da referida carta. Em seguida, devemos fazer as seguintes questões norteadoras para eles: O que essa carta revela sobre a estrutura fundiária do município de São João do Cariri? O sistema de distribuição de terra do documento é semelhante ao do contexto que serviu de ambientação para a epopeia do personagem Severino do poema? Quais são as suas implicações sociais no poema e em São João do Cariri?

Caso os alunos encontrem dificuldades em relacionar o conteúdo da carta com o da narrativa do poema *Morte e Vida Severina*, podemos sugerir a releitura das primeiras estrofes do texto cabralino, nas quais o personagem relata a existência, na Serra da Costela, de uma sesmaria pertencente a um coronel. Dessa forma, propomos que os alunos compreendam que a concentração fundiária é um traço marcante dos dois espaços, resultado do modelo de ocupação territorial imposto a todo o sertão nordestino no período colonial.

Para reforçar essa relação, devemos ressaltar que o rio Taperoá, que corta o município de São João do Cariri, foi uma das principais vias de entrada para a colonização do sertão da Paraíba, e nas suas várzeas e nas dos seus tributários, se instalaram as fazendas de criar gados. Além disso, podemos esclarecer que o seu território foi um importante núcleo da ocupação colonial, contribuindo, no período, para a edificação de uma das mais importantes vilas da Capitania da Paraíba.

A entrevista realizada pelos discentes também deve ser usada como aporte para que consigam identificar as implicações do modelo de distribuição de terras adotado no município de São João do Cariri, já que os entrevistados podem atestar a existência de grandes propriedades de terra.

Devemos explicar aos alunos que, em vista de compartilharem aspectos em comum, assim como a Serra da Costela, São João do Cariri também deu origem a muitos “Severinos”.

Em seguida, podemos questioná-los, com base no poema e nas pesquisas realizadas por eles, quem seriam os “Severinos” de São João do Cariri? E, o que apresentavam em comum com o Severino da narrativa? Nesse momento do encontro, é fundamental explorar os relatos dos entrevistados para identificar as condições socioespaciais vividas por essa parcela da população camponesa do espaço local.

Quando os alunos apontarem quem são os “Severinos” do município de São João do Cariri (meeiros, moradores, moradores de condição etc.), devemos provocá-los com a pergunta: Por que vocês acreditam que essas pessoas representam os “Severinos” de nosso município? Essa indagação tem o objetivo de estimular a reflexão sobre os aspectos que definem a condição dos “Severinos” que aparecem na narrativa, como suas condições em relação à propriedade da terra, suas condições de vida e de morte severinas, caracterizadas pela escassez de renda, submissão aos proprietários fundiários e segregação socioespacial, entre outros aspectos. Em seguida, devemos propor uma atividade para explorar tais aspectos a partir das marcas deixadas pelo sistema socioeconômico baseado no latifúndio pecuário na paisagem do espaço agrário do município.

Assim, devemos dividir a turma em quatro grupos e, em seguida, distribuir a cada um deles uma cópia da atividade, conforme o modelo apresentado no Quadro 15.

QUADRO 15 – Proposta de atividade para o terceiro encontro

ATIVIDADE:

1. Observe atentamente as Figuras e responda o que se pede.

FIGURA 15 (A e B) – Moradias típicas dos “Severinos”, localizadas nos sítios Jurema e Arara, município de São João do Cariri



Fonte: Francisco Almeida, 2024.

FIGURA 15 (C e D) – Moradias típicas dos senhores de terra, localizadas nos sítios Poço das Pedras e Arara, município de São João do Cariri



Fonte: booking.com. Acesso em 07/02/2025.

Fonte: Grijalva Maracajá Henriques.

- 1) Quais são as principais diferenças estruturais que você observa entre as imagens acima?
- 2) Como essas imagens expõem a segregação socioespacial no espaço agrário de São João do Cariri?
- 3) O que estas imagens revelam sobre a condição de vida das pessoas que as habitaram?
- 4) Segundo o que já discutimos ao longo dos encontros, por que as casas representadas nas imagens A e B foram abandonadas?

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nesta atividade, os discentes terão que, a partir da leitura de imagens, refletir sobre os aspectos que demarcam os processos de produção do espaço nos contextos da narrativa do poema e do município de São João do Cariri.

Devemos reservar os minutos finais da aula para que os alunos se reúnam, discutam a atividade e colaborem na sua realização. No encontro seguinte, os membros dos grupos devem compartilhar suas respostas com os demais.

QUARTO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

Ao iniciarmos o quarto encontro, devemos retomar a atividade sugerida no anterior. Por meio dessa atividade, buscaremos promover a discussão sobre relações sociais de produção, estrutura fundiária, segregação socioespacial, condições de vida e morte “severina” e movimentos migratórios dos “Severinos” que habitavam o espaço agrário do município de São João do Cariri.

Para isso, os alunos deverão expor suas reflexões sobre as questões sugeridas na atividade. A partir delas, devemos mediar o processo de ensino-aprendizagem de forma a estimular generalizações conceituais e compreensão ampla dos processos socioespaciais em estudo.

Propomos que cada grupo apresente e debata as questões na mesma ordem em que foram propostas na atividade. Na primeira questão, devemos evidenciar as diferenças estruturais de vida entre os “Severinos” daqui e os senhores de terra. Propomos que os alunos releiam, no primeiro quadro do texto poético, os versos em que Severino explica quem é e de onde veio. Ao término da leitura, devemos levantar a seguinte questão: Como estas imagens estão representadas nestes versos? A partir das respostas, podemos correlacionar as imagens aos contrastes existentes na Serra da Costela.

Na segunda questão, podemos ampliar a compreensão de como as imagens expõem a segregação socioespacial no espaço agrário de São João do Cariri. Para isso, devemos atuar na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, explicando que os “Severinos” raramente tinham acesso às áreas mais produtivas das fazendas do município, como várzeas de rios e vazantes de açudes, que eram apropriadas exclusivamente pelos donos das propriedades. Aos “Severinos” restavam as terras menos férteis, as serras magras e ossudas, conforme expresso no poema. Essa distribuição desigual na organização do espaço agrário municipal não só refletiu, mas também reforçou as desigualdades socioeconômicas, perpetuando a exclusão e a dependência dessas populações em relação aos donos das terras e aos recursos da natureza.

Devemos reforçar aos alunos que, mesmo as imagens fazendo parte do mesmo contexto socioespacial, revelam condições de vida, acesso a recursos e relações de poder distintas no espaço agrário local, sendo reveladoras das desigualdades e contradições socioespaciais.

Sugerimos que, após a apresentação da terceira questão da atividade, os alunos sejam incentivados a refletir sobre as condições socioeconômicas das pessoas que habitaram essas

moradias, em especial, as dos “Severinos”. Para tanto, devemos retomar o conteúdo da entrevista realizada no segundo encontro, solicitando que eles observem, a partir dos relatos dos entrevistados, como esses “Severinos” conseguiam suprir as suas necessidades básicas.

Propomos discutir o papel das secas para o agravamento desse quadro. Devemos enfatizar que a recorrência cíclica desse fenômeno natural torna(va) ainda mais graves as condições de pobreza, ocasionando a fome, a redução ou escassez de alimentos, a falta de água, a dispensa do uso da força de trabalho nas propriedades, obrigando os “Severinos” de São João do Cariri a se deslocarem à procura de trabalho, alimento e casa para morar.

Sugerimos, ao final da mediação didática, retomar o poema Triste Partida, de Patativa do Assaré. Para ilustrar como as problemáticas discutidas atuaram como fatores de repulsão populacional no contexto local, devemos problematizar a questão apresentada por este poema, lançando perguntas como: Como os fatos que são narrados no poema podem nos ajudar a compreender o que ocorreu com os “Severinos” que moravam nessas casas? Que fatores levaram a família retratada no poema a migrar? Por que os proprietários de terra não migraram? O que explica a escolha dos migrantes por centros urbanos maiores, a exemplo de Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília etc.?

Especialmente neste último aspecto, precisamos atuar na zona de desenvolvimento proximal dos alunos para que possam compreender por que grandes cidades, como estas, exerceram um poder de atração sobre os “Severinos”. Devemos explicar que, devido ao crescimento industrial e à expansão do setor de serviços, esses centros eram vistos, pelos “Severinos” daqui, como símbolos de esperança e oportunidades, como a possibilidade de escapar da miséria em que viviam, ainda que, muitas vezes, impusessem, para eles, novas formas de exclusão e segregação socioespaciais.

Dessa forma, os “Severinos” daqui, como os do poema cabralino, não permaneceram indiferentes a esse processo migratório movido pela necessidade de sobrevivência e pela busca de melhores condições de vida. Devemos, nesse momento, recorrer novamente às entrevistas para buscar, nelas, pistas sobre o que levou à repulsão da população do campo de São João do Cariri e sua consequente atração para os grandes centros urbanos. Esses fatores de repulsão e de atração precisam ser elencados e copiados no quadro branco. Em seguida, devermos estimular os alunos a buscarem estabelecer relações entre os fatores que forem citados na entrevista e aqueles que são revelados no poema *Morte e Vida Severina*.

A partir dessa reflexão baseada nos conceitos internalizados, podemos atuar na zona de desenvolvimento proximal dos alunos para que compreendam as migrações como

resultantes da produção/reprodução social desigual e contraditória do espaço, no caso em estudo, do espaço agrário de São João do Cariri.

Com o objetivo de generalizar os conceitos que mediarão a leitura sistemática e científica dos fenômenos abordados na escala local, devemos perguntar aos discentes se este processo se manifesta também em outros espaços, além do espaço agrário do município de São João do Cariri. A partir das respostas dos alunos, devemos pedir que analisem o oitavo quadro do poema *Morte e Vida Severina* e apontem elementos que mostrem a existência dessas contradições socioespaciais e dos movimentos migratórios também na Zona da Mata pernambucana.

Vistos os fatores de repulsão, devemos abordar a forma como esses fluxos ocorriam. Para tanto, devemos fazer o seguinte questionamento aos discentes: Diante da precariedade econômica em que se encontravam os “Severinos” daqui, como ocorriam esses fluxos, quais as suas direções, quais estruturas de deslocamento utilizavam?

Para construir essa compreensão, devemos, primeiramente, esclarecer aos discentes que os meios utilizados pelos “Severinos” em suas migrações dependeram do período histórico em que migraram e dos sistemas de movimento disponíveis para o uso em seus deslocamentos. Na sequência, sugerimos apresentar as Figuras 16, 17, 18 e 19 a seguir.

FIGURA 16 – Migrantes nordestinos se deslocando a pé. Cena do filme *Vidas Secas*, de Néelson Pereira dos Santos, 1963



Fonte: Memorial da democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/vidas-secas-retrata-a-miseria-nordestina>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

FIGURA 17 – Migrantes nordestinos embarcam no veículo “pau de arara”, em maio de 1958



Fonte: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã. BR ANRIO PH_0_FOT_01814_0015.

FIGURA 18 – Migrantes sendo transportados em ônibus da empresa Itapemirim, anos 1970



Fonte: Júlio Barboza. Disponível em: <https://onibusetransporte.com>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

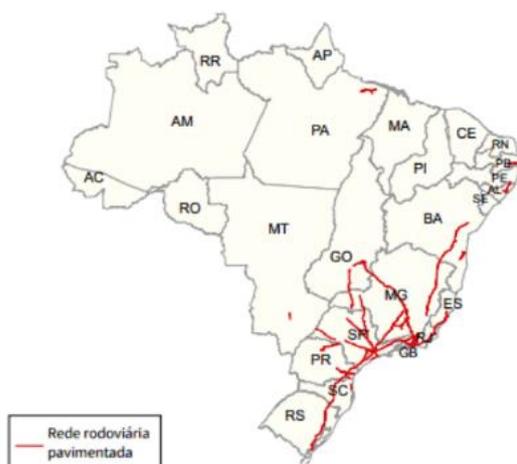
FIGURA 19 – Passageiros desembarcando no Aeroporto de Campina Grande, PB



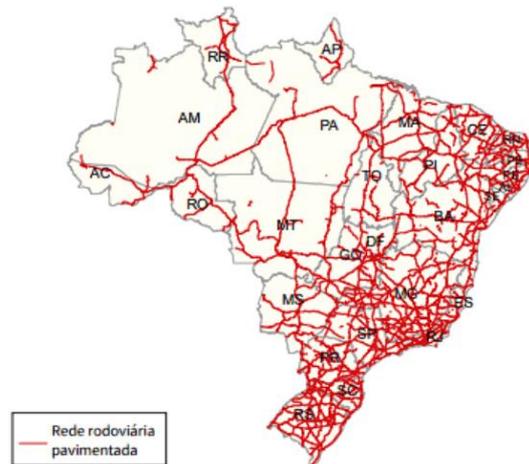
Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://flapinternational.com.br/>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

Com as imagens apresentadas em slides, devemos abordar as diferentes formas usadas, ao longo do tempo, pelos “Severinos” aqui para se deslocarem em busca das melhorias de condições de vida nas maiores cidades do país. Propomos que se faça uma comparação com as formas relatadas pelos entrevistados na atividade realizada no segundo encontro. Depois disso, sugerimos ressaltar que a utilização de diferentes meios de locomoção, como ônibus e avião, está atrelada à expansão da infraestrutura de transporte do país, como representado nas Figuras 20 e 21, a seguir, os quais devem ser exibidos em outro slide.

FIGURA 20 – Evolução da rede rodoviária brasileira (1960-2021)
Rede rodoviária - 1960

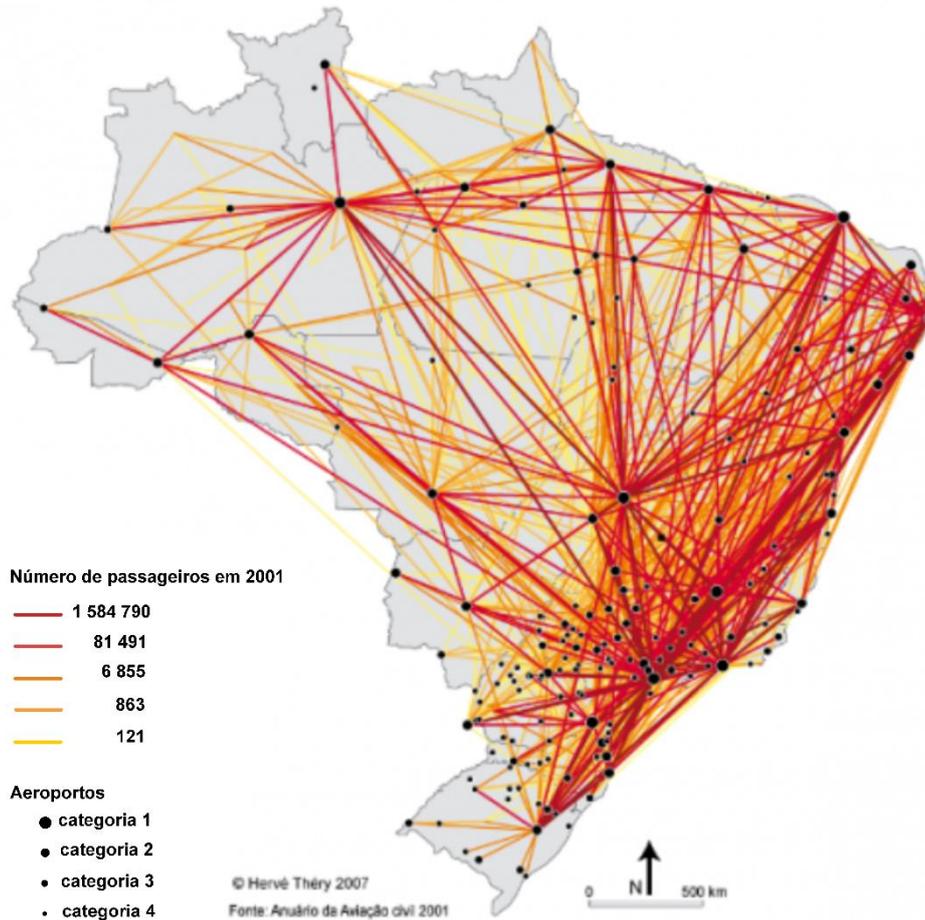


Rede rodoviária - 2021



Fonte: Atlas Geográfico Escolar do IBGE. Disponível em: <<https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3066-espaco-das-redes/redes-de-transporte.html>>. Acesso em 17 de maio de 2024.

FIGURA 21 – Fluxo aéreo de passageiros no Brasil, 2001



Fonte: ARCHELLA & THÉRY, 2008. Disponível em: Revista disponível na web; <http://confins.revues.org/document3483.html>. Acesso em 04 mar. 2025.

Ao final desta discussão, propomos esclarecer aos discentes que essa expansão foi de extrema importância para o aumento do fluxo de “Severinos” em direção ao Centro-Sul do país. Para encerrar o encontro, propomos uma atividade de pesquisa a ser realizada com as famílias dos discentes e entregue no próximo encontro. A atividade consiste, inicialmente, em identificar os familiares que têm origem no município de São João do Cariri, mas que tiveram que migrar para outras cidades ou estados por motivo socioeconômico.

Após o levantamento junto aos familiares, cada aluno terá que identificar quais desses parentes migraram para locais que apresentam características estruturais semelhantes ao lugar onde o personagem Severino se estabeleceu ao chegar ao Recife, ou seja, áreas periféricas marcadas por condições precárias de infraestrutura, exclusão e vulnerabilidade social.

De posse dessas informações, cada aluno deverá pesquisar na internet imagens desses lugares, salvá-las, imprimir e montar um mural com as imagens para apresentar no próximo

encontro. Devem consultar ainda como são as condições estruturais, sociais e os maiores desafios socioespaciais desses lugares. Com relação aos migrantes de suas famílias que moram ou moraram nessas áreas, devem buscar saber como esses parentes viviam ou vivem nesses lugares, como faziam ou fazem para garantir suas subsistências e, caso não vivam mais nesses lugares, para onde migraram posteriormente e como vivem hoje.

QUINTO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

No quinto encontro, devemos analisar os aspectos socioespaciais que demarcam o espaço de chegada dos migrantes. Assim como nos encontros anteriores, devemos mediar o processo de ensino-aprendizagem para promover a construção conceitual por parte dos estudantes. Essa construção deve facilitar a compreensão da realidade socioespacial das áreas periféricas a partir das conexões entre o contexto de vida dos alunos e o poema cabralino.

Propomos iniciar o encontro pedindo aos alunos que compartilhem brevemente os resultados da pesquisa realizada com seus familiares. Nesse primeiro momento, eles devem apresentar apenas como estão distribuídos os parentes por cidades e estados do país.

Após esse momento, devemos fazer o seguinte questionamento: Quem de vocês, ao longo da pesquisa que fizeram, identificou familiares que moram ou moraram em áreas periféricas? A partir das respostas dos alunos, devemos solicitar que eles digam qual a cidade e a periferia em que seus parentes moram ou moraram. Nesta apresentação, os alunos devem expor os murais com as imagens desses lugares e relatar, a partir da pesquisa que fizeram, como são as condições estruturais, sociais e os maiores desafios socioespaciais enfrentados pelas pessoas que vivem ali.

Concluída essa primeira abordagem, sugerimos que os alunos façam uma leitura silenciosa do décimo quadro do poema e procurem responder a seguinte indagação: O lugar onde os familiares de vocês moraram ou moram pode ser associado a qual dos bairros descritos no poema? Assim que responderem, devemos questionar por que eles acreditam ser aquele bairro e não outro, fazendo-os refletir sobre as condições estruturais e sociais das áreas segregadas que o texto poético traz.

A partir do debate gerado, devemos explicar que, assim como o espaço agrário, o espaço urbano também apresenta suas contradições socioespaciais, fruto das relações sociais de produção que nelas ocorrem. No contexto urbano, essas contradições se manifestam, por exemplo, na segregação espacial, na qual os espaços centrais concentram infraestrutura e

serviços de qualidade, enquanto as periferias ou espaços periféricos pobres são marcadas pela precariedade e exclusão.

Para concluirmos essa discussão, devemos mostrar como esses aspectos estão relacionados às condições estruturais, sociais e aos desafios socioespaciais que os alunos apontaram no início do encontro. Ao término desse momento, devemos questionar os alunos sobre as razões que levam os migrantes para essas áreas periféricas, conforme o poema e a pesquisa realizados por eles atestam. Para abordarmos esta questão, após os alunos se posicionarem, devemos apresentar as Figuras 22, 23 e 24 a seguir:

FIGURA 22 – Mocambos da cidade de Recife na primeira metade do século XX

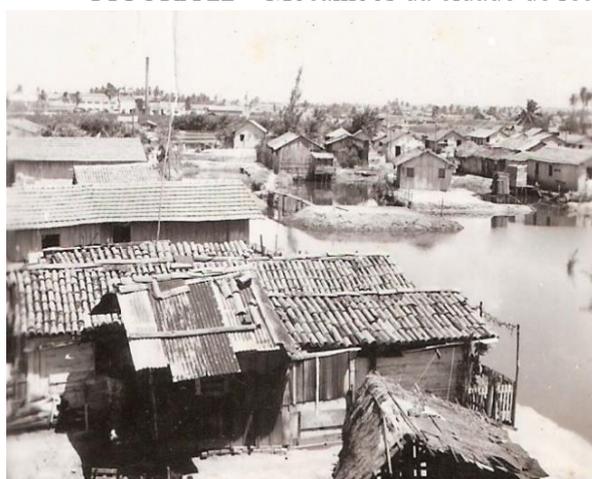
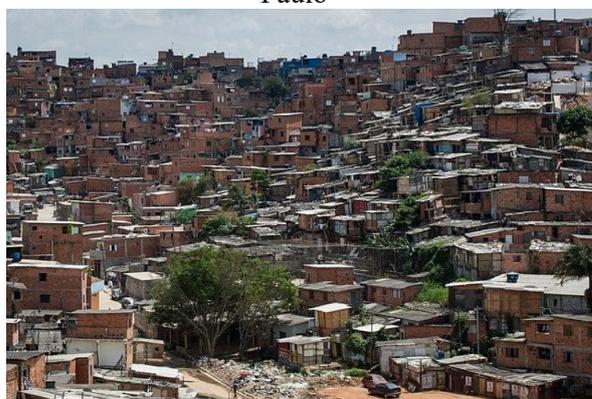


Foto: Museu da Cidade do Recife. Disponível em: <https://recifaces.wordpress.com/author/caiqueluz/>. Acesso em: 05 mar. 2025.



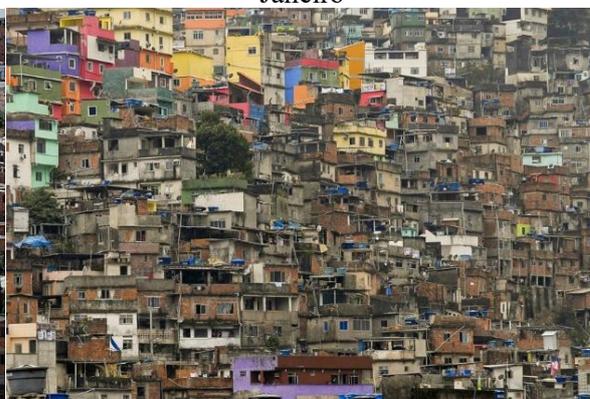
Foto: Alexandre Berzin. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2713358155348398&id=1349078071776420&set=a.1352802868070607>. Acesso em: 05 mar. 2025.

FIGURA 23 – Favela de Paraisópolis, São Paulo



Fonte: Yasuyoshi Chiba/AFP. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 05 mar. 2025.

FIGURA 24 – Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro



Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 05 mar. 2025.

Por meio dessas imagens, podemos debater aspectos como condições de renda, especulação imobiliária, custo de vida, entre outros aspectos que impossibilitam o acesso dos “Severinos” a espaços dotados de infraestruturas que atestem uma vida com mais qualidade.

Na continuidade do encontro, devemos orientar os discentes a apresentarem a segunda parte da atividade que fora sugerida no encontro anterior. Sugerimos que cada um apresente oralmente como seus familiares se inseriam ou se inserem no conjunto das relações sociais de produção existentes nas áreas periféricas em que passaram a morar.

Em seguida, devemos relacionar o contexto dos “Severinos” daqui, apresentado pelos alunos, com a realidade socioespacial revelada pelo texto literário de João Cabral de Melo Neto, com o intuito de se discutir a solidariedade orgânica existente nesses lugares, as relações sociais de produção e a reprodução social dos “Severinos” como classe trabalhadora.

Sugerimos, para isso, a divisão da turma em 3 grupos, os quais terão que ler o décimo quinto e décimo sexto quadros do poema e buscar relacionar o contexto das áreas periféricas habitadas por seus familiares que migraram à realidade socioespacial revelada nas partes do texto cabralino sugeridas para a leitura. Para embasarem estas relações, cada grupo receberá uma folha contendo duas perguntas, conforme a divisão a seguir:

Grupo 1: 1. Como as pessoas dos mocambos cooperam para satisfazerem as necessidades umas das outros? 2. Como essa cooperação se dá nas áreas periféricas na atualidade?

Grupo 2: 1. A partir da leitura do futuro da criança pelas ciganas, cujo nascimento é narrado no poema e que denota a sua característica de alto de Natal, explique como as relações sociais de produção são estabelecidas nos mocambos? (Considere as condições de vida e trabalho descritas no poema). 2. Como essas relações sociais de produção são estabelecidas nas áreas periféricas na atualidade?

Grupo 3. 1. De acordo com a previsão das ciganas, quais são os cenários para o futuro da criança que nasceu no mangue? 2. Como historicamente tem se reproduzido socioeconomicamente a população que nasce nas áreas periféricas do Brasil?

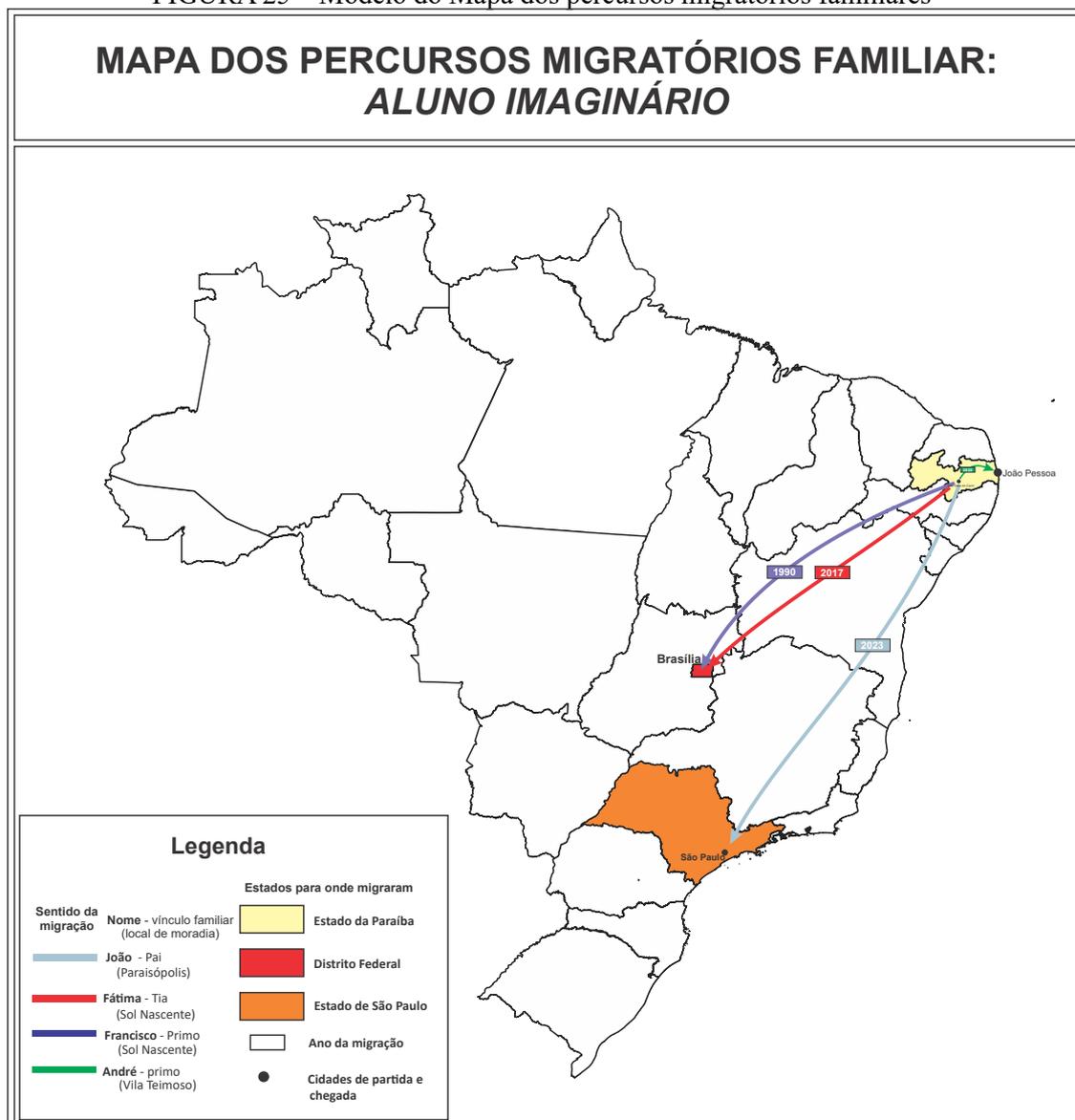
Sugerimos que os alunos tenham 15 minutos para ler, debater e responder as duas questões que lhes foram entregues. Posteriormente, os estudantes de cada grupo devem eleger um representante para ler as respostas aos questionamentos e apresentar as conclusões dos integrantes acerca de cada questão.

À medida que cada grupo apresentar suas reflexões, devemos mediar o processo de aprendizagem para que possam internalizar os conceitos trabalhados nesta abordagem. Para

isso, sugerimos intervir para reforçar, corrigir ou aprofundar os conceitos formulados, fazendo a mediação deles à realidade socioespacial das áreas periféricas no sentido de tratá-las geograficamente de forma sistemática.

Partindo para o encerramento do encontro, sugerimos como atividade a elaboração do “Mapa dos percursos migratórios familiares”. Esse exercício consiste em cartografar os movimentos migratórios dos familiares identificados a partir da atividade sugerida no quarto encontro. Para isso, será necessário utilizar o software de geoprocessamento QGIS e vetores das malhas territoriais das unidades da federação e dos estados brasileiros disponíveis no site do IBGE. Os dados coletados na pesquisa devem ser organizados e tratados para compor as informações essenciais do mapa, conforme o exemplo na Figura 25.

FIGURA 25 – Modelo do Mapa dos percursos migratórios familiares



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Após a elaboração, os mapas devem ser impressos em formato de banner e apresentados ao coletivo na sala de aula. Isso oportuniza tecer as reflexões sobre como as contradições socioespaciais locais, como no poema cabralino, impulsionaram os movimentos migratórios de pessoas em São João do Cariri.

Como forma de socializar o trabalho pedagógico realizado ao longo dos encontros, recomendamos organizar uma exposição em um espaço coletivo da escola, permitindo que os alunos possam fazer a apresentação de suas produções para toda a comunidade escolar e para a de todo o município, socializando, assim, os resultados das discussões e atividades desenvolvidas ao longo dos quatro encontros.

3. 3 OS SEVERINOS DE ACOLÁ: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil

O processo de desenvolvimento desigual e combinado do espaço geográfico brasileiro gerou dinâmicas contraditórias na produção desse espaço, intensificando os contrastes tanto entre as regiões quanto no interior delas. Enquanto algumas áreas e/ou regiões se destacaram por sua elevada dinâmica, com intensa atividade econômica e infraestrutura mais desenvolvida, resultando na concentração de capital, outras, por sua vez, caracterizaram-se pela estagnação econômica, apresentando infraestruturas deficientes e exclusão socioespacial.

No âmbito destas últimas, conforme consideramos em nossa primeira proposta de sequência didática, as condições socioespaciais que definem a vida dos “Severinos” narradas no texto poético de João Cabral de Melo Neto, são encontradas em várias áreas do sertão e da zona da mata do Nordeste, fato este que nos levou a relacioná-las ao processo de construção do espaço agrário do município de São João do Cariri e aos fatores de repulsão de sua população.

Em ambos os contextos, a falta de acesso à propriedade da terra, a escassez de renda e a segregação socioespacial surgem como fatores de repulsão populacional daqueles que compartilhavam das mesmas condições precárias de infraestruturas e de vida, conferindo a estes as mesmas condições sociais dos “Severinos” que são conhecidos no poema.

Assim, conforme destacam Martins e Vanalli (2021), a condição socioeconômica tornou-se a que mais provoca expulsões de pessoas de uma região para outra no Brasil. Esse fenômeno marca não apenas a trajetória dos personagens que são conhecidos na obra poética ou dos “Severinos” de São João do Cariri, que contribuíram significativamente com estes fluxos, mas também de diversas outras áreas e regiões do Brasil como parte do mesmo desenvolvimento geográfico desigual.

Esses deslocamentos deram origem a fluxos migratórios internos que, principalmente entre as décadas de 1950 e 1990, promoveram mudanças profundas na distribuição da população pelo território nacional, além de transformações marcantes no espaço rural e urbano do Brasil. Impulsionados pela busca por melhores oportunidades de emprego e renda, a exemplo do que acontece com o personagem Severino no poema *Morte e Vida Severina*, esses migrantes foram integrados às dinâmicas das relações sociais de produção desses locais, geralmente em condições precárias e marginalizadas.

Ao tratar acerca dos grupos sociais excluídos que fazem parte dos agentes de produção do espaço urbano, aqui inseridos os “Severinos” que migram do campo para a cidade nas condições postas no poema, Corrêa (1995, p. 29-30) enfatiza a dificuldade dessas pessoas em ter acesso a habitação decente, pois não possuem renda para pagar o aluguel ou um imóvel. Historicamente, as possibilidades de moradia que lhes restaram foram os cortiços, as “casas produzidas pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado e a favela”. Sendo a partir da produção desta última, segundo o referido autor, “que os grupos sociais excluídos se tornaram, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e despeito dos outros agentes” (Corrêa, 1995, p. 30).

Assim, guiados pelos mesmos princípios teóricos que fundamentaram a proposta de construção do conhecimento geográfico apresentada anteriormente, objetivamos, nesta segunda sequência didática, traçar um caminho pedagógico voltado à ampliação da compreensão das contradições socioespaciais enquanto fatores impulsionadores dos movimentos migratórios na escala inter-regional, motivados por causas socioeconômicas.

Como já discutido e operacionalizado, o conhecimento geográfico a ser ensinado na escola deve pressupor uma prática pedagógica centrada na construção de conceitos, a partir dos quais os discentes desenvolvem a capacidade de ler e interpretar a realidade de forma sistemática e científica. Neste processo, vimos que a aprendizagem de um conceito não se dá de forma compartimentada, mas por meio de um sistema conceitual mobilizado conscientemente no processo educacional e capaz de induzir formulações generalizantes.

Conforme destaca Vigotski (2008, p. 116), “a generalização significa a formação de um conceito supraordenado que inclui o conceito dado como um caso específico”. Em outras palavras, como afirma Cavalcanti (2012), trata-se de deslocar o objeto de sua singularidade, tirando-o de seu contexto imediato e concreto para promover a sua síntese abstrata. Por isso, pensando na generalização dos conceitos científicos de espaço geográfico enquanto

produto/reprodução social desigual e contraditória e de movimentos migratórios, extraídos do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, os quais já buscamos traçar caminhos para sua internalização no contexto dos discentes, objetivamos, nesta sequência didática, oportunizar a discussão acerca das migrações socioeconômicas inter-regionais como resultantes do desenvolvimento geográfico regional desigual e combinado do espaço geográfico brasileiro, fomentando, com isso, compreensões generalizantes acerca dos conceitos trabalhados nos encontros anteriores.

Em nossa abordagem, ao propormos a transposição das escalas de análise, da escala local para as demais escalas (regional, nacional e global), os conceitos internalizados pelos alunos a partir da leitura do lugar e em diálogo com o poema *Morte e Vida Severina*, serão sistematicamente abstraídos e deslocados do contexto imediato, o município de São João do Cariri. Dessa forma, possibilita-se que esses conceitos sejam aplicados para se compreender como as contradições socioespaciais impulsionam movimentos migratórios em múltiplas escalas.

Diante disso, a proposta de atividade sugerida nesta sequência didática, disposta no Quadro 16, volta-se à discussão dos principais fluxos migratórios internos ocorridos no Brasil, buscando compreender como as contradições socioespaciais, enquanto fatores de repulsão, impulsionam essas migrações e impactam a dinâmica socioespacial tanto dos espaços de saída quanto dos de chegada do migrante.

QUADRO 16 – Sequência didática os Severinos de acolá: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil

ANO/SÉRIE: 2ª Série do Ensino Médio
TEMA: OS SEVERINOS DE ACOLÁ: as migrações socioeconômicas inter-regionais no Brasil
DURAÇÃO: Um encontro
OBJETIVO GERAL: Analisar os principais fluxos migratórios inter-regionais do Brasil, relacionando-os às contradições socioespaciais resultantes do desenvolvimento geográfico regional desigual e combinado do seu espaço geográfico.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: 1. Identificar as regiões de partida e as direções dos principais fluxos migratórios inter-regionais, analisando os fatores de repulsão/atração a eles relacionados. 2. Compreender as mudanças na dinâmica dos fluxos migratórios inter-regionais;

3. Analisar os impactos socioespaciais promovidos pelos movimentos migratórios nos lugares de partida e de chegada dos migrantes.

RECURSOS UTILIZADOS: quadro branco, lápis de quadro, impressões de atividades, TV, cabo HDMI, notebook, material para impressão (folhas de ofício, impressora).

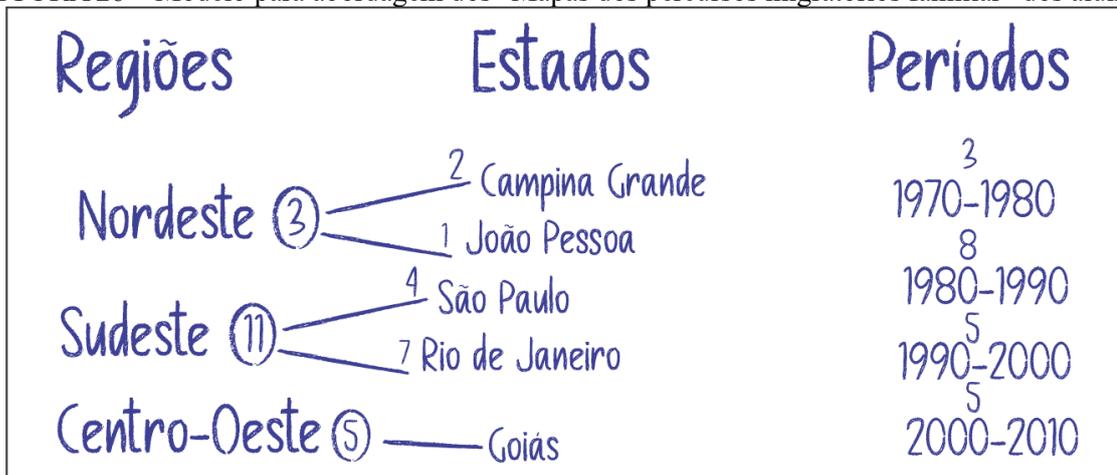
AVALIÇÃO: A avaliação dos discentes será conduzida com base na participação ativa nas discussões e na atividade proposta ao final do encontro. Consideramos como critérios avaliativos o engajamento nos debates e reflexões, demonstrando a generalização dos conceitos geográficos trabalhados em sala, as análises, leituras e interpretações dos mapas e imagens sugeridos ao longo do encontro e a atividade de síntese voltada à consolidação dos conceitos, sugerida ao final de toda a ação pedagógica realizada.

SEXTO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

Sugerimos tomar como ponto de partida para o sexto encontro a socialização dos Mapas dos percursos migratórios familiares, propostos no encontro anterior. Com os mapas expostos na sala de aula, devemos destacar os principais fluxos neles representados e o período em que eles ocorreram, fazendo os seguintes questionamentos: Para quais estados e regiões os “Severinos” de São João do Cariri migraram e em quais décadas ocorreram essas migrações? Por que migraram?

Com base nas contribuições de cada aluno, devemos registrar as informações no quadro branco e organizar os fluxos migratórios por destino e período, conforme ilustrado na Figura 26 abaixo.

FIGURA 26 – Modelo para abordagem dos “Mapas dos percursos migratórios familiar” dos alunos

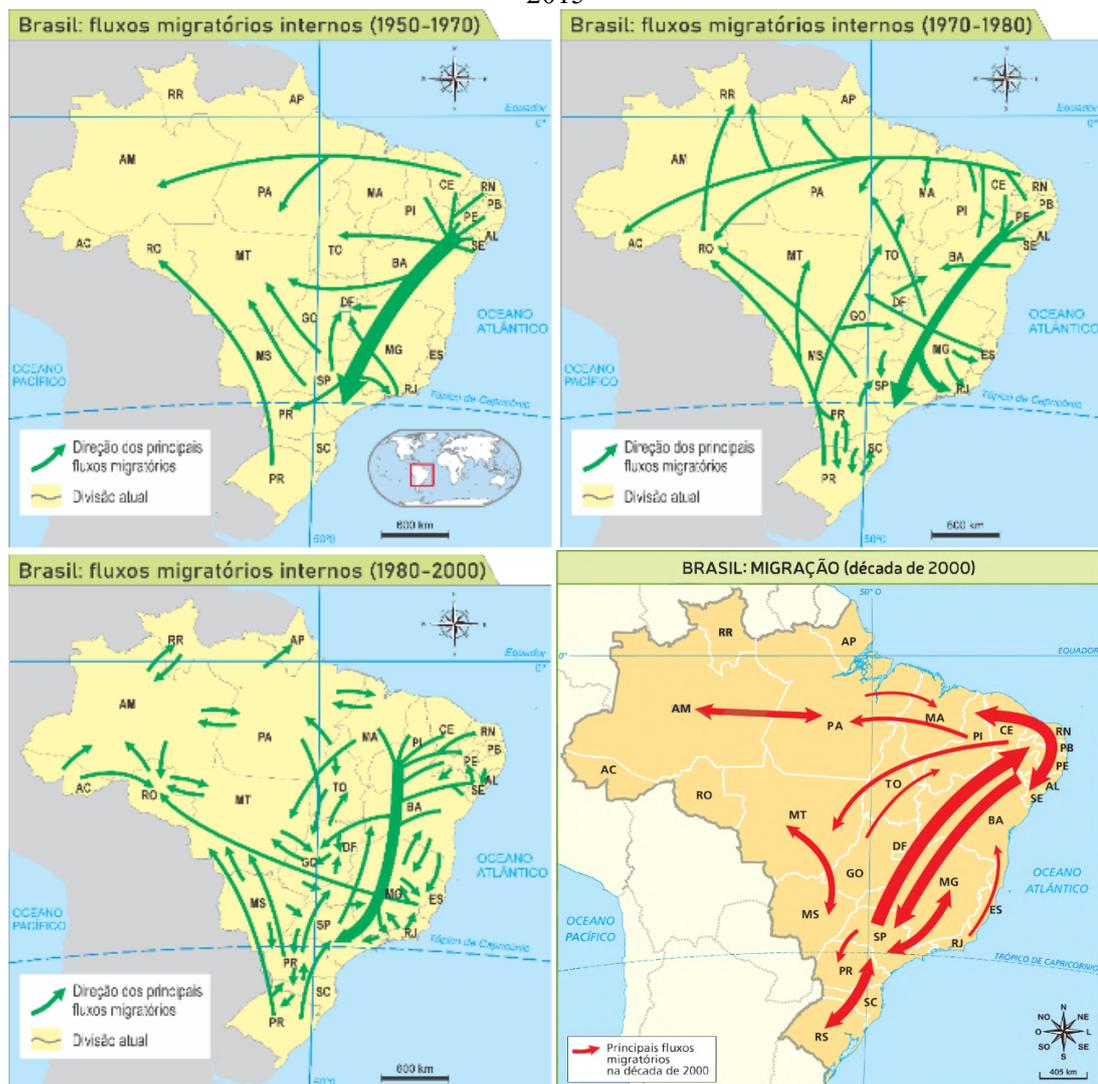


Fonte: elaboração própria, 2025.

Após consolidar os dados no quadro, os discentes poderão enxergar quais as regiões e estados se constituíram como espaço de atração do maior número de “Severinos” familiares identificados na atividade e em quais décadas eles migraram. Com isso, podemos problematizar esses dados a partir dos seguintes questionamentos: Como podemos explicar o fato de a maioria dos “Severinos” se direcionar para esses estados e nesses períodos? Esses dados refletem a realidade das migrações no Brasil?

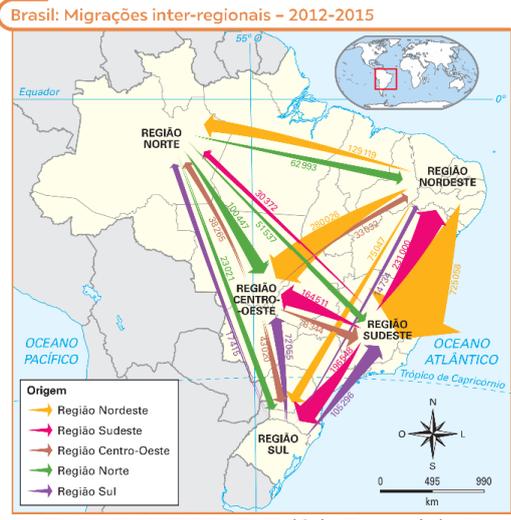
Na sequência dessa discussão, sugerimos apresentar, em um slide, a Figura 27 contendo os mapas que tratam sobre os principais fluxos migratórios internos no Brasil entre os anos de 1950 e 2015.

FIGURA 27 – Representação dos principais fluxos migratórios internos entre os anos de 1950 e 2015



Fonte: Adaptado de GIRARDI, G.; ROSA, J. V. Atlas geográfico do estudante. São Paulo: FTD, 2011.

Fonte: SIMIELLI, M. E. Geotlas. São Paulo: Ática, 2009. Disponível em: Disponível em: DELLORE, Cesar Brumini. Araribá Mais: Geografia. Editora Moderna, 1ª Edição, São Paulo, 2018. 6º ao 9º. PNLD 2020.



Fonte: BRANCO, A. L.; PRADO, B. S.; CAMPOS, E. Teláris Essencial: Geografia. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2022.

Com os mapas expostos, devemos questionar os estudantes se eles percebem algumas semelhanças entre os fluxos e períodos destacados no quadro branco e os representados nos mapas da Figura 27. A partir das semelhanças existentes, mediaremos a análise dos referidos mapas.

Através desses mapas, pretendemos explorar as principais correntes migratórias inter-regionais desses períodos, refletir acerca da direção e intensidade dos fluxos, dos fatores de repulsão e atração, da condição dos deslocamentos, dos impactos socioespaciais nos lugares de partida e de chegada, e das mudanças na dinâmica desse fenômeno ao longo do tempo.

Para abordá-las, devemos, inicialmente, focar nos períodos e nos processos socioespaciais a eles associados. Nessa abordagem, devemos incentivar os alunos para que promovam a leitura dos mapas. Podemos fazer isso a partir de questões do tipo: Quais são as regiões de partida e de chegada dos principais fluxos migratórios em cada período? Que fatores de repulsão/atração justificam a ocorrência desses fluxos?

Essas questões são norteadoras para que os discentes possam entender a dinâmica espaço-temporal das migrações internas. Sugerimos que, a partir desses questionamentos, seja entregue uma cópia do Quadro 17 para cada aluno, para que construam uma síntese dos mapas apresentados na Figura 27.

QUADRO 17– Síntese dos mapas dos fluxos migratórios internos do Brasil

Período	Regiões de partida	Regiões de chegada	Fatores de repulsão/atração
1950-1970			
1970-1980			
1980-2000			
2012-2015			

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Para preencher o quadro, os discentes precisarão movimentar os conceitos internalizados nos encontros anteriores, necessitando generalizá-los para buscar compreender as dinâmicas migratórias nos demais contextos apresentados nos mapas.

É de se esperar que algumas variáveis desses fatores de repulsão/atração sejam desconhecidas dos discentes. Por isso, após realizarem a atividade, precisamos atuar na zona de desenvolvimento proximal destes para que possam ampliar seus horizontes de análise e, com isso, tratar das particularidades que demarcaram os períodos representados nos mapas.

Assim, é fundamental explicar que o desenvolvimento desigual e combinado do espaço geográfico brasileiro, ao gerar suas contradições socioespaciais, impulsionou migrações não apenas em direção aos grandes centros urbanos industriais. Esse processo fomentou migrações também em direção às áreas de produção agrícola modernas. Nesse contexto, regiões como as Centro-Oeste e Norte, impulsionadas por variáveis como o avanço da fronteira agrícola e iniciativas governamentais, também passaram a atrair um significativo número de migrantes provenientes dos estados do Nordeste, Sul e Sudeste.

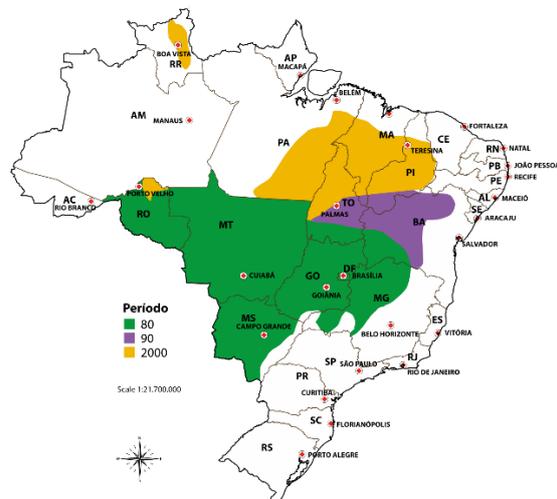
Para ilustrar estas questões, sugerimos apresentar o Quadro 18, que apresenta dados sobre o crescimento da população urbana e rural no Brasil, e a Figura 28, que mostra a expansão da fronteira agrícola brasileira.

QUADRO 18 – Evolução da população Urbana e rural no Brasil

Anos	População (milhões)		(%)		Crescimento (% a.a.)	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
1950	18.783	33.162	36,16	63,84	3,84	1,58
1960	31.534	41.054	43,44	56,56	5,32	2,16
1970	52.084	38.566	57,46	42,54	5,15	-0,62
1980	80.436	36.566	68,75	31,25	4,44	-0,53
1991	110.876	33.997	76,53	23,47	2,96	-0,66
2000	137.953	31.845	81,25	18,75	2,46	-0,72
2010	160.880	29.853	84,4	15,6	1,55	-0,65
2022	177.508	25.572	87,4	12,6	0,82	-1,28

Fonte: Censos Demográficos, IBGE.

FIGURA 28 – Expansão da fronteira agrícola no Brasil entre as décadas de 1970 e 2000



Fonte: Adaptado de Fishlow e Vieira Filho (2020).

Com base na observação do Quadro 18 e da Figura 28, propomos que os discentes comparem as informações contidas neles com os mapas que mostram os fluxos migratórios. Numa primeira abordagem, sugerimos que se analisem os períodos em que ocorreu a

expansão da fronteira agrícola brasileira e que se observe se houve algum fluxo migratório para estas regiões no mesmo período.

Em seguida, devemos propor que os alunos reflitam acerca de como a diminuição progressiva da população rural em relação à urbana pode intensificar problemáticas socioespaciais, tais como: concentração fundiária, expansão das monoculturas, conflitos agrários, restrição das áreas da agricultura familiar, problemas ambientais, expansão desordenada das cidades, aumento das desigualdades sociais, crescimento de áreas periféricas e precariedade do acesso a serviços básicos nas periferias (educação, saúde, segurança, moradia, saneamento básico etc.).

Sugerimos, para essa reflexão, que os alunos se organizem em duplas e que cada uma receba uma problemática específica para que possam discutir e elaborar uma reflexão escrita, demonstrando de que maneira a contínua concentração da população nas cidades poderá impactar a problemática em questão e qual a relação entre essa problemática e a de Severino, personagem do poema *Morte e Vida Severina*, no espaço urbano de Recife. Ao término da atividade, cada dupla deve apresentar suas conclusões.

Na continuidade da discussão, devemos levar os discentes a analisar como os fluxos migratórios mais recentes têm sido redefinidos. Para tanto, devemos fazer o seguinte questionamento: Que alterações na dinâmica dos fluxos migratórios inter-regionais o último mapa (referente ao período de 2012 a 2015) revela?

Para tanto, os alunos devem identificar, por meio das setas que indicam os deslocamentos, para onde estão direcionados os principais fluxos migratórios na primeira década dos anos 2000. Após isso, precisamos colaborar com a aprendizagem dos discentes, auxiliando-os para que compreendam os principais motivos por trás dessas mudanças.

Devemos ressaltar aspectos como melhoria da economia da região Nordeste, desaceleração econômica e saturação das grandes metrópoles da região Sudeste e expansão do agronegócio na região Norte e Centro-Oeste, contribuindo, por exemplo, para que menos nordestinos migrem em direção à região Sudeste, mudando a dinâmica migratória dos “Severinos” que passam a ocorrer em direção a centros urbanos de média e curta distância.

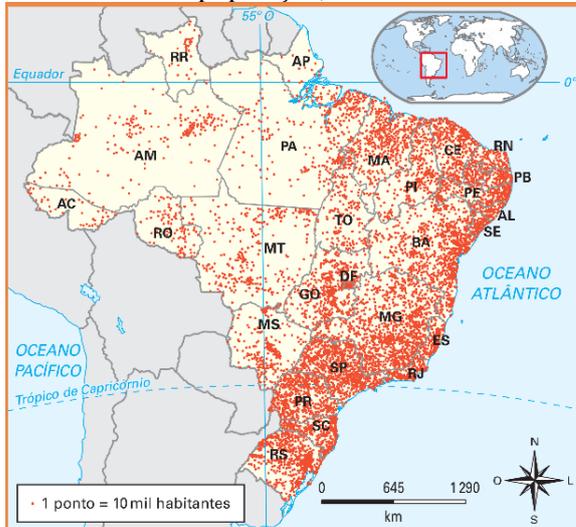
Para encerrar o encontro, propomos uma atividade que visa sintetizar o conjunto dos conceitos trabalhados ao longo dos encontros, Quadro 19 a seguir:

QUADRO 19 – Proposta de atividade para encerramento da segunda sequência didática

ATIVIDADE

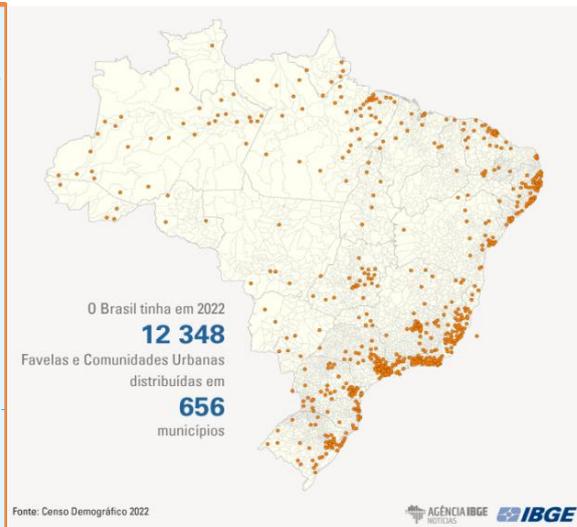
Observe atentamente os mapas e as figuras apresentados a seguir e, na sequência, responda às questões 1 e 2:

FIGURA 29 – Brasil: distribuição da população, 2020



Fonte: BRANCO, A. L.; PRADO, B. S.; CAMPOS, E. Teláris Essencial: Geografia. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2022.

FIGURA 30 – Municípios com favelas e comunidades urbanas



Fonte: Bello Luiz/Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 09 mar. 2025.

Figura 31 – Vista panorâmica de Manaus, Amazonas



Figura 32 - Casas de palafitas em comunidade de Manaus



Das 2.063.547 pessoas que moram em Manaus, 56% delas, segundo o Censo 2022, moram em Favelas. A cidade tem a 4ª maior favela do país, o bairro Cidade de Deus, com 55.821 moradores. Ainda segundo os dados do IBGE, a cidade é a quinta com maior participação no Produto Interno Bruto do País.

Fontes: Arne Müsseler. Disponível em: <https://gazetadaamazonia.com.br>. Acesso em: 07/03/2025.

Fonte: Eduardo Knapp/Folhapress. Disponível em: <https://agenciacenarium.com.br/seis-das-20-favelas-mais-populosas-do-pais-estao-em-manau/>. Acesso em: 07/03/2025.

1) Por meio do conceito de desenvolvimento desigual e combinado, procure explicar a distribuição geográfica da população brasileira e as contradições socioespaciais como as observadas nas Figuras 31 e 32.

2) Qual a relação dessas condições que são apresentadas nas imagens com a do personagem do poema nos mocambos do Recife?

Propomos que essa atividade seja realizada individualmente e entregue no próximo encontro, quando será discutida coletivamente. A partir dela, espera-se que os estudantes, após internalizarem os conceitos abordados nos encontros anteriores, consigam argumentar que a realidade observada nos mapas e nas imagens está diretamente relacionada ao desenvolvimento geográfico desigual e combinado do espaço brasileiro.

Esse processo, ao concentrar a produção de riquezas em determinadas regiões do território, atrai populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica, como os “Severinos” no poema, que, ao chegarem a essas regiões, são segregados para áreas com maior precariedade de infraestrutura, em função dos processos contraditórios de produção do espaço urbano desenvolvidos por agentes, tais como: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

3.4 OS SEVERINOS DO MUNDO: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual

A abordagem pedagógica das contradições socioespaciais como fator de migração a partir do poema *Morte e Vida Severina*, considerando as escalas de análise já apresentadas e as perspectivas teóricas e pedagógicas que fundamentam a pesquisa, leva-nos à necessidade de propor, no processo de ensino, a aprendizagem de conceitos que permitam aos discentes ampliar a compreensão da realidade além das escalas contempladas nas propostas anteriores.

Dessa forma, a compreensão, por parte dos alunos, do fenômeno migratório como fator do desenvolvimento geográfico desigual na escala global, precede a internalização do conceito de globalização, enquanto processo capaz de integrar os sistemas de objetos e ações que compõem o espaço geográfico a nível mundial. A partir disso, teremos condições de promover a generalização dos conceitos basilares de nosso estudo internalizados nos encontros anteriores, operacionalizando-os à luz da dinâmica global contemporânea.

De acordo com Santos (2013, p. 45), “a globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos”, sendo tal conceito um “paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea”.

Um desses aspectos que merece ser compreendido, à luz desse fenômeno, é o processo de produção do espaço geográfico. De acordo com Santos (2013), esse processo é marcado, em cada época, pela introdução de novos objetos e ações que, somados aos já existentes, transformam a totalidade do espaço. Na contemporaneidade, os avanços científicos deram origem a um sistema técnico presidido pelas técnicas da informação, enquanto os sistemas de ações dão conta de assegurar um mercado global. Esse contexto se reflete na crescente transformação de objetos culturais em objetos técnicos e especializados, enquanto as ações humanas tornam-se cada vez mais racionais e ajustadas às demandas e interesses dos atores hegemônicos, sendo então plenamente incorporadas às correntes de globalização.

A partir desses condicionantes, segundo Santos (2013), o espaço geográfico na era da globalização é marcado por três características principais: a hegemonia de um sistema técnico único, a instantaneidade da informação globalizada, que aproxima os lugares e permite uma interconexão em escala mundial, e a mundialização da mais-valia, viabilizada por uma produção unificada e intermediada pelo sistema bancário.

Desse modo, dá-se a criação de um espaço total, cujos horizontes abertos pela globalização, segundo Ianni (2014, p. 97), comportam a homogeneização e a diversificação, a integração e a contradição”. Esta última se dá, sobretudo, porque esse processo, como destaca Santos (2014; 2013), resulta em uma distribuição desigual das novas variáveis e recursos globais, criando diferenciações no interior do espaço geográfico mundial. Essa desigualdade se reflete na composição quantitativa e qualitativa dos subespaços, que passam a ser marcados por contrastes. De um lado, surgem áreas de alta densidade, caracterizadas por intensa concentração de ciência, tecnologia e informação, as chamadas zonas “luminosas”. De outro lado, há áreas em que tais variáveis são menos densas, formando as zonas “opacas” (Santos, 2013).

Nessas zonas opacas, presentes em diversas regiões do continente asiático, africano, latino-americano e caribenho, onde o acesso à modernidade material contemporânea é restrito, as possibilidades de reprodução material da vida tornam-se igualmente precárias. Essa realidade, somada à expansão das formas de divisão do trabalho no contexto da globalização e seus impactos desiguais sobre as diferentes regiões do planeta, intensifica o fenômeno do desemprego estrutural, reforçando as assimetrias e exclusões características desses espaços.

Neste contexto, conforme salienta Ianni (2014, p. 135), os trabalhadores “com reduzidas ou nulas possibilidades de empregar-se” são obrigados a moverem-se “de um lugar para outro, por diferentes cidades, províncias, nações e regiões, tecendo o seu mapa do mundo”.

Para o contexto de nossa abordagem, nessa terceira sequência didática, vamos considerar apenas os trabalhadores que, em razão dos fatores anteriormente descritos, convertem-se em migrantes internacionais, os quais designamos, em vista da mediação promovida pela poética cabralina, de “Severinos” globais.

Esses “Severinos”, oriundos principalmente das zonas opacas citadas anteriormente, são atraídos pelas promessas de melhores oportunidades de trabalho e renda existentes nas zonas luminosas dos países desenvolvidos. Constituindo, essas áreas, a expressão da metáfora das terras brandas e macias que o Severino do poema de Melo Neto buscou quando migrou da Serra da Costela para a Zona da Mata pernambucana. Áreas essas cuja especialização produtiva relega a segundo plano determinadas atividades, gerando a demanda por mão de obra pouco qualificada, justificando a presença dos “Severinos” globais.

Assim, alguns milhões de trabalhadores têm buscado deixar suas “serras da Costela”, estando estas principalmente em regiões mais pobres como os continentes africano, latino-americano e asiático, conforme mostra o último *World Migration Report 2024*³³. Partem em direção a áreas “luminosas” ou terras “femininas”, como alude o texto poético de João Cabral de Melo Neto, localizadas em países europeus, nos Estados Unidos da América e em algumas regiões do continente asiático ao longo das últimas décadas.

Na tentativa de “plantarem suas sias” no mundo desenvolvido, esses “Severinos” arriscam suas vidas se deslocando em pequenas embarcações, em caminhões refrigerados e em caminhonetes, todos eles lotados de pessoas. Ao longo do percurso, precisam atravessar barreiras naturais, como rios e desertos, e artificiais, como cercas e muros erguidos para impedir as suas entradas. Parte dessas travessias é realizada a pé, assim como fizera o personagem Severino no poema *Morte e Vida Severina*.

A precariedade dos meios de transporte, somada às condições desafiadoras das rotas utilizadas, faz com que muitos desses “Severinos” não consigam concluir suas jornadas, acabando por sucumbir à “morte severina” nas areias dos desertos ou nas águas dos rios, mares e oceanos que precisam atravessar.

Estes fluxos, além das tensões sociais que vêm gerando, têm promovido transformações socioespaciais nos espaços de destino. De acordo com Ianni (2014, p. 138), têm surgido, no interior dos países desenvolvidos, subclasses de trabalhadores, bem como “uma espécie de ‘terceiro-mundialização’ das grandes cidades de países do ‘Primeiro Mundo’”. Esses fenômenos passam a definir as condições socioespaciais desses lugares, levando esses

³³ Relatório Mundial sobre Migração.

“Severinos” a viverem em situações análogas às das realidades de onde se originaram, seja devido às precárias condições de trabalho, seja pelas condições de vida igualmente degradantes.

Tem-se posto, desse modo, a reprodução das desigualdades em novos contextos espaciais, evidenciando a persistência de estruturas de exclusão e marginalização, mesmo em regiões consideradas desenvolvidas, tal como podemos observar no poema *Morte e Vida Severina*, em que o personagem “Severino”, ao buscar melhores condições de vida na cidade do Recife, acaba vivendo, juntamente aos demais migrantes que ali chegam, em um mocambo às margens do Rio Capibaribe.

Na contemporaneidade, parte considerável dos “Severinos” globais também passa a habitar áreas cujas condições socioespaciais não diferem das que eram encontradas nesses mocambos. Em inúmeras áreas urbanas pelo mundo, inclusive em grandes cidades dos países desenvolvidos, os “Severinos” se deparam com essas formas de moradia. Esses espaços, a depender do país em que estão situados, recebem diferentes denominações, como favelas, guetos, slums, townships, barrios, bidonvilles, colônias ou até mesmo campos de refugiados, cujas condições estruturais e sociais, muitas vezes, são piores do que as que habitavam essas pessoas nos seus países de origem.

Diante do exposto, apresentamos a seguir no Quadro 20, a terceira e última proposta de sequência didática voltada ao diálogo entre a Literatura e o ensino de Geografia. Por meio dessa proposta, pretendemos fomentar a análise dos principais fluxos migratórios internacionais, relacionando-os às contradições socioespaciais resultantes do processo de produção desigual do espaço geográfico mundial contemporâneo.

QUADRO 20 – Sequência didática os Severinos do mundo: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual

ANO/SÉRIE: 2ª série do Ensino Médio
TEMA: OS SEVERINOS DO MUNDO: as migrações socioeconômicas no contexto da globalização atual
DURAÇÃO: Um encontro
OBJETIVO GERAL: Analisar os principais fluxos migratórios internacionais, relacionando-os às contradições socioespaciais resultantes do processo de produção do espaço geográfico contemporâneo.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: 1. Promover a generalização dos conceitos de globalização, desenvolvimento geográfico desigual e combinado e de migração;

2. Compreender as dinâmicas espaciais das migrações internacionais na contemporaneidade, identificando os espaços, os sujeitos sociais envolvidos e a forma como esses fluxos são realizados;

3. Analisar o processo de exclusão socioespacial e a condição dos “Severinos” globais nos países desenvolvidos.

RECURSOS UTILIZADOS: atividades impressas, TV, cabo HDMI, notebook, material para impressão (folhas de ofício e impressora).

AValiação: A avaliação dos discentes será conduzida com base na participação ativa nas discussões e na atividade proposta ao final do encontro. Consideramos como critérios avaliativos o engajamento nos debates e reflexões, demonstrando a internalização de novos conceitos trabalhados e a generalização dos já internalizados anteriormente, as análises, leituras e interpretações dos mapas e imagens utilizados para mediar a ação pedagógica e a atividade final voltada à reflexão e análise crítica dos estudantes dos fenômenos geográficos abordados no encontro.

SÉTIMO ENCONTRO (2 AULAS DE 50 MINUTOS)

Ao iniciarmos o sétimo encontro, devemos retomar a atividade sugerida no anterior. Para tanto, devemos propor que os alunos apresentem suas reflexões acerca da distribuição espacial da população brasileira e as contradições socioespaciais que foram apresentadas nos mapas e imagens trabalhados no referido encontro. A partir disso, devem, ainda, apontar as relações entre as condições de vida da população que aparecem na última imagem com aquelas que são narradas no texto poético de João Cabral de Melo Neto.

Feito isto, devemos levar os alunos a transporem novamente a escala de análise do objeto. Assim, propomos a seguinte questão norteadora: Se as migrações internas no Brasil são um reflexo do desenvolvimento desigual e combinado do espaço geográfico brasileiro, como podemos explicar a ocorrência de migrações entre os países?

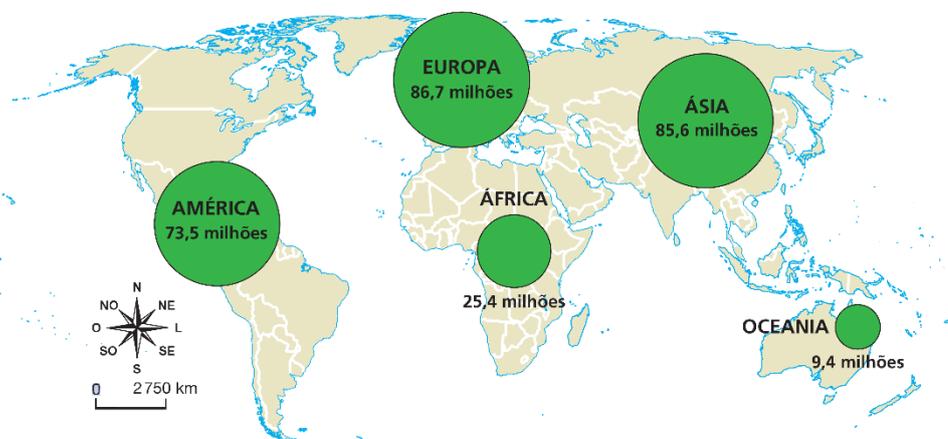
Dessa forma, daremos início à análise e compreensão dos fluxos migratórios internacionais. A partir desse questionamento, espera-se que os alunos sejam capazes de generalizar os conceitos internalizados nos encontros anteriores e começar a internalizar o conceito de globalização, enquanto fenômeno que permite a ampliação das dinâmicas compreendidas nas escalas anteriores.

Desse modo, ao argumentarem que as migrações internacionais estão intrinsecamente ligadas ao processo de desenvolvimento desigual e combinado do espaço em escala global, torna-se necessário refletir sobre: O que possibilita tal ampliação? E, como isso resulta em disparidades socioeconômicas entre as regiões? Após discutir tais aspectos, devemos explicar sua relação com os fluxos migratórios internacionais, mostrando como isso contribui para os indivíduos deixarem seus países de origem em busca de melhores condições de vida e oportunidades em áreas mais dinâmicas do mundo.

Em seguida, sugerimos que os alunos possam, diante dos conceitos já internalizados, identificar e explicar as características dos principais espaços e dos sujeitos sociais envolvidos nesse processo. Para tanto, propomos um debate para que possam iniciar a reflexão sobre os aspectos anunciados, o que pode ser feito por meio dos seguintes questionamentos: Quem são os “Severinos” globais? De quais “serras da Costela” se originam e para quais “terras brandas e macias” procuram migrar? O que definem as Serras da Costela de suas origens e as terras brandas e macias que buscam?

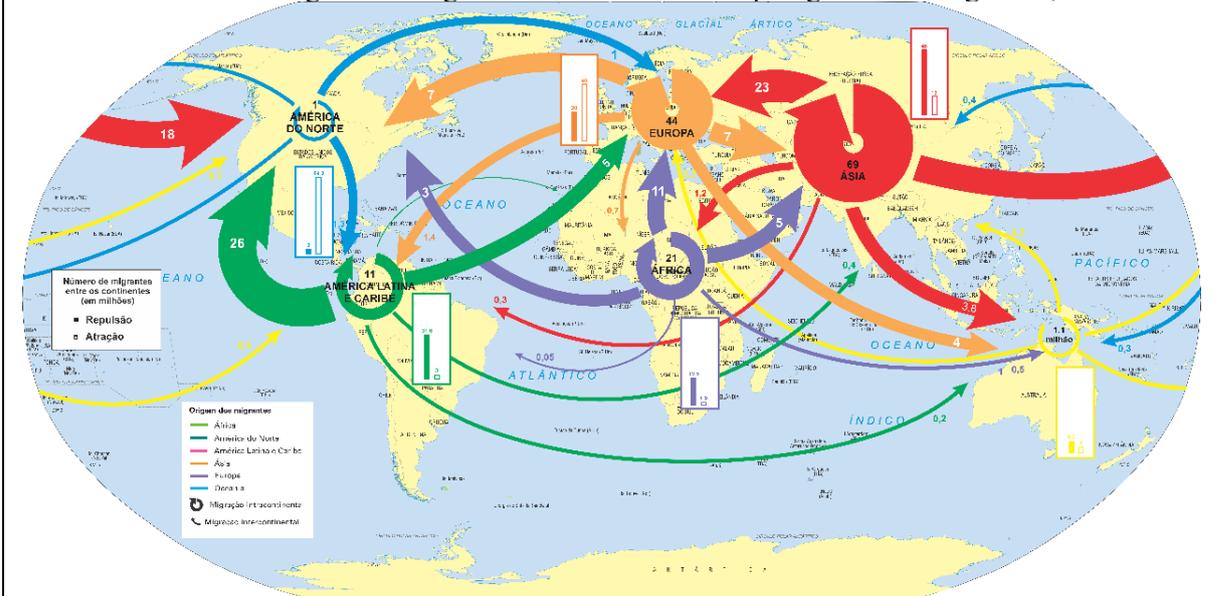
Após os alunos demonstrarem seus conhecimentos sobre o tema, devemos apresentar em um slide a Figura 33, que trata sobre os continentes com maiores estoques de imigrantes, e o mapa da Figura 34 que, além de mostrar o contingente de migrantes internos nessas áreas, apresenta os principais fluxos entre essas regiões do planeta, segundo o último Relatório Sobre a Migração Mundial, produzido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM).

FIGURA 33 – Estoque de migrantes internacionais por continente (2020)



Fonte: Adaptado de DELLORE, Cesar Brumini. Araribá Mais: Geografia. Editora Moderna, 1ª Edição, São Paulo, 2018. 6º ao 9º. PNLD 2020.

FIGURA 34 – Regiões de origem e de destino dos estoques globais de migrantes, 2020

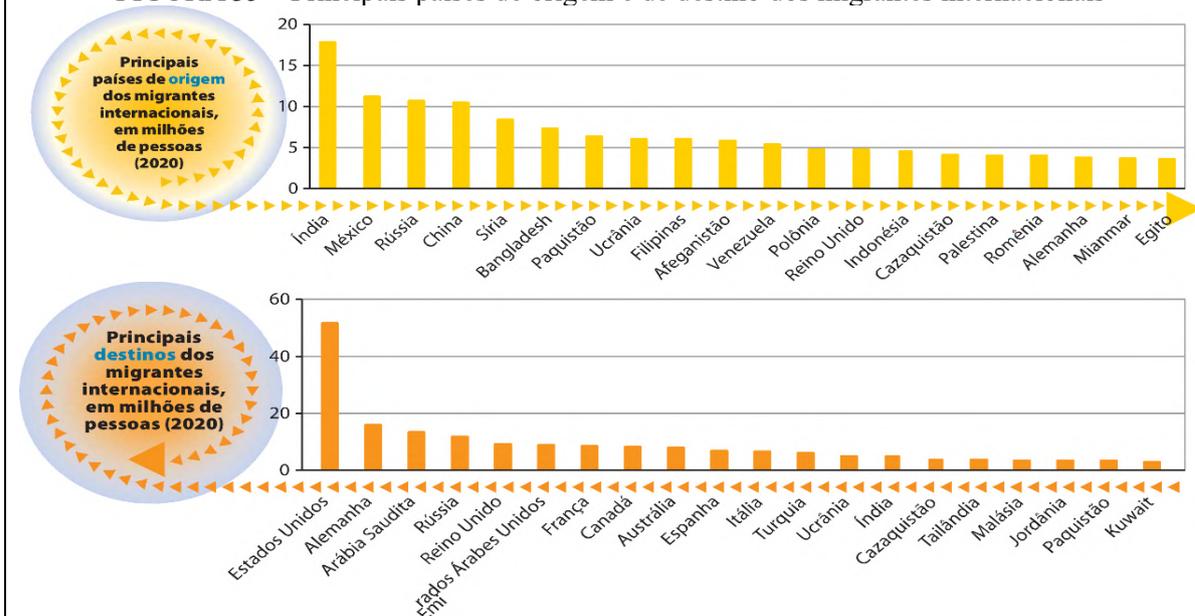


Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos em: Elaboração própria com base nos dados obtidos em: INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. World Migration Report 2024. Genebra, 2024. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/what-we-do/foreword/foreword>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Para que os estudantes compreendam as dinâmicas espaciais da migração na contemporaneidade, é importante estimulá-los a identificar e destacar as dinâmicas migratórias envolvendo as regiões representadas no mapa. Para tanto, devemos levantar algumas questões norteadoras, como: Quais continentes se notabilizam pela repulsão e pela atração populacional? Quais continentes possuem maiores contingentes de imigrantes? Qual é o peso da migração intrarregional no total do estoque de migrantes em cada continente?

Após a discussão, é importante destacar que, nos continentes representados nos mapas, alguns países se destacam tanto pela capacidade de repulsão quanto pela atração de migrantes globais. Para ilustrar esse ponto, sugerimos a exibição de um slide contendo a Figura 35, que apresenta os vinte países com maior dinâmica migratória em cada um desses aspectos.

FIGURA 35 – Principais países de origem e de destino dos migrantes internacionais



Fonte: Adaptado de DELLORE, Cesar Brumini. Araribá Mais: Geografia. 6º ao 9º. PNLD 2020. 1. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

Feito isso, é fundamental retomar à questão inicial proposta no encontro e provocar a reflexão dos estudantes com os seguintes questionamentos: Vocês sabem dizer quais motivos levam esses “Severinos” globais a deixarem seus países de origem? Por que alguns países exercem maior atração que outros?

Para contextualizar a complexidade dos fenômenos migratórios atuais, podemos destacar exemplos de alguns dos países que aparecem na Figura 35. Para ilustrar a discussão, devemos apresentar em um slide a Figura 36, que traz uma composição de imagens do planeta Terra a partir de fotografias noturnas das distintas regiões, apresentando as áreas com maior luminosidade e opacidade.

FIGURA 36 – Representação dos espaços luminosos e opacos do espaço global



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=548616297462558&set=a.548616244129230&type=3&locale=id_ID. Acesso: 21 mar. 2025.

Com a figura apresentada no slide, devemos explicar que se trata de uma imagem noturna da representação da Terra. Na sequência, sugerimos que sejam realizados os seguintes questionamentos aos alunos: Quais as áreas do planeta que apresentam as maiores luminosidades e as maiores opacidades? O que há nessas áreas que as faz serem luminosas ou opacas? Como essas características se relacionam às densidades e rarefações técnicas, científicas e informacionais dos espaços e como podem ser relacionadas a fatores de repulsão e atração populacional?

Após as respostas a esses questionamentos, devemos ressaltar que as áreas com maior luminosidade no mapa correspondem aos espaços que comportam maior quantidade de objetos técnicos, científicos e informacionais, o que as torna capazes de atrair maior quantidade de capitais e, assim, influenciar as direções dos fluxos migratórios nas escalas regional e global.

Já as áreas opacas, ou seja, aquelas com pouca incidência de “luz”, correspondem às regiões do planeta onde a presença dos aparatos técnico-científicos ocorre de forma menos densa. Esses espaços podem abranger tanto áreas em que os elementos naturais ainda predominam sobre os artificiais, como as florestas, quanto as áreas agrícolas que caracterizam os latifúndios tradicionais da região Nordeste que aparecem no contexto da produção poética de João Cabral de Melo Neto.

Feito isto, devemos buscar localizar os continentes em que essas áreas luminosas e opacas estão localizadas. Ao situá-las, devemos explicar que são nessas áreas opacas que se

encontram as principais “Serras da Costela” globais, a exemplo de países como México e Síria. Por outro lado, recomendamos mostrar que, ao concentrar grandes volumes de capitais e ofertar maiores oportunidades de trabalho e de renda, países localizados nas áreas “luminosas” atraem grandes somas de migrantes globais, sobretudo das regiões mais próximas, como são os casos dos Estados Unidos da América e da Alemanha.

Na sequência da abordagem, devemos buscar saber dos discentes se eles conhecem como são realizados esses fluxos migratórios, tendo em vista que esses processos são regulados por leis específicas que determinam as condições de entrada e permanência de estrangeiros em um país.

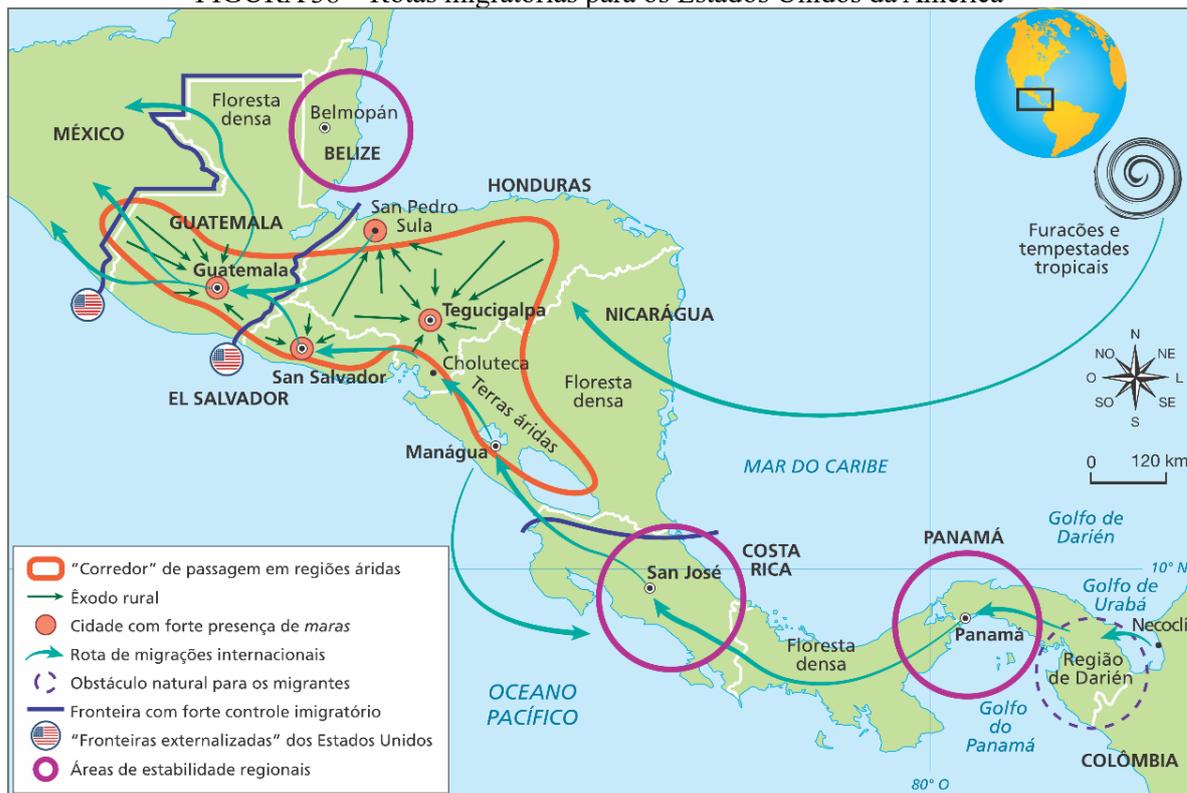
Após essa discussão, devemos destacar que grande parte dessas migrações, em razão da condição econômica e social dos migrantes, ocorre de forma clandestina, envolvendo trajetos perigosos e uma engenhosa logística por parte de traficantes de pessoas conhecidas como coites. Para ilustrar a discussão, sugerimos a apresentação dos mapas (Figuras 37 e 38), que mostram as principais rotas globais de emigração na contemporaneidade, e das Figuras 39, 40, 41 e 42, que trazem registros de como os migrantes fazem esses percursos.

FIGURA 37 – Rotas migratórias para a Europa



Fonte: iMap/BBC). Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/co_m-reforco-de-fronteiras-na-europa-imigrantes-optam-por-rotas-da-morte.html.

FIGURA 38 – Rotas migratórias para os Estados Unidos da América



Fonte: Adaptado de ADAS, M.; ADAS, S. Expedições geográficas: 6º ao 9º. PNLD 2020. 4 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2022.

FIGURA 39 – Imigrantes da América Central percorrem rodovia próxima da fronteira do México com a Guatemala em tentativa de chegarem aos EUA, 2018



Fonte: Ueslei Marcelino/REUTERS. Disponível em: www.terra.com.br. Acesso em 16 mar. 2025.

FIGURA 40 – Brasileiros cruzam região desértica no Arizona na tentativa de entrar ilegalmente aos EUA, 2021



Fonte: Ariana Drehsler/The New York Times. Disponível em: <https://www.estadao.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2025.

FIGURA 41 – Imigrantes se aglomeram perto da fronteira entre Turquia e Grécia em Pazarkule, 2020



Fonte: Bulent Kilic/AFP. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

FIGURA 42 – Embarcação à deriva com mais de 500 imigrantes no mar Mediterrâneo. Itália, 2021

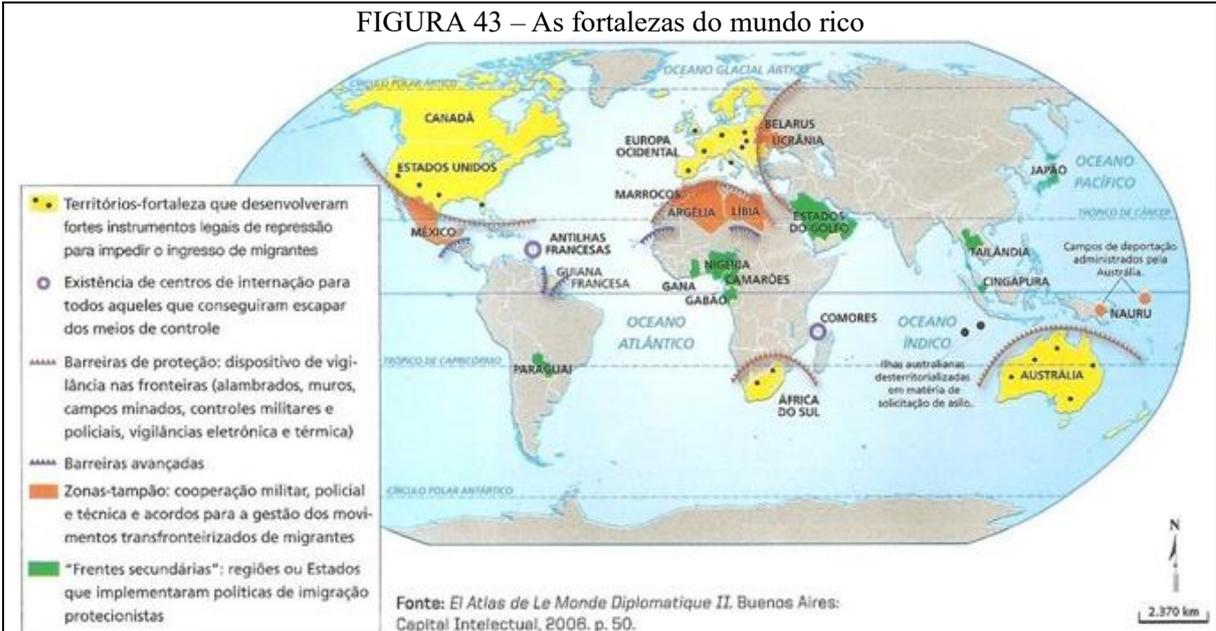


Fonte: EPA via BBC. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 16 mar. 2024.

Após a apresentação dessas rotas e dos principais grupos de migrantes que as utilizam para chegarem na Europa e aos Estados Unidos da América, devemos apresentar a sequência de figuras acima sugeridas e questionar os discentes sobre as semelhanças entre as condições que se dão os movimentos migratórios dos “Severinos” globais e as do protagonista do poema *Morte e Vida Severina*. Nessa abordagem, podemos fomentar a reflexão deles por meio de questionamentos como: Quais são os meios utilizados em ambos os trajetos? Eles vivenciam experiências de Morte Severina ao longo dos deslocamentos? Quais são as condições econômicas e físicas que apresentam ao chegarem aos lugares de destino?

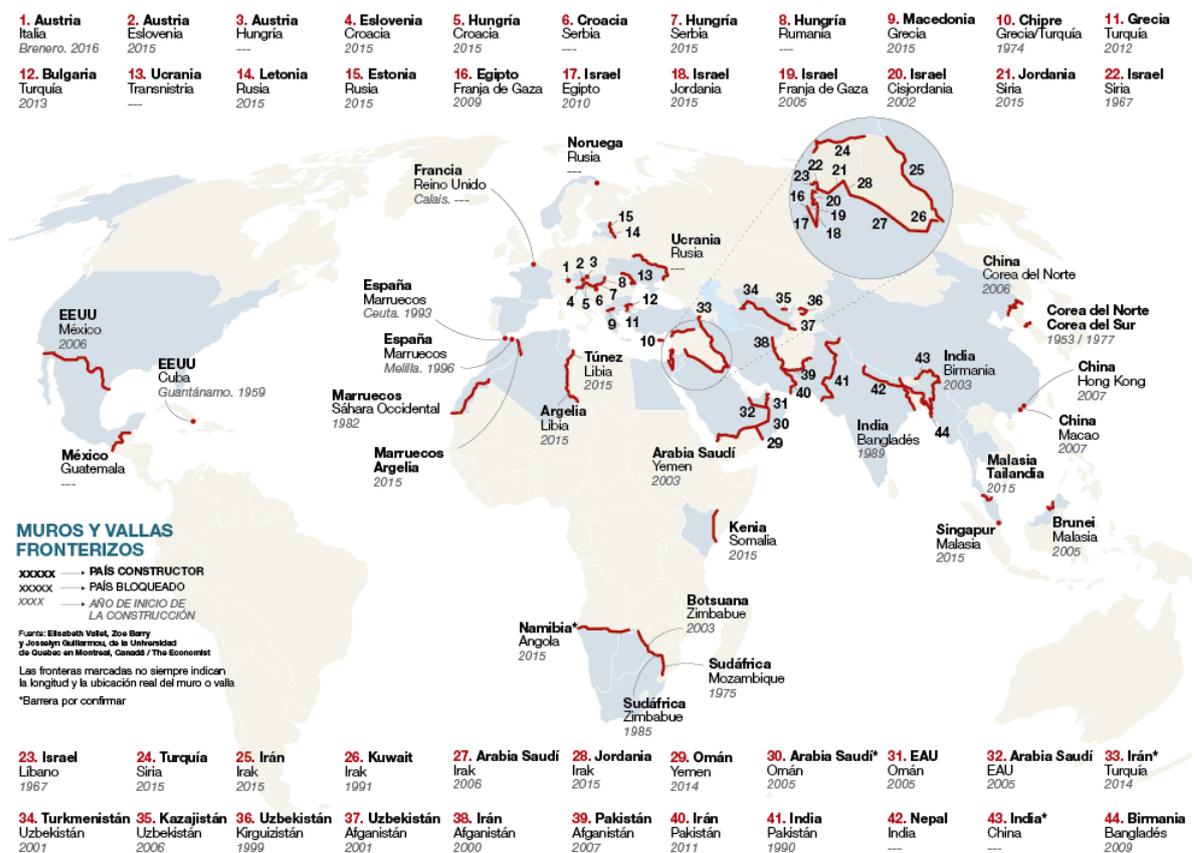
Ao final dessa discussão, devemos reportar aos alunos a passagem do poema em que os coveiros relatam que os migrantes que partem do Sertão, em busca de melhores condições de vida no Recife, vêm seguindo seu próprio enterro. Em seguida, podemos contextualizar essa passagem apresentando os mapas expostos nas Figuras 43 e 44 e as imagens mostradas nas Figuras 45 e 46, a seguir, que mostram parte das medidas adotadas pelos países, que são os espaços de atração desses fluxos, para dificultar a entrada indesejada de imigrantes, tornando as rotas migratórias verdadeiras “trilhas” da morte.

FIGURA 43 – As fortalezas do mundo rico



Fonte: MOREIRA, J. C.; SENE, Eustáquio de. Geografia geral e do Brasil: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2010.

FIGURA 44 – Muros e cercas fronteiriças



Fonte: El periódico. Disponível em: <https://www.elperiodico.cat/ca/grafics/internacional/murs-tanques-fronteres-mon-18330/>. Acesso em 17 mar. 2024.

FIGURA 45 – Cercas para pedestres e veículos e trechos sem proteção - Extensão: 421,6 km - Agentes: 4.200 - Apreensões: 64.891 (71,65% mexicanos), Tucson (Arizona)



Fonte: Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/os-obstaculos-por-tras-do-muro-de-donald-trump>. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 46 – Africanos pulam barreira em Ceuta: enclave espanhol no Marrocos é ponto de passagem para a Europa



Fonte: Jalal Morchidi/EFE. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/invasao-de-imigrantes-ilegais-insufla-a-extrema-direita-da-europa>. Acesso em 17 mar. 2025.

Após a apresentação dos mapas e das fotografias em slide, sugerimos explicar aos discentes que a construção dessas barreiras, somada à intensa vigilância das forças policiais e ao emprego de tecnologias na fiscalização das vias de acesso a esses países, tem levado imigrantes e traficantes de pessoas a adotarem rotas e métodos cada vez mais arriscados. Esse cenário tem contribuído para o aumento do número de mortes entre os “Severinos” globais, que arriscam suas vidas ao tentar atravessar desertos, rios e mares, onde o patrulhamento é menos eficiente. Na sequência, podemos mostrar as Figuras 46, 47, 48 e 49 que trazem alguns registros dessas tragédias.

FIGURA 47 – Criança síria é encontrada morta em praia da ilha de Kos, na Grécia, 2015, após os botes em que seus familiares estavam naufragar no Mar Mediterrâneo



Fonte: AP/DHA. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 17 mar. 2025. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 48 – Caminhão que partiu da Bulgária é encontrado com 39 corpos em seu baú em Essex, arredores de Londres, 2019



Fonte: PA MEDIA. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50156873>. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 49 – 53 imigrantes de origem mexicana, guatemalteca, e hondurenha morrem após caminhão refrigerado ser abandonado com eles dentro, Texas, 2022



Fonte: Reprodução/Twitter. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/>. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 50 – Migrante salvadorenho e sua filha morrem ao tentar atravessar o Rio Grande, fronteira entre o México e os EUA, 2019



Fonte: AFP. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 17 mar. 2025.

Após a apresentação das imagens, sugerimos que os alunos da turma apontem semelhanças entre os contextos das mortes e sofrimentos vivenciados pelos imigrantes internacionais e aquelas que são vivenciados pelo Severino do poema em seus deslocamentos. Para tanto, devemos questionar: Quais tipos de morte severina acometem esses imigrantes? Qual é a cova que lhes cabe em vida?

Na sequência da abordagem, propomos apresentar aos discentes as Figuras 51, 52, 53 e 54, que mostram os métodos utilizados pelas autoridades de alguns países desenvolvidos para desencorajar a entrada de imigrantes ilegais em seus territórios.

FIGURA 51 – No centro de detenção informal de Camp Willow imigrantes esperam a céu aberto a Patrulha da Fronteira para leva-los a julgamento, deserto da Califórnia, EUA, 2023



Fonte: GETTY IMAGES. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 52 – Famílias trancadas em estrutura semelhante a uma jaula em um centro de detenção de imigrantes em McAllen, no Texas, 2019



Fonte: Office of Inspector General/DHS/Handout/Reuters. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 17 mar. 2025.

FIGURA 53 – 360 migrantes de países da África Subsaariana foram abandonados sem água e abrigo no deserto por autoridades tunisianas, Al-Assah, Líbia, 2023



FIGURA 54 – Itália envia imigrantes irregulares para aguardar asilo em edifícios pré-fabricados, cercados por muros e vigiados por policiais, em Gjader, na Albânia, 2024



Fonte: Mahmud Turkia / AFP. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em 17 mar. 2025. Fonte: Adnan Beci/AFP. Disponível em: https://oglobo.globo.com. Acesso em 17 mar. 2025.

Em seguida, sugerimos iniciar a discussão acerca dos migrantes internacionais que conseguem chegar aos espaços globais de atração. Ao abordarmos a questão, devemos levar os alunos a refletirem sobre as condições em que esses migrantes são inseridos socioespacialmente nesses países.

Para tanto, devemos, mais uma vez, buscar relacionar o contexto dos “Severinos” do poema com o vivenciado pelos imigrantes nos países desenvolvidos. Para isso, sugerimos que seja entregue aos alunos a cópia do texto a seguir (Quadro 21), contendo um trecho de um artigo de jornal eletrônico que relata a condição de vida de parte dos imigrantes que chega até a Europa e as Figuras 55 e 56. Na sequência, sugerimos a leitura compartilhada do texto e das imagens para socializar as informações neles contidas.

QUADRO 21 – Trecho de artigo de jornal eletrônico sobre a condição dos migrantes

Governos europeus obrigam imigrantes a viver em guetos

De acordo com a Organização Internacional de Migração (OIM), mais de 4.800 pessoas morreram em 2016 no Mar Mediterrâneo tentando chegar à Europa. Em 2015, foram 3.771 mortes por afogamento. O crescimento das mortes é evidente: em 2016, uma pessoa morreu para 88 que sobreviveram; em 2015, foi uma morte para cada 269. No entanto, muitos corpos não são resgatados, o que significa que esse número pode ser ainda maior.

Grande parte das mortes ocorre quando os frágeis botes que fazem a travessia naufragam. Em junho, 700 pessoas morreram em três naufrágios. Outras mortes acontecem por asfixia, como relatou Laura Lanuza, ativista da ONG Proactiva, que participa dos resgates de refugiados. [...] É nos porões dos barcos que os negociantes que comandam o lucrativo tráfico de pessoas da África para a Europa colocam os que pagam menos pela viagem.

[...]

Um drama que lembra o tráfico de escravos praticado pelos governos dos países europeus há 500 anos. De acordo com o escritor Marcus Rediker, autor do livro *O Navio Negreiro – Uma História Humana*, “nos 400 anos de história do tráfico (do fim do século 15 ao fim do século 19), 12,4 milhões de pessoas foram embarcadas em navios negreiros. Destes, 1,8 milhão morreram durante a viagem e foram jogadas ao mar. Hoje, cinco séculos depois, milhares de seres humanos continuam a sofrer o mesmo martírio.

A selva de Calais

Os que sobrevivem aos maus-tratos dos traficantes e aos naufrágios não terminam seu sofrimento ao chegar na Europa. Pelo contrário, muitos continuam vivendo e sendo tratados pior que os animais no chamado “primeiro mundo”.

Em Calais, cidade francesa mais próxima da Inglaterra, 1.250 policiais foram enviados pelo governo no dia 24 de outubro para retirar 8,3 mil pessoas – entre elas 1.300 crianças órfãs, em sua maioria sudanesas, afegãs e eritreias –, que viviam há 18 meses num acampamento chamado pela imprensa burguesa de “Selva de Calais”. Ali, no país da Torre Eiffel, milhares de pessoas viviam em condições desumanas, amontoadas em barracos de plástico, dividindo uma dezena de banheiros móveis, alguns poucos pontos de água para satisfazer suas necessidades de higiene e enfrentando chuvas e temperaturas abaixo de 10°. As autoridades francesas disseram que os retirados da “Selva de Calais” foram recolhidos para Centros de Acolhimento e Orientação (CAOs). Todos, entretanto, estão obrigados a pedir asilo formal à França e os que forem recusados pelo governo francês, bem como os que não quiserem viver nesse país, serão deportados. Vale lembrar que muitos desses imigrantes que estão na França buscam parentes que estão na Alemanha, na Inglaterra ou em outro país, e com essa decisão o governo francês impõe a segregação daquelas famílias.

Em 2002, o governo francês desmontou o primeiro acampamento em Calais; desde então, novos acampamentos são formados e desmontados, pois os imigrantes, fugindo da fome, da falta de trabalho ou das guerras promovidas ou incentivadas pelos governos europeus e pelos EUA, ao chegarem à Europa são tratados como bichos.

Outro acampamento, este localizado entre a Grécia e o norte da Macedônia, foi invadido e desmontado pela polícia grega em maio de 2016. Ali, milhares de imigrantes e refugiados viviam nas florestas do vilarejo de Idomeni em condições extremamente precárias: “A maioria é de pessoas que fugiram da guerra e da violência na Síria, no Afeganistão e no Iraque, muitos idosos, gestantes e crianças com menos de cinco anos e que viviam em condições miseráveis, ao relento, na floresta ou na estação de trem, sem qualquer abrigo, alimentos ou acesso a instalações sanitárias”, descreveu a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF).

Na Grécia, mais de 50 mil refugiados e imigrantes continuam a viver espremidos em acampamentos insalubres e se alimentam graças às refeições dadas por trabalhadores gregos, enquanto jovens tornam-se reféns de redes de tráfico sexual formadas para explorá-los. Relatório da MSF intitulado “Grécia: gente vulnerável deixada para trás” afirma que o estado de saúde dos refugiados é crítico: “Eles têm a sensação de que os esqueceram. Ninguém lhes dá indicações sobre quanto tempo leva para processar o seu pedido de asilo, ninguém diz se algum dia vão sair do acampamento. Vivem num gueto, sem tê-lo escolhido, e isso provoca-lhes uma profunda depressão”. Com a aproximação do inverno, a MSF alerta para o aumento de doenças do sistema respiratório e aponta a inexistência de serviços médicos e a falta de acesso aos hospitais públicos por parte dos refugiados.

FALCÃO, L. Governos europeus obrigam imigrantes a viver em guetos. A verdade, 20 dez. 2016. Disponível em: <https://averdade.org.br/2016/12/governos-europeus-obrigam-imigrantes-viver-em-guetos/#comments>. Acesso em: 18 de mar. 2025.

FIGURA 55 – A favela de Ney, nos arredores de Paris, França, 2017



Fonte: Eric Hadj. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em 18 mar. 2025.

FIGURA 56 – Campo para migrantes em Lesbos, Grécia, 2020



Fonte: Alkis Konstantinidis / Reuters. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 18 mar. 2025.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Após a leitura do texto e da análise das imagens, devemos levar os estudantes a refletirem acerca de como, analogamente os espaços segregados, como os que são descritos no texto jornalístico e mostrados nas fotos, são representações atuais dos mocambos do Recife na época em que o poema *Morte e Vida Severina* foi escrito. Para isso, devemos fazer o seguinte questionamento: Quais são as semelhanças entre as condições de vida encontradas nos espaços segregados dos “Severinos” do mundo e as narradas no poema referente aos mocambos do Recife?

Ao final dessa discussão, é importante explicar aos alunos que a expansão e/ou surgimento dessas áreas precárias, tanto nos chamados “espaços luminosos” globais (centros desenvolvidos) quanto no interior das áreas dinâmicas dos “espaços opacos” (regiões periféricas ou subdesenvolvidas), revela as profundas desigualdades socioespaciais geradas pelo desenvolvimento geográfico desigual e combinado promovido pela globalização. Esse fenômeno demonstra que, mesmo nos países desenvolvidos e em contextos de avanço econômico e tecnológico, persistem dinâmicas de exclusão e marginalização que reproduzem condições de vida semelhantes às retratadas no poema *Morte e Vida Severina*.

Na sequência do encontro, devemos abordar como a presença dos imigrantes, originários de regiões pobres do espaço global, no interior dos territórios dos países desenvolvidos tem causado tensões sociais. Para isso, devemos apresentar, em um slide, as Figuras 57, 58, 59 e 60, a seguir:

FIGURA 57 – Cartaz xenófobo e racista colocado pelo Partido Nacional Renovador na cidade de Lisboa, Portugal, 2008



Fonte: Nuno Ferreira Santos/PÚBLICO. Disponível em: <https://www.publico.pt>. Acesso em 21 mar. 2025.

FIGURA 58 – Manifestantes expõem cartazes anti-imigração no Reino Unido, 2024



Fonte: AFP/Justin TaLlis. Disponível em: <https://www.folhape.com.br>. Acesso em 21 mar. 2025.

FIGURA 59 – Manifestação anti-imigração organizada pelo partido de extrema direita CHEGA, cidade do Porto, Portugal, 2024



Fonte: Captura de Tela/EBU. Disponível em: <https://pt.euronews.com>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FIGURA 60 – Manifestantes protestam contra a intenção do governo britânico de deportar refugiados para Ruanda, Londres, Reino Unido, 2022



Fonte: Niklas Halle'n/AFP. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em 21 mar. 2025.

Depois da exposição desses registros contra e pró-imigrantes na Europa, devemos levantar algumas questões para os alunos refletirem: Como esses protestos revelam as tensões sociais geradas pela presença de imigrantes na Europa? Quais são as questões sociais e reivindicações que ambos os grupos externalizam?

A partir das respostas dos alunos, devemos explicar que o aumento do contingente migrante nos países desenvolvidos tem gerado reações violentas de parte da sociedade desses países, que lhes atribuem a culpa pelo aumento do desemprego e da violência, bem como da diminuição do poder aquisitivo. Com isso, a questão migratória tem se tornado um campo de disputa política nesses países.

Sugerimos ressaltar que estes aspectos têm levado ao fortalecimento dos partidos de extrema-direita e, com eles, o aumento dos discursos de ódio contra os “Severinos” globais, bem como o aumento de ataques xenofóbicos e de políticas restritivas à migração por parte dos governos.

Para finalizar o encontro, sugerimos a proposta de atividade disposta no Quadro 22, que tem como objetivo promover a reflexão e o desenvolvimento da capacidade de análise crítica dos discentes sobre as medidas políticas adotadas por governos de extrema-direita, especialmente no que diz respeito às restrições e à expulsão de migrantes em países desenvolvidos.

Leia atentamente os Textos 1 e 2 e responda as questões de 1 a 5.

TEXTO 1.

Deportação em massa nos EUA: Quais imigrantes estão na mira de Trump?

Em discurso de posse, Trump declarou emergência nacional na fronteira, anunciou a mobilização das Forças Armadas e prometeu retomar a política 'fique no México', do seu primeiro mandato

Assim que o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, tomou posse nesta segunda-feira, as primeiras peças do seu plano de promover a maior deportação em massa da História já começaram a se mover. Se em 2017 a sua estreia na Casa Branca ficou marcada pelo veto à entrada de cidadãos de países majoritariamente muçulmanos, os holofotes desta vez se voltam para a América Latina. Dados de 2022 indicam que há 11 milhões de imigrantes em situação irregular no país, a maioria latinos. Entre eles, 230 mil são brasileiros.

Em seu primeiro discurso no cargo, Trump declarou emergência nacional da fronteira sul dos EUA, anunciou a mobilização das Forças Armadas ao local e disse que retomará a política “Fique no México”, lançada durante seu primeiro mandato. Os decretos devem ser assinados já nesta tarde.

— As Forças Armadas serão enviadas para as fronteiras do sul para impedir essa invasão monstruosa que está acontecendo em nosso país hoje — declarou. — Como comandante em chefe, tenho essa grande responsabilidade de proteger nosso país contra invasões, e é isso que eu vou fazer. Vamos fazer isso em um nível que nunca foi feito.

O republicano também anunciou que designará os cartéis mexicanos como organizações terroristas e invocará a Lei de Inimigos Estrangeiros de 1798, medida usada apenas três vezes na História, todas durante períodos de guerras conflagradas. Se for levada a cabo, a legislação servirá como a bala de prata de seu plano de deportação em massa, já que permite a detenção e expulsão arbitrária de pessoas com base apenas na sua origem, sem passar por um juiz de imigração. No passado, a medida foi responsável por deportar dezenas de milhares de imigrantes e seus familiares nascidos nos EUA, além de jogar 37 mil em campos de concentração.

— De acordo com as ordens que assinei hoje, também designaremos os cartéis como organizações terroristas estrangeiras. E, invocando a Lei de Inimigos Estrangeiros de 1798, instruirei nosso governo a usar todo o imenso poder das forças policiais federais e estaduais para eliminar a presença de todas as gangues estrangeiras e redes criminosas que trazem crimes devastadores para nós, incluindo nossas cidades e centros urbanos — anunciou nesta segunda.

[...]

O perfil do grupo dá indícios de quais imigrantes devem estar na mira do novo governo. Mexicanos correspondem a 67% dos estrangeiros detidos no ano retrasado, enquanto cidadãos de outros países com imigração proeminente, como Honduras (7,4%), Guatemala (5,4%) e El Salvador (3,7%), não chegam a 10%. Os dados sobre brasileiros não foram divulgados pelo governo americano e se somam à categoria “outras nacionalidades” (12,6%). A maioria dos detidos enfrenta penas por violações migratórias (72,3%). Em seguida vem envolvimento com tráfico de drogas (16,7%).

BORDALLO E. Deportação em massa nos EUA: Quais imigrantes estão na mira de Trump? O Globo, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/deportacao-em-massa-nos-eua-quais-imigrantes-estara-na-mira-de-trump.ghtml>. Acesso em: 21 de mar. 2025.

TEXTO 2.

Imigrantes abandonam lojas, plantações e prédios nos EUA e relatam perseguições: ‘Pessoas têm medo’

Inúmeros locais, como canteiros de obras, estão vazios por falta de pessoal, pois muitos trabalhadores não foram trabalhar por medo de serem deportados



Imigrantes deixam lojas, plantações e prédios abandonados nos EUA e relatam perseguições — Foto: Isaac Guzman/AFP

Na última segunda-feira, dia 20 de janeiro, Donald Trump tomou posse como o 47º presidente dos Estados Unidos. Desde o primeiro dia de seu mandato, ele emitiu várias ordens, incluindo para encerrar o CBP One (aplicativo voltado para imigrantes) e deportar todas as pessoas encontradas em situação de ilegalidade no país. Desde então, são muitos os latinos que vivem na incerteza de não saber o que acontecerá. Eles temem ser presos em uma das muitas ações policiais.

Muitos criadores de conteúdo estão mostrando a situação atual no TikTok. Existem inúmeros locais, como canteiros de obras, que estão vazios por falta de pessoal, pois muitos trabalhadores não foram trabalhar por medo de serem deportados.

Um homem, que não se identifica em suas publicações (@migrantesmillionarios no Tiktok), mostra em suas redes sociais, em uma de suas publicações, um restaurante que está vazio, afirmando que as pessoas não foram trabalhar pois não estão com a documentação em dia.

“Quero que você veja isso. O restaurante está vazio, não há garçons, não vieram trabalhar. É a primeira vez que se veem estas coisas nos Estados Unidos, e é porque as pessoas têm medo”, comentou ele, sem dizer o local exato da gravação — mas já fez outras postagens em sua conta no Tiktok na cidade de San Diego, no estado americano da Califórnia.

O homem, que faz seus vídeos em espanhol, ficou bastante surpreso ao ver que o restaurante não tinha trabalhadores e que a única pessoa presente era o proprietário. Esse local, que normalmente exibia programas em espanhol em suas televisões, segundo ele, passou a ter suas telas sintonizadas nos esportes americanos.

“Quero que você veja como a sala está vazia. A verdade é que esta situação é difícil. Eles não querem vir trabalhar, não sei se é por greve ou por outro motivo, mas está tudo vazio”, acrescentou o jovem.

[...]Em outra publicação, ele mostrou como estava a situação nas ruas, principalmente nos canteiros de obras. Para ele, foi muito triste ver como, desde 20 de janeiro, houve abandono desses locais.

“É muito triste quando a construção é interrompida, e isso se deve à falta de pessoal. Nós, migrantes, vamos deixar saudades, acredite, eles vão sentir”, disse.

“Hoje ninguém veio trabalhar, está tudo vazio, não há trabalhadores e eles são necessários. O que vai acontecer quando isso chegar a um mês, e não houver ninguém para operar essas máquinas?”, indagou.

Para ele, a situação que essas pessoas vivem não é justa, e não se sabe como será o seu futuro, já que muitos terão que deixar o país, uma vez que Trump pode endurecer regras até mesmo para migrantes com vistos legais.

ARIZA, W. P. Imigrantes abandonam lojas, plantações e prédios nos EUA e relatam perseguições: ‘Pessoas têm medo’. El Tiempo. Bogotá, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/24/imigrantes-deixam-lojas-plantacoes-e-predios-abandonados-nos-eua-e-relatam-persegucioes-pessoas-tem-medo.ghtml>. Acesso em: 21 de mar. 2025.

A partir da leitura do texto e com base nos conhecimentos discutidos ao longo dos encontros, reflita e responda às questões abaixo:

01. Quais são os principais argumentos utilizados pelo governo Trump para defender a deportação em massa de imigrantes nos Estados Unidos?
02. Na sua opinião, esses argumentos são embasados em fatos consistentes ou são construídos a partir de preconceitos e generalizações? Explique.
03. Quais grupos ou setores da sociedade americana tendem a apoiar essa medida do governo Trump? Por quê?
04. Qual é a importância dos imigrantes para a economia dos EUA? Como a deportação em massa pode acabar prejudicando a economia dos EUA?
05. Como você avalia a medida de deportação em massa do governo Trump? Você acredita que essa política é eficaz para resolver os problemas que ele alega combater? Justifique sua resposta.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Para a referida atividade, deve ser reservado um tempo de 30 minutos para que os alunos leiam os textos e respondam à atividade. Após isso, sugerimos que os alunos apresentem suas reflexões, por meio de uma discussão coletiva, acerca dos questionamentos postos na atividade. Devemos, ao longo do processo, acompanhar as discussões e debates que venham a surgir para que possamos contribuir com a aprendizagem dos discentes.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

De acordo com o exposto, as sequências didáticas propostas nesta pesquisa foram elaboradas com o intuito de auxiliar a compreensão das contradições socioespaciais como fator impulsionador dos movimentos populacionais nas escalas local, regional/nacional e global, tendo como fio condutor o poema *Morte e Vida Severina*.

Nessa proposta, o respeito à autonomia dos educandos, o diálogo professor-aluno e a construção do conhecimento de maneira contextualizada, considerando a realidade concreta dos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, mediatizada pela conjuntura socioespacial e do movimento populacional que é narrada no poema cabralino, são pilares que necessitam ser valorizados.

A participação ativa dos discentes em discussões, atividades de pesquisa, leitura, análises e interpretação do poema, mapas e imagens, sugeridos ao longo dos encontros, permite trabalharmos na perspectiva de construção de sistemas conceituais. Conceitos como concentração fundiária, segregação socioespacial, relações sociais de produção, condições de morte e de vida severina, desenvolvimento geográfico desigual, fatores de repulsão, migração,

migrações espontâneas e forçadas, emigração, êxodo rural, são operacionalizados para formar os conceitos centrais de contradição socioespacial e movimentos migratórios.

Nessa sistemática, as sequências didáticas propostas devem ser aplicadas tendo em vista o trabalho orientado para a formação de conceitos. Desse modo, todas oferecem possibilidade de trabalharmos na perspectiva de atuar para desenvolver a Zona de Desenvolvimento Proximal dos discentes, visando que novos conceitos sejam internalizados, bem como generalizar os já internalizados. Para tanto, ao longo das sequências, são sugeridos questionamentos e abordagens que propiciam discussões e debates voltados ao trabalho nesta perspectiva e pautados nos princípios pedagógicos anunciados.

Portanto, as três propostas aqui apresentadas orientam a reflexão sobre os processos de produção e reprodução socioespacial desigual e contraditório do espaço, contribuindo para a compreensão de suas dinâmicas e das realidades que se manifestam em diversas escalas. Embora essas propostas estejam ancoradas na conjuntura socioespacial e na narrativa cabralina, além de considerar o contexto socioespacial dos discentes como ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico, não se restringem a essa realidade específica. Pelo contrário, possuem flexibilidade, permitindo sua adaptação a outros contextos e à análise de diferentes produções literárias, ampliando, assim, seu alcance e aplicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, a aproximação entre Literatura e Geografia se constituiu bastante fecunda a partir da emergência de novas perspectivas teóricas que passaram a fazer parte do corpus metodológico da disciplina geográfica. Assim, nas abordagens fenomenológica e materialista-histórica e dialética, a interface entre Geografia e Literatura, antes pouco explorada, foi gradativamente sendo ampliada, aprofundada e enriquecida, consolidando um novo campo de análise que também foi incorporado no ensino.

Os textos literários, seja pela capacidade de evocar as experiências subjetivas em relação ao espaço, ou como interpretação crítica da realidade a qual tratam em suas ambientações, foram gradativamente despertando o interesse de diversos estudiosos da Geografia, que passaram a concebê-los como uma linguagem capaz de enriquecer as abordagens geográficas em sala de aula. Com isso, a Literatura passou a conquistar espaço nas práticas dos docentes de Geografia, sendo, inclusive, incorporada aos currículos oficiais no Brasil.

Sob uma perspectiva crítica, as produções literárias têm o potencial de revelar a espacialidade das relações sociais, tornando-se uma linguagem valiosa para a compreensão das formas de apropriação do espaço pelo ser humano. Dessa maneira, podem contribuir significativamente para a análise da dialética socioespacial.

Nesse aspecto, a análise do conteúdo geográfico da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, revela a existência de uma profunda relação entre os elementos que ambientam o poema e a realidade socioespacial nordestina da primeira metade do século XX. Os personagens e os acontecimentos narrados no texto poético expõem a produção contraditória do espaço geográfico nas sub-regiões nordestinas do Agreste e Zona da Mata e desnudam as contradições socioespaciais nelas existentes.

A concentração fundiária, os conflitos pela posse da terra, as injustiças e desigualdades são algumas das dimensões socioespaciais que a produção literária cabralina toma da realidade dessas regiões como contexto para sua narrativa, imprimindo nelas a marca de sua visão materialista dialética.

Nessa conjuntura, as contradições socioespaciais e os movimentos migratórios emergem como conceito central desvelado pela narrativa poética do autor. As desigualdades socioespaciais impõem as condições de vida e de morte aos atores sociais e atuam como força motriz dos fluxos migratórios, como visto no caso do personagem Severino. Ao percorrer o espaço agrário do Agreste e da Zona da Mata até chegar à cidade do Recife, Severino depara-

se com a materialização contraditória do processo de produção do espaço, que se impõe como realidade inescapável à população pobre e a condiciona à segregação.

Em vista de subsidiar a compreensão geográfica das desigualdades que demarcam as condições de existência e de morte dos “Severinos” e de suas dinâmicas migratórias, o poema *Morte e Vida Severina* ergue-se como linguagem capaz de fomentar reflexões críticas no ensino da Geografia, possibilitando a mediação pedagógica para a decifração do espaço geográfico como produto das contradições sociais típicas de sociedades de classes antagônicas, como a capitalista.

Assim, a articulação interdisciplinar entre Literatura e Geografia na prática pedagógica consolida-se como terreno fértil para investigação quando obras como *Morte e Vida Severina* são elevadas à condição de linguagem voltada à análise crítica do espaço. Se articuladas as estratégias metodológicas adequadas, isso enriquece o processo de ensino/aprendizagem.

Assim sendo, nesse estudo, ancorados na perspectiva histórico-cultural, propomos as sequências didáticas a serem aplicadas, concebendo a poética de João Cabral de Melo Neto como possibilidade de mediação simbólica para a compreensão das contradições socioespaciais como fator impulsionador dos deslocamentos humanos em suas múltiplas escalas.

Nesse estudo, propomos três sequências didáticas tendo como eixo estruturante o poema *Morte e Vida Severina* e voltadas à mediação da aprendizagem em turmas da segunda série do Ensino Médio, utilizando o município de São João do Cariri como suporte para o trabalho pedagógico. Todas elas visam potencializar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia mediante uma abordagem crítica dos fenômenos socioespaciais, particularmente daqueles desvelados pela análise do texto poético que orientou a nossa investigação.

Essas sequências didáticas têm como objetivo proporcionar aos discentes a compreensão de como as contradições socioespaciais manifestadas no lugar impulsionam os movimentos migratórios e analisar os principais fluxos migratórios nas escalas inter-regional e global, relacionando-os às contradições socioespaciais resultantes do desenvolvimento geográfico desigual e combinado.

Quanto ao processo de mediação, as sequências didáticas foram elaboradas para propiciar a atuação autônoma dos educandos na construção do saber geográfico com a intervenção docente intencional, estabelecendo uma relação pedagógica na qual o professor, ao atuar sistematicamente na zona de desenvolvimento proximal do estudante, cria as condições necessárias para a sua progressiva emancipação intelectual. Nossa investigação dedicou

particular atenção ao processo de construção do conhecimento geográfico pelos educandos, orientando-se pela perspectiva vigotskiana da formação de conceitos científicos.

A partir das atividades propostas na primeira sequência didática, é possível estabelecer um diálogo entre a obra literária de Melo Neto e as dinâmicas socioespaciais que marcam o espaço de vivência dos estudantes, assim o município de São João do Cariri foi tomado como eixo central dessa proposta. A mediação docente, pautada na problematização e na construção de sistemas conceituais que funcionam como suporte para o saber sistematizado, favorece que o conhecimento do senso comum ascenda para o pensamento científico crítico, possibilitando que os estudantes compreendam as migrações como resultado das contradições socioespaciais que demarcam o espaço geográfico, como revelado na obra cabralina analisada.

As atividades desenvolvidas, envolvendo o próprio texto poético, a leitura e análise de imagens e a elaboração de mapas dos fluxos migratórios dos familiares dos alunos, podem ser estratégias importantes para concretizar a aprendizagem, aproximando o contexto dos alunos ao do texto poético *Morte e Vida Severina*. Ao fazermos os alunos reconhecerem os “Severinos” de suas próprias famílias, objetivamos criar as condições para que eles possam identificar as desigualdades fundiárias, as relações de trabalho precárias e exploratórias e os processos de segregação que se reproduzem no lugar onde vivem.

Por meio da segunda sequência, é possível ampliar a análise das contradições socioespaciais para além do contexto local, demonstrando como o desenvolvimento geográfico desigual e combinado do território brasileiro moldou e molda os fluxos migratórios em diferentes áreas e regiões do país. Ao relacionar a obra *Morte e Vida Severina* com os movimentos populacionais inter-regionais, evidenciamos que as condições precárias de vida, a concentração fundiária e a segregação socioespacial não são exclusivas de uma única região, mas sim expressões de um sistema que reproduz desigualdades em múltiplas escalas.

A abordagem teórico-metodológica que adotamos, focada na generalização conceitual, permite que os alunos transcendam a análise do lugar e compreendam as migrações como fenômenos estruturados por relações socioespaciais mais amplas. A leitura de mapas, dados demográficos e imagens possibilita que os estudantes identifiquem os padrões nos fluxos migratórios no Brasil, relacionando-os a fatores como concentração fundiária, industrialização, expansão do agronegócio e políticas públicas, elementos que, em conjunto, explicam tanto a atração quanto a repulsão populacional.

Por fim, ao discutirmos sobre os impactos socioespaciais nos lugares de chegada, como a formação de áreas periféricas como favelas e ocupações precárias, possibilitamos que os

discentes compreendam a formação dessas áreas como parte do desenvolvimento geográfico desigual e combinado do espaço brasileiro, transpondo a realidade vivenciada pelo personagem do texto nos mocambos com os espaços de habitação dos migrantes reais que alimentam esses fluxos.

A partir das atividades contempladas na terceira e última sequência didática, é possível que os alunos evidenciem que os “Severinos” de hoje não estão apenas no sertão nordestino ou nas periferias brasileiras. Em um mundo que integra e exclui, como parte de um desenvolvimento geográfico desigual em escala global, pessoas que residem em áreas opacas são muitas vezes obrigadas a deixar seus países em busca de melhores condições de vida.

Ao propormos atividades voltadas à análise de mapas, dados e reportagens jornalísticas, possibilitamos criar as condições para a reflexão acerca dos desafios que os “Severinos globais” enfrentam no mundo contemporâneo, desafios estes análogos aos encontrados na narrativa literária, possibilitando a compreensão crítica dos fenômenos geográficos por parte dos estudantes. Nesse contexto, encontra-se a proposta de atividade final da sequência, que objetiva provocar a reflexão dos estudantes sobre o discurso anti-imigração, mostrando como ele é alimentado por preconceitos e interesses políticos.

Em suma, as atividades propostas ao longo destas sequências didáticas estimulam a reflexão sobre os processos de produção do espaço, ampliam a compreensão da realidade socioespacial contraditória como variável que impulsiona as migrações humanas e fortalecem a capacidade de análise crítica desses fenômenos socioespaciais em múltiplas escalas.

Portanto, fica evidente que os textos literários possuem grande relevância enquanto linguagem no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, abrindo diversas possibilidades para se explorar questões socioespaciais relevantes, como as que aqui foram abordadas. Com isso, esperamos que a aplicação dessas sequências em sala de aula possa enriquecer o processo de ensino-aprendizagem tanto em termos teóricos quanto práticos, resultando no desenvolvimento de uma postura questionadora dos discentes diante das estruturas hegemônicas que produzem/reproduzem o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2011. 376 p.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7. ed. rev. e aumentada. São Paulo: Cortez, 2005.
- ANGOSTTI-SALGUEIRO, Heliana. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2.p. 21-72. jul.-dez. 2005.
- AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. Entre a geografia e a literatura: inteligibilidade didático-pedagógica em Mundo, linguagem e literatura ao gosto popular, de Socorro Almeida. *In*: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de (org.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUEFCG, 2014. 338p.
- BACHELARD, Gaston. À poética do espaço. *In*: BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções: Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)
- BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50)**: as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. 403 f.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 226 p.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Explorações Geográficas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 368 p.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. 335 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2018. 600 p.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**: uma introdução. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2007, p. 17-78.
- CABRAL, Natanael Freitas. **Sequências didáticas**: estrutura e elaboração. Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017. 104p.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p. 83-134.

_____. **A formação do profissional de geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. 168 p. (coleção ciências sociais)

_____. Educação geográfica: ensinar e aprender Geografia. *In*: MUNHOZ, Gislaíne; CASTELLAR, Sônia Vanzella. (Org.) **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012, p. 73-87.

CAPEL, Horácio. **Geografia, Ciência e Filosofia**. Introdução ao pensamento geográfico. v. 1, (Org.) Jorge Guerra Villalobos. Maringá: Massoni, 2007. 117 p.

CASTELLAR, Sonia Maria. Vanzella (org.). **Metodologias ativas: sequências didáticas**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016. 144 p.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. 361 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. A relação de professores e alunos com os conhecimentos geográficos: Fundamentos da teoria histórico-cultural para o processo de ensino e aprendizagem. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Mateus Marchesan (orgs.). **Geografia escolar: diálogo com Vigotski**. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2021. 342 p.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean. *et al.* **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução: Ana Cristina Nesser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 295-316.

CHAVES, Francisca Linara da Silva; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Ensino de geografia e literatura: perspectivas possíveis. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**. v. 5, n. 1, p. 35-56, 2022.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 453p.

COOK, Ian Gillespie. Consciousness and the novel: fact or fiction in the works of D. H. Lawrence. *In*: POCOCK, Douglas Charles David. (org.). **Humanistic geography and literature: essays on the experience of place**. Londres: Croom Helm, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

_____; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Literatura, música e espaço: uma introdução. *In*: **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2007, p. 7-16.

CPDOC, CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Ligas Camponesas. *In: Atlas Histórico do Brasil*. FGV, 2024. Acesso em: 27 de outubro de 2024. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/7794>.

DABAT, Christine Rufino. É a parte que te cabe deste latifúndio?: acesso precário e limitado a terra para os trabalhadores rurais da zona canavieira de Pernambuco. **Tempos histórico (Unioeste)**, v. 18, p. 191-216, 2014.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2022. 107 p. (Caminhos da Geografia).

FALCÃO, Miguel. Ilustração da capa: Severino segurando um rosário. *In: Morte e Vida Severina*. Direção: Afonso Serpa. Produção: TV Escola / OZI / FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco, 2010. 52 min. Brasil.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A Geografia escolar crítica e a formação para cidadania. Dossiê “Por uma Geografia escolar crítica”. **Revista GeoSertões**. v. 5, n. 10, p. 12-39, jun./dez. 2020.

FERREIRINHA, Mariane Motta; FERNANDES, Dominique Daria Rocha de Almeida. A Geografia da Odisseia. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 17, n. 2, p. 246-267, 2021.

FISHLOW, Albert.; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Agriculture and industry in Brazil: innovation and competitiveness**. New York: Columbia Press, 2020. 244p.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003. 72 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 78 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 88 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024b. 256 p.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. 275 p.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 33 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

GATTI, Bernardete Angelin. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Basília: Liber Livro Editora, 2012. 96 p.

GIORDAN, Marcelo. **Elementos iniciais da elaboração da SD: título, público-alvo e problematização**. Disciplina PLC0703: O Planejamento do Ensino: Curso de Licenciatura em Ciências (USP/UNIVESP). Produção: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada (CEPA), Instituto de Física da Universidade de São Paulo. 2014, p. 56-64.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **Geo Uerj**, n. 30, p. 419-439, 2017.

GRABOIS, José. Que urbano é esse? o habitat num espaço de transição do norte de Pernambuco. **Estudos Avançados** 13, n. 36 (agosto de 1999): 79–104. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141999000200005>.

GRACIOLI, Filipe Rafael; PEZZATO, João Pedro. **Língua, literatura e geografia**: uma experiência de leitura da Geografia de Dona Benta (1935), de Monteiro Lobato e do Le tour de la France par Deux enfants (1877), de G. Bruno. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 233 p.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da Natureza**. Vol. 1 e 2. Trad. Assis Carvalho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950. 345 p.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 254 p.

IBGE, Coordenação de Geografia. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Sertões Brasileiros I, v. 2. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

_____. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Sertões Brasileiros II, v. 3. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

_____. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Costa Brasileira, v. 4. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

_____. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Brasil Meridional, v. 1. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica. **Tipos e aspectos do Brasil**: excertos da Revista Brasileira de Geografia. Ilustrações de Percy Lau e Barbosa Leite. Fundação IBGE: Rio de Janeiro, 1970. 494 p.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia da Odisseia (1904). *In*: FERREIRINHA, Mariane Motta; FERNANDES, Dominique Daria Rocha de Almeida. A Geografia da Odisseia. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 17, n. 2, p. 246-267, 2021.

LIMA, João Milanez da Cunha. Mocambos. *In*: FUNDAÇÃO IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil** (excertos da Revista Brasileira de Geografia). Ilustrações de Percy Lau, 9ª ed. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1970.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976. 154p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio. *In*: PORTUGAL, Jussara F (org.). **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 9-11.

_____; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação Londrina: Eduel, 2019.

MARANDOLA, Janaina de Alencar Mota e Silva. **Caminhos de Morte e de Vida: o rio severino de João Cabral de Melo Neto**. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2007.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. *In*: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, p. 273-331.

MARQUES, Ivan. **João Cabral de Melo Neto: Uma biografia**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2021. 257 p.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2021. (Repensando a Geografia). 101 p.

MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre Textos, imagens e canções: a “Cidade da Bahia” e suas geografias. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 19-40.

MELO NETO, João Cabral. Morte e vida Severina. *In*: **Morte e vida Severina; e, Outros poemas**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 176 p.

_____. O rio. *In*: **Morte e vida Severina; e, Outros poemas**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 176 p.

MELO, Mário Lacerda de (coord.) **Áreas de Exceção da Paraíba e dos sertões de Pernambuco**. Recife: SUDENE, PSU, 1988. 321 p.

MONTEIRO, Carlos. A. F. **O mapa e a trama** - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242p.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Morte e Vida Severina: o poema do não**. Travessia, Florianópolis, SC, n.03, p. 33-40, 1981.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184 p.

OLIVEIRA, Maria Francisca Silva de. **Geografia e poesia: diálogo possível no ensino da geografia escolar**. 2013. 217 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. v. 1. 258p.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009. 112 p. (Pensamento).

ONU (Organização das Nações Unidas – Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais). **Inventário de Migração Internacional**. 2019. Disponível em:

<<https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>>. Acesso em: 19 set. 2019.

ONU (Organização das Nações Unidas – International Organization for Migration (IOM)). **World Migration Report 2024**. Genebra: International, 2024. Disponível em:

<https://digitallibrary.in.one.un.org/TempPdfFiles/28519_1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PAIVA, Marlúcia Menezes de; NASCIMENTO, José Mateus do. A pesquisa qualitativa: a etnometodologia e a educação. *In*: TAVARES, Manuel; RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Metodologias qualitativas: teoria e prática**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015, p. 355-374.

PEET, Richard. Desigualdade e pobreza: uma teoria geográfico-marxista. *In*: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 255-268.

PINHEIRO NETO, José Elias. **Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto**. 2010. 169 f. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2011.

POCOCK, Douglas Charles David. (Ed.) **Humanistic Geography and literature: Essays on the Experience of Place**. London: Croon Holm Ltda., 2014. 224p.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. 423 p.

_____; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba: Editora CRV, 2012. 272 p.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3. ed. São Paulo: Rêspel, 2008. 260 p.

RAMOS, Ana Carolina Robles de Cara. **Caminhos do sertão em morte e vida Severina: diálogo entre a geografia e a literatura**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Nove de Julho - UNINOVE. São Paulo, 2016.

RAPIMÁN, Daniel Quilaqueo. Pesquisa qualitativa em educação: possibilidades de investigação em educação. *In*: TAVARES, Manuel; RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Metodologias qualitativas: teoria e prática**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015, p. 211-230.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SAKAMOTO, Leonardo. Viagem às terras que inspiraram a obra “Morte e Vida Severina”. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 277-291, jan. 2022.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. (2012). Incelências: o Povo canta seus Mortos.

Revista Incelências, 2(1). 2011, p. 86-96. Disponível em:

<https://revistas.cesmac.edu.br/inceleacias/article/view/109>

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993. 157 p.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2014. 384 p.

_____. **Da totalidade ao Lugar**. 1 ed. 4ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023. 176 p. (coleção Milton Santos; 7)

_____. **Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução: Myrna T. Rego Viana. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 440 p.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional**. 5. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SECCHIN, Antônio Carlos. Prefácio. *In*: NETO, João Cabral de Melo. **Poesia Completa**. Antônio Carlos Secchin (Org.). Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

SILK, J. **Beyond geography and literature**. Environment and Planning D: Society and Space, 1984.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da Geografia).100 p.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2022. 155p.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.). **A Escolarização da leitura literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil** 2. ed., 2.ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Literatura e educação). 272 p.

SOJA, Edward Willian. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324 p.

SOUZA, Jamescley Almeida de. **Literafia: diálogo entre Literatura e a Geografia**. 1. ed. Manaus, Ed. do Autor, 2021. 115 p.

SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções (orgs.)**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466 p.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a história territorial da Parahyba**. Coleção Mossoroense. V. CCXLV, 1982.

VERRIÈRE, Jacques. **As políticas de população**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 177 p.

VIEIRA, Denise Adélia. **A literatura a foice e o martelo**. 2004. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. 88 f.

VIGOTSKI, Lev Semeanovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão de José Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Tradução: Guillermo David. Buenos Aires: Las cuarenta, 2019. 288 p.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. Tradução: Renato Marques. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.